



*Um ano depois
voltam à carga*

Eurico de Melo e Cavaco Silva querem afastar Pinto Balsemão

Cavaco e Silva e Eurico de Melo, ex-ministros de Sá Carneiro, fizeram publicar hoje, no «Tempo» e no «Dia», uma carta em que voltam a exigir a demissão de Balsemão, dos cargos de Primeiro-Ministro e de presidente do PSD. Tinham adoptado idêntica atitude há um ano, provocando a queda do VII Governo Constitucional, sendo depois derrotados numa reunião do Conselho Nacional do PSD.

A carta deverá ser objecto de discussão na reunião da Comissão Política do PSD que se realizará na próxima segunda-feira ao fim da tarde e, depois, na reunião da Comissão Nacional desse partido que em princípio deveria ser marcada para dia 17.

Pág. 6

*Mundial
de Futebol*

Festa de domingo é hoje decidida

Hoje à tarde em Barcelona e ao princípio da noite em Sevilha, o Mundial vai conhecer os donos da festa do próximo domingo. O futebol latino, presente nas duas frentes, poderá muito bem qualificar-se para a final de Madrid o que, a acontecer, proporcionaria ao português António Garrido uma despedida em grande. Nos bastidores do Mundial dizia-se hoje que a grande oportunidade do homem da Marinha Grande terminar da melhor maneira a sua carreira de árbitro, era a França eliminar a Alemanha Federal e a Itália bater a Polónia: numa final latina, teríamos um árbitro latino.

Págs. 18 e 20

Brejnev avisa Reagan

Possíveis retaliações da URSS se os EUA entrarem no Líbano



O presidente soviético, Leonid Brejnev, enviou hoje uma mensagem ao chefe do Executivo norte-americano, na qual sugere que o seu país adoptará medidas de represália no caso de os EUA intervirem militarmente no Líbano. Segundo Brejnev, se tal eventualidade se vier a verificar, a URSS «adoptará a sua política de acordo com esse facto». A mensagem de Brejnev, publicada pela agência TASS, exorta Reagan a fazer todos os esforços para acabar com o derramamento de sangue no Líbano e com o extermínio bárbaro de palestinos e libaneses pelas tropas israelitas. Esta mensagem segue-se ao envio de cinco vasos da VI Esquadra e 1800 fuzileiros americanos para junto das costas libanesas, a pretexto de procederem à evacuação dos guerrilheiros cercados em Beirute-Oeste.

Páginas Centrais

Não há por hoje notícia de combates nem duelos de artilharia no Líbano, mas ontem registou-se violento tiroteio à volta da cidade cercada de Beirute (sector Oeste). Dois canhões israelitas (um de 320 mm e outro de 175) no momento em que estavam a ser disparados contra alvos localizados em bases palestinas
(Telefoto UP/ANOP/«DL»)

Definidas hoje pelo Governo

Novas modalidades de crédito para construção cooperativa

Pág. 15

Linha da Frente

Conferência
adiada
para Janeiro

Pág. 4

Dois suplementos hoje no «DL»

Ler/Escriver

Loulé vai ser cidade

Integrado na série «Vilas que vão ser cidades», o «DL» publica hoje um suplemento especial de 16 páginas sobre Loulé, no qual são abordados temas gerais do desenvolvimento e perspectivas daquela vila algarvia, envolvida no dilema de ser «uma pequena cidade ou uma grande vila», as duas alternativas que dividem as opiniões da população e dos responsáveis autárquicos locais.

Concurso «DL»/82

**Ainda pode
concorrer**

CONTINUA A REPETIÇÃO
DOS CUPÕES DA 1.ª SÉRIE

Hoje n.ºs 14 e 15



Gibraltar

A arte de ser pequenino

Págs. 10 e 11

Serviço Exclusivo

Le Monde

Nós, os Palestínianos

Mohammad Tarbush (*)

Pode parecer ingénuo reivindicar o direito que um povo tem à vida. Mas a devastação do Líbano e o massacre dos civis pelo Exército regular israelita não justificam uma tal atitude?

Nós, os palestínianos, temos direito à vida, não é verdade? Tal como os outros não fomos nós que escolhemos as circunstâncias do nosso nascimento. Se o pudéssemos ter feito teríamos de certo preferido viver nas nossas casas e na terra dos nossos antepassados. Como podem constatar somos estrangeiros supérfluos no nosso país. Mesmo os poucos que conseguiram lá ficar, não podem protestar com legitimidade nem exercer direitos de cidadãos. Apesar de tudo conseguimos sobreviver ocupando um lugar no mundo contemporâneo. A nossa juventude está presente na maioria das profissões. Há entre nós poetas, engenheiros, operários, camponeses, médicos, em suma, tudo aquilo de que uma sociedade moderna se compõe. Se não estamos a trabalhar, ansiamos por fazê-lo, e as nossas distrações são iguais às vossas.

Um jovem palestíniano pode ouvir ou tocar uma peça de música, ver ou jogar uma partida de

ténis, conversar num café, ler ou escrever. Ele não tem nada de extraordinário. A principal característica que o distingue de você ou do seu vizinho é a nacionalidade. Porque ser palestíniano nos nossos dias significa pertencer a uma espécie, que, tal como os judeus no Terceiro Reich, está em vias de extinção.

Desde a chegada dos sionistas à nossa terra, no princípio do século, a que se seguiu a criação do Estado de Israel, em 1948, quase um décimo da população palestíniana foi varrida pelo ciclone israelita. Quando se contam as vítimas do genocídio dos últimos dias, este número torna-se ridículo. Para alguns, a simples observação estatística do número de civis palestínianos e libaneses assassinados no Líbano não pode ser levada em conta. Desejo que a indiferença dos países ocidentais não cacione este caso, como aconteceu com a repressão dos liberais sob o regime do xá. Essa passividade culpada contribuiu de certo para a eclosão do fanatismo. Já é possível prever, nos países árabes, um período em que a moderação de Yasser Arafat, o bom-senso de Georges Habache ou a sua sabedoria, serão com nostalgia, recordados.

Existe agora, no seio das massas árabes, a situação clássica

de um «papel» em busca de um herói. Este nascerá das humilhações e das frustrações actualmente suportadas pela população. Este herói será obrigado a libertar-se de todas as regras que só o povo árabe é obrigado a respeitar, a condenar ao fogo os poços de petróleo e, protegido pelo fumo do braseiro, a incitar à revolta contra governos já afastados do povo. Incitará à albanização do mundo árabe.

Este perigo é real se a Europa e os Estados Unidos não tomarem medidas decisivas para controlar Israel, esse Frankenstein que eles próprios criaram. Se os deixarem entregues aos seus caprichos e com as Forças Armadas à sua disposição, Begin e os seus acólitos continuarão a ameaçar a paz mundial. Não se pode perder um só dia para fazer abortar o terrível fanatismo desses homens e evitar as consequências trágicas do seu militarismo e das suas práticas terroristas. Para tal é preciso decididamente ir além das expressões de simpatia para com os povos palestíniano ou libanês, que não passam de palavras, ao mesmo tempo que se continua a inundar Israel de armamento e de dinheiro.

Se apelo para a consciência do Ocidente, é porque este não pode esquecer a sua responsabilidade nos sofrimentos que os

palestínianos suportam desde a implantação do Estado judeu na Palestina.

A quem mais podia eu dirigir-me? Aos governos árabes? Todos os palestínianos devem hoje interrogar-se sobre o facto de fazerem parte do mundo árabe. Talvez seja supérfluo dizer que não fomos os únicos a estar ameaçados pelo movimento hegemónico do sionismo. O nosso combate contra o sionismo era idêntico ao dos movimentos nacionalistas árabes que lutavam pela sua independência e pela sua liberdade. Para mais, mesmo na diáspora tivemos um papel significativo na construção da infra-estrutura cultural e económica da maioria desses países, principalmente os do Golfo.

Em todo o caso estamos convencidos de que a marcha da História arrancará o gigante árabe ao seu sono hipnótico e que o vento da mudança há-de chegar quando ele tomar consciência da sua responsabilidade histórica.

A resistência palestíniana, essa não vai desaparecer.

Podem matar os nossos dirigentes, massacrar os nossos combatentes, mas (e os israelitas devem sabê-lo), não é possível exterminar um povo.

(*) Palestíniano, diplomado por Oxford e residente em Paris.

Generais contra a guerra

Almirante Antoine Sanguinetti (*)

No imenso movimento contra o superarmamento, que, depois da Europa, começa a surgir em grande escala nos Estados Unidos, está presente um certo número de generais, entre os quais me encontro. E temos sido objecto de tantas insinuações quase caluniosas, que isso nos dá como que um direito de resposta.

Diz-se deste movimento que ele é antimilitarista, pacifista e manipulado pelos comunistas e até pelo KGB, para maior proveito do imperialismo soviético. Isto é uma total desinformação. O movimento compreende, de certo, antimilitaristas, pacifistas e comunistas — em nome de que havíamos de os recusar? — mas também cristãos de todas as confissões. Na Europa, socialistas e sindicalistas; nos Estados Unidos homens tão-pouco suspeitos como Ted Kennedy ou McNamara, que foi ministro de John Kennedy. E depois, generais.

Ninguém poderia dizer que somos antimilitaristas sem cair no ridículo. Também não somos pacifistas. Todos nos batemos, nas guerras dos nossos países, mais, sem dúvida, do que aqueles que nos acusam. E, se por desgraça, os nossos povos precisassem de nós, estaríamos de novo presentes, sem contas na Suíça, nem posições no estrangeiro.

Não somos antiamericanos nem pró-soviéticos. Todos nós servimos lealmente a NATO, por vezes até ocupámos cargos muito elevados. Ninguém desconfiava de nós, até porque era impossível fazê-lo. Não defendemos os soviéticos nas suas manifestações de imperialismo. O problema é deles, não é nosso. Acharmos muito simplesmente em face de «dossiers» truncados, que temos o dever de pôr as pessoas em guarda, a partir dos nossos conhecimentos, superiores aos de muitos, porque se trata da nossa profissão, e mais dignos de credibilidade porque não temos nada a ganhar com isso.

Somos poucos — entre doze e vinte e quatro, disse-se, — mas o nosso número vai crescendo, até porque é impossível amorda-

çar indefinidamente as consciências. Pertencemos a quase todas as nações da Aliança.

Não somos decerto os únicos inteligentes e honestos. Digamos simplesmente que nos últimos anos, aqueles de nós que não tiveram a prudência de se limitar ao discurso ditado pela NATO, pagaram-no muitas vezes duramente; e isso lança como que uma dúvida no silêncio dos outros. Quanto à honestidade, se o KGB tenta manipular-nos, o certo é que acerca disso nunca houve mais do que insinuações. Mas quanto a mim, recordo muito vivamente um general francês que ocupou as mais altas funções, que foi deputado por Paris da maioria de então, e que morreu debaixo do rodado de um autocarro no dia em que a imprensa revelava que ele recebia dinheiro de sete sociedades americanas. Também me lembro de um caso Lockheed que sujou de dólares, por toda a Europa muitos defensores «puros e duros» do atlantismo. Que aqueles que pretendem dar-nos lições, varram primeiro o limiar das suas portas.

Uma análise global

Na verdade, estamos neste combate devido às nossas análises pessoais, fora de toda a propaganda de um ou de outro lado. As afirmações falsificadas da NATO, só para uso dos europeus, opomos os documentos publicados em Washington, para os Americanos. As conclusões são muito diferentes. Não se fala aí da NATO mas do poder americano. Não se cortam forças nem materiais em fatias isoladas. Faz-se, sim, uma análise global. O Pentágono não encara, em caso algum, uma inferioridade dos Estados Unidos em qualquer domínio. Quando muito fala em conservar ou restabelecer a sua margem de segurança. Lamentamos que nada disto tenha dado lugar, em França, a uma verdadeira discussão pública, contraditória e documentada.

Ver-se-ia então que a própria noção do equilíbrio, ao nível dos armamentos, que se atingiu já, não tem nenhum sentido militar.

Se há agora com que destruir o mundo dez vezes, há portanto nove a mais num e noutro campo. Nessa redundância há lugar para uma redução imediata sem nenhuma necessidade prévia de aumento. Isto é tanto mais imperativo quanto a defesa vai muito além do «militar», que o gigantesco desperdício de fundos que é superarmamento não é decerto estranho à crise mundial, à inflação e ao desemprego. Se o objectivo profundo é colocar o adversário perante a desestabilização política através da falência económica, o processo actua como um «boomerang».

Dito isto, se se quer em absoluto que haja um desequilíbrio, esse desequilíbrio não existe no sentido que tanta gente na Europa pretende, mas sim a favor do Ocidente. No plano nuclear estratégico, a superioridade americana continua enorme, embora passageiramente esteja num ponto baixo. O mesmo acontece com o plano nuclear táctico. Mesmo no domínio convencional, em que se especula com o grande número de carros de assalto russos, a superioridade soviética é muito contestável quando se faz uma análise a nível tecnológico — o Ocidente tem cinco a sete anos de avanço — das armas modernas ditas inteligentes — em especial os anticarros — dos ensinamentos dos últimos conflitos, dos aviões de ataque, dos efectivos das forças armadas, do domínio dos mares, do comprimento das fronteiras, ou da superfície dos territórios a defender, da situação geoestratégica em geral.

Uma etapa decisiva para a separação

Quanto aos euromísseis ninguém pretende justificar os SS-20 cujo desmantelamento somos os primeiros a exigir. Mas o simples excedente de vários milhares de cérebros estratégicos dos Estados Unidos, parte dos quais se dedica a isso, contrabalançaria muito largamente esses SS-20, mesmo que eles estivessem todos voltados para a Europa, o que não é o caso. Nestas condições é injustificada a colocação dos euromísseis da

NATO. É de recear que ela marque justamente a etapa decisiva para a separação entre a defesa do nosso continente e o sistema estratégico americano, anunciado em 1975 pelo secretário da defesa de Nixon, James Schlesinger.

É isto que dá o golpe fatal à dissuasão, receado pelos nossos detractores, e que favorece a tentação de guerra nuclear limitada na Europa, que, segundo o próprio Ronald Reagan confessou, se tornava possível e mesmo provável.

Afirmamos, pelo contrário, com a nossa experiência das explosões nucleares, que um tal conflito não é de encerrar num continente de população tão densa como o nosso.

Eis a razão por que, para além dos partidos, com personalidades francesas de todas as tendências, entre as quais se encontram dois generais, incitam o povo a manifestar-se nas ruas, contra aquilo que está a ser preparado. Não se trata de recusar o princípio normal da defesa, mas sim um holocausto sem esperança de sobrevivência, e que é precisamente o oposto da defesa. Um discurso pronunciado na Assembleia Nacional após a decisão da NATO sobre os euromísseis, e difundido por Le Point et la Rose de Janeiro — Fevereiro de 1980, resume perfeitamente as nossas posições na base nem Parshing nem SS-20, negociar para desarmar.

Para concluir repito: nem fossa atlântico nem fossa soviético, nem foguetões de morte russos nem foguetões de morte americanos. Solidariedade com os nossos aliados, sim! Submissão aos seus interesses, não! Amizade com a URSS, sim! Submissão aos seus interesses, não! Desarmamento, sim! Superarmamento, não! E, principalmente, exercemos a pressão da consciência dos povos!

A pressão da consciência dos povos, são essas marchas da paz que se realizam um pouco por todo o lado. Esperemos que essa consciência acorde finalmente em França.

(*) Signatário do «Apelo dos Cem»



Envie as colecções até 24 de Agosto

Terminada a publicação das duas Séries de Cupões e do Boletim de Identificação, o leitor só tem agora que enviar as suas Colecções (cupões n.ºs 1 a 30 de qualquer das séries).

Lembramos que:

● O leitor deve usar apenas um boletim por cada colecção e enviar apenas uma colecção em cada envelope.

● O BOLETIM DE IDENTIFICAÇÃO deverá ser totalmente preenchido com letra bem legível, e indicar o nome do concorrente (nome completo, tal como figura no bilhete de identidade) morada e telefone (se tiver), bem como (o que é facultativo mas se recomenda) o nome do vendedor ou estabelecimento onde adquire o seu jornal.

● O TALÃO RECIBO deverá ser igualmente preenchido com a morada correctamente indicada (não corte nem separe da metade superior) e, no caso de o concorrente desejar a devolução do mesmo depois de numerado terá de juntar um selo de correio de 10\$00. Coloque o selo visivelmente junto do Boletim, de forma a não o inutilizar (não use fita gomada, não agrafe e não cole).

● O PRAZO DE ENVIO termina em 24 de Agosto de 1982 (data do carimbo do correio) e as colecções devem ser enviada para

DIÁRIO DE LISBOA — CONCURSO
RUA LUZ SORIANO, 44
1200 LISBOA

● O ENVIO PELO CORREIO é obrigatório nos termos do regulamento, não se aceitando em nenhum caso entregas pessoais, pois é necessário o carimbo do correio para determinar a data de recepção das colecções.

● O APURAMENTO DAS COLECÇÕES será feito entre 3 e 10 de Setembro sendo esta última a data prevista para o sorteio.

DL
ASSINATURAS E NÚMEROS ATRASADOS
Rua Luz Soriano; 17

Horário: 09.00 às 13.00 e 14.00 às 17.30

ENCERRADO AOS SÁBADOS, DOMINGOS E FERIADOS

Pedidos pelo Correio
Podem ser atendidos, mediante pagamento antecipado, através de cheque, vale ou selos dos CTT

NÃO ENVIAMOS À COBRANÇA

Em defesa da Constituição de Abril

Um problema jurídico-político (5)

António de Sequeira
Zilhão

As **matérias** relativamente às quais é vedado aos poderes de revisão, exercitáveis pela Assembleia da República, desrespeitá-las ou distorcê-las em prejuízo da sua consistência essencial (antes se admitindo a consolidação, o aperfeiçoamento e a extensão das respectivas provisões constitucionais), são agrupáveis do seguinte modo:

A. QUANTO A PRINCÍPIOS BASILARES — As matérias que importam à independência nacional e à unidade do Estado, à forma republicana e ao laicismo correspondente à separação das Igrejas do Estado. (Ref.º art. 290/a, b, c)

B. QUANTO A DIREITOS E DEVERES FUNDAMENTAIS — As relacionadas com as liberdades civis e políticas e com os direitos dos trabalhadores e suas organizações, incluída a salvaguarda do respectivo regime de eficácia jurídica directa e vinculativa para as entidades públicas e privadas, sem qualquer diminuição, portanto, do que se preceitua nos arts. 17 e 18 conjugados. (Ref.º art. 290/d, e)

C. QUANTO À CONSTITUIÇÃO ECONÓMICA (envolvendo princípios basilares, e direitos e deveres fundamentais dos trabalhadores) — As respeitantes à planificação, desrespeitantes da economia e ao princípio da apropriação colectiva dos principais meios de produção, da terra e das riquezas naturais, com a consequente eliminação do monopólio capitalista e latifundiário. (Ref.º art. 290/f, g)

D. QUANTO À ESTRUTURA E À ORGÂNICA DO PODER — As que se relacionam com o sufrágio universal, directo, secreto e periódico, para a designação dos titulares dos órgãos electivos de soberania, das regiões autónomas e do poder local, com a aplicação do sistema de representação proporcional. (Ref.º art. 290/h)

— As que se reportam ao pluralismo de expressão e agrupamento político-partidário e, bem assim, ao direito de oposição democrática. (Ref.º art. 290/i)

— As que visam ao funcionamento descentralizado das autarquias (freguesias, concelhos ou municípios, regiões administrativas), com a participação de organizações populares de base no exercício dos poderes de administração local, designadamente ao nível das freguesias. (Ref.º art. 290/j, o)

— As que promovem e instituem a autonomia político-administrativa das regiões insulares: Açores e Madeira. (Ref.º art. 290/p)

— As que definem e asseguram a independência dos Tribunais como órgãos jurisdicionais de soberania. (Ref.º art. 290/n)

— As que são atinentes à separação e independência funcionais dos órgãos de soberania. (Ref.º art. 290/l)

E. QUANTO ÀS GARANTIAS DE CONSTITUCIONALIDADE — As que têm por fim assegurar a fiscalização, o controlo das normas jurídicas da lei ordinária, para obviar às inconstitucionalidades quer por acção, quer por omissão. (Ref.º art. 290/m)

Limites explícitos e limites implícitos da revisão

Como facilmente se verifica, devem os pontos, os tópicos descritos no art. 290 ser correlacionados à sistemática constitucional e ser situados no correspondente contexto, nunca esquecendo que a possível alteração das normas constitucionais sobre as **matérias** referidas não as pode desfigurar ou reduzir, mas, sim, formá-las mais amplas ou mais exequíveis. (Por isso mesmo desde logo realçamos, em B, a importância da manutenção do disposto nos arts. 17 e 18 sobre o regime e força jurídica dos direitos, liberdades e garantias, inclusive no que se exprime como «direitos fundamentais dos trabalhadores»).

Como se tem sempre salientado, o art. 290 é uma regra imperativa, é um **preceito injuntivo**. O que não impede que se operem alterações de aperfeiçoamento, de alargamento ou de aditamento nas matérias nele assinaladas. Por estas terem de ser **respeitadas**, tais alterações o que não podem é significar supressão, apoucamento ou distorção que, de algum modo, desfaçam ou diminuam as bases normativas adquiridas constitucionalmente.

Convém ainda acrescentar: se existe a explicitação de matérias que, na sua essencialidade, **«são leis de revisão constitucional terço de respeito»**, também será de considerar — parece-nos — a existência de limites implícitos de revisibilidade como sejam os que se ligem à preservação dos objetivos de conservação democrática e socialista consignados na CRP, Lei fundamental, que, em última análise, é o resultado institucionalizado e concretizado do ideário do Movimento das Forças Armadas a cuja determinação se deve a libertação do País e a abertura revolucionária e popular do 25 de Abril.

E agora diga-se de passagem: — será porventura de admitir que se passe a ter medo das palavras, no seu significado próprio, que exprimem princípios tomados por fundamentais, só porque elas ferem os tímpanos dos que alinham com as forças de regressão político-social?

Pois, na verdade, o Socialismo na sua lídima e larga concepção humana e de objectividade científica, bem parece que terá de vir a ser o suporte e constituir o revigoramento das instituições e do regime democráticos. E se é correcto o dizer-se que não há socialismo sem democracia, sem um quadro democrático de adesão e participação popular, não é menos certo o afirmar-se que não há democracia sem socialismo, isto é, fora da perspectivação de uma sociedade socialista, de uma sociedade sem o sistema das alienações económicas e culturais e sem a exploração do homem pelo homem.

★ ★

Ao contrário, neste particular, da opinião sustentada por Vital Moreira (cfr. pp. 104/105 da brochura Constitucional e Revisão Constitucional) opinião segundo a qual «... existem grandes espaços constitucionais susceptíveis de revisão (...) incluindo as disposições que fixam o objectivo socialista», afigura-se-nos que, na preservação constitucional e indicativa do mesmo **objectivo**, há por assim dizer um implícito limite material da revisão, aliás correlacionado ao **princípio** — e este, expressamente, tem de ser respeitado — da apropriação colectiva dos principais meios de produção com a eliminação e a proibição, dos monopólios privados e latifúndios. Esse princípio — irreversível — encontra-se também explicitado em várias afirmações e conexões, reflecte-se em várias e concretizadas referências e

provisões, ao longo do actual texto constitucional, as quais, por consequência, não parece que possam ser eliminadas ou distorcidas (vide arts. 2, 9/c, 10/2, nos Princípios fundamentais ou basilares; arts. 50, 80, 81/g, h, 83, 85/2, 89/2/3, 90/1, 2, 3, 96, 97 e 100, tudo na parte da constituição económica).

Enfim, com o pretendido afastamento da filosofia democrática e socialista — que inspira a Constituição em vigor — dar-se-ia a violação do que implicitamente é de tomar como ligado à injunção do art. 290.

Haverá constituições neutras?

É costume insistir-se no consabido juízo: — que a Constituição deve ser «desideologizada» «desdogmatizada», aliviada de carga doutrínaria, neutralizada, designadamente quanto ao modelo socioeconómico perspectivado...

Mas aqueles que desse jeito falam — e que, por isso, são levados a criticar como tendenciosos a CRP — o que pretendem, o que desejam, afinal e bem vistas as coisas, é uma outra Constituição que seja o quadro jurídico fundamental de um sistema económico predominantemente capitalista.

A realidade é que — já o fizemos notar — não há em última análise constituições neutras ou incolores; porque, com maior ou menor clareza, directa ou indirectamente, elas se definem ou se situam neste ou naquele campo de interesses e de horizontes ideológicos.

O menos que se pode dizer é que as constituições modernas, na base de uma subjacente opção de classe, correspondem a uma determinada concepção do Poder e a um determinado conceito da cultura, e insinuam um determinado **modelo** de estruturas socioeconómicas — tendencialmente capitalista ou tendencialmente socialista. Porque é aqui que reside e clivagem, a grande linha de diferenciação e demarcação no mundo do condicionamento das relações económicas entre os homens, condicionamento que toma corpo e expressão jurídica no instituto da propriedade dos meios de produção.

Ora, a vigente Constituição da República Portuguesa pode e deve ser entendida como pertencente ao último dos tipos de orientação acima mencionados. Traduz uma tendência largamente socialista; e por esta feição de equilíbrio (na transição para o socialismo art.ºs 2 e 9/c) a CRP apresenta-se, maleavelmente, sob assinalados aspectos de carácter misto e compromissório.

Contra-objecção de direito natural e soberania democrática num Estado de direito

Para invalidar a «rigidez» dos limites materiais de revisibilidade, poder-se-ia apelar para um certo **jusnaturalismo**, numa certa transcendência metajurídica, para «valores superiores» que levassem a classificar como «normas constitucionais inconstitucionais» as que postulam a imperatividade dos limites de revisibilidade do art.º 290. A provisão dos limites materiais da revisibilidade seria posta em causa porque impediria o natural e pleno exercício da «soberania popular» traduzida pelo poder fluente, circunstancial e incondicional — discricionário, em suma — das maiorias eleitorais ou parlamentares.

Mas, face a esta objecção, parece desde logo de observar que a **democracia** não é o poder arbitrário e discricionário do **número**; a soberania de fonte popular, que

a exprime, deve num Estado de Direito democrático ser exercida nos termos da própria Constituição (cfr. art.ºs 3, 111 e 115 da CRP). Da Constituição em cujas normas estão definidas a liberdade real e a justiça distributiva; considerados — ao invés da manutenção de condições de privilégio e desigualdade social — **os interesses gerais do povo trabalhador**, dando lugar à cristalização positiva de um Direito natural adquirido e de conteúdo progressista.

Se por princípios de Direito natural são de tomar, já tradicionalmente, os que tanto importam à dimensão da Liberdade, no respeito indeclinável por certos pontos fundamentais inerentes à vida e à personalidade humanas (no domínio, por exemplo, dos direitos de liberdade de consciência e de livre expressão), qual a razão por que não hão-de ficar também **valorados**, de igual modo, os que radicam na dimensão da Igualdade-na-Justiça, no caminho do afastamento das alienações económicas e culturais que parasitam ou entravam o desenvolvimento da Democracia?

Deixa-se esta pergunta em suspenso, mas à colação da tese que dela transparece vejamos as reflexões do constitucionalista brasileiro Pontes de Miranda no livro, que é verdadeiro tratado, «DEMOCRACIA, LIBERDADE, IGUALDADE — Os três caminhos».

★ ★

Cabe já agora perguntar se é aos conservadores ou aos reacçãoários — partidários da manutenção das condições de privilégio e de desigualdade social, ou mesmo partidários do regresso puro e simples a situações de repressão fascista —, se é aos conservadores ou aos reacçãoários que se pode atribuir autoridade ético-política para se arvorarem em paladinos «democratas», mais democratas do que aqueles que sempre lutaram pela Democracia e para quem Democracia e Socialismo são concepções convergentes, correlativas, complementares ou, melhor, mutuamente interpenetradas.

E também já nos estamos a lembrar de Lacordaire, o pensador cristão que, salvo erro, fazia ver — perante um regime ou um sistema de injustiça — quanto é o «liberalismo» que escraviza ou oprime e é a violência que liberta (não a brutalidade ou a arbitrariedade — entenda-se — mas a violência reformadora e juridificada).

E é ainda bom não esquecer que — de um modo geral, em todo o mundo — os conservadores e os reacçãoários são, por vezes, muito desembaraçados em invocar o poder formal de uma eventual maioria (e até mesmo quando de raiz e verdadeiramente a não possuem, na base da verificação da estatística dos resultados electorais) se essa invocação lhes convém e serve à mobilização dos seus designios (que, como especialmente sucede no caso de que nos temos vindo a ocupar, são designios inconstitucionais, isto é, virados à destruição de uma determinada ordem jurídico-constitucional). Noutras circunstâncias, porém, contestariam a legitimidade de acção de uma maioria parlamentar de esquerda e correspondente governo, como por sinal — e para dar um exemplo de fora... — parece estar sucedendo presentemente em França. Já é histórica, aliás, a célebre **boutade** de um deputado da direita que, pelo final do século passado, clamava francamente e com cinismo que podia exigir, se lhe conviesse, as garantias e regas de democracia e liberdade, em nome dos princípios dos seus adversários de esquerda, mas estava também pronto a negá-las, quando lhe conviesse, em nome dos seus próprios princípios antidemocráticos...

ponto a ponto



● Entre 12 e 16 deste mês terá lugar, no campo de instrução militar de Santa Margarida, um exercício conjunto Exército-Força Aérea, que sob a designação de «Orion-82» integrará cerca de sete mil homens provenientes das diversas regiões militares do Continente e Regiões Autónomas. A direcção superior da operação foi cometida, pelo Conselho de Chefes de Estado-Maior, aos generais José Lopes Alves e Francisco da Costa Gomes, respectivamente vice-chefe do Estado-Maior do Exército e comandante operacional da Força Aérea.



● O presidente do Instituto de Estudos para o Desenvolvimento (IED), **Salgado Zenha** (PS), apresenta hoje em Lisboa um estudo solicitado ao IED pela Presidência da República sobre Regionalização e Poder Local. O trabalho foi publicado em livro por autorização do Presidente da República e elaborado por Miguel Caetano, elabrador da Maria do Céu Esteves e Vítor Pessoa.



● Para um convívio aberto a todos os democratas, o MDP/CDE do Porto organiza um passeio de barco, no rio Douro, até à povoação de Gramido, com partida do Cais do Ouro, no próximo domingo, dia 11. **Helena Cidade Moura**, do secretariado nacional do MDP/CDE fará uma intervenção política e o cantor **Manuel Freire** participará numa sessão de canto e autografará os seus discos.

● O chefe do Estado-Maior da Armada, **almirante Sousa Leitão**, disse ontem no Funchal, que «a Marinha Portuguesa irá construir dez patrulhas oceânicas para fiscalização das zonas económicas exclusivas do Continente e Regiões Autónomas».

Sousa Leitão, que se encontra na Madeira para presidir às cerimónias do Dia da Marinha, que decorrerão hoje, adiantou que «a Armada está em negociações com o Ministério da Defesa para a execução do projecto».

«Os patrulhas a construir de 1600 toneladas cada e equipados com helicóptero, envolvem meios sofisticados de detecção» — acentuou.

● O vice-almirante Stoffel, que se encontra também no Funchal, representa o ministro da Marinha do Brasil nas cerimónias do Dia da Marinha Portuguesa. Stoffel chegou a bordo da fragata «União» da Marinha de Guerra brasileira.

O comandante naval da Madeira, capitão-de-mar-e-guerra, Adriano Chuquere, representado pelo seu chefe de Estado-Maior, capitão Vieira Fortes, apresentou cumprimentos ao vice-almirante da Marinha brasileira.



● Uma delegação portuguesa presidida pelo director-geral do Gabinete de Estudos e Planeamento de Transportes, Machado Rodrigues, encontra-se no **Maputo**, para o aprofundamento da cooperação naquele sector, revelou uma fonte oficial.

Integram a delegação os presidentes dos Conselhos de Gerência da Rodoviária Nacional e da Companhia dos Caminhos-de-Ferro, respectivamente Feio Borges e Marques da Costa.

O objectivo das conversações a desenvolver em Maputo é o aprofundamento da cooperação luso-moçambicana no sector dos transportes, anunciou o Ministério português da Habitação, Obras Públicas e Transportes.

comunicação social

OIJ protesta junto de Balsemão

Solidariedade e preocupação pela situação criada a cinco jornalistas da RTP

A Organização Internacional de Jornalistas (OIJ), que representa mais de 150 000 jornalistas em todo o mundo, enviou um telegrama ao Primeiro-Ministro português, Pinto Balsemão, no qual revela ter sabido «com profunda inquietação», que «cinco jornalistas da Televisão portuguesa são alvo de acusações injustificadas pela sua actividade profissional e estão ameaçados de despedimento».

Nesse telegrama a OIJ informa ainda ter enviado à administração da RTP um pedido de anulação daquela decisão arbitrária e injusta, «mas sem resultado».

A OIJ exprime também a sua «solidariedade com os protestos dos jornalistas de todo o Portugal», e pede que «seja tomada uma justa decisão em nome da liberdade do exercício da profissão».

Esta tomada de posição da OIJ coincidiu com a entrega a Pinto Balsemão de um abaixo-assinado subscrito por 360 jornalistas portugueses.

Entretanto os delegados sindicais dos jornalistas da RTP protestaram junto de vários Ministérios pela maneira como está a ser conduzido o processo pelo dr. Manuel João Palma Carlos, nomeadamente quanto aos prazos para entrega da defesa dos jornalistas processados.

Como resposta o Ministério do Trabalho enviou já à RTP, anteontem, a inspeção do Trabalho e o ministro da Justiça recebe os delegados sindicais no dia 13 pelas 18 horas.

Uma iniciativa semelhante feita junto do secretário de Estado para a Informação, José Alfaia, continua sem resposta, não sabendo os delegados sindicais dos jornalistas da RTP quando e se serão recebidos.

As apreensões dos jornalistas da RTP foram ainda transmitidas às Comissões Parlamentares da Comunicação Social e dos Direitos, Liberdades e Garantias.

A agressão de Carlos Fino em Moscovo

A agressão de que foi vítima em Moscovo o jornalista português Carlos Fino, conforme noticiámos na nossa edição de ontem, continua a suscitar reacções e protestos, provenientes das mais diversas origens.

Depois do Sindicato dos Jornalistas, que lamentou a agressão e fez votos para que o jornalista se restabeleça rapidamente, embora aguarde pormenores de ambas as partes acerca do sucedido para tomar posição, os delegados sindicais da RDP repudiaram ontem os «actos de brutalidade exercidos pela polícia soviética» sobre o correspondente daquela emissora em Moscovo.

Em comunicado distribuído ao princípio da noite, exortavam o Sindicato dos Jornalistas «a expressar de forma inequívoca a sua repulsa pela agressão que atingiu um seu associado».

O comunicado salientava ainda que também em Portugal se vêm tomando «escandalosamente comuns» as agressões policiais a jornalistas, «perante a passividade do Governo que neste caso lavrou o seu protesto em nítido contraste com situações anteriores em que manteve o mais cúmplice silêncio».

A UGT, por seu turno, anunciou ontem ter apresentado «o mais frontal protesto» junto da Embaixada da URSS em Lisboa face «à brutal agressão policial» de que foi vítima em Moscovo o jornalista português Carlos Fino.

A UGT exigiu do Ministério dos Negócios Estrangeiros «o apuramento e a imediata divulgação pública de todos os factos ocorridos» e solidarizou-se «inequivocamente com o jornalista Carlos Fino».

Vinte dos jornalistas presentes ontem de manhã na Redacção do «DP», de que Carlos Fino é igualmente correspondente na capital soviética, tomaram, por sua vez, pública uma moção «de protesto pela brutal agressão de que foi vítima em Moscovo o jornalista Carlos Fino».

No entanto, os subscritores daquele documento salientavam também «a hipocrisia do Governo português, que se apressou a instruir — e justamente — o nosso embaixador na URSS no sentido de apresentar um protesto oficial ao governo soviético, quando é certo que entre nós, por variadíssimas vezes — e muitas sob a forma de agressão —, os jornalistas portugueses têm sido alvo de idênticas violações dos seus direitos».

Entretanto, Carlos Fino seguiu ontem à tarde para Helsínquia, onde provavelmente terá que ser operado ao testículo direito, seriamente lesionado em resultado de duas joelhadas nos órgãos genitais aplicadas por um funcionário da polícia soviética.

A intervenção cirúrgica tornou-se quase inevitável, em virtude de um agravamento do estado de saúde do jornalista nas últimas horas.

ANOP: sindicatos receiam pelo futuro

Os sindicatos representativos dos trabalhadores da ANOP enviaram ontem aos órgãos de soberania um «dossier» sobre a situação na empresa.

O «dossier» inclui 23 documentos, entre os quais uma posição dos sindicatos, que manifestam «fundadas preocupações quanto à situação que se vive actualmente na agência e aos planos que o Governo prepara para o seu futuro».

O documento dos sindicatos acusa o conselho de gerência de «na prática se furtar ao diálogo» com os representantes dos trabalhadores.

Os sindicatos sublinham ainda «a situação de asfixia financeira na empresa, criando permanente insegurança quanto ao pagamento atempado dos salários e impedindo o normal funcionamento da cobertura noticiosa de alguns assuntos».

Acrescentam que «uma agência noticiosa nacional é um instrumento indispensável para qualquer país soberano que deseje projectar no exterior uma imagem correcta dos seus interesses» e que a ANOP «pode e deve desempenhar um importante papel no estreitamento da cooperação e amizade com os povos de língua oficial portuguesa e na ligação com as comunidades portuguesas espalhadas pelo mundo».

Conferência de Solidariedade com Estados da Linha da Frente foi adiada para Janeiro de 1983 — revelou Vítor Alves em conferência de Imprensa

A Conferência de Solidariedade com os Estados da Linha da Frente, que deveria ter lugar de 16 a 18 do corrente em Lisboa, foi transferida para Janeiro de 1983 — conforme anunciou esta manhã, em conferência de Imprensa, o tenente-coronel Vítor Alves, presidente da respectiva Comissão Internacional Preparatória.

Na declaração preliminar à conferência — que registou a presença de vários membros da Comissão Nacional Preparatória, dos embaixadores em Lisboa de Angola, Nigéria, Zâmbia e Moçambique, e de representantes do ANC e da SWAPO, Vítor Alves explicou que o adiamento visou apenas possibilitar «a presença nessa grande e importante Conferência, de algumas altas individualidades dos Estados da Linha da Frente que, no imediato e próximo período não poderiam deslocar-se a Lisboa, devido a exigências decorrentes da situação nesses Estados e do calendário político da região».

Frisou, todavia, Vítor Alves, que o trabalho preparatório da conferência «não só continuará, mas será ainda intensificado, se possível. Estamos hoje aqui em força, se me permitem a expressão, precisamente para o reiterar».

Mensagem para Soares

Dan Cindi, representante do ANC (A. do Sul) e Kandy Nehova, dirigente da SWAPO, presente na mesa da conferência de Imprensa, informaram que vieram a Lisboa com o objectivo de participar e apoiar os trabalhos preparatórios da conferência. Referiram, ainda, serem portadores de uma mensagem dos presidentes das respectivas organizações, Oliver Tambo e Sam Nujoma, para o secretário-geral do PS, Mário Soares.

Dado que o dirigente do PS não está em Portugal e não foi, portanto, possível ainda a entrega da mensagem, Dan Cindi e



Da esquerda para a direita: Fernando Pitre Santos (de pé), o representante do ANC, o embaixador da Nigéria em Lisboa, o embaixador angolano, Adriano Sebastião, Silas Cerqueira, Vítor Alves, José Manuel Galvão Teles e Gomes Carneiro, deputado do PS (ambos de pé), João Cravinho, deputado socialista, e o representante da SWAPO

Kandy Nehova escusaram-se a revelar o sentido do documento.

Admite-se, entretanto, que a mensagem pretenda sublinhar ao líder do PS (cuja Comissão Directiva manifestou hostilidade à realização da conferência) o carácter aberto, não-partidário e isento de pressões ou influências externas da Conferência de Solidariedade.

Aliás, segundo informação prestada por Silas Cerqueira, vice-presidente da Comissão Internacional Preparatória, individualidades e responsáveis de partidos socialistas e social-democratas da Europa Ocidental, designadamente dos países nórdicos, da Inglaterra, Bélgica, Itália, França e Grécia, manifes-

taram já o seu apoio à realização da Conferência.

Embora participando a título pessoal, destacados militantes do PS têm apoiado activamente os trabalhos preparatórios, como é o caso, entre outros, de João Cravinho, Aquilino Machado e José Manuel Galvão Teles, deputados socialistas, e membros da Comissão Nacional Preparatória da Conferência.

João Cravinho, regressado de recente viagem pelos países da Linha da Frente, no âmbito dos trabalhos preparatórios, interrogado sobre a realização em Dar-es-Salam, em Setembro próximo, de um encontro da Internacional Socialista sobre os

problemas da África Austral, sublinhou que tal iniciativa «tal como outras que se realizem de apoio à luta dos povos daquela região» é vista naturalmente com agrado pela comissão preparatória da Conferência de Lisboa.

Patrocínio

A realização em Lisboa da Conferência de Solidariedade foi decidida na 3.ª sessão do Comité Internacional contra o Apartheid, o Racismo e o Colonialismo na África Austral (Estocolmo, Julho de 1980) e visa apelar «à solidariedade moral, política e diplomática mas também a formas concretas de apoio económico e cooperação» com os Estados da Linha da Frente a braços com «uma guerra não declarada» e empenhados na «reconstrução nacional e desenvolvimento no interesse da paz mundial».

Até ao momento deram já o seu alto patrocínio à Conferência os chefes de Estado de Portugal, de Angola, Moçambique e Botswana, os primeiros-ministros do Zimbabwe e do Lesotho e os presidentes da ANC e da SAWPO.

Em Portugal, deram já a sua adesão à Comissão Nacional Portuguesa, 41 jornalistas, 38 engenheiros, 34 advogados, 28 professores universitários, 28 deputados (do CDS à UDP), 15 médicos, 13 escritores, 10 professores, 9 economistas e 9 arquitectos, além de juizes, investigadores, empregados de escritório, sindicalistas, artistas plásticos, actores, musicólogos, funcionários públicos, etc.

485 anos depois da partida de Vasco da Gama

Comemora-se hoje no Funchal o «Dia da Marinha»

No Funchal comemora-se hoje o Dia da Marinha, 485 anos depois da partida de Vasco da Gama para a Índia. As cerimónias têm a participação de nove unidades navais portuguesas e uma brasileira, e são presididas pelo Chefe do Estado-Maior da Armada, almirante Sousa Leitão. O vice-Primeiro-Ministro e ministro da Defesa, Freitas do Amaral, não participa nas cerimónias, como previsto, devido a problemas pessoais.

Sousa Leitão passou revista às unidades fundeadas ao largo da baía do Funchal e colocou uma coroa de flores no monumento a Gonçalves Zarco.

O CEMA oferece ainda uma recepção às autoridades da Região Autónoma da Madeira, a bordo da fragata «Sacadura Cabral», enquanto que a «Afonso Cerqueira» estará patente ao público durante o dia.

Falando na cerimónia principal do Dia da Marinha, o Chefe do Estado-Maior da Armada prestou homenagem às gentes do arquipélago da Madeira «cuja vocação pelo mar tem dado tantos e tão abnegados marinheiros».

Sousa Leitão lembrou a presença de uma fragata da Marinha de Guerra brasileira, «neste ano em que comemoramos em conjunto o duplo centenário da criação da Real Companhia das Guardas Marinhas, da qual descendem as escolas navais dos nossos dois países».

Afirmou também que, com esta sua vinda ao Funchal, a Marinha quer significar que está presente em todas as partes e mares do nosso país, «na defesa dos interesses nacionais e em apoio total aos que vivem do mar e no mar».

Reequipamento

O responsável pela Armada aproveitou a oportunidade para lembrar a necessidade de se estabelecer com urgência uma política global de defesa que «avaliadas ponderadamente as vulnerabilidades e as ameaças que caracterizam o actual cenário estratégico português, permita uma definição actualizada das responsabilidades e portanto das missões que cabem a cada um dos outros sectores do Estado».

O almirante Sousa Leitão disse depois que, no domínio do reequipamento da Marinha, foram prosseguidas com grande determinação e empenhamento por

parte do Governo, nomeadamente do ministro da Defesa, as tarefas para dotar a Armada de três fragatas anti-submarinas e criticou os factores externos a Portugal que têm impedido a solução do problema.

Afirmou que «existe uma configuração decidida pela Marinha e aprovada pela NATO. Há contribuições firmemente garantidas de vários países aliados, há hesitações e recuos de outros aliados que têm adiado, lamentavelmente, o início da execução do projecto».

Na opinião do CEMA, a Marinha tem perdido bastante com os sucessivos adiamentos do problema, pois outros projectos necessários foram adiados para não comprometer ou diluir a resolução principal. «A Marinha na realidade não pode esperar mais tempo», afirmou.

Aquele responsável da hierarquia militar revelou que ainda este ano será lançado concurso para a reconstrução da Base Naval de Lisboa, «obra de grande vulto e de execução imprescindível».

Acrescentou estar já em fase de execução o porto de apoio de Portimão, e em estudo as instalações da Praia da Vitória, que permitirão a desejada dispersão de forças, que é um dos factores

importantes do conceito estratégico naval.

Sousa Leitão apontou por outro lado a necessidade de racionalizar a utilização dos efectivos existentes ampliando alguns quadros à custa de outros menos necessários e manter operacionais os navios existentes, com economia e eficácia, concluindo que a Marinha está preparada para essa austeridade porque há anos que a vive com orçamentos ditos de sobrevivência.

«O contributo da Marinha, no 25 de Abril, permitiu um dos aspectos mais positivos na consolidação das autonomias insulares», afirmou o presidente do Governo Regional da Madeira, Alberto João Jardim, durante o jantar que ofereceu no Funchal ao Chefe do Estado-Maior da Armada e à sua comitiva.

Jardim acrescentou porém que «as autonomias não foram, porém, entendidas do mesmo modo por toda a Nação».

Criticou as «forças conservadoras» que não aceitam as transformações económicas e sociais que a autonomia regional permitiu e acusou de «politicamente incultos e mediocresmente partidários os que recusam os dois terços necessários à evolução da autonomia na revisão constitucional».

assembleia da república

Os Poderes do Presidente

A renúncia, a demissão, a chefia militar

Uma Assembleia «cansada», com argumentos «pisados» e «repisados» e com um «pacto de não-agressão» — começou ontem perto da meia-noite a discutir os «Poderes do Presidente». «Poderes do Presidente» — a questão que mais tinta fez correr ao longo deste ano: desde a hipótese de «renúncia» do Presidente da República, até à crise no Partido Socialista, tudo teve a ver com a perspectiva deste debate. Ontem, no Parlamento, assistiu-se a uma sessão morna.

«Não estou habilitada a votar» — disse a deputada Teresa Santa Clara Gomes a propósito da alínea g do artigo 136.º. Diz o articulado que compete ao Presidente da República demitir o Governo, nos termos do n.º 2 do artigo 198.º e exonerar o Primeiro-Ministro, nos termos do n.º 4 do artigo 189.º. «É uma norma remissiva» — diz imediatamente o deputado Almeida Santos e repete Magalhães Mota (ASDI). «É uma deputada independente, não está vinculada à disciplina partidária» — justifica o deputado António Vitorino (UEDS). «Demasiado formalismo» — diria Carlos Brito (PCP), acrescentando que a redução e desvirtuamento do regime semipresidencialista era evidente. Na votação, Teresa Santa Clara Gomes foi a única deputada a abster-se. AD e FRS votaram a favor e PCP, MDP e UDP votaram contra.

O voto, a renúncia

Cerca da meia-noite começou o debate sobre a nomeação e exoneração das chefias militares. Quando bateu a meia-noite, pontualmente, os trabalhos foram interrompidos.

Ao longo da tarde e da noite, discutiram-se, e votaram-se, matérias tão importantes como o voto dos emigrantes nas eleições presidenciais. Eram conhecidas as posições de todos os partidos políticos. Apenas a AD é favorável ao voto dos emigrantes.

O PPM absteve-se, repetindo, assim, anterior posição quando da Lei Eleitoral. Luís Filipe Madeira (PS), na declaração de voto, e «furando» talvez o tal «pacto de não agressão», considerou como uma «burla» a intenção da AD. «Declaração ofensiva e canalha» assim a apelidou Sousa Tavares. «Não é qualquer papagaio, não é uma pessoa qualquer...» — gritava Sousa Tavares insurgindo-se contra o conteúdo das afirmações do deputado socialista. Imperdoável: tinha perturbado a tranquilidade da sessão.

Também um outro artigo passou sem qualquer comentário por parte da Assembleia da República: o da renúncia do Presidente. Na actual Constituição, diz o n.º 2 do artigo 126.º. «Se o Presidente da República renunciar ao cargo no prazo de trinta dias após eleições para a Assembleia da República, efectuadas em consequência de dissolução desta, não poderá candidatar-se na eleição imediata». Passou, a partir de ontem (com a abstenção do PCP

e voto contra da UDP) a contar com a seguinte redacção: «Se o Presidente da República renunciar ao cargo, não poderá candidatar-se nas eleições imediatas nem nas que se realizem no quinquénio imediatamente subsequente à renúncia».

Demissão mais difícil

Outros artigos foram sendo aprovados ao longo da tarde. Recordamos, por exemplo, o aditamento ao actual texto constitucional — no artigo 117.º de uma alínea que reforça os poderes dos partidos da Oposição. O n.º 3 do 117.º fica a partir de agora com a seguinte redacção: «Os partidos políticos representados na Assembleia da República e que não façam parte do Governo gozam, designadamente, do direito de ser informados, regular e directamente, pelo Governo, sobre o andamento dos principais assuntos de interesse público». Consagra-se constitucionalmente um dos direitos da Oposição: a inter-pelação ao Governo; a justificação do Poder.

Mas, como dizíamos, cerca das 23 e 30 horas, no artigo 136.º, falava-se na competência do Presidente da República em demitir o Governo, a maior polémica (juntamente com as chefias militares) ao longo deste ano. No actual texto da Constituição, referem as alíneas f e g o seguinte:

f — Compete ao PR nomear e exonerar o Primeiro-Ministro, nos termos do artigo 190.º (o qual diz que o PR deve ter em conta os resultados eleitorais)

g — Nomear e exonerar os membros do Governo, sob proposta do Primeiro-Ministro.

No texto da revisão constitucional, que ontem foi aprovado, particularmente, a alínea g, fica: «Compete ao PR demitir o Governo, nos termos do artigo 2 do artigo 198.º e exonerar o Primeiro-Ministro nos termos do n.º 4 do artigo 189.º».

Este texto foi votado, com a deputada Teresa Santa Clara Gomes, sozinha, a denunciar o facto de não estar «habilitada a votar». Ao que parece todos os outros deputados estavam. Os membros da Comissão Eventual da Revisão Constitucional, a liderar no hemiciclo os debates (a repetir em público, o que já disse-

ram em privado) não gostaram lá muito que Teresa Santa Clara Gomes, manifestasse a ausência de «conhecimentos». «Estes acordos é que me irritam» ainda se ouviu, já a sentar-se, dizer a deputada Teresa Santa Clara Gomes. Tinha sido acordado «remeter» a discussão para os artigos subsequentes.

Basta ler os artigos para onde remete a alínea g do 136, pelo actual texto de revisão constitucional e que tudo leva a crer alcançarão os 2/3 necessários. Diz o 198.º-2: «O Presidente da

República só pode demitir o Governo quando tal se torne necessário para assegurar o regular funcionamento das instituições democráticas, ouvido o Conselho...» «Desvirtua o regime semipresidencialista. Reduz os «Poderes do Presidente» — sublinha o PCP.

O «baptismo» — os «chefes»

Todos os artigos que falam em «Conselho da Revolução» têm a votação adiada. Com o requerimento ontem de manhã do PCP, que adiou para terça-feira a extinção do CR, e o facto de ainda não ter sido «baptizado» o órgão institucional que substituirá o Conselho da Revolução, leva a que se crie uma situação cu-

riosa. A palavra conselho, fica com reticências.

Sousa Tavares sugeriu que fosse discutido, definitivamente, o nome. Teresa Santa Clara Gomes insistiu nesse facto. Está difícil o «baptismo» do novo órgão institucional. Conselho de Estado? Conselho da República?

Chegou-se, finalmente, às chefias militares. Sousa Tavares fez uma intervenção cautelosa.

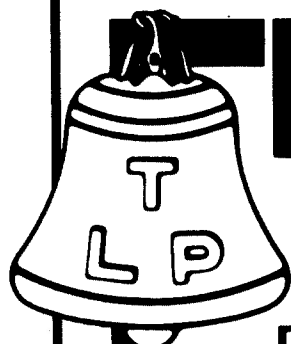
Vital Moreira (PCP) diz, em resposta: «O senhor deputado Sousa Tavares, perante a possibilidade de defender a proposta com argumentos pertinentes, não o fez». Sousa Tavares apoiou o texto da Comissão (onde a AD e a FRS chegaram a acordo), segundo o qual «compete ao PR nomear e exonerar,

sob proposta do Governo...» as chefias militares. José Luís Nunes (PS) recorda que actualmente o Presidente da República tem esse poder apenas por decreto-lei do Conselho da Revolução.

Discutir-se-ão, talvez hoje, as propostas de alteração do PCP e do MDP ao artigo 137.º, que tentarão «neutralizar» aquilo que estes partidos consideram ser a «governamentalização» das Forças Armadas, com a indicação pelo Executivo de todas as chefias militares.

Com o fim deste articulado e a discussão das normas transitórias, estará terminada a parte mais polémica da revisão constitucional. A renúncia foi votada, a demissão «remetida» para mais tarde.

F.M.



INFORMA

ALTERAÇÕES DOS NÚMEROS DE TELEFONE SINTRA

No dia 3 de Julho foram alterados os prefixos numéricos de algumas centrais da "linha de Sintra".

Em simultâneo, foi automatizada a central de Pero Pinheiro. Estas acções significam mais um passo para a concretização do programa de melhoria da rede telefónica que serve a área de Lisboa e que os TLP têm vindo a implementar.

Os assinantes abrangidos por estas alterações ficam com novos números de telefone de acordo com o indicado na lista abaixo.

Números começados por:	Passam a começar por:
29230...	92720...
29231...	92721...
295....	925....
294....	924....
298....	928....
299....	929....
291....	921....
2970...	9270...
2971...	9271...
296....	926....
29233... a 29239...	92733... a 92739...
293....	923....
2480...	9277...
2481...	9278...



TELEFONES DE LISBOA E PORTO

Esta manhã no Parlamento

Chefias militares: "guerra" PC-PS

Jaime Gama (PS) e Carlos Brito (PCP) discutiam, acaloradamente, ao fim da manhã, no Parlamento, a «nomeação e exoneração das chefias militares» com o novo texto proposto pela AD e FRS. O debate, que principiou ontem, perto da meia-noite em tom morno, «aqueceu» hoje com as intervenções de Carlos Brito e Jaime Gama.

«Quando se vive num regime onde não é o Executivo que nomeia as altas chefias militares,

são normalmente estas altas chefias militares que designam o Executivo, e é isto que, por exemplo, sucede na Argentina» — diria o deputado socialista Jaime Gama. A «governamentalização» das Forças Armadas foi sempre um dos argumentos do Partido Comunista. «Golpe de Estado» foi a polémica expressão do secretário-geral, dr. Álvaro Cunhal, quando foram conhecidas — há mais de um ano — as propostas coincidentes da AD e da FRS nesta matéria.

Sentença pode ser hoje...

Quatro anos depois "PRP's" absolvidos?

«O 'Caso PRP' corresponde a quatro anos de um sudário extenso de ilegalidades cometidas contra os Direitos do Homem». Estas palavras, pronunciadas ontem, no Tribunal da Boa Hora, pelo dr. Jorge Fagundes, advogado de Isabel do Carmo, Carlos Antunes e outros presos do PRP, pesarão no teor da sentença que deverá ser lida hoje naquele tribunal e relativa a um julgamento que já fez correr muita tinta?

No banco dos réus Isabel do Carmo, Carlos Antunes, João Rodarte de Almeida, Guilhermino Parente e Altino de Oliveira. Os dois primeiros como autores morais, os outros como materiais. De quê? Do assalto a uma delegação bancária na Damaia, em Outubro de 1975, afirma o libelo acusatório. Baseado em quê? Nas afirmações proferidas em juízo por Altino de Oliveira.

No entanto, para a defesa, as declarações de Altino de Oliveira são «falsas e delirantes»; «os presos do PRP foram tornados bodes expiatórios de uma revolução falhada e os processos movidos contra este partido devem ser entendidos como uma forma de conseguir a sua extinção». Mais: dado que os factos ocorreram «em pleno período de insurreição», quando havia «um poder que já não governava e outro que ainda não governava», a defesa considera ser perfeitamente aplicável aos presos do PRP a Lei de Amnistia.

A absolvição dos réus, pedida ontem pelos drs. Jorge Fagundes e Teixeira da Mota, será contemplada pelo tribunal? A resposta deverá ser dada hoje, muito embora o tribunal tenha apenas indicado que iria nesta data proceder à leitura dos quesitos.

Eurico de Melo e Cavaco Silva escrevem ao PSD

Balsemão tem de sair mas eles não querem entrar

Cavaco e Silva e Eurico de Melo divulgaram hoje, através dos jornais «Tempo» e «O Dia» uma carta aos militantes do PSD em que consideram necessária a demissão de Pinto Balsemão dos cargos de Primeiro-Ministro e de presidente do PSD.

Na perspectiva dos dois antigos ministros de Sá Carneiro, a substituição de Pinto Balsemão à frente do Governo e do partido deveria processar-se sem a realização de qualquer Congresso Extraordinário «porque a situação é suficientemente clara, para serem os órgãos partidários a resolver a questão». Do mesmo modo, nem um nem outro aceitariam substituir Balsemão ou, sequer, fazer parte de um próximo Governo AD, garantem naquele documento.

Segundo afirmam, o presidente do PSD a eleger, deverá ser «um militante que através das vicissitudes político-partidárias tenha sempre mantido o sentido e a prática da unidade e a identidade de princípios do partido».

Pinto Balsemão, «credor do respeito de todos os militantes», «deve agora assumir um sentido nacional e reconhecer que a sua

substituição é necessária e fazer todo o possível para que ela se processe sem perturbação», dizem Eurico de Melo e Cavaco e Silva.

No diagnóstico que fazem da situação política e da qual tiram como ilação a necessidade de substituição do Primeiro-Ministro, os dois militantes do PSD salientam os principais factores da crise.

«Ao nível da AD têm-se multiplicado os sinais de desarticulação e desconfiança interna» e a «entrada para o Governo de pessoas que no passado recente estiveram abertamente ao lado do general Eanes contra o PSD e a AD, numa luta durante a qual perdeu a vida o líder do nosso partido, fere princípios que consideramos básicos para a sua estratégia», dizem.

E, referindo-se directamente ao Presidente da República afirmam que a sua actuação «tem provocado instabilidade política e criado dificuldades às resoluções

dos graves problemas que o País enfrenta».

Quanto ao PSD, garantem que existem militantes desmotivados e desanimados, enquanto o grupo parlamentar evidencia sinais de desorganização.

A principal crítica de Cavaco e Silva e Eurico de Melo vai no entanto, para o facto de, perante a crise se adoptar uma atitude de resignação e impotência, atitude que «não está de acordo com a força e a capacidade que o PSD demonstrou no passado para ultrapassar momentos bem mais difíceis, nem é consistente com os deveres assumidos para um eleitorado que, acreditando em nós deu a vitória à AD nas últimas eleições legislativas».

Como programa para o futuro, Eurico de Melo e Cavaco e Silva afirmam que é necessário que «o Governo reganhe a confiança da maioria dos portugueses» e que transmita «uma imagem de firmeza, determinação

capacidade e competência». Ao mesmo tempo deverá criar-se um clima de responsabilidade no País — «comentem-se erros e no dia seguinte tudo continua como se nada tivesse acontecido» — afirmam.

Quanto ao PSD, a «firmeza é também a palavra de ordem — para executar a estratégia, fortalecer o discurso político, responder adequadamente aos adversários e reganhar uma imagem de força, coerência e credibilidade». Esta obsessão pela «força» teria como efeito principal «impedir a penetração do general Eanes no PSD» e «acabar com a dúvida de que o general Eanes é um adversário político do PSD».

Ambos continuam a sustentar a necessidade de respeitar os compromissos assumidos no seio da AD até 1984 — «a única mudança válida em relação à AD é ainda a própria AD».

E afirmam que no seio do PSD deve reinstalar-se um clima de sã convivência democrática, as cúpulas devem reproximar-se das bases e «ninguém deve abandonar o partido».

Esta carta de dois antigos ministros de Sá Carneiro põe definitivamente termo a uma certa complacência que os críticos no PSD demonstraram para com Pinto Balsemão durante quase um ano.

Derrotados há um ano durante um Conselho Nacional do PSD, voltam agora à carga, nas vésperas de importantes reuniões do PSD.

Mas tudo leva a crer que não terão melhor êxito, a não ser que Balsemão e a sua «entourage» resolvam baixar os braços.

É que este documento, anunciado desde há dias, desfaz um ou dois equívocos, mas não esclarece quase nada quanto à estratégia da minoria do PSD.

O primeiro dos equívocos já esclarecido tem a ver com a situação interna no partido. Balsemão está de novo a liderar uma facção do PSD. E curiosamente, os seus opositores, consideravelmente mais direitistas do que os apoiantes de Balsemão, podem reclamar-se, devido às deficiências da própria direcção do partido, como os verdadeiros defensores do projecto social-democrata e da afirmação do PSD no seio da AD e do Governo.

Perante o desagrado de alguns...

Eanes continua ronda pelos parceiros sociais

O Presidente da República prosseguiu ontem, em Belém, os seus contactos com os parceiros sociais. Foram recebidos por Ramalho Eanes a Associação Industrial Portuguesa (AIP), Confederação Nacional de Agricultura (CNA), Confederação dos Agricultores Portugueses (CAP) e Associação Industrial Portuguesa (AIP).

José Manuel Casqueiro, da CAP, que numa entrevista hoje publicada por um semanário considera «estranha a necessidade de Eanes ouvir os parceiros sociais», parece ter querido, neste seu contacto com o PR, privilegiar o domínio do político,

em detrimento do da agricultura. Com efeito, Casqueiro tomou a defesa do Governo — em substância: a demissão do Governo e

a dissolução da Assembleia da República serão vistas pela CAP como «um verdadeiro golpe de Estado» —, limitando-se a aflorar «levemente» com o PR questões intimamente ligadas à área da agricultura.

A sua saída de Belém, Casqueiro declarou inclusivamente, como que retirando impacto à audiência que tivera com Eanes, que a CAP irá convocar breve-

mente uma reunião com os outros parceiros sociais ligados ao sector empresarial, após a qual solicitará uma audiência ao Primeiro-Ministro, melhorando assim «o diálogo com o Governo».

A Associação Industrial Portuguesa (AIP) optou por abordar no seu encontro com o PR temas específicos do sector industrial. Para a AIP, cuja delegação era chefiada pelo seu presidente Rocha de Matos, os problemas que enferma o sector «vão desde aspectos institucionais a problemas de enquadramento económico-social». A AIP considera essencial uma acção colectiva que terá de basear-se num esforço entre os parceiros. «Será a única forma, afirma a AIP, de

ultrapassar a crise que estamos a passar». «E que não é de hoje», acrescenta.

Joaquim Casimiro, da Confederação Nacional de Agricultura (CNA), afirmou aos jornalistas que expusera ao PR a grave situação que atravessa o sector da agricultura. Submeteu igualmente a Ramalho Eanes as soluções para a agricultura e agricultores portugueses que, segundo a CNA, farão sair a agricultura «do atoleiro em que se encontra».

Entre essas soluções contam-se o alargar do sistema de preços, maior facilidade na concessão de crédito, apoio ao movimento cooperativo e pagamento das dívidas à agricultura. A Associação Industrial Portu-

guesa (AIP), conduzida por Jorge Ferreirinha e Virgílio Moreira, acentuou «a necessidade de funcionamento da economia de mercado». Para a AIP será difícil no âmbito económico «obter melhorias a curto prazo». No entanto, entre a AIP que as melhorias só se poderão verificar se houver liberalização da economia e se facilitar a capacidade de crescimento do sector industrial.

No encontro com o PR, foram ainda abordadas questões pontuais, tais como a necessidade de melhoria do Porto de Leixões, ou de construção de infra-estruturas de comunicação, novas vias rodoviárias e melhoria de telecomunicações, já que as actuais «encarecem os custos da produção».

este anúncio pode mudar o seu futuro

Um curso por correspondência pode transformar toda a sua vida. Seja INDEPENDENTE. GANHE MAIS DINHEIRO. TIRE POR CORRESPONDÊNCIA UM DOS NOSSOS CURSOS. ENVIE HOJE MESMO ESTE CUPÃO.



LICOSTURA
FOTOGRAFIA
LITOGRAFIA PUBLICAS
VENDAS / MARKETING
CONTABILIDADE
RADIO, ELECTRONICA, TV
DESENHO E PINTURA
ELECTRICIDADE
JUNGLES
SECRETARIADO

Peço o envio do livrete colorido e ilustrado sobre o curso que indico com um X

GRÁTIS

NOME _____
MORADA _____
LOCALIDADE _____

CEC - ALVARO TORRÃO * Rádio Escola
Rua Fernão Lopes, 8 - 1096 LISBOA CODEX - Telef. 54 31 36

PRISMA VIAGENS E TURISMO, LDA.

AGORA PODE ENCARAR AS SUAS FÉRIAS POR UM PRISMA DIFERENTE !

OS MELHORES DESTINOS
AOS MELHORES PREÇOS
PROGRAMAS SELECIONADOS
PROGRAMAS DE LUXO

ALGARVE / MADEIRA / AÇORES / ESPANHA
/ MARROCOS / EUROPA MARAVILHOSA
EM AUTOCARRO / SUIÇA E AUSTRIA
/ BENELUX PARIS E VALE DO RENO
/ PAÍSES ESCANDINAVOS / ORIENTE /
ÁFRICA, ETC:

É BOM VIAJAR COM PRISMA
POIS DAMOS UM INTERESSE
DIFERENTE À SUA VIAGEM

CONTACTE-NOS

Rua Ivens, 10 — 1200 LISBOA
Telefones 36 11 77-36 45 16-37 27 59-36 45 03

EXAMES «AD HOC»

Está a preparar-se para estes exames de Admissão à Universidade? Há apenas 3 disciplinas nucleares, mas a Cultura Geral é importantíssima. Adquirir a «Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura VERBO» (20 volumes), em condições especiais para candidatos. Telefone hoje mesmo para 579991 ou 2435912 (atendemos até às 24 horas).

EMPREGO ENTRADA IMEDIATA

Jovem do sexo feminino entre 18 a 27 anos mínimo 5.º ano

Ganhos superiores a 250 contos anuais.

Companhia Internacional admite.

Resposta pelo telefone: 61 61 36.



NAS PASSADEIRAS

Os peões e os condutores têm de respeitar a sinalização luminosa



Dia 14

Ferrovieiros do Centro vão eleger novos dirigentes sindicais

Vão realizar-se no próximo dia 14 as eleições para o Sindicato dos Ferrovieiros do Centro, o de maior amplitude, quer geográfica quer em número de associados, no caminho-de-ferro.

Do acto eleitoral apresenta-se, desde já, a lista A, sob o lema **Organizar para Unir. Lutar para Vencer. Prosseguir Abril**, constituída por trabalhadores que laboram em todas as grandes áreas da actividade da empresa e também naquelas onde existe uma maior concentração de pessoal, justamente para «reflectir o mais fielmente possível os anseios e preocupações do conjunto dos ferroviários».

Por outro lado, e segundo os seus promotores, a lista A foi formada numa «ampla base unitária, condição indispensável para unir em torno de si os trabalhadores ferroviários, independentemente das suas opções políticas, para vencer as dificuldades que surgirão no caminho».

Das considerações que fazem sobre a actual situação política ressaltam as ameaças e atentados aos direitos dos trabalhadores, o agravamento constante dos preços dos bens essenciais, a degradação da política de saúde e a crise da habitação, bem como o aumento do desemprego. No que diz respeito à situação na CP os elementos da

lista A referem as tentativas de não cumprimento dos acordos estabelecidos, as ameaças aos postos de trabalho decorrentes do chamado Plano Nacional dos Transportes, a repressão manifestada pela instauração de processos disciplinares «a propósito de tudo e de nada», a entrega a empreiteiros e consultores de obras que poderiam ser realizadas com os meios de que a empresa dispõe e ainda a utilização da CP para obras de fachada com fins eleitorais, ficando por realizar os investimentos prioritários.

Muito criticada é também a política social praticada pelo conselho de gerência, que tem vindo a retirar regalias há muito conquistadas pelos ferroviários como serão os casos do «escandaloso encerramento da farmácia, a entrega da exploração das cantinas a entidades estranhas como primeiro passo para o seu encerramento, a degradação das condições dos infantários».

Propostas de acção

É, pois, num panorama de «nuvens negras para o regime democrático» que os sindicatos vão ter que desenvolver a sua acção em defesa dos direitos e

interesses dos trabalhadores.

Por isso, e para os elementos da lista A, é imperioso **ter sempre presente a necessidade de reforçar constantemente a unidade, quer a nível dos ferroviários, quer destes com os outros trabalhadores, para o que é imprescindível a coordenação da acção com o restante movimento sindical unitário».**

No plano imediato, a lista A, propõe-se, caso seja eleita, a lutar pela manutenção do poder de compra, nomeadamente através da negociação de acordos da empresa e contra o aumento de preços; lutar pela redução do actual horário de 45 horas; prosseguir as negociações pelo regulamento de carreiras; combater a repressão e dar a justa atenção às reivindicações de carácter social, sobretudo no que diz respeito à «progressiva melhoria das condições do trabalho, de segurança, higiene e repouso». É também considerada fundamental a cooperação com outras estruturas do movimento sindical, designadamente, com os outros sindicatos ferroviários na Federação e com a CGTP-IN.

Combater o divisionismo

«Foi só depois da Revolução de Abril e no auge de um grande

movimento de unidade que varreu o caminho de ferro do Minho ao Algarve, que os sindicatos ferroviários conquistaram tudo quanto de essencial e bom valoriza ainda hoje o nosso ACT», sublinha um comunicado divulgado pela lista A. Depois de considerarem ser inevitável a existência de erros ao longo de todos estes anos de luta, a lista candidata adianta que a análise e o conhecimento desses erros devem servir para **perspetivar com maior correcção as lutas futuras, e não para justificar as manobras divisionistas inspiradas e dirigidas, de fora da empresa, pelos inimigos dos trabalhadores.** Por isso, o aparecimento de novos sindicatos não terá resultado da «necessidade de defender melhor determinadas profissões, mas pela necessidade que a direita sentiu de dividir os ferroviários para, assim, amortecer o ímpeto da sua luta e enfraquecer a força das suas reivindicações».

Considerando esses sindicatos **paralelos inspirados e dirigidos pela direita** e que não existem «para defender os trabalhadores», a lista A afirma não aceitar durante o seu mandato qualquer tipo de colaboração com tais organizações.

Para analisar a crise

UGT propõe reuniões bilaterais à CGTP/IN e ao patronato

O Secretariado Nacional da UGT convidou ontem formalmente a CGTP/IN e as organizações empresariais para reuniões bilaterais, com o objectivo de analisar a crise económica e social e as medidas necessárias para a superar.

A posição da UGT consta de um comunicado distribuído depois da reunião do Secretariado nos arredores de Lisboa.

Esta organização sindical, no documento que elaborou, reivindica a «eliminação das taxas moderadoras da saúde» e exige «alteração radical da política da habitação, de modo a corrigir o crescente défice da construção de habitações».

A UGT reivindica também a «criação imediata da comissão do salário mínimo que possibilite a revisão anual do salário mínimo nacional, compatível com o aumento do custo de vida em Portugal».

Pede também a «revisão do

actual esquema de subsídios de desemprego, com alteração profunda da actual filosofia, nomeadamente quanto ao número de trabalhadores abrangidos, prazos e quantitativos».

Outras reivindicações apresentadas pela UGT respeitam à «tomada de medidas efectivas para a criação de novos postos de trabalho» e a «criação de um mecanismo corrector dos salários».

«Comportamento antinegocial do Governo»

O Secretariado da UGT reafirma no comunicado a disponibilidade para a realização de eleições gerais sindicais para através de voto secreto se aferir a representatividade das centrais sindicais.

A UGT lamenta que a Assembleia da República «não tenha

ainda aprovado uma lei sindical» e congratulou-se «pelos resultados até ao momento alcançados, quer no plenário, quer na comissão eventual para revisão da Constituição».

A organização sindical exprimiu também «a sua satisfação por ter sido possível encontrar-se uma solução para o caso dos presos do PRP».

No documento refere-se ainda «o comportamento antinegocial do actual Governo, bem como o seu desrespeito constante face aos compromissos assumidos com a UGT o que a «forçou» a suspender as relações com o Executivo».

No entanto, a UGT diz que não «procurou nem deseja» tal situação que poderá ser alterada, «bastando para o efeito que o Governo se assumia, cumprindo as promessas, nomeadamente no que concerne à gestão tripartida do Instituto de Emprego e Formação Profissional».

existentes no País. O sector das telecomunicações será igualmente afectado, embora em menor escala.

No ano passado, os trabalhadores dos CTT travaram idêntica luta, que foi coroada de êxito. Nessa altura, a correspondência acumulada foi da ordem de muitos milhões de volumes, tendo os atrasos levado cerca de duas semanas para serem recuperados.

revisão do acordo de trabalho da empresa, será concretizada se a reunião marcada para segunda-feira entre os representantes dos trabalhadores e os chefes de gabinete dos ministros dos Transportes e Comunicações e do Trabalho, não registar resultados positivos.

A ser levada a efeito, esta greve afectará a distribuição postal em Portugal, provocando a acumulação sucessiva de volumes postais nas centenas de estações

Transportes do Porto

Luta poderá endurecer se o conflito não for hoje desbloqueado

Em plenário realizado esta manhã nas instalações da Boavista pelos trabalhadores do STCP, foi decidido «endurecer a luta se não houver entendimento nas negociações» a decorrer hoje, segundo afirmou ao «DL» um dirigente sindical.

O sindicalista referia-se às negociações iniciadas esta manhã na delegação do Porto do Ministério do Trabalho, com a presença de representantes dos trabalhadores e do conselho de gerência e que, nesta fase, podem ser decisivas para a resolução de um problema laboral que se rasta há mais de dois meses e que até ao momento totaliza 14 dias de paralisações.

A mesma fonte adiantou que no plenário, que terminou a meio da manhã, foi igualmente aprovado um calendário de novas paralisações que, no entanto, não será tomado público enquanto não se conhecerem (e caso se torne necessário) as conclusões das negociações no Ministério do Trabalho, nas quais participam igualmente representantes do Ministério da Tutela e do Trabalho.

Recorde-se que actualmente o diferendo se centra praticamente numa diferença de 220\$00 mensais em relação aos trabalhadores da Carris de Lisboa, com os quais os trabalhadores do STCP pretendem ser equiparados, já que se trata de um trabalho do mesmo tipo e no mesmo sector. As paralisações foram iniciadas em Maio último (dias 11 e 28) e prosseguiram em Junho, nos dias 2, 4, 9, 11, 22, 23 e 24.

Ainda em Junho, por idênticas razões, paralisaram, no dia 21, os trabalhadores dos sectores administrativo e oficial. No corrente mês, estes trabalhadores entraram hoje no quarto dia de paralisação, englobando

do os sectores do movimento e das oficinas, embora em horas desencontradas. Os serviços alternativos a que se recorreu para servir a população do Porto ficaram muito longe de corresponder às necessidades e milhares de portuenses, que continuaram de manhã a fazer longos trajectos a pé para os empregos.

Rodoviária Nacional

Os sindicatos representativos dos trabalhadores da Rodoviária Nacional (RN) reúnem-se esta tarde na sede da Federação dos Transportes Rodoviários e Urbanos (FESTRU), a fim de analisarem os resultados do encontro de negociações com o conselho de gerência que decorreu durante toda a manhã.

Na reunião ontem havida com o conselho de gerência, os representantes dos trabalhadores reafirmaram a sua proposta, apresentada em meados de Junho, de 23 por cento de aumentos salariais (superior em 1,5 por cento dos aumentos acordados com os sindicatos da UGT). Quanto às restantes matérias, e tendo em vista desbloquear o conflito, propuseram a manutenção do actual clausulado.

Os trabalhadores da Rodoviária Nacional lutam há mais de três meses pela revisão justa do acordo de empresa e contra a tentativa do CG que pretende aplicar a todos o acordo assinado com os sindicatos da UGT e que, segundo afirmam, retira várias regalias conquistadas, sobretudo no que se refere a transferências.

De referir que as greves que haviam sido marcadas para os dias 1, 5 e 7 do corrente, foram suspensas, para dar tempo ao CG de satisfazer compromissos anteriormente assumidos.

Bertrand

Trabalhadores concentram-se pela viabilização da empresa

Os trabalhadores da Bertrand concentraram-se ontem à tarde junto ao Ministério do Trabalho para exigir «o respeito pelo projecto de viabilização da empresa e a defesa dos 700 postos de trabalho», segundo afirmou um dirigente sindical.

Paralelamente à concentração, que o Sindicato do Comércio afirma ter tido uma participação de cerca de 150 trabalhadores, os órgãos representativos dos trabalhadores foram recebidos por um elemento do gabinete do secretário de Estado do Emprego, a quem expuseram a situação da empresa.

Os trabalhadores pretendem ver concretizado o projecto de viabilização — encomendado pela própria administração a uma empresa da especialidade — que prevê a salvaguarda de todos os postos de trabalho.

Aquela fonte sindical afirmou que a administração «alterou os

pressupostos em que se baseou o projecto de viabilização», uma vez que pretende vender as instalações dos serviços centrais na Venda-Nova e Damaia, «para pagar dívidas a bancos estrangeiros».

Os trabalhadores afirmam também que a administração pretende dividir a empresa em vários subsectores autónomos, como a distribuição e a parte gráfica.

O Sindicato do Comércio adiantou que os trabalhadores da Bertrand protestam contra o desmembramento da empresa «que irá levar ao desemprego parte substancial dos trabalhadores». Simultaneamente exigiram à Secretaria de Estado que «os investimentos que eventualmente venham a ser feitos na Bertrand tenham em vista a salvaguarda de todos os postos de trabalho».

Siderurgia parou dois dias

A greve parcial de dois dias dos trabalhadores da Siderurgia Nacional, que ontem terminou, registou uma adesão da ordem dos 96 por cento.

As paralisações de duas horas por sector e por turno, inviabilizaram totalmente a produção, e tinham como objectivo exigir a demissão do conselho de gerência daquela empresa pública. Segundo os trabalhadores a CG pratica «uma má gestão da empresa» e tem pactuado com «casos de corrupção e compadrio». Estarão neste caso diversas compras de material e a efectivação de descontos da ordem dos milhares de contos na venda de matérias idênticas.

O pessoal da Siderurgia poderá promover novas formas de luta pelos mesmos motivos.

Novos tribunais de trabalho

A vila de Santo Tirso, arredores do Porto, dispõe já de um Tribunal de Trabalho, anunciou o Ministério da Justiça.

A entrada em funcionamento deste tribunal, medida que se insere no âmbito do programa recentemente anunciado pelo ministro da Justiça, Meneres Pimentel, vem eliminar as deslocações e perdas de tempo dos naturais daquela vila nortenha para resolução dos seus problemas laborais.

O Ministério da Justiça anunciou, simultaneamente, que vai entrar em funcionamento, a partir de sábado, o Tribunal de Trabalho de Penafiel, cuja competência se estende às comarcas de Amarante, Lousada, Marco de Canaveses, Paços de Ferreira e Paredes, no distrito do Porto.

Pessoal dos CTT poderá decidir greve às horas extraordinárias

A Federação das Comunicações e Telecomunicações convocou uma greve às horas extraordinárias e à condução por acumulação para os trabalhadores dos CTT, que terá início na próxima terça-feira, caso o Governo e o conselho de gerência prossigam a sua política de intransigência quanto à revisão do acordo de trabalho da empresa.

A greve, que visa exigir o imediato início das negociações de

de ontem para hoje

Assalto mortal nas Caldas

TRÊS homens e uma mulher, armados de pistolas-metralhadoras e com as cabeças envoltas em gorros de malha, assaltaram ontem de manhã uma casa de particulares nas Caldas da Rainha, de onde levaram jóias avaliadas pelo seu proprietário em trezentos contos. A presença no exterior do estabelecimento do subchefe da PSP Fernando de Sousa motivou a reacção dos assaltantes que acabaram por ferir mortalmente o pedreiro Albino Gomes Ferreira, de 46 anos, casado, que passava no local montado na sua bicicleta, antes de se afastarem do local a toda a velocidade num Alfa-Romeo castanho, matrícula GU-00-85, furtado na noite anterior em Lisboa. Na troca de tiros ficou ferido, embora sem gravidade, o subchefe Sousa.

«Caso Delgado»: leitura do acórdão

No Supremo Tribunal Militar, em Santa Clara, será lido esta tarde o acórdão do julgamento do Caso Delgado, relativo aos recursos apresentados na sequência da polémica sentença ditada pelos juizes do 2.º Tribunal Militar de Lisboa (1.º TMT). Durante as alegações realizadas no passado dia 30 de Junho, o promotor de Justiça do STM, coronel Martins dos Santos, manifestou discordância a propósito de todos os recursos, tanto os da defesa como os da acusação particular. Na opinião da maioria dos observadores é quase ponto assente que o STM irá manter o «esqueleto» do acórdão do 2.º TMT.



Um passo em falso na via

Uma mulher de 54 anos, Prazeres dos Anjos Andrade, natural de Rio Tinto, foi ontem trucidada por um comboio no apeadeiro de Francelos, em Vila Nova de Gaia. A vítima, que se aproximara inadvertidamente da via, morreu sob o olhar atterrozado e o gesto impotente da sua filha.

Sargento da FAP assassinado

A Polícia Judiciária acaba de concluir que a morte a tiro do sargento da Força Aérea Manuel de Jesus Baptista Moura, ocorrida, conforme então noticiámos, na noite do passado dia 8 de Maio, no Clube Estrela da Avenida, em Lisboa, foi premeditada e não accidental, ao contrário do que inicialmente se pensara. O sargento Baptista Moura foi atingido na cabeça quando se encontrava numa mesa de jogo com mais três amigos. O autor do disparo, de apelido Martos, de 41 anos, empregado de escritório, afirmou que o revólver de calibre 21 mm, propriedade do seu irmão, se desfechou acidentalmente quando procurava verificar se o «cão» estava avariado. Na sequência das investigações, a PJ descobriu que dias antes do incidente houvera uma discussão, por motivos não especificados, entre a vítima e o agressor.

Numa sapataria da Rua do Carmo

Na esquadra do Rospio, uma senhora não identificada no auto de notícia da PSP apresentou-se ontem à tarde para participar o furto de que fora vítima, momentos antes numa sapataria da Rua do Carmo. De acordo com a sua versão ter-lhe-ia sido roubada uma carteira contendo vários artigos em ouro, onze contos em dinheiro e documentos pessoais, tudo no valor de 215 contos.

Despiste vitima três jovens

Nas proximidades da estação algarvia de Vilamoura um carro que seguia a grande velocidade despistou-se provocando a morte do seu condutor e de dois dos seus acompanhantes. As vítimas mortais são José Manuel Pinto Vieira, de 24 anos, solteiro, natural de S. Romão, José Fernandes Nunes, 21, nascido em Lisboa, e João Teixeira Pimenta, de 24, natural de Ponte de Lima. Duas jovens que também seguiam no veículo sinistrado encontram-se internadas no Hospital de Faro com fracturas múltiplas. O automóvel depois do despiste capotou e deu várias voltas.

GNR recebida à paulada

Uma patrulha da GNR foi ontem recebida à paulada pela septuagenária Palmira da Silva, de 77 anos, residente no lugar de Bouços, no concelho de Fátima. A presença da patrulha surgiu na sequência de uma discussão entre Palmira e o filho, o troilho Casimiro de Freitas, de 43 anos, e uma vizinha, Maria Perpétua Rodrigues, de 29 anos. Em causa a instalação de um portão. Mãe e filho encontram-se detidos no posto local.

Cadáver de marítimo na Docapesca

No cais da Docapesca, em Pedrouços, foi ontem retirado o cadáver do maquinista marítimo Manuel de Sousa Lopes, de 55 anos, natural de Viana do Castelo e tripulante do navio «Mar Báltico», desaparecido no passado dia 30. A PJ aguarda o resultado da autópsia para só então se pronunciar sobre as causas da morte.

Editada por um português

Autobiografia de Khron vai sair em Outubro

Juan Maria Fernandez Khron, o padre espanhol que em 12 de Maio último atentou em Fátima contra a vida do Papa João Paulo II, encontra-se a ultimar a sua autobiografia na Penitenciária de Lisboa, onde se encontra detido. O livro, a ser editado por Paradel de Abreu, o mesmo que lançou «Portugal e o Futuro», do general António de Spínola, será publicado em português, em Outubro, e posteriormente em espanhol, francês, italiano e inglês.

Com cerca de 250 páginas, a autobiografia abrangerá a vida do autor, desde a sua juventude até à data do atentado, e nela serão focadas as experiências de Fernandez Khron na Colômbia, Polónia, França — com o cardeal tradicionalista Lefebvre — em Madrid, durante Maio de

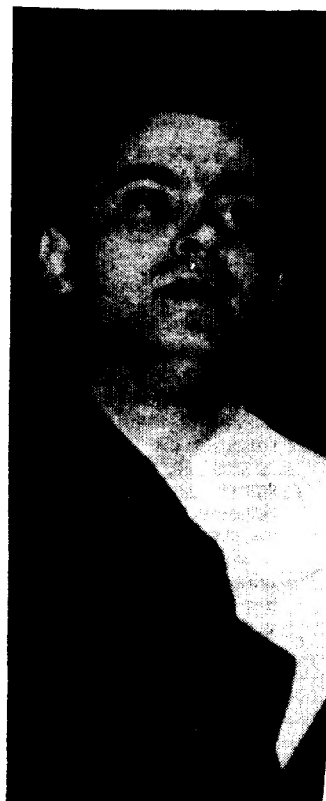
1968, e desenvolvida a sua teoria religiosa, a dos sedevacantistas, que como se sabe não reconhece o actual chefe da Igreja Católica.

Paradel de Abreu, que tem sido recebido regularmente por Khron na cadeia como «representante da família» — qualificação legal que lhe permitirá editar a obra — esclareceu por outro lado que este não dera nenhuma entrevista a um jornalista, «tendo-se limitado a receber um cidadão espanhol que se apresentou como amigo e com o qual manteve uma simples conversa no parlório da penitenciária».

Khron considerava assim má interpretação terem-lhe atribuído o desejo de ser julgado no Vaticano, pois «este é um estado semi-soberano, só com tribunal

canónico, que não pode julgar» o seu caso — segundo o próprio afirmou. O editor recordou por fim que Fernandez Khron é formado em Direito, Economia e Teologia e afirmou, após ter lido cerca de 80 páginas do manuscrito, que ele «está a revelar-se um bom escritor, usando um francês óptimo».

O lançamento da autobiografia está previsto para o mês de Outubro e, se até lá Khron ainda não tiver sido julgado, o editor terá de pedir, em requerimento, a autorização da publicação, cujo deferimento depende exclusivamente do magistrado nomeado para o julgar, acrescentou Paradel de Abreu, que foi encarregado por Khron de lhe arranjar um advogado.



Secretário de Estado da Segurança Social no Rio

Actividade das Misericórdias vai ser reforçada com novo estatuto

O projecto do novo estatuto jurídico das instituições particulares de solidariedade social, cuja elaboração o Governo deu por concluída, reforçará a actividade das Misericórdias, anunciou ontem no Rio de Janeiro o secretário de Estado da Segurança Social no decorrer de uma intervenção proferida no Congresso Internacional das Misericórdias.

Bagão Félix afirmou ainda que o novo estatuto «consagrará o alargamento institucional da solidariedade em domínios como a

saúde, educação, habitação e outros», com afirmação do «papel supletivo do Estado» nessa revalorização das instituições.

No que toca às Misericórdias, sublinhou que o diploma lhes «reforçará e estabilizará a individualidade própria, no plano associativo e do sentimento cristão no empenhamento social».

Para justificar o apoio do executivo, desde 1979, às Misericórdias, Bagão Félix disse terem sido estas «submersas na onda gonçalvista das nacionaliza-

ções», que lhes retirou os hospitais centrais, distritais e concelhios.

«Só nos últimos três anos — indicou — o volume do financiamento para investimento de instituições privadas de solidariedade social ascendeu a cerca de 5,7 milhões de contos, dos quais mais de 2,8 milhões de contos se destinaram a Misericórdias».

Recordou o secretário de Estado que coube ao VI Governo, com um decreto de Fevereiro de 1980, iniciar a reparação dos prejuízos causados às Misericórdias

pela oficialização dos hospitais. Assim, foram postos em execução, disse «programas de apoio financeiro, em valores de investimento e encargos de manutenção, que não têm paralelo em qualquer época anterior».

A terminar o discurso no Congresso do Rio, Bagão Félix salientaria que «mais uma vez será possível contar com o baluarte das Misericórdias frente às ilusões de quantos não interiorizaram ainda a decadência do mito do Estado-protector».

Peniche comemora hoje centenário das capitánias

Peniche assinala hoje o centenário da criação das capitánias em Portugal, integrado no Dia da Marinha, com o descerrar de uma lápida e diversas actividades ligadas ao mar.

O centenário, que evoca a carta de lei 1882 que regulou então o exercício das repartições marítimas, é comemorado em simultâneo com a partida de Vasco da Gama para a Índia.

Uma missa na igreja da Ajuda, em Peniche, seguida de uma sessão solene na Capitania do Porto, presidida pelo contra-almirante Abílio Júnior em representação do comando do Estado-Maior da Armada, assinalam o acto.

No porto estão fundeados 80 faroleiros que recordam a importância do mar e suas ligações com a pesca.

Como sedes da jurisdição marítima, as capitánias foram instituídas em 1839, data da publicação do regulamento da «Polícia dos Portos» e altura em que se criaram as capitánias dos principais portos do Continente, Ilhas e ex-Colónias. Os capitães dos portos passaram a ser oficiais da Marinha de Guerra.

As funções atribuídas às repartições marítimas pela Carta de Lei de 1882 e cujo centenário hoje se comemora referem-se, após diversas actualizações, ao cumprimento das disposições para as Marinhãs de Comércio, Pesca e de Recreio, Indústria de Pesca, Segurança e Disciplina na Navegação.

Por mixordeiros em Penafiel

“Collants” de senhora na falsificação de azeite

PORTO, 8 — Depois de várias investigações levadas a cabo por uma brigada da DGFE foi antontem detectada, no lugar da Portela do Monte Santa Marta, Penafiel, uma «fábrica» onde o óleo vegetal era transformado em «azeite puro do lavrador» mercê da adição de uma mistura corante, e vendido ao público a 116\$00 o litro.

Como estivesse ausente o falsificador, José Daniel Ferreira, de 37 anos, residente em Casais Novos, Penafiel, a brigada pediu a presença do magistrado do tribunal de Penafiel

para entrar ontem de manhã nas instalações e procedeu à apreensão do material que inventariou: milhares de litros de óleo vegetal, 325 litros da mistura que era negociada como azeite puro e 10 litros do produto corante além de rolas de pressão para, segundo o falsificador, não permitir misturas do «azeite» e ainda vários «collants» de senhora que serviram de filtros.

O empregado Arlindo Rodrigues dos Santos, de 22 anos, que chegou pouco depois afirmou-se proprietário do negócio, mas não pôde sustentar

aquela afirmação e passou a esclarecer que trabalhava há oito anos para o José Ferreira e há três anos ali estavam, transformando diariamente, em média, um bidão de óleo em «azeite». Quanto à mistura que adicionavam não soube dizer qual o produto, ou produtos, de que era feita.

Entretanto foram enviadas amostras para laboratórios oficiais para ser determinado o corante utilizado, após o que será instruído o processo-crime que será remetido ao Tribunal de Penafiel.

Ainda o desastre de Setil

A CP arcará com todos os encargos relativos aos tratamentos hospitalares e custeará os funerais das vítimas do acidente ferroviário de Setil, de que resultaram três mortos e vários feridos, dois deles em estado delicado — embora já livres de perigo.

Uma falha na sinalização encaminhou o «Foguete», que sai do Porto (Campanhã) às 21.45 horas, para o ramal de Vendas Novas, quando a sua direcção era Santa Apolónia. A velocidade a que o comboio circulava no desastre era inevitável, pois não é — segundo entendidos da CP — possível uma entrada naquela linha a mais de 30/40 km/hora.

Do acidente saíram o maquinista e condutor praticamente já

sem vida, e cerca de quatro dezenas de feridos (cinco deles deputados), que foram transportados para os hospitais do Cartaxo e Santarém, e nos casos mais graves para São José. Os três que ali entraram, o juiz-desembargador João Augusto Fonseca de Moura, de 72 anos, pai do secretário de Estado adjunto do ministro da Qualidade de Vida, João Serra e Moura, não resistiu à gravidade dos ferimentos, vindo a sucumbir.

O funeral efectuou-se esta manhã, depois de rezada missa de corpo presente, da Igreja dos Anjos para o cemitério de Carregal do Sal. O juiz-desembargador João Augusto Fonseca de Moura reformara-se há um ano

do Supremo Tribunal de Justiça e exercia actualmente a advocacia. A esposa, que o acompanhava na viagem, não foi atingida pelo acidente.

Os dois feridos, igualmente hospitalizados em S. José, Fernando Manuel Simões Martins, de 27 anos, engenheiro, e António Brás, de 40, estão já livres de perigo, embora o seu estado seja ainda delicado.

A circulação na Linha do Norte ficou ontem normalizada, depois de carrilada, ao princípio da tarde, a última das três carruagens acidentadas e feitos alguns ajustamentos nas composições nos dois sentidos. Na via descende (para Santa Apolónia) a circulação normalizou-se só ao fim da tarde.

Inaugurada há dois meses Via rápida do Funchal já está intransitável

FUNCHAL, 8 — Só faltava esta: a única estrada impecável, lisa e limpa, sem buracos — até há dias —, a chamada «via rápida» que liga o Funchal ao Aeroporto de Santa Catarina, começa a mostrar covas.

Aliás, covas e buracos são a principal característica das estradas madeirense. É quase certo e sabido que estrada que se abra ou construa hoje, dois ou três meses depois está a ser esburacada.

Se exemplo querem, têm este bem à mão: a estrada Funchal-Aeroporto Via Rápida foi a cerca de dois meses inaugurada com toda a solenidade — Alberto João Jardim até presidiu ao acto — e, agora, já está esburacada.

Dizem que é para atravessar os cabos das ligações telefónicas. É óbvio que tinha de ser por (e para) alguma coisa. Mas não deixa de espantar. Por que não o fizeram antes?

Agora que estamos a falar de estradas: o condutor de um camião saiu ileso do «pesado» que, ontem, em plena Baixa do Funchal, não conseguiu «governar», deixando-o «invadir» uma residência carregada de carne importada. O guarda fiscal que seguia no camião fracturou a bacia e deu entrada no Hospital Regional do Funchal. O camião transportava doze toneladas de carne (importada) num contentor quando se despiu na Estrada Luso-Brasileira.

Luís Barbosa no Santa Maria

Graves riscos de infecção no serviço de prematuros

Luís Barbosa continuou ontem a visita que em Março iniciara ao Hospital de Santa Maria. O ministro dos Assuntos Sociais percorreu demoradamente os serviços de pediatria (prematuros), ortopedia, otorrinolaringologia, cirurgia, farmácia, medicina e banco, onde foi informado dos principais problemas daqueles serviços.

Num dos serviços-chave — o

de prematuros — Luís Barbosa tomou conhecimento das condições actuais em que o departamento funciona. As instalações são inadequadas para o número de crianças internadas, que está sempre a aumentar, provocando um consequente aumento do risco de infecção — afirmava um relatório que lhe foi entregue.

«Os berços estão muito próximos, por exemplo, e o número

excessivo de crianças obrigam-nos a abandonar certas regras de desinfecção» — afirmou um médico do serviço de prematuros, considerado pelos clínicos como o «cancro» da pediatria.

«Assim, é urgente a transferência deste serviço para o de obstetrícia, onde as crianças estão melhor instaladas e onde têm a vantagem de estar junto das mães» — acrescentou.

Na capital do Minho

“Bracara Augusta” constrói 359 fogos

PORTO, 8 — A cooperativa de Habitação Económica «Bracara Augusta» de Braga, vai construir até ao final do ano 359 fogos a que corresponde um investimento de 500 milhões de escudos.

Oitenta e duas habitações já se encontram construídas e ocupadas, 149 estão a ser edificadas e 128 em projecto. O bairro Duarte Pacheco (habitações já concluídas), a Palmeira e a Praça do General Humberto Delgado (em construção) são os locais da cidade beneficiados com a iniciativa desta cooperativa.

A Praça do General Humberto Delgado constituirá a zona social da cooperativa com uma escola materno-infantil, um local de rendimento, lojas, escritórios, supermercados e um minicampo desportivo. Os fogos em projecto localizar-se-ão em Santa Tecla.

As habitações têm sido financiadas em 90 por cento pelo ex-

-Fundo de Fomento para a Habitação, sendo a verba restante proveniente de depósitos de poupança efectuados pelos sócios.

Palmeira, Celeiros e São Pedro de Merlim são outros locais já destinados pela Câmara de Braga para construções desta Cooperativa.

Concurso para clínico geral

Policlínicos de Coimbra denunciam actos fraudulentos

COIMBRA, 8 — Policlínicos 5 da Região Centro exigiram a «imediata punição administrativa» da 1.ª fase do concurso para Clínico Geral, promovido entre 21 e 25 do mês passado, por alegadas práticas fraudulentas.

Esses médicos, hoje com cinco anos de licenciatura e que ainda não entraram na especialidade, afirmaram em reunião com os jornalistas que, «como a colocação nesta fase está dependente do local da residência, alguns médicos aproveitaram a actualização do recenseamento eleitoral para fraudulentamente obterem o seu cartão de eleitor em concelhos privilegiados».

Assim — acentuaram — ganhando uma prioridade de colocação não legítima certos policlínicos ocuparam mais de 80 por cento das vagas existentes nos concelhos limítrofes de

Coimbra e no distrito de Aveiro, abandonando as zonas do interior. «Este facto contribuiu também para um aumento dos excedentes de médicos no litoral em detrimento das áreas da periferia, onde já existia uma cobertura médica deficiente», precisaram.

Os policlínicos da Região Centro, contestaram também a decisão da Secretaria de Estado da Saúde que pretende que sejam os próprios médicos lesados a denunciar nominalmente os casos ilegais dos seus colegas. Manifestaram-se, no entanto, dispostos de seguir a via judicial, no caso de não ser acionado um processo administrativo de resolução do problema até expirar o prazo de impugnação destas colocações, que termina a 4 de Agosto.

Existem cerca de 300 policlínicos 5 na Região Centro.

EXPO
Bodas de Coral
NAVE CENTRAL DA FIL DE 4 a 10 DE JULHO

Comemorando os 35 anos de Empresa, Salvador Caetano apresenta, na Expo Bodas de Coral, duas unidades **PRÉ-PROTÓTIPO** de características e tecnologia perfeitamente inovadoras — o **CORAL** e o **CORALITO**

Horário — dias úteis das 17 às 23 horas
sábados e domingos das 14 às 23 horas

CORAL



Salvador Caetano

I.M.V.T. S.A.R.L.

Jurisdicção de águas

Portugal ajuda Guiné a evitar pilhagem de peixe

Uma missão portuguesa constituída por dois militares e um elemento da cooperação económica concluiu em Bissau o estudo de prováveis apoios de Portugal ao exercício da jurisdição pela Guiné-Bissau das suas águas territoriais.

Pacheco Marques, do Instituto para a Cooperação Económica de Portugal, escusou-se a especificar à ANOP pormenores sobre o teor da cooperação aventada durante uma semana em Bissau, «sem que antes, tudo seja decidido pelo Governo português», disse.

A missão mista portuguesa era integrada ainda pelo capitão de

mar-e-guerra Loureiro Barbosa e pelo tenente-coronel Aguiar e Silva, da força Aérea Portuguesa.

O objectivo essencial desta provável cooperação portuguesa é o de «dar apoio ao sector das pescas da Guiné-Bissau», nomeadamente através do exercício da sua jurisdição sobre a Zona Económica Exclusiva.

Bissau pretende assegurar o patrulhamento sistemático das suas águas territoriais, que informações oficiais indicam serem objecto de pilhagem permanente de peixe e crustáceos por parte de navios pesqueiros de diversas proveniências.

Testemunhas de Jeová organizam congressos distritais

«A Verdade do Reino» é o tema geral dos dez congressos que as Testemunhas de Jeová vão realizar a partir de 22 de Julho em todo o território nacional, incluindo Açores e Madeira.

Todos os congressos terão a duração de quatro dias, calculando aquela associação que se movimentem um total de 50 000 pessoas.

Dois congressos distritais, a realizar no pavilhão dos Desportos de Cascais, têm já programa estabelecido.

O primeiro desenvolve-se entre 29 de Julho a 1 de Agosto, enquanto o segundo se realiza de 5 a 8 de Agosto.

Temas principais dos congressos: «Qual é a sua posição quanto à questão do Reino?», por Manuel de Almeida, «Resista à permissividade com princípios bíblicos», por José Augusto e «A Verdade que o pode Libertar», por J.M. Lança.

Os organizadores esperam uma assistência de cerca de 16 000 pessoas.

CORALITO



Gibraltar • Gibraltar • Gibraltar • Gibraltar • Gibraltar • Gibraltar • Gibraltar • Gibraltar

"Se os ingleses defenderam as Malvinas não é possível que não"

Gibraltinos: um povo colonizado

Algures em pleno continente europeu a guerra das Malvinas ainda não acabou. A demonstrá-lo aí está o fervor com que o tema continua a dominar as conversas; o espaço que lhe consagram as emissões televisivas; as bandeiras inglesas que ostentam muitas janelas; as vendas de caridade e os peditórios a favor dos habitantes do arquipélago; os «posters», os autocolantes, a literatura alusiva à «epopeia» de «Falkland Task Force»...

E se a guerra das Malvinas aí não acabou, é porque os 27 mil habitantes da cidade a que nos referimos encontram, no envolvimento britânico nesse conflito, a garantia da sua permanência como súditos de Sua Majestade.

Para eles, há que manter viva a «chama patriótica» que levou ao rubro o Reino Unido e tirar daí os dividendos políticos que lhes permitam perpetuar os seus actuais laços com a «mãe-pátria».

Curiosamente, nas suas veias não predomina o sangue inglês. Muitos são descendentes de genoveses, de judeus, de espanhóis, de portugueses... Na generalidade consideram-se um povo com uma identidade própria e... colonizado. Mas acima de tudo querem permanecer como tal!

Não vivem na Atlântida, nem na Parságada nem em qualquer outros país imaginário. Vivem num extremo da Península Ibérica, a escassas centenas de quilómetros de Lisboa: são quase nossos vizinhos.

São os gibraltinos!

Se os ingleses sacrificaram 250 homens por 1800 pessoas e uns milhares de pinguins, a 8000 milhas de casa, não há razão para que não façam outro tanto por 20 000 gibraltinos e 40 macacos a 1000 milhas de Londres. Eis uma fraude lapidar que ouvi à chegada a Gibraltar e que explica a identificação dos seus habitantes com a guerra do Atlântico Sul.

No bar da zona portuária em que me encontrava comecei por me sentir em perigo por ter sido mal compreendida uma referência minha ao conflito anglo-argentino. Sanado o incidente e apresentado como jornalista, abriam-se-me as portas a um mundo desconhecido. Até deixar o aeroporto de Gibraltar não mais deixei de ouvir o mesmo discurso que acabou por me convencer.

A esmagadora maioria dos habitantes do rochedo repudia inteiramente qualquer ligação com a Espanha e sente-se profundamente pró-britânica.

Com o mesmo empenho e militância com que os republicanos da Irlanda do Norte (apesar da diferença dos métodos) condenam a presença inglesa, os gibraltinos enaltecem-na e reivindicam-na.

Nem os macacos

William Miel, mestre de um rebocador, não perde uma oportunidade para divulgar a sua causa: *aqui nem os macacos querem nada com Espanha*. Descendente de genoveses que em meados do século passado naufragaram junto a La Caleta, na vertente Leste do rochedo, e por ali se fixaram, esquecendo o sonho de alcançar o Novo Mundo, não deixa margem para réplica *Yo te voy a mostrar what is the matter here*. Na sua linguagem de «janito» de boa cepa metade inglês e metade em castelhano, passando de uma língua a outra quase sem dar por isso, determina que no dia seguinte vai pedir dispensa do trabalho para me mostrar a realidade de Gibraltar e o que pensam os «janitos» (expressão usada localmente para designar os naturais do rochedo e que deriva do diminutivo gianni, de Giovanni, nome italiano que aí é muito vulgar).

A hora combinada, William (*Guillermo si te gusta mas*) lá está com o automóvel às ordens, e a história na ponta da língua. Com os seus cinco quilómetros quadrados e 50 quilómetros de estradas, o promontório visita-se rapidamente, mas William quer explicar tudo e cumprir a sua missão.

América chiquetita

«Gibraltar é uma América chiquetita but older». A tese é partilhada praticamente por todos os janitos com quem falámos. A comparação assenta na contribuição de diferentes povos para o surgimento de uma identidade



cultural e histórica autónoma. Com a conquista do rochedo pelos ingleses em 1704, apenas ficaram 120 espanhóis (entre eles um médico, dois padres, três monges, um eremita e um tocador de sinos). Em 1753 havia aí 597 genoveses, 575 judeus (cuja permanência era proibida, assim como dos «mouros» pelo Tratado de Utreque que em 1713 cedia a posse do território à Grã-Bretanha), 351 ingleses, 185 espanhóis e 25 portugueses.

Depois vieram os malteses, os de Minorca e outros mais. Da mistura resultaram os gibraltinos, os janitos, tal como do «melting pot» do outro lado do Atlântico saíram os americanos. «Só que nós começámos em

1704 e eles em 1776» sublinha William com orgulho.

Hoje são 20 000 e apesar da identidade própria que reivindicam e da sua localização na Península Ibérica, que reconhecem, consideram-se ingleses e exigem ser tratados como tal.

Ingleses de primeira

Têm passaportes coloniais ingleses e conseguiram recentemente uma grande vitória política na Câmara dos Comuns: em um de Janeiro do próximo ano terão passaportes de ingleses de primeira, iguaizinhos aos dos compatriotas de Oxford... «Que culpa temos nós que os espanhóis tenham perdido a guerra

em 1704 e a nossa história se tenha separado da deles?»

Pepe tem 22 anos, nasceu em Gibraltar, e a mãe é espanhola: «Corre-me sangue espanhol aqui nas veias, mas sou british». A avó vive em La Linea, do lado de lá dos portões da fronteira que Franco mandou fechar em 1969. Trabalhava no rochedo, assim como quase oito mil outros espanhóis e ficou desempregada quando as comunicações foram cortadas. Pepe nunca mais viu. Aqui há dois anos tentou nadar do areal o muro e o arame farpado interrompeu, até à praia de La Linea, que uma segunda barreira separa de Gibraltar, 100 metros adiante. «A guarda civil apanhou-me e encostaram-me uma metralhadora à nuca».

habitual, em 23 de Dezembro de 1977, os espanhóis não cortaram as ligações telefónicas no termo do período de 'trégua' que costumavam conceder pelo Natal.

Megafone e binóculos

Para a ver, a coisa é mais complicada. Tal como milhares de outros janitos, volta e meia combina com os familiares de La Linea, pelo telefone ou pelo correio, um encontro na fronteira. Do lado inglês os portões estão abertos. A um palmo deles, as barras do portão espanhol impedem a passagem.

Para lá deles estende-se uma faixa de terreno de pouco mais

de cem metros de largura e 800 metros de comprimento, tantos quantos mede o istmo que liga Espanha a Gibraltar.

Policías e cães espanhóis vigiam o terreno, e quem quiser lançar uma palavrinha para quem está por trás deles, ou puxa pelos pulmões ou leva o megafone. Para os curtos de vista vão os binóculos e o espectáculo repete-se diariamente, sobretudo ao fim da tarde.

O desejo de acabar com esta situação anacrónica e caricata, apesar de se revestir de aspec-



tos por vezes dramáticos, é partilhado por grande parte dos habitantes de ambos os lados da fronteira.

Em Gibraltar é o isolamento físico e o estrangulamento económico.

«Antigamente íamos jantar a La Linea e beber um trago com os amigos. Aos fins-de-semana fazíamos piqueniques e dávamos um salto a Cádiz, ou Málaga.

Os comerciantes abasteciam-se de legumes, de frutas, de peixe. Muitos de nós habitávamos em La Linea porque

aqui não há espaço para fazer casas. Os espanhóis vinham cá e davam vida ao comércio».

Gibraltar • Gibraltar • Gibraltar • Gibraltar • Gibraltar • Gibraltar • Gibraltar

nos defendam a nós"

por vontade própria

Em La Línea é o marasmo económico. Milhares de trabalhadores perderam os seus empregos no outro lado e o desemprego atinge os 30 por cento da população activa. O comércio perdeu uma vasta clientela com elevado poder de compra e libras no bolso.

Do s dois lados da fronteira é o drama da separação de familiares e amigos. Para os espanhóis féis à doutrina da *fruta madura* de Franco é o sonho cada vez mais distante.

Segundo o ditador, Gibraltar não valia uma guerra e havia de cair à sombra da soberania espanhola como a fruta madura. Só que o encerramento da fronteira veio tornar a fruta irremediavelmente verde.

A integração dos janitos na vida e na cultura espanhola, pelo casamento e pelo contacto quotidiano, foi brutalmente interrompida. O rochedo não foi asfixiado economicamente como o caudillo previra e os sentimentos anti-espanhóis desenvolveram-se como nunca.

Os ingleses há muito que conhecem o valor estratégico da sentinela do mediterrâneo e pagaram, e continuam a pagar, o preço da sua sobrevivência económica.

Mais gibraltinos, ou mais ingleses?

As opiniões dos gibraltinos divergem contudo sobre os resultados políticos do ostracismo a que Madrid os condenou. Para a grande maioria, a identificação com a cultura e os sentimentos nacionais ingleses consolidou-se definitivamente. Para outros, o que se desenvolveu foi a identidade cultural e histórica, e mesmo uma certa consciência nacional gibraltina (mas disso falaremos num dos próximos dias).

Em dois pontos há porém unanimidade: os gibraltinos passaram a repudiar mais do que nunca a integração no Reino de Espa-

na, e a manutenção do encerramento da fronteira é para eles a prova provada de que o fascismo ainda é quem manda em Espanha. A reviravolta que pela terceira vez o Governo de Madrid deu em dois anos, não restabelecendo as comunicações por via terrestre, conforme mandava o acordo de Lisboa de Abril de 1980, fez transbordar o vaso.

O adiamento «sine die» da abertura da fronteira, marcado pelos espanhóis para 25 do mês passado, provocou o desapontamento geral dos dois lados da fronteira. Para a maioria dos gibraltinos, o acordo de Lisboa está hoje enterrado e já ninguém acredita que a UCD venha a honrá-lo.

Tanto em Gibraltar como em La Línea, a promessa de abertura levou a enormes investimentos públicos e privados para preparar o regresso à convivência entre as duas cidades. Do s dois lados, mas sobretudo em Gibraltar, as lojas estão a abarrotar de mercadorias destinadas aos vizinhos que afinal não vieram. Os restaurantes foram alargados e empregaram pessoas, as instalações alfandegárias foram renovadas e construíram-se novos parques de estacionamento. As marcações das estradas e a sinalização rodoviária foram refeitas, o Governo de Gibraltar contratou 75 novos polícias de trânsito e funcionários alfandegários.

O grande dia

Tudo estava a postos para o grande dia que já em 20 de Abril fora adiado para 25 de Junho por via da guerra das Malvinas. A 21 é o ducho gelado: os espanhóis decidem não abrir a fronteira e não retomar as negociações de Lisboa na data marcada. Além disso, não se comprometem com nenhuma outra data.

Em La Línea, municipalidade de maioria PSOE, o alcaide participou no próprio dia 25 numa manifestação de milhares de pessoas contra a interrupção do processo de normalização. Horas

antes estivera em Madrid para comunicar ao ministro dos Negócios Estrangeiros o protesto da população da região. A crise tem ali uma gravidade que poucas outras províncias espanholas conhecem. A municipalidade empenha-se ainda mais para preparar a abertura da fronteira.

Em Gibraltar, o Governo local, os partidos e a imprensa condenaram imediatamente o recuo espanhol. Entre a população generalizou-se a ideia de que tudo vai continuar na mesma, pelo menos enquanto a direita militar, ultranacionalista, tiver em Espanha a força que tem.

Muitos passaram-se mesmo para o campo daqueles, que, segundo uma recente sondagem, até já são maioritários e se opõem à abertura da fronteira.

As razões encontram-se no receio de que os espanhóis venham concorrer com eles no mercado de trabalho e precipitar uma crise de emprego que há muito está latente.

Para agravar esses temores, sabe-se que o Governo inglês estava ainda há pouco a estudar a desactivação dos estaleiros navais militares que empregam mais de mil dos 11 mil trabalhadores do rochedo.

Lisnave

A Royal Navy já não necessitava dos estaleiros e a abertura da fronteira iria dispensar o balão de oxigénio que eles constituem para economia do território. A reformulação da estratégia de defesa inglesa, na sequência do êxito da guerra das Malvinas, e a não concretização da abertura, talvez leve contudo a manter a actual situação. (A confirmar-se esta hipótese, a Lisnave perderá um contrato de cedência de instalações cuja negociação já vai avançada).

Outras razões explicam porém as reticências cada vez maiores de muitos janitos em relação à normalização com a Espanha: o receio da entrada do terrorismo e, sobretudo, o orgulho próprio.

Nosotros somos ingleses insiste William Miel. Em todas as conversas repetem-se os argumentos. **Se os espanhóis fossem democratas, respeitavam a nossa vontade e não mantinham a política de Franco de nos anexar pela força e pela chantagem.**

De facto, o referendo organizado pelos ingleses a 10 de Setembro de 1976 saldou-se por 12 138 sim à manutenção dos laços existentes com a Grã-Bretanha, e 44 sim à união com a Espanha. Votaram 95,8 por cento dos eleitores.

William tem os números na cabeça (e diz que também no coração) e afirma que os **palomos** (partidários da integração na Espanha) ainda são agora menos numerosos que então.

Autodeterminação

Depois vêm os princípios da carta das Nações Unidas (o **nosso direito à autodeterminação exprime-se no desejo de sermos ingleses**), a Convenção Europeia dos Direitos do Homem, a carta da NATO, os estatutos do Conselho da Europa, e, por fim, a derradeira demonstração... «Espanha? nem os macacos do rochedo a querem!»

Os muitos dirigentes políticos e sindicais com que falei, os gibraltinos novos e velhos, até muitos espanhóis que por lá ficaram, todos repetem os mesmos argumentos até à exaustão.

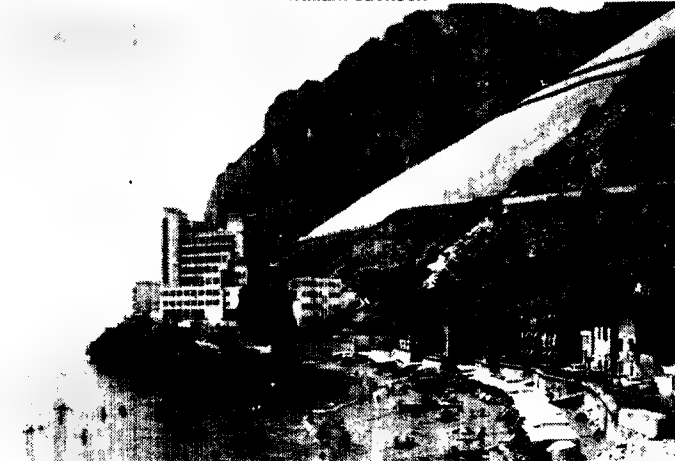
A esta profunda convicção alia-se a confiança de que os ingleses manterão o compromisso de não alterar o estatuto do território contra a sua vontade.

Sobretudo com a Thatcher, que foi mais clara do que qualquer dos seus antecessores, ao declarar que a soberania sobre Gibraltar não é negociável. E é um socialista de esquerda quem lhe o diz, sublinha William Miel, mestre de rebocadores, membro do Partido Socialista e Laborista de Gibraltar, genovês de ascendência, janito por nascimento e inglês de coração!

José António Cerejo



Residência do governador inglês e chefe do executivo gibraltino, general William Jackson



Gibraltar, a NATO e a CEE

A segunda parte desta reportagem será publicada na próxima segunda-feira e abordará as questões políticas relativas a Gibraltar, nomeadamente as relações anglo-espanholas e as posições dos partidos gibraltinos, o problema da NATO e o da adesão espanhola à CEE. As implicações para Portugal de todo este imbróglio e a situações dos portugueses de Gibraltar serão também referidos.

Oito mil carros às voltas no Rochedo ou a arte de ser pequenino

«Andam aqui oito mil carros às voltas nos cinquenta quilómetros de estradas do rochedo, como se isto fosse uma pista de automóveis de feira, mas não precisamos de Espanha para nada.» Estamos assim muito bem, acrescenta o mestre de rebocadores que nos serve de guia.

Ao longo dos 13 anos de total isolamento de Espanha, devido ao encerramento da fronteira decidido por Franco em 1969, os gibraltinos aprenderam a arte de ser ilhéus, como se numa ilha minúscula vivessem.

Reconverteram a economia em busca da máxima auto-suficiência, modificaram os seus hábitos em função dos cinco quilómetros quadrados de rochedo a que se confinam a sua vida e as suas ambições.

Para muitos, a reabertura da fronteira e a miragem das estradas sem fim já não oferece qualquer sedução.

A ideia de uma casa ampla, rodeada de um jardim, ali ao lado, junto às praias espanholas, já não lhes povoa a imaginação, quando têm que partilhar pequenos apartamentos, ainda por cima alugados a peso de ouro.

Não há espaço para construir casas, nem portas abertas sobre a Andaluzia, mas há a ciência de se adaptar às circunstâncias.

Nem uma couve

Para comer não produzem nem uma couve. Onde a terra se sobrepõe à pedra, crescem oliveiras bravas, alguns pinheiros escoceses, pequenas figueiras, umas plantas palmeiras, cactos e um total de 517 variedades de plantas.

Têm 200 espécies de pássaros, passam horas a observá-los de binóculo em punho, e têm 40 animais de estimação que tratam quase supetiosamente, acreditando muitos que quando eles desaparecerem, desaparecerá também a presença inglesa. São os «Macaca Sylvana», os célebres macacos de Gibraltar.

Antes, importavam de Espanha a maior parte dos alimentos. Hoje, compram os legumes, frutas e peixe em Marrocos; a carne em Inglaterra e sobretudo na Polónia; a manteiga e os ovos na Dinamarca...

O cimento, a brita e a areia vão de Portugal. Alguma areia retiram-na também da vertente Leste do rochedo, onde parece que os ventos de África a depositaram, depois de a transportarem desde o Sara.

A água do Ramalho

Água também a não têm, a não ser a do mar, que alimenta a rede dos autoclismos! Para utilização alimentar conceberam um sistema misto. Uma superfície de 140.000 metros quadrados de pavimentos cimentados espalha-se pelas encostas do rochedo (425 metros de altura), onde a pluviosidade é mais intensa.

Na parte inferior dessas placas correm valas que levam a água da chuva para 13 gigantescos reservatórios construídos nas entranhas do penedo.

Para esses reservatórios é também canalizada a água do mar dessalinizada em três «destilarias» pertencentes aos serviços municipalizados (há outras três «destilarias» mas são privativas dos serviços militares para abastecimento dos quase sete mil homens em permanência nas áreas militares reservadas que ocupam metade da superfície do território e muito do seu subsolo).

Quando a água tende a faltar, os barcos cisternas do Ramalho (descendente de portugueses) fazem-se ao mar e vão a Marrocos ou a Portugal abastecer-se. Ainda o ano passado o tempo foi traiçoeiro e quando o barco ia a caminho, desatou a chover de tal modo que os reservatórios encheram e a água importada teve que ser lançada ao mar.

A electricidade produzem-na em diversas centrais termo-eléctricas de pequena potência.

Favo de túneis militares

O interior do rochedo assemelha-se a um favo, marcado como está por cerca de 50 quilómetros de túneis, dos quais só 1500

metros estão abertos ao trânsito civil.

Antes de 1969 frequentavam os cinemas e teatros da cidade e de La Línea (a cidade espanhola do lado de lá da fronteira); actualmente servem-se dos clubes de vídeo dos quatro cinemas e do teatro de Gibraltar.

Os diversos clubes cobram uma quota mensal de 15 libras (2250 escudos), e os sócios têm direito a levar para casa uma cassette por dia com um filme à sua escolha entre vastas colecções. Se não é sócio, aluga a cassette uma libra por dia.

Os clubes de tiro, de foto, de colecionadores disto e daquilo, mais os grupos desportivos, associações religiosas e os clubes privados, completam as modalidades de ocupação dos tempos livres organizadas.

Alguns dão por vezes uma saltada até Tânger no «overcraft» que lhes custa 30 libras ida e volta, mas não têm barco para Ceuta porque é domínio espanhol. Os mais interessados podem ir a Espanha com escala em Tânger (três horas no «overcraft» para cada lado), e alguns vão a Estampona, perto de Algeciras, em iates particulares que recebem autorização especial dos espanhóis (e não levem contrabando à vista).

São 20 000 os gibraltinos, juntam-se-lhes 7000 cidadãos britânicos de outros territórios ingleses, mais 3500 estrangeiros (2600 marroquinos, 250 espanhóis, 170 portugueses etc.), mais 1000 militares (este é o número oficial de «permanentes»). De facto estão ali habitualmente cerca de 7000 e 2200 familiares. Total oficial da população, cerca de 30 mil pessoas. Habitam quase uns em cima dos outros no escasso espaço não escarpado da encosta e do litoral Oeste. Muitos são judeus, a maioria é católica, bastantes são indianos que se dedicam ao comércio de retalho. A população activa é de 11 700 pessoas: 61,9 por cento no sector público (incluindo empregados nos serviços militares) e 38,1 por cento no sector privado, especialmente comércio e algumas pequenas fábricas. O rendimento «per capita» é de 2330 libras (350 contos por ano).

J.A.C.

Redução de forças convencionais na Europa

NATO apresenta projecto ao Pacto de Varsóvia

Pela primeira vez desde a abertura das negociações de Viena sobre a redução das forças convencionais na Europa (MBFR), em 1973, os Estados Unidos e os seus aliados da NATO apresentaram hoje, em sessão plenária, um projecto de tratado ao Pacto de Varsóvia, soube-se ontem de fonte bem informada em Bruxelas.

O presidente, Ronald Reagan, tinha anunciado, no passado dia 9 de Junho, em Bona, uma proposta aliada para negociações sobre a «redução mútua e equilibrada» das forças convencionais.

«Apresentada com a forma dum projecto de tratado, surge em complemento das negociações de Genebra sobre as armas estratégicas (START), iniciadas a 29 de Junho, e sobre as armas nucleares de médio alcance (euromísseis)», indicou a mesma fonte.

As negociações «MBFR» visam reduzir os efectivos das duas alianças na região Centro-Europa.

O projecto de tratado prevê uma limitação das tropas mas não de material. Trata-se de conseguir «um acordo global único que permita estabelecer um máximo colectivo comum de 900 mil homens para o conjunto das forças terrestres e aéreas», precisou a mesma fonte.

Nos termos deste texto, as reduções mútuas poderão

efectuar-se em quatro fases. Primeiramente só seriam abrangidas as duas superpotências: os Estados Unidos retirariam 13 mil homens e a URSS 30 mil, nos doze meses subsequentes à assinatura do acordo.

A segunda fase prevê uma nova retirada de 31 mil homens pela NATO e de 93 mil homens pelo Pacto de Varsóvia, entre os quais 33 mil soldados soviéticos.

No termo da terceira e quarta fases, as forças em presença em cada um dos campos seriam de 900 mil homens, 700 mil dos quais nas forças terrestres. Entre cada fase haverá verificações efectuadas por comissões mistas.

Mas, considera-se entre os meios diplomáticos aliados em Bruxelas, essas conversações, que marcam passo desde há nove anos, correm o risco de voltar a esbarrar com a avaliação do número de tropas actualmente presentes no sector Centro-Europa. O Pacto de Varsóvia sustenta que existe um «equilíbrio aproximado» de forças

nessa zona, ao passo que a NATO considera que os países socialistas dispõem duma supremacia de cerca de 160 mil homens.

Por outro lado, o projecto não responde ao pedido do Pacto de Varsóvia de definição de um máximo para cada país. «O conceito de redução colectiva continua a ser o fundamento da doutrina da NATO e a proposta do Pacto destina-se, antes de mais, a limitar os efectivos de «Bundeswehr» (Exército alemão ocidental), que se encontra na primeira linha», precisou uma fonte diplomática.

O tratado retoma as «medidas associadas» apresentadas pela NATO em 1979. Trata-se essencialmente de notificações, manobras e de deslocações e tropas, assim como de modificações dos sistemas de telecomunicações já previstas na acta final de Helsínquia.

Finalmente o projecto não prevê modificações no estatuto e nos efectivos das tropas americanas, britânicas, francesas e soviéticas estacionadas em Berlim. Se bem que não participando nas negociações «MBFR» a França, que é membro da NATO, emitiu reservas sobre este projecto, adiantam círculos diplomáticos de Bruxelas.

Ainda o caso do gasoduto

Aliados ocidentais descontentes com Washington

O embargo decretado pelos Estados Unidos aos equipamentos petrolíferos ou relativos à construção do gasoduto siberiano-europeu continua a provocar severas críticas dos aliados ocidentais de Washington.

O ministro canadiano dos Negócios Estrangeiros, Mark Macgugan, afirmou ontem em Ottawa que o embargo decretado pelos Estados Unidos é «uma violação inaceitável da soberania canadiana».

Falando numa conferência de Imprensa, Macgugan revelou que o seu país já protestou junto do departamento de Estado, norte-americano, embora não haja qualquer sociedade do seu país abrangida pelo embargo decretado por Washington.

No entanto, o ministro canadiano recordou que «durante anos os canadianos tinham demonstrado a sua preocupação ao verem os Estados Unidos procurarem impor a sua lei às filiais canadianas de sociedades americanas». Observadores não deixaram de ligar esta posição do Canadá à oposição da administração americana à venda de locomotivas a Cuba.

Se a posição do Canadá, país não interveniente na construção do gasoduto, é de ordem geral, mais económica que política, já o Governo francês vê o caso de outra forma.

O ministro de Paris da Energia, Edmond Herve, que se en-

contra de visita ao Canadá, afirmou ontem que a tomada de posição de Washington contra o gasoduto soviético é «pura e simplesmente intolerável».

«O volume das trocas comerciais entre os Estados Unidos e a União Soviética aumentou 50 por cento no primeiro semestre deste ano, em relação ao mesmo período de 1981», salientou o ministro francês, «enquanto — prosseguiu — o intercâmbio entre a Europa Ocidental e a URSS quanto muito estagnou, se não pior das hipóteses, não caiu mesmo».

Também em Tóquio, o ministro japonês da Indústria e Comércio Internacional, Shintaro Abe, afirmou ontem, numa reunião com empresários norte-americanos, japoneses ser «muito problemático que Washington tenha decidido sanções, súbita e unilateralmente, sem ter consultado o Ocidente».

Recorda-se que o embargo decretado por Reagan no passado dia 9 de Junho afectou um projecto soviético-japonês para a exploração de petróleo e gás natural ao largo da ilha soviética de Sacalina. O Japão precisava, para levar a cabo a exploração,

de equipamentos eléctricos fabricados por uma empresa especializada dos Estados Unidos.

Construção não parará — afirma Moscovo

A direcção soviética aprovou medidas assegurando a construção do gasoduto Leste-Oeste dentro do prazo previsto, apesar das sanções económicas impostas pelos Estados Unidos, afirmaram ontem em Moscovo observadores, citados pela agência Reuter.

Um anúncio oficial, ontem divulgado pelo jornal governamental «Izvestia», afirma que o Partido e o Governo soviéticos aprovaram a «iniciativa patriótica» dos ministérios relacionados com o projecto.

Adianta que foram tomadas medidas para assegurar o cumprimento do prazo do projecto, «apesar das acções discriminatórias da administração norte-americana».

O anúncio afirma que foram tomadas medidas visando a construção do gasoduto até 1984. Acrescenta que a União Soviética cumprirá as suas obrigações contratuais quanto ao fornecimento de gás aos seus clientes, que incluem a República Federal da Alemanha, França, Grã-Bretanha e Itália.

Anunciada em Hanói

Retirada parcial do Kampuchea

O Vietname anunciou que retirará, ainda este mês, uma parte substancial das tropas que tem estacionadas no Kampuchea.

O ministro vietnamita dos Negócios Estrangeiros, Nguyen Co Thach, disse também que outros contingentes seriam retirados, caso a Tailândia respondesse favoravelmente aos pedidos do Vietname para terminar com o auxílio, a facilidades através de território tailandês que concede aos

grupos armados da oposição do Kampuchea.

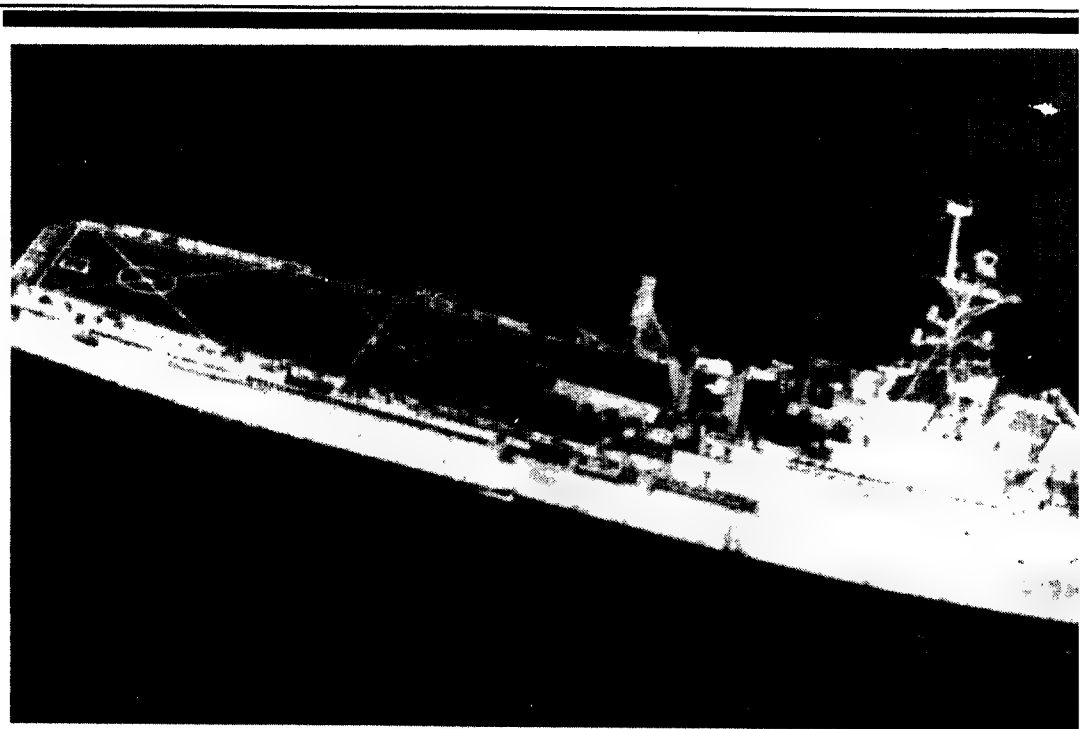
Nas suas declarações, feitas após uma reunião com os ministros dos Negócios Estrangeiros dos três países da Indochina — Vietname, Kampuchea e Laos — Thach não especificou o número de soldados que seriam retirados, mas acentuou que se tratava dum número significativo.

Informou também que o Vietname já retirara tropas em De-

zembro.

As tropas vietnamitas intervieram no Kampuchea, em Dezembro de 1978, auxiliando a derrubar o regime dos «Kmers Vermelhos».

O anúncio vietnamita surge no final de uma conferência de dois dias dos ministros dos Negócios Estrangeiros dos países da Indochina, que se realizou no âmbito de uma iniciativa diplomática,



Um porta-helicópteros da VI Esquadra dos EUA navega a 42 milhas das costas libanesas. Cerca de dois mil «fuzileiros» estão no Líbano, aguardando apenas o acordo ou o pedido expresso das autoridades libanesas (Telefoto).

A intervenção dos EUA no Líbano

Fantasma do Vietnã assusta o Congresso

Os senadores norte-americanos expressaram a sua inquietude pela proposta de Ronald Reagan de enviar tropas para o Líbano, com vista à expulsão da OLP de Beirute.

«Na minha qualidade de veterano da guerra do Vietname, conheço os perigos inerentes a compromissos sem limite de tempo e envergadura, nos quais os Estados estão sozinhos», comentou, a propósito, o senador Larry Pressler.

O presidente do Comité de Relações Exteriores, Charles Percy, declarou que não devem enviar-se tropas (para o Líbano) a menos que o governo do país o solicite, «coisa que, porém, ainda não fez formalmente».

Percy mostrou-se ainda de opinião de que os palestinos e Israel devem estar de acordo com a medida e que a operação não deve ultrapassar os 30 dias.

Observadores políticos em Washington consideram que o «fantasma do Vietname estava muito presente na mente dos membros do Congresso norte-americano nas suas primeiras reacções ao anúncio de que Ronald Reagan está disposto a enviar mil homens armados para Beirute».

O senador republicano Richard Lugar, também membro do Comité de Relações Exteriores, afirmou que «seria conveniente que o presidente Reagan falasse à nação para minorar os temores dos congressistas e do povo norte-americano de que esta intervenção possa desencadear um novo Vietname».

Alan Cranston, democrata do mesmo comité, disse que o envio de tropas poderia ser «uma empresa muito arriscada», mas acrescentou que «com reticência» aprovaria o plano de Reagan.

Fontes bem informadas citadas pela cadeia de televisão ABC adiantam que a operação poderá começar na terça-feira, se não se conseguir alcançar um acordo definitivo para a retirada da OLP do Líbano.

A administração norte-americana sublinhou, entretanto, que as tropas não participariam em combates e que o plano só se concretizaria se todas as partes estivessem de acordo e outros países também enviassem tropas, já que, do que se trata, «é de

impedir um ataque final israelita contra os palestinos».

Por seu lado, a Embaixada da OLP em Manágua acusou a Administração Reagan de forjar um novo Vietname no Médio Oriente ao autorizar a intervenção militar norte-americana na guerra do Líbano.

Gior Salamith, primeiro secretário da Embaixada da OLP, disse que Washington utiliza o pretexto de retirar os guerrilheiros palestinos para socorrer as tropas agressoras israelitas.

O diplomata palestino disse que a intenção norte-americana é fazer das tropas israelitas «os guardiões dos interesses económicos do imperialismo, para impedir qualquer intento de unificação da nação árabe».

Por último, a União Soviética equiparou a proposta dos Estados Unidos para o envio de tropas para o Líbano, à substituição do exército israelita por uma força norte-americana de ocupação.

«De todo o curso dos acontecimentos do Líbano conclui-se que os Estados Unidos querem servir-se da agressão dos israelitas para os seus próprios fins e que esta agressão armada foi um acto planeado e combinado por Washington e Telavive» — afirma a TASS.

A TASS acrescenta que as propostas dos Estados Unidos evocam o envio de «marines» para Beirute em 1958, operação que a TASS qualifica de tentativa fútil para impor um regime fantoche ao povo libanês.

O comunicado sucedeu-se a uma série de comentários em que os soviéticos exortaram os países árabes a assentar num plano para forçar Israel a sair do Líbano.

O plano americano

O Governo israelita rejeitou ontem a proposta norte-americana para a retirada palestina de Beirute e ameaçou demitir um destacado autarca palestino de Gaza, no âmbito da sua campanha contra a Organização de Libertação da Palestina.

O Conselho de Ministros, presidido pelo primeiro-ministro, Menahem Begin, reuniu-se para examinar o plano dos Estados Unidos e rejeitou dois dos seus nove pontos, que prevêem a presença de dez funcionários políticos e administrativos da OLP em Beirute e a integração dos chefes

das facções palestinas, com duas unidades de combate, no Exército nacional do Líbano.

As propostas norte-americanas determinavam que os restantes combatentes da OLP, sitiados pelos israelitas há duas semanas no sector ocidental e muçulmano da capital libanesa, seriam transportados por mar, sob a fiscalização de forças norte-americanas. Em troca, Israel deveria abrir o cerco e recuar alguns quilómetros de Beirute logo que os guerrilheiros comesçassem a embarcar.

Porém, a Rádio de Israel anunciou que o Governo se reserva a «opção militar» até o último guerrilheiro abandonar Beirute, e insiste numa «retirada total» dos palestinos de Beirute e do Líbano.

O presidente da OLP, Yasser Arafat, opôs-se ao envio de unidades especiais de fuzileiros navais norte-americanos, proposto pelo presidente Ronald Reagan, pedindo, pelo contrário, a convocação de uma sessão extraordinária do Conselho de Ministros do Movimento Não-Alinhado, para debate da situação libanesa.

Contudo, fontes governamentais libanesas, citadas pela agência noticiosa Reuter, declararam que a OLP reconsiderou e está agora disposta a partir por terra, mar ou ar, mas não em navios norte-americanos.

O ministro dos Negócios Estrangeiros, Fuad Butros, que se avistou com o enviado norte-americano, Philip Habib, e com o presidente Elias Sarkis, para debater o plano de retirada dos Estados Unidos, referiu, depois da reunião, que as propostas não tinham sido formalmente apresentadas ao Governo libanês.

A Rádio de Israel noticiou que o Conselho Municipal de Gaza decidiu cortar os serviços aos residentes palestinos e os administradores israelitas ameaçaram demitir o presidente da Câmara, Rachad Shawaa, a menos que os serviços fossem restabelecidos dentro de três dias.

A exoneração de Shawaa seria a primeira de um autarca palestino da Faixa de Gaza ocupada pelos israelitas. Quatro colegas seus da Cisjordânia foram demitidos desde Março, acusados de instigarem distúrbios sob ordens da OLP.

Segundo a guerrilha salvadoreña

Soldados das Honduras em El Salvador

Quinhentos soldados hondurenhos foram vistos na segunda-feira na aldeia salvadoreña de Joateca, no departamento de Morazan, 120 km a leste de San Salvador, afirmou na quarta-feira Rádio Venceremos, a rádio clandestina da guerrilha salvadoreña.

A rádio acrescentou que vários outros grupos de soldados das Honduras, foram detectados por camponeses na aldeia vizinha de Corinto.

OMS guerrilheiros da FMLN (Frente Farabundo Martí de Libertação Nacional) afirmam desde há uma semana que tropas hondurenhas participam em território salvadoreño na luta contra a guerrilha, acusação desmentida pelos Governos das Honduras e de El Salvador.

Os militares hondurenhos reconheceram no entanto que ti-

nam concentrado tropas ao longo da fronteira com El Salvador, no seguimento da ofensiva da guerrilha no departamento de Morazan, o mês passado.

Por outro lado «Rádio Venceremos» difundiu na noite de terça-feira uma nova declaração do vice-ministro salvadoreño da Defesa, coronel Adolfo Castillo, feito prisioneiro a 17 de Junho no Morazan.

O coronel afirma em particular que é bem tratado, que os seus direitos são respeitados e que os ferimentos que sofreu quando da queda do seu helicóptero já estão curados. O coronel Castillo acrescenta que tinha encontrado cerca de trinta soldados prisioneiros desde a sua captura.

Os números da morte
As Forças Armadas e as or-

ganizações paramilitares salvadoreñas mataram 2704 civis, na maioria camponeses, durante os cinco primeiros meses do ano em curso — afirma um documento ontem publicado pelo «Socorro Jurídico Cristão» em São Salvador.

Num único mês, o de Abril depois das eleições legislativas de 28 de Março que deram a vitória aos partidos de direita, foram mortos 805 civis. Em Maio, o número de vítimas foi de 375 acrescenta o documento.

O texto afirma ainda que o número de vítimas da guerrilha se elevou a 9, no mesmo período. Segundo o «Socorro Jurídico Cristão» estes números foram recolhidos nos jornais salvadoreños, junto de comunidades cristãs e através de testemunhos directos.

Greves na África do Sul

Assassinados mais dois mineiros negros

Dois mineiros negros morreram terça-feira à noite em novos incidentes numa mina de ouro do Transval, na África do Sul.

O balanço dos mortos que se têm registado em várias minas desde quinta-feira passada, e que envolvem 27 mil mineiros, eleva-se a nove mineiros mortos e cerca de 100 feridos.

A semana passada, a Polícia e os serviços de segurança das minas dispararam contra os grevistas. Na noite de terça-feira, a Polícia sul-africana lançou gás lacrimogénico contra os grevistas.

A calma parecia ter voltado na quarta-feira às minas, mas a situação continua tensa. Muitos mineiros recusam voltar ao trabalho.

O mineiros negros estão descontentes com os aumentos propostos pela direcção das minas, que consideram insuficientes em

relação à taxa de inflação na África do Sul em 1981.

Pelo menos um milhar de mineiros negros começou ontem a ser «enviado para casa», pelas companhias mineiras sul-africanas, depois de novos actos de agitação na cintura de ouro de Joanesburgo.

Um representante do grupo proprietário das minas disse que cerca de dois mil mineiros estão cercados pela Polícia na mina de Kloof, 50 quilómetros a ocidente de Joanesburgo.

O mesmo funcionário afirmou que centenas de mineiros tinham queimado, uma loja, tambores de combustível e uma paragem de autocarro terça-feira à noite, danificando motocicletas e apedrejando automóveis.

O porta-voz do grupo indicou que os dois mil mineiros de Kloof poderão vir a ser «enviados para casa» ainda hoje.

Apelo da SACTU

O Congresso Sindical sul-africano (SACTU) pediu ontem aos trabalhadores negros da África do Sul que apressassem a formação de sindicatos independentes que lutem por melhores condições de vida.

Numa declaração divulgada em Maputo, o SACTU acusa o Governo sul-africano de ter morto oito mineiros na sexta-feira passada.

O SACTU, que apoia o Congresso Nacional Africano (ANC), afirma que a Polícia e as tropas receberam ordens para esmagar o espírito de luta dos mineiros.

A Federação sindical diz que o Governo de Pretória tenta controlar os sindicatos por meio de medidas legislativas e incita os trabalhadores a recusarem o registo oficial nas entidades sindicais legalmente existentes.

Incêndio em Barcelona

Paisagem lunar nos arredores da capital catalã

Vastas zonas dos arredores de Barcelona apresentam um aspecto lunar, devido aos focos de incêndio que desde segunda-feira destroem a floresta em redor da capital catalã. O balanço do sinistro é já elevado. Hectares de florestas destruídas, residências reduzidas a cinzas, animais mortos por asfixia.

Na zona de Castelldefels, 60 residências foram pasto das chamas, e mais de 5000 hectares de floresta e terra de cultivo, completamente destruídos.

Na área compreendida entre Regues e o maciço de Garraf, onde se situa um Parque Nacional, a desolação é completa. O fogo não poupou árvores, e o emissor da televisão espanhola ali colocado esteve em perigo.

Entre Saint Quirz e Anoia, quinze povoações estiveram cercadas pelo fogo. As 50 freiras de um convento da área tiveram que ser evacuadas de urgência.

Por outro lado, na estrada de Quaba a Begues, a paisagem lunar, árvores queimadas, ausência de

verde, pedras chamuscadas, é uma constante.

A somar à destruição da floresta, milhares de animais morreram por asfixia.

Entretanto, em contacto telefónico com Neves de Sousa enviado especial do «DL» ao Mundial de Futebol e que se encontra em Barcelona apuramos que, segundo os serviços do Governo autónomo, o incêndio poderá ser extinto ao fim da tarde de hoje, se novos focos criminosos não se reacenderem.

Sobre este ponto, a imprensa espanhola é unânime: de acordo com fontes policiais já teriam sido presos alguns incendiários.

Entretanto, na cidade de Barcelona, que viveu estes dias sob uma espessa camada de fumo e um calor sufocante, o descontentamento, pela falta de meios de combate ao fogo, é a nota comum.

No entanto, dez aviões «Canadair», especialmente concebidos para combate a incêndios hidro-aviões, avionetas e helicópteros civis

e militares, a totalidade dos efectivos dos corpos dos bombeiros, da guarda florestal, auxiliados ainda por elementos do exército, travam desde segunda-feira um duro combate com as chamas.

Ainda segundo informações recolhidas directamente de Barcelona, não se registaram feridos entre os elementos que combatem o incêndio, embora, na tarde de ontem, na região delimitada pelas localidades de Urllastrell e Vila de Cadells, uma avião militar se tenha despenhado na área do incêndio. A tripulação não sobreviveu.

Entretanto, a vaga de calor que tem atingido a Espanha, e que tem ajudado à propagação das chamas, ameaça continuar. Segundo os serviços meteorológicos a corrente de ar quente provém do Sara. As 12 horas locais de hoje a temperatura em Barcelona era já de 40°. Ontem as máximas por toda a Espanha situaram-se sempre acima dos 37°. Em Lleida a máxima foi de 42°, logo seguida pelos 41 graus centígrados que afligiram a população de Pamplona.

24 horas

ILHAS MAURÍCIAS — O novo programa de Governo das Ilhas Maurícias prevê a proclamação da República, deixando a rainha da Inglaterra de ser o chefe desse Estado do Índico — anunciam ontem as agências soviéticas TASS e Novosti. Um tal projecto foi incluído no programa agora apresentado na primeira sessão da nova Assembleia Legislativa pelo Governo de Amerud Jugnauth, presidente do Movimento Militante Mauriciano (MMM). Algumas empresas privadas vão ser nacionalizadas, ao mesmo tempo que se tomarão medidas para garantir emprego a toda a população, desenvolver o papel dos sindicatos na vida política e económica do país e democratizar os sistemas de saúde e ensino — diz o programa de Governo apresentado à Assembleia Legislativa, dominada por forças de esquerda.

SEGURANÇA NA FRONTEIRA

— O primeiro-ministro da Papua/Nova Guiné, Julius Chan, apelou ontem para tomada de medidas urgentes que garantam a segurança da fronteira entre o seu país e a Indonésia. A declaração surge dois meses depois da Indonésia ter feito a primeira de pelo menos oito incursões mili-

tares contra aquilo que classifica como santuários da guerrilha no interior da Papua/Nova Guiné.

Julius Chan afirmou que o seu país «está determinado a por fim às passagens ilegais através da fronteira, quer de guerrilheiros, quer de soldados indonésios em missões de retaliação».

DOIS MEMBROS

— Da organização separatista basca ETA foram condenados hoje a um total de 324 anos de prisão por serem considerados responsáveis pela morte de seis guardas civis. Trata-se de Angel Goicoechea e Francisco Echeverria, condenados a 27 anos por cada uma das penas de homicídio. Os seis guardas foram mortos em 1 de Fevereiro de 1980 nos arredores de Visvaina de Ispaster quando escoltavam um veículo de uma fábrica de armas, que foi atacado por um grupo liderado pelos dois homens agora condenados.

DESPESAS MILITARES

— O gabinete federal alemão aprovou, quarta-feira, um aumento de 4,1 pc dos créditos do ministério da Defesa para 1983, anunciou o ministro das Finanças, Manfred Lahnstein. «Este aumento, assinalou o ministro, numa conferência de imprensa, representa mais do dobro do aumento de 1,9 pc do orça-

mento federal decidido pelo governo. Os créditos do ministério da Defesa passam para 46 milhões de marcos em 1983, contra 44,2 mil milhões de marcos em 1982. Correspondem a cerca de 4/5 das despesas militares definidas pela NATO, e que são repartidas por diversos orçamentos na planificação financeira alemã federal.

POLÓNIA

— Dois deputados denunciaram, esta semana, na reunião plenária do Parlamento, em Varsóvia, perante o general Jaruzelski, as «violações» da lei e a «discriminação» da administração «por motivos políticos» em relação aos polacos residentes no estrangeiro. Edmundi Osmanczyk, publicista de renome e deputado sem partido da circunscrição de Opole (sudoeste), atacou em particular o executivo, que censurou por ter onduzi-do na prática judicial a noção de «responsabilidade colectiva», o que, salientou, «não tem a mínima base jurídica».



MANIFESTAÇÃO EM PEQUIM — Vinte e quatro técnicos e estudantes estrangeiros manifestaram-se ontem em Pequim em sina

de protesto contra a corrida aos armamentos dos dois «super grandes» os Estados Unidos e a União Soviética. Esta manifestação pacífica a primeira deste género alguma vez

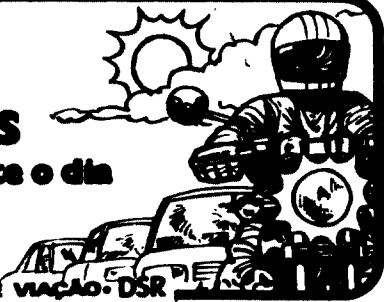
organizada na China, congregou cidadãos de 6 países, enquadrados por um impressionante serviço de ordem chinês. O cortejo destilou até às Embaixadas da URSS e dos Estados Unidos onde foram entregues moções convidando as duas «maiores potências do mundo» a utilizar a sua influência para se chegar a um desarmamento mundial.

«POLÍTICA DIABÓLICA» — Quatro americanos, entre os quais se encontra um padre, iniciaram ontem uma manifestação silenciosa na embaixada americana em San Salvador, para protestarem contra a continuação da ajuda americana a El Salvador. Os manifestantes — dois homens e duas mulheres — indicaram quando saíram da embaixada, ao fim da tarde, que «a política americana na região é diabólica» e que, «por motivos religiosos», pensavam que a ajuda económica e militar americana a El Salvador servia para encobrir os crimes perpetrados pelo regime, entre os quais o assassinato de quatro religiosos americanos.

ATENTADOS NAS HONDURAS — Os atentados à bomba, que no domingo destruíram as duas principais centrais eléctricas de Tegucigalpa, foram da responsabilidade de «forças estranhas ao país» — afirmou na 4.ª feira o governo hondure-

nho. O comunicado oficial desmente notícias segundo as quais o estado de urgência poderia vir a ser decretado após estes actos de sabotagem. «O estado de sítio não será decretado, visto as relações entre o povo e o governo serem excelentes», afirma o comunicado.

motociclista
**ACENDA
OS MÉDIOS**
mesmo durante o dia



DIRECÇÃO-GERAL DE VIAÇÃO-DSR

exclusivo

Retábulo Andino um mestiço ibero-americano

Palmiro Gómez

Prensa Latina

LIMA — Os eruditos não chegam a acordo sobre se houve uma simbiose, uma mescla, ou simplesmente uma justaposição entre as culturas hispânica e índia, mas o resultado é visível em cada país da América Latina.

No Peru, o retábulo é a expressão deste fenómeno, o caixão ou «san-marcos», no qual a herança religiosa espanhola, sob a influência do panteísmo inca, se transformou em obra de arte popular de características singulares.

Talvez mais famoso de todos os retabulistas, Joaquim López Antay, provocou um cataclismo nos mais altos círculos artísticos e literários do país, quando recebeu, em 1977,

o Prémio Nacional de Artes Plásticas, até hoje reservado a pintores ou escultores que seguem as normas ocidentais.

Hoje, quando, com 84 anos, López Antay luta contra a doença num hospital de Lima, o reconhecimento da sua importância manifestado pela imprensa e pelas visitas que recebe prova que não se enganaram aqueles que o galardoaram.

No entanto, como todo o artista popular, López Antay é apenas um dos muitos e conhecidos criadores existentes ao longo dos Andes, muito especialmente nas zonas de Ayacucho e Cuzco, que continuam a fabricar retábulos.

Este caixão, com duas portas à maneira de portadas, geralmente feito de madeira e cheio de pequenas mas minuciosas figurinhas, que en-

trou como elemento essencial nas festividades e lares andinos, foi na sua origem nitidamente espanhol e católico.

Começou, na realidade, como altar portátil, que os sacerdotes espanhóis levaram em mulas durante as suas peregrinações pelas mais afastadas aldeias índias.

Ao ser colocado na vertical sobre uma mesa e abertas as portadas, servia como altar para os ofícios religiosos e como instrumento de catequese, uma vez que tinha pintadas no seu interior três imagens religiosas. Conservam-se ainda alguns retábulos coloniais com essas características.

Pouco a pouco, no entanto, houve que recorrer a artistas nativos para os pintar e estes incorporaram não só a sua concepção particular dos santos, como também transformaram as pinturas em esculturas, acrescentando-lhes representações da actividade que se supunha protegida pela imagem.

São Marcos, a quem os retábulos andinos devem o seu nome: Lucas

Para os povos dos Andes, esses membros do hagiológico católico eram fundamentalmente protectores do gado, fosse ele vacas, ovelhas ou cabras, ou de um ofício determinado.

Os retábulos andinos também introduziram uma divisão no caixão central, aparentemente incorporando a concepção inca dos dois mundos: *hatum* (superior) e *hurun* (inferior).

Na parte de cima, continuaram a colocar esculturas religiosas, mas cada vez mais elaboradas e acompanhadas por animais americanos, como o condor, a «viscachas», a perdiz e a raposa.

Na zona inferior, que com o tempo se multiplicou até compreender três ou quatro pisos, os artistas populares começaram a representar cenas da vida rural, principal da ferragem ou marcação do gado das altas planuras andinas.

O retábulo era efectivamente um elemento importante nessa

era dado pelos «wamani» (deuses da montanha) e «apachetas» (montões de pedras onde se colocavam as oferendas a esses deuses).

Em muitos retábulos é possível ver as principais personagens da ferragem: o patrão, ou dono do gado; a sua esposa e outras mulheres, dedicadas a cozinhar ou a outros trabalhos; «peones» e até um ladrão de gado atado a um poste, bem como animais domésticos.

Noutros, o motivo varia, desde uma procissão religiosa até actividades camponesas ou urbanas, como uma oficina de sombrinhas, uma padaria ou uma festa.

A caixa, de 15 a 60 centímetros de altura, dez a 40 de largura e com cinco ou dez centímetros de fundo, também evoluiu. A pintura ou a talha das portadas foi substituída por flores estilizadas, pintadas com cores vivas que a gente andina ama.

As figurinhas, até 40 em cada

tém em segredo, mas que contém batata.

López Antay que aprendeu o ofício com o seu avô, aos 15 anos, transmitiu-o ao seu filho Mardonio e ao seu neto Alfredo. Todos eles nascidos em Ayacucho, uma cidade situada no meio dos Andes, a 575 quilómetros a Sueste de Lima.

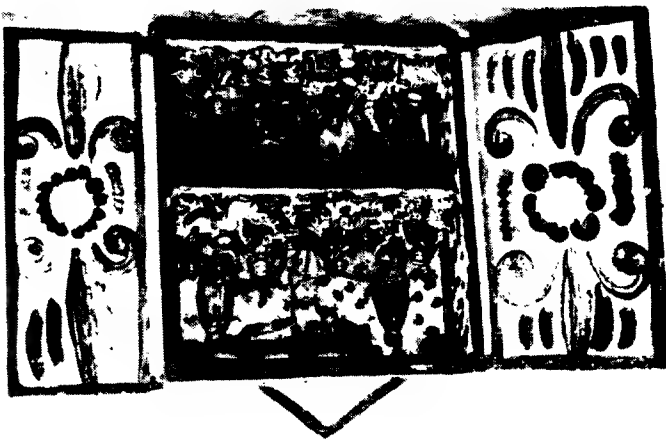
Ayacucho distingue-se por ser um centro de cultura folclórica. Os seus ourives de prata e teceções são famosos, não só no Peru como no estrangeiro. Os retábulos de López Antay também figuram em colecções da França, Alemanha, Grã-Bretanha, Estados Unidos e outros países.

Uma recente exposição de retábulos, patrocinada pelo Banco Estatal de Indústrias, mostrou que a arte do retabulista não só está viva, como também sofre evoluções sem perder a sua qualidade.

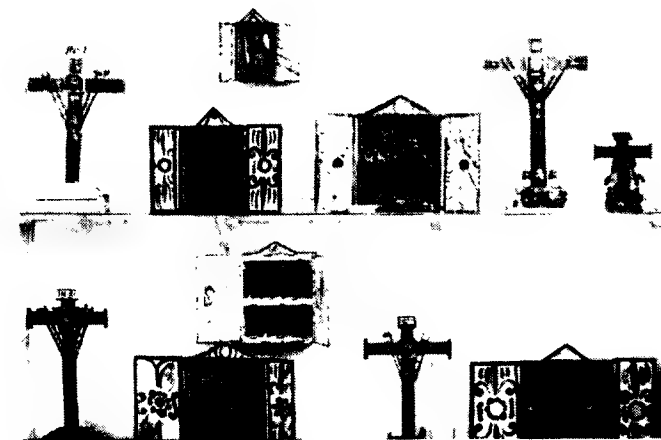
Os cuzquenhos Máxima Pa-



Esta foto de Jesus López Antay, actualmente com 84 anos, está exposta no Museu Nacional da Cultura, em Lima



Retábulo andino de López Antay



Obras da imaginação popular

ou João, entre os evangelistas; São Tiago, o patrono de Espanha, adoptado por muitos povos andinos; Santa Rita, Santo António e algumas virgens foram, assim, incorporadas à imaginética do retábulo.

actividade, que os índios celebravam como uma festa anual. Ali, onde há muito não vão sacerdotes, o «caixão São Marcos» levava o elemento místico que antes da chegada dos espanhóis

retábulo, eram feitas a princípio com pedra de *huamanga*, um material duro mas poroso. Agora, são fabricadas com uma pasta que cada artista fabrica segundo um processo que man-

temino e Hilario Mendivil, o costenho Zamora Corcuera e diversos ayacuchos, como Jesus Urbanos, Jerónimo Lozano e Luiz Bernaldo, são apenas alguns dos mais eminentes.

Venezuela

Polémica sobre o petróleo

Oscar Perdomo Marín

O debate à volta da diminuição de milhões aos rendimentos petrolíferos da Venezuela continua a polarizar a opinião pública.

A oposição política está de acordo em que o país pode estar à beira da crise financeira se não se adoptarem medidas administrativas para a quebra de rendimentos, que se calculam ser este ano entre os 2300 milhões de dólares e os 4300, aproximadamente.

Continuam a flutuar nos círculos políticos as recentes declarações do presidente Luís Herrera Campins, negando a existência de uma crise económica no país, desprezando as expressões de pânico de alguns sectores influentes do mundo político e empresarial privado e apelando para a austeridade entre os venezuelanos.

Como elemento novo, entrou no debate a subtil sugestão do senador González Barrios, presidente do Partido de Acção Democrática (AD), na oposição, no sentido de os titulares da Energia, Humberto Calderón, e do Fomento, Luís Ugueto, serem destituídos,

como responsáveis da actual situação económica, ao pecarem por imprevidência no delineamento das políticas específicas.

«Num país onde as responsabilidades políticas se exercem com maior rigor, Ugueto e Calderón já não seriam ministros», disse Barrios à imprensa local.

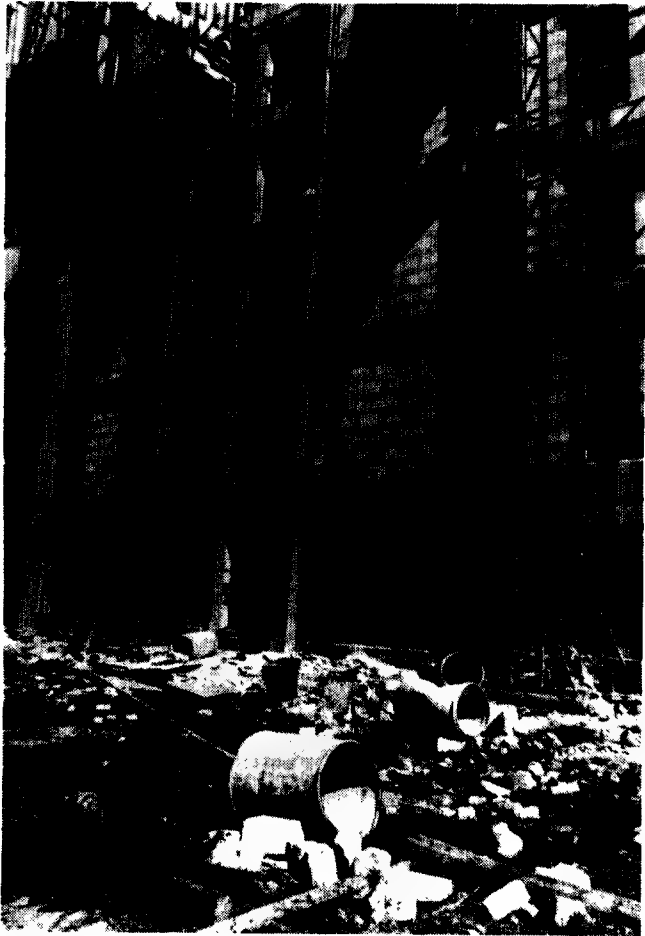
A produção e exportação petrolíferas, segundo os últimos números oficiais, baixaram de 530 mil barris para 256 mil diários, em média, respectivamente.

O ministro Calderón afirmou, depois de ser interrogado por uma comissão parlamentar, que cada 100 mil barris diários a menos significam a redução de rendimentos de cerca de 1600 milhões de bolívares (cerca de 850 milhões de dólares).

Calderón não pôde ser mais eloquente ao exprimir a preocupação oficial perante a diminuição dos rendimentos, que obriga agora o Estado a reduzir preliminarmente cinco mil milhões de bolívares ao orçamento (cerca de 2200 milhões de dólares).

Novo sistema abrange três modalidades

Definidas as condições de crédito à construção no sector cooperativo



Três diplomas do Ministério da Habitação, Obras Públicas e Transportes, hoje publicados na folha oficial, estabelecem respectivamente o regime de financiamento à construção do sector cooperativo, o regime de financiamento ao sector cooperativo para fomento habitacional no regime de propriedade colectiva e o regime de financiamento à aquisição de habitação própria pelos associados das cooperativas de habitação em regime de propriedade individual.

Na primeira modalidade, a Caixa Geral de Depósitos, a Companhia Geral do Crédito Predial Português e a Caixa Económica de Lisboa (Montepio Geral) ficam autorizados a conceder empréstimos com bonificação de juros a cargo do Estado, ao abrigo do disposto no presente diploma, no âmbito do financiamento integrado para a promoção habitacional do sector cooperativo. Para beneficiar dos financiamentos as cooperativas de habitação de qualquer grau que inscrevam entre os seus fins a promoção habitacional, destinando-se os empréstimos à aquisição de terrenos, à construção de infra-estruturas, à construção de habitações e equipamentos complementares, quando integrados nas edificações às despesas com projectos, administração e encargos indirectos.

Constituem condições de

acesso ao financiamento a informação de que a cooperativa exerce a sua actividade de acordo com os princípios cooperativos e de quem tem a contabilidade regularmente organizada; a informação de que os reembolsos de eventuais empréstimos anteriormente concedidos estão a ser regularmente amortizados pela entidade mutuária; a abertura de contas de depósitos poupança-habitação nos termos do Decreto-Lei n.º 266/82, de 8 de Julho; e a apresentação da acta da assembleia geral, nos termos do artigo 6.º do Decreto-Lei n.º 218/82, de 2 de Junho.

Na segunda modalidade podem beneficiar dos empréstimos as cooperativas de habitação que sejam co-titulares de depósitos de poupança habitação. Quando a construção das habitações for promovida por iniciativa das cooperativas, deverá proceder-



-se à abertura de depósitos de poupança-habitação antes de celebrado o contrato de financiamento à construção nos termos do Decreto-Lei n.º 264/82.

Finalmente, na terceira modalidade os empréstimos estão sujeitos ao regime do sistema de poupança-habitação definido pelo Decreto-Lei n.º 340/81, de 11 de Dezembro, a legislação complementar, com as alterações constantes do presente diploma. As alterações mais

significativas que foram introduzidas referem-se à titularidade das contas de depósito poupança, que caberá conjuntamente às cooperativas e aos seus associados, bem como a possibilidade do acesso aos financiamentos destinados à aquisição de habitação construídas ao abrigo do Decreto-Lei n.º 264/82, se poderem efectuar logo que os fogos estejam concluídos, independentemente de os depósitos de poupança terem atingido o saldo mínimo exigido.

Vila Viçosa

Parque industrial criará 4500 postos de trabalho

ÉVORA, 8 — O parque industrial de Vila Viçosa, empreendimento a concretizar nos próximos 12 anos, custará cerca de 800 milhões de escudos — revelou o presidente da edilidade calipolense.

Miguel Rodrigues afirmou à ANOP que o parque irá ocupar uma área bruta de 40 hectares, na qual serão instaladas 117 unidades industriais, na sua maioria de transformação de mármore.

Acrescentou que a primeira das três fases do empreendimento, cujo custo está estimado em 300 milhões de escudos, deverá estar concluída até Dezembro de 1984. Quando estiver

em pleno funcionamento, o parque irá criar cerca de 4500 postos de trabalho, sendo apoiado por um centro de formação pro-

fissional virado, fundamentalmente, para a indústria de mármore.

Os investimentos públicos a efectuar no parque serão subsidiados pela CEE e compreendem, ainda, a construção de 93 pavilhões, redes de água e esgotos, sala de conferências, refeitório e cantina, bem como um centro de medicina do trabalho.

Este empreendimento visa, sobretudo, um melhor aproveitamento dos mármore da região de Vila Viçosa, Borba e Estremoz, cujas reservas estão estimadas em mais de mil anos, ao ritmo actual de exploração.

Venezuela poderá não respeitar acordos da OPEP

A Venezuela ameaçou ontem que não voltaria a respeitar o acordo de limitação da produção da OPEP se todos os países membros — incluindo o Irão — não o observassem.

«Não pode haver duas categorias de países membros. Se um país não respeita os acordos (da OPEP), sentir-nos-emos livres para fazer o que queremos», disse em Viena, Humberto Calderon Berti, ministro venezuelano da Energia e das Minas.

A Venezuela produz actualmente 1,5 milhões de barris por dia e como salientou Berti foi a Venezuela o país que mais reduziu a sua produção (menos 360 000 b/d) após o acordo de Viena de Março último.

No entanto, acrescentou Berti, que se todos os países membros que vão reunir-se amanhã em conferência extraordinária em Viena, «decidirem que a quota do Irão vai ser aumentada, então poderemos discutir».

Novo sistema de produção de electricidade

Os responsáveis pelo abastecimento de água da cidade portuária de Yokosuka, situada 60 km ao Sul de Tóquio, anunciaram a criação dum novo sistema de produção de electricidade que permite economizar energia, sistema esse que se baseia na utilização das variações de pressão da água nas canalizações que percorrem a cidade.

A água contida numa canalização permite produzir 20 quilowatts/hora, ou seja, a quantidade necessária para iluminar um jardim público.

Os engenheiros desta cidade japonesa calculam que cada instalação custará cerca de 7 milhões de ienes, qualquer coisa como 224 mil escudos.

EUA tentam solucionar exportação do aço europeu

O secretário do Comércio americano, Malcom Baldrige, deixou Washington na noite de quarta-feira, com destino a Bruxelas, a fim de tentar encontrar uma solução para o problema das exportações europeias de aço para os Estados Unidos, informa a ANOP.

Baldrige, que é acompanhado pelo subsecretário do Comércio, Lionel Olmer, terá conversações com Etienne Davignon, membro da comissão da CEE para as questões industriais.

Segundo um porta-voz do departamento do Comércio, Baldrige «espera explorar» as possibilidades de pôr termo aos processos tentados nos Estados Unidos contra os produtores europeus por venderem os seus aços no mercado americano a preços de «dumping» ou a preços subsidiados.

DURANTE 30 DIAS OFERECEMOS

leia com ATENÇÃO

e... VISITE-NOS

antes de decidir a compra do seu móvel, e verifique quanto economiza

SALÕES DE EXPOSIÇÃO (Fábricas Porto e Lisboa)

ALVERCA — R. Proj. à Cap. Meleças, lote 1 (junto às Escolas) • Codex 2615 • Telef. 258 24 03.

LISBOA — R. Luciano Cordeiro, 18-A (entre o Conde Redondo e o C. Santana).

LISBOA — Estr. Benfica, 174 (a 500 m Sete Rios) • Codex 1500 • Telef. 78 05 99.

ALMADA — Av. 25 de Abril, 45 • Codex 2800 • Telef. 276 90 01.

As lojas de Lisboa estão abertas aos sábados de tarde.

EM ALMADA, SECÇÕES DE SUPERSALDOS NO 1.º ANDAR



ESTANTE CANTO, LUXO 58 500500



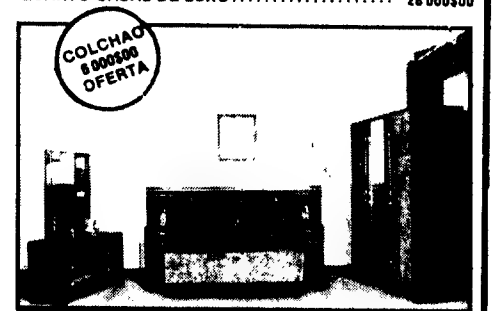
ANCA 18 950500



QUARTO CASAL LACADO 19 900590



QUARTO CASAL DE LUXO 28 000500



QUARTO C/ RADIO, FORRADO A VELUDO 47 500500

A MAIOR ORGANIZAÇÃO DO PAÍS

«VENDIMERCA — COMÉRCIO E INDÚSTRIA E REPRESENTAÇÕES, LIMITADA»

TERCEIRO CARTÓRIO NOTARIAL
DE LISBOA
NOTÁRIO: LIC. ANTÓNIO MANUEL
RODRIGUES HESPAHNA

Certifico para efeito de publicação que por escritura lavrada em 31 de Maio do corrente ano de folhas 78 a 79 verso do livro de notas para escrituras diversas n.º C-102 deste Cartório — João Oliveira Pedralva, Ana Rodrigues Baccelar Pedralva e António Manuel Baccelar de Oliveira Pedralva, como únicos sócios da sociedade com a denominação supra com sede na Avenida Almirante Reis, n.º 25, 2.º andar direito, na Freguesia dos Anjos de Lisboa, alteraram os artigos 2.º e 5.º do pacto social, que passaram a ter a seguinte redacção:

«SEGUNDO: O objecto da sociedade é o comércio de artigos eléctricos, por conta própria e representações, comissões, consignações e exportações, o fabrico de «abat-jours» e candeeiros ou

qualquer outra actividade comercial ou industrial permitida por lei.»

«QUINTO: A gerência e administração da sociedade ficam a cargo de todos os sócios desde já nomeados gerentes com dispensa de caução e com ou sem remuneração conforme for deliberado em assembleia geral, bastando a assinatura de um só gerente para representar a sociedade e a obrigar, activa e passivamente, nos seus actos e contratos. Porém em trespasses de estabelecimentos da sociedade, na concessão de exploração desses estabelecimentos e para obrigar a sociedade como devedora em empréstimos é necessária e bastante a assinatura do gerente João Oliveira Pedralva ou, em alternativa, a assinatura em conjunto dos dois restantes gerentes.»

Está conforme no original.

Lisboa, 9 de Junho de 1982.

O AJUDANTE DO CARTÓRIO,
Heitor Nunes dos Santos Pereira

S. R. MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA, ENERGIA E EXPORTAÇÃO SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA E MINAS Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos EDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei N.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção de Fiscalização Eléctrica do Sul, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo, 81-3.º, e na Secretaria da Câmara Municipal do Concelho de Alenquer, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes editos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal — EDP, Direcção de Distribuição Tejo, a que se refere o processo n.º 1/5873, arquivo 9, para o estabelecimento no concelho de Alenquer, de uma linha aérea a 30 kV, n.º 3149, com 2606 m, do poste n.º 30 da linha n.º 3141 ao poste n.º 72 A da linha n.º 3106, em Santo Estêvão.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção de Fiscalização Eléctrica, ou na Secretaria daquela Câmara Municipal, dentro do citado prazo.

Direcção de Fiscalização Eléctrica do Sul, em 24 de Junho de 1982

O Engenheiro Director
João Carlos Oudinot Larcher Nunes

GRUPO RECREATIVO ÁGUIAS DOS OLIVAIS SUL

Faço público que, por escritura de 4 de Maio corrente, exarada de fl. 43 v.º a fl. 45 do livro n.º 196-E das notas do 16.º Cartório Notarial de Lisboa, a cargo do notário licenciado Fernando Lopes Correia Semedo, foi constituída a associação em epígrafe, com sede na Rua de Almada Negreiros, lote 452, freguesia de Santa Maria dos Olivais, concelho de Lisboa, sendo o seu objecto a promoção cultural dos sócios, através da educação cultural, física e desportiva, e acção recreativa, visando a sua formação humana integral, encontrando-se aberta a pessoas de ambos os sexos.

A sua duração é por tempo indeterminado.

Podem ser admitidos como sócios da

associação qualquer cidadão cujo propósito, ou propósitos, se responsabilize pelo seu comportamento moral e cívico.

A eliminação por falta de pagamento de quotas será da competência da direcção e a expulsão será da competência da assembleia geral e verificar-se-á após processo disciplinar devidamente organizado.

Está conforme, não havendo nada que modifique, condicione ou restrinja a parte transcrita.

16.º Cartório Notarial de Lisboa, 31 de Maio de 1982.

A Escriturária Superior,
Maria Beatriz Reis Costa

À CLASSE MÉDICA

Somos especializados em BATAS profissionais
TINTURARIA GUANABARA — Dep. de Confeccões

Av. João XXI 5-D - 1000 (Metro Areeiro)
Rua Infância 16. 55-C - 1300 LISBOA

S. R. MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E ENERGIA E EXPORTAÇÃO SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA E MINAS Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos EDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do Art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção de Fiscalização Eléctrica do Sul, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo, 81-3.º, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes editos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal — EDP, Direcção de Distribuição Tejo, a que se refere o processo n.º 1/5922, Arquivo 9, para o estabelecimento no concelho do Cartaxo, de uma linha aérea a 30 kV, n.º 3118/R-11, com 195 metros do poste n.º 7, da linha n.º 3118 (antiga n.º 109/R-8), ao posto de transformação n.º 2808-C, da Sociedade Agrícola Cruz do Campo, SARL, em Cruz do Campo.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção de Fiscalização Eléctrica, dentro do citado prazo.

Direcção de Fiscalização Eléctrica do Sul, em 24 de Junho de 1982.

O ENGENHEIRO DIRECTOR

João Carlos Oudinot Larcher Nunes

S. R. MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA, ENERGIA E EXPORTAÇÃO SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA E MINAS Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos EDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei N.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção de Fiscalização Eléctrica do Sul, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo, 81-3.º, e na Secretaria da Câmara Municipal do Concelho de Alenquer, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes editos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal — EDP, Direcção de Distribuição Tejo, a que se refere o processo n.º 1/5802, arquivo 9, para o estabelecimento no concelho de Alenquer, de uma modificação da linha aérea a 30 kV, n.º 3104 com a montagem de um troço aéreo com 3941 m, do PS n.º 5506 em Santo Estêvão ao poste n.º 22 (antigo n.º 12).

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção de Fiscalização Eléctrica, ou na Secretaria daquela Câmara Municipal, dentro do citado prazo.

Direcção de Fiscalização Eléctrica do Sul, em 25 de Junho de 1982

O Engenheiro Director

João Carlos Oudinot Larcher Nunes

S. R. MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA, ENERGIA E EXPORTAÇÃO SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA E MINAS Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos EDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei N.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, está patente na Direcção de Fiscalização Eléctrica do Sul, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo, 81-3.º, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes editos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal — EDP, Direcção de Distribuição Tejo, a que se refere o processo n.º 1/5916, arquivo 9, para o estabelecimento na freguesia de Santo Isidoro, concelho de Mafra, de uma linha aérea a 10 kV, n.º 1275/R-12 com 331 m, do poste n.º 10 da linha n.º 1275/R-4 ao PT n.º 2779-C de Palavra da Vida em Lagoa.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção de Fiscalização Eléctrica, dentro do citado prazo.

Direcção de Fiscalização Eléctrica do Sul, em 25 de Junho de 1982.

O ENGENHEIRO DIRECTOR,

(João Carlos Oudinot Larcher Nunes)

S. R. MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA, ENERGIA E EXPORTAÇÃO SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA E MINAS Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos EDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do Art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção de Fiscalização Eléctrica do Sul, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo, 81-3.º, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes editos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal — EDP, Direcção de Distribuição Tejo, a que se refere o processo n.º 1/5882, Arquivo 9, para o estabelecimento no concelho de Torres Vedras, de uma linha aérea a 10 kV n.º 374/R-43, com 362 m, do poste n.º 12 da linha n.º 374 ao PT n.º 2755-C dos Serviços Municipalizados da CM de Torres Vedras, no Casal do Inocência.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção de Fiscalização Eléctrica, dentro do citado prazo.

Direcção de Fiscalização Eléctrica do Sul, em 23 de Junho de 1982.

O ENGENHEIRO DIRECTOR

João Carlos Oudinot Larcher Nunes

S. R. MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E ENERGIA E EXPORTAÇÃO SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA E MINAS Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos EDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei N.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção de Fiscalização Eléctrica do Sul, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo, 81-3.º, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes editos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal — EDP, Direcção de Distribuição Tejo — Centro Oeste, a que se refere o processo n.º PT-4989-1/2, arquivo 9, para o estabelecimento no concelho de Sintra, de uma linha mista a 10 kV, n.º 1615/R-12 com 411 metros, do poste n.º 63, da linha n.º 1615, ao P.T.S. N.º 4989, no Largo Rodrigues de Freitas.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção de Fiscalização Eléctrica, dentro do citado prazo.

Direcção de Fiscalização Eléctrica do Sul, em 28 de Junho de 1982.

O Engenheiro Director

João Carlos Oudinot Larcher Nunes

S. R. MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E ENERGIA E EXPORTAÇÃO SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA E MINAS Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos EDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei N.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção de Fiscalização Eléctrica do Sul, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo, 81-3.º, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes editos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal — EDP, Direcção de Distribuição Tejo, a que se refere o processo n.º 1/5866, arquivo 9, para o estabelecimento no concelho de Torres Vedras, de uma linha aérea a 10 kV n.º 354 R/28 com 404 metros, do poste n.º 30 da linha n.º 354 ao posto de transformação n.º 2741-C dos Serviços Municipalizados da Câmara Municipal de Torres Vedras, em Casal do Outeiro.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção de Fiscalização Eléctrica, dentro do citado prazo.

Direcção de Fiscalização Eléctrica do Sul, em 24 de Junho de 1982

O Engenheiro Director

João Carlos Oudinot Larcher Nunes

S. R. MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E ENERGIA E EXPORTAÇÃO SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA E MINAS Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos EDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do Art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção de Fiscalização Eléctrica do Sul, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo, 81-3.º, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes editos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal — EDP, Direcção de Distribuição Tejo, a que se refere o processo n.º PT 5719-1/1, Arquivo 9, para o estabelecimento no concelho de Torres Vedras, de uma modificação da linha aérea a 10 kV, n.º 369/R-2 (antiga linha para o PT n.º 457-C) com a montagem de um troço aéreo com 287 m, entre os postes n.ºs 1 e 3 (antigo n.º 4) e passando a ser seccionada no PS n.º 5719.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção de Fiscalização Eléctrica, dentro do citado prazo.

Direcção de Fiscalização Eléctrica do Sul, em 24 de Junho de 1982.

O Engenheiro Director

João Carlos Oudinot Larcher Nunes

S. R. MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E ENERGIA E EXPORTAÇÃO SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA E MINAS Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos EDITOS

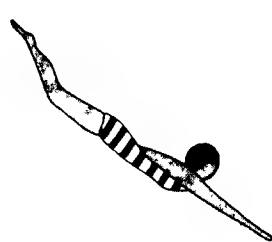
Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei N.º 16 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção de Fiscalização Eléctrica do Sul, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo, 81-3.º, e nas secretarias das Câmaras Municipais dos Concelhos de Mação, Proença-a-Nova, Vila Velha de Ródão e Castelo Branco, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes editos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal — EDP, Direcção de Distribuição Tejo, a que se refere o processo n.º 1/2342, arquivo 95, para o estabelecimento nos concelhos de Mação, Proença-a-Nova, Vila Velha de Ródão e Castelo Branco, de uma linha aérea a 60kV com 39.396 metros, entre a subestação de Pracana e a subestação de Castelo Branco II.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção de Fiscalização Eléctrica, ou nas secretarias daquelas câmaras municipais, dentro do citado prazo.

Direcção de Fiscalização Eléctrica do Sul, em 25 de Junho de 1982.

O ENGENHEIRO DIRECTOR,

(João Carlos Oudinot Larcher Nunes)



NÃO
dê saltos
em locais
que
desconhece

DESPORTO

ponta esquerda



Pedroto quer Eurico nas Antas

Eurico provável nas Antas

Eurico, o ex-sportinguista, alinhará muito possivelmente esta época no FC Porto. Ontem, o jogador encontrou-se com o presidente do FC Porto, Jorge Nuno Pinto da Costa e apesar de não se conhecer ainda nada definitivo sobre uma possível entrada de Eurico para as Antas a hipótese fica em aberto. Recordar-se que Eurico chegou a estar muito perto do Benfica mas o actual impasse directivo na Luz poderá afastar definitivamente o ex-sportinguista da Luz.

Sporting para a Bulgária

O Sporting abriu ontem a sua «oficina» para as habituais inspeções médicas de início de época. Amanhã, será, por outro lado, o dia da partida para a Bulgária onde identicamente ao ano passado a equipa leonina passará três semanas em estágio.

Marítimo: travar o passo ao Varzim

O Marítimo venceu o Varzim por 1-0, em jogo do torneio de apuramento do campeão da segunda divisão de futebol no Estádio dos Barreiros, Funchal.

O Varzim manteve o comando com seis pontos, seguido do Marítimo com quatro e do Alcobaca com zero pontos.

O torneio termina domingo com a realização do jogo Marítimo-Alcobaca.



Manuel Oliveira: treinador que ensina futuros...

Manuel de Oliveira dá curso

Cerca de 40 candidatos a treinador participam num curso de técnicos de futebol que está a decorrer em Ponta Delgada e que se prolonga até ao dia 19.

O curso, que teve início dia 5, tem como director o futuro treinador do Vitória de Setúbal, Manuel de Oliveira.

Trata-se da primeira iniciativa do género que se realiza nos Açores, nela participando também os treinadores e técnicos de futebol António Medeiros, Henrique Calisto, José Coelho, Manuel Rodrigues e Guimarães Lopes, entre outros.

Castigos ainda mexem

O Conselho de Disciplina da Federação Portuguesa de Futebol decidiu-se pelos seguintes castigos: três jogos de suspensão a um jogador da 3.ª divisão, António Coelho Seabra do Valongense. No âmbito dos juvenis também três jogos para Hermano Manuel Duarte Coelho do Sporting. Ambos os castigos foram motivados por agressão a adversários.

Proeza nos 5000 metros:

Moorcroft estabelece novo recorde mundial

O inglês David Moorcroft correu ontem em Oslo a última volta de uma prova de 5000 metros em 55 segundos, batendo o recorde mundial da distância em quase seis segundos, com o tempo de 13.00,42 minutos.

Moorcroft, 29 anos, natural de Coventry, superou o anterior recorde mundial que pertencia ao queniano Henry Rono com 13.06,20 minutos, desde 13 de Setembro de 1981 em Knarvik, Noruega.

Rono foi quarto nesta prova com 13.25,14 minutos, um dia depois de ter percorrido a légua em Estocolmo com 13.08,97 minutos.

O norte-americano Ralph King foi segundo com 13.20,85 minutos e o inglês Nick Rose terceiro com 13.21,29 minutos.

Moorcroft, antigo especialista de 1500 metros, preferiu tornar-se um corredor de 5000 metros, dado que no seu país tinha as suas hipóteses muito limitadas com a presença dos seus compatriotas Steve Ovett e Sebastian Coe.

Campeão dos Jogos da Comunidade Britânica em 1978 (Edmonton) e terceiro classificado nos 1500 metros do Campeonato da Europa em Praga (1978), Moorcroft afirmou depois da corrida que estava cansado de mais para se sentir feliz.

«Daqui a um ou dois dias irei compreender o valor desta marca», disse Moorcroft, que comandou a corrida a partir dos 1200 metros, fazendo os seguintes tempos de passagem: 2.38 (1000 m), 5.12 (2000 m) 7.50

(3000) e 10.28 (4000 m).

Os atletas britânicos detêm agora os recordes mundiais dos 800 metros (Sebastian Coe), 1500 metros (Steve Ovett) milha (Sebastian Coe) e 5000 metros (David Moorcroft).

Classificação

Classificação da prova de 5000 metros disputada em Oslo, onde o inglês David Moorcroft

13.26,22; 6.º Henruk Joergensen, Dinamarca, 13.30,06.

Steve Scott a 36 centésimos do recorde da milha

O americano Steve Scott ficou a 36/100 de segundo do recorde do mundo da milha, no decorrer da reunião de atletismo de Oslo. Fez o tempo de 3.47 69/100 e o recorde do mundo, que pertence ao inglês Sebastian Coe, é de

A evolução desde 1955

A evolução do recorde mundial dos 5000 metros desde 1955 é a seguinte:

13.50,3, Min Sandor Iharos (Hungria), 10.09,55, Budapeste; 13.46,8, Wladimir Kuz (URSS) 18.09,55, Belgrado; 13.40,6, Sandor Iharos (Hungria) 23.10,55, Budapeste; 13.36,3, Gordon Pirie (G.B.), 19.06,56, Berne; 13.35,0, Wladimir Kuz (URSS), 13.10,57, Roma; 13.34,3, Ronald Clarke (Austrália), 16.01,65, Hobart; 13.33,6, Ronald Clarke (Austrália), 01.02,65, Auckland;

13.25,3, Ronald Clarke, (Austrália), 04.06,65, Compton; 13.24,2, Kipchoge Keind

(Quênia), 30.11,65, Auckland; 13.16,6, Ronald Clarke (Austrália), 05.07,66, Estocolmo; 13.16,4, Lasse Viren (Finlândia) 14.09,72, Helsinquia; 13.13,0, Emile Puttemans (Bélgica), 20.09,72, Bruxelas; 13.12,9, Dick Quax (Nova Zelândia), 05.07,77, Estocolmo; 13.06,20, Henry Rono (Quênia), 13.09,81, Narvik; 13.00,42, David Moorcroft (G.B.), 07.07,82.

bateu o recorde mundial dos 5000 metros: 1.º David Moorcroft, Inglaterra, 13.00,42 (recorde do mundo); 2.º Ralph King, EUA, 13.20,85; 3.º Nick Rose, Inglaterra, 13.21,29; 4.º Henry Rono, Quênia, 13.25,14; 5.º Dave Clark, Inglaterra,

3.47 33/100 desde 28 de Julho de 1981 (Bruxelas).

Scott passou aos 1500 metros com o tempo de 3.32 6/100.

Classificação: 1.º Steve Scott (EUA) 3.47,69; 2.º John Walker (NZ) 3.49,08; 3.º Flynn (Ing.) 3.49,77.

VI Grande Prémio do Minho

Alexandre Ruas partiu de amarelo

(Do nosso enviado especial Manuel Neto) - As primeiras pedaladas do «VI Grande Prémio do Minho» foram dadas ontem, ao fim da tarde, na pacata freguesia de Goulães, do concelho de Fafe, este ano eleita como «palco» do prólogo, quem sabe se por sugestão dos manos Martins (o José e o Manuel) que militam no Vigaminho e que ao ciclismo têm dedicado os melhores anos da sua vida. Curiosamente, porém, foi um «forasteiro» a recolher os louros na terra natal dos dois ciclistas minhotos. Foi ele Alexandre Ruas (Lousa-Trintranjus) que nos dois quilómetros acidentados do percurso logrou realizar o melhor tempo. Saliência também para a equipa do Lousa que, contrariando o favoritismo da turma portista, colocou quatro homens nos dez primeiros lugares.

Alinharam para mais esta edição do «Grande Prémio do Minho» 70 ciclistas em representação das principais formações nacionais e, ainda, da equipa espanhola do «Spol Terras Viego», com sede na Galiza, mais exactamente em Porrino. No tocante a este conjunto do país vizinho, cabe aqui referir que se trata de uma formação muito jovem, onde o corredor mais velho tem, apenas, 20 anos.

«Vieram para aprender» - fez questão de salientar o seu técnico que precisou ainda ser o «Spol» uma escola de ciclistas onde o profissionalismo não tem lugar.

No tocante ao modo como se desenrolou o prólogo, pode dizer-se que, à parte o súbito

aparecimento de Francisco Miranda (Lousa), que fez o segundo melhor tempo, depois de há três dias, por ocasião de Grande Prémio do FC Porto nos ter confessado que não se sentia em condições, não houve grandes surpresas. Tito Timoteo (Ovarense-Cortal) que foi o primeiro a entrar em prova, manteve durante largo tempo a liderança do prólogo, mercê dos 4 m 10 s que gastou no percurso. Tempo este que só seria melhorado por Francisco Miranda, o 57.º ciclista a entrar em prova, dado o facto da organização ter colocado os corredores mais credenciados nos últimos lugares da ordem de partida, pois a expectativa manteve-se de pé até final.

Luís Teixeira (Coelima) não conseguiu melhor do que 4-08, apesar de entusiasticamente aplaudido pela numerosa assistência, e Belmiro Silva que o ano passado venceu o «Grande Prémio» quedou-se, também, por um modesto quinto lugar.

Foi precisamente Alexandre Ruas, antepenúltimo a entrar em prova que conseguiu superar o tempo do seu companheiro de equipa e, assim, por direito próprio, conquistou a primeira camisola amarela, a qual envergará hoje, na tirada que vai ligar Pevidém a Cabeceiras de Basto, na extensão de 130 quilómetros. A partida para a primeira etapa em linha foi dada às 9 horas.

Saliente-se, por último, as ausências de dois nomes sonantes da velocipedia nacional: Joaquim Andrade (Ovarense-Cortal) que este ano venceu já uma prova de envergadura como



Ruas: uma carreira de ascensão bem marcada

foi o «Grande Prémio do Comércio do Porto», e Carlos Santos que, por decisão do seu técnico, ficou a descansar, embora acompanhe a prova no carro de apoio do clube.

Classificação no prólogo: 1 - Alexandre Ruas (Lousa-Trintranjus), 4 m 06 s (média de 29,268 km/h); 2 - Francisco Miranda (Lousa-Trintranjus), a 1 s; 3 - Luís Teixeira (Coelima), a 2 s; 4 - Venceslau Fernandes (Rodovil-Isuzu), a 3 s; 5 - Belmiro Silva (F.C. Porto-UBP), a 4 s; 6 - Tito Timoteo (Ovarense-Cortal), m.t.; 7 - Alredo Gouveia (Coimbrões-Fagor), m.t.; 8 - Fernando Fernandes (Bombardalense-Agrifol), a 6 s; 9 - Benedito Ferreira (Lousa-Trintranjus), a 7 s; 10 - José Henriques (Lousa-Trintranjus), m.t.

“Tour segue dentro de momentos”

A quinta etapa da Volta à França em bicicleta foi interrompida e suspensa devido a uma manifestação de metalúrgicos que impediu uma das equipas de fazer o percurso.

A etapa era constituída por um contra-relógio por equipas.

A interrupção da corrida de uma das equipas verificou-se perto de Lille. Hoje a etapa voltará a ser repetida.

A morte de Carlo Chiappano

O antigo ciclista profissional Carlo Chiappano, director desportivo da equipa «Del Tongo Colnago», cujo chefe de fila é o italiano Giuseppe Saronnu, morreu num acidente de viação perto de Pavia (Lombardia).

Carlo Chiappano, de 41 anos, que regressava de uma visita a sua mulher e seus filhos em gozo de férias perdeu o domínio do carro que conduzia e foi chocar em cheio com um autocarro que vinha em sentido contrário.

Expirou pouco depois de ser retirado dos destroços do veículo.

Mundial de Vela

Primeiro

americanos, depois italianos

A equipa Schadden/Bill Kenney, dos Estados Unidos, ganhou na praia de Cascais a segunda regata do décimo segundo Campeonato Mundial de Vela, classe 470.

Classificaram-se em segundo lugar os italianos Caponetti/Gardella, e, em terceiro, Brietzke/Schulz da República Democrática Alemã.

A única equipa portuguesa classificada entre os primeiros 50 foi a de Arnoso/Neves, tendo as restantes tripulações nacionais ficado nos últimos lugares.

Com vento fraco no início da regata, este veio a alterar-se a meio, dando azo a uma maior competitividade entre as 84 tripulações participantes neste mundial de vela.

Esta classificação é provisória por existirem cinco protestos.

Resultados provisórios da segunda regata: 1.º Schandeen/Bill Kenney (Estados Unidos); 2.º Caponetti/Gardella (Itália); 3.º Brietzke/Schulz (RDA); 4.º Haggbon/Joahansson (Suécia); 5.º Hakomori/Takakuwa (Japão); 6.º Maththes/Cross (Canadá); 7.º Cheffi/Eurico Chieffi (Itália); 8.º W. Hunger/J. Hunger (RFA); 9.º Peponnet/Luc Pillot (França); 10.º Staveniuter/Staveniuter (Holanda).

Campeões de motonáutica

Manuel Alves Barbosa e Carlos Mendes, ambos da Rias, venceram «ex aequo», na Classe ON, o quinto grande prémio do Dia da Marinha, em Motonáutica no Funchal.

A prova, que contava para o campeonato nacional da modalidade, teve ainda como vencedores Luís da Veiga, equipa Mercury (Classe SE Cat) Carlos Miranda e Luís Seiro, ambos da Mercury (classe SD) Gumerindo Bastos, Equipa Mercury (Classe TE) e Guilherme Matos, equipa Savana (Classe SE).

DESPORTO



O tira-teimas

Ainda a gente fala de como vai o futebol em Portugal... Por aqui nesta Espanha igualmente reduzida a zero à esquerda no conturbado mundo do chuto no couro, a coisa não vai melhor. Agora, cada força pretende impor um imediato substituto para o cidadão José Emilio Santamaria, uruguaio de berço mas depois espanhol por necessidade de trabalho. O «Sport» afirma que o novo seleccionador será Helenio Herrera, o «Dicen» anuncia que Miguel Muñoz é o candidato mais forte e, para o «As», as conversações entre o presidente federativo Pablo Porta e Miera são de tal intensidade que bem se poderá dizer que Santamaria tem sucessor: esse santanderino chamado Vicente Miera.

É um perfeito jogo de hipóteses em torno de uma única certeza: tão cedo Santamaria não terá outra grande oportunidade de vencer e conquistar entrada no restrito número dos treinadores bafejados pela fama e pela fortuna. No topo do futebol de língua espanhola, os tronos estão vagos: Mas já com o homem-forte de Ferrocarril Oeste, lá da Argentina, a trepar até ao lugar de que Luis César Menotti abdicou antes que o corresse a pontapé; como parece estar prestes a suceder a Tété Santana que, numa noite adormeceu como «bestial» para no dia seguinte já ser considerado uma «besta»...

Enfim: rei morto, rei posto. Na hipótese espanhola de «mister H.H.» ganhar promoção, Luis Suarez (aquele que foi grande jogador e era agora adjunto de Santamaria) poderá continuar como preparador de campo. O objectivo será a Europa-84, precisamente a meta idealizada por esse ex-praticante que foi Miguel Muñoz e é agora, no respeito da «aficion», «el hombre para el milagro». Mas, na corrida, parece que ultrapassado Di Stefano e César Menotti (outros nomes em foco) aparece Vicente Miera, que tem atrás de si um «staff» promocional que não é brincadeira, talvez ainda apenas faltando cartazes pelas paredes em promoção eleitoral, mas a hora não deve tardar, pois nesta esmurante luta pela hegemonia vale tudo menos tirar olhos. A Espanha está em hora de reflexão: empatou centenas de milhões de pesetas neste Mundial futebolístico e apenas tirará uma pequena parcela de lucro já que a sua selecção (e depois o Brasil, por quem se tomara de amores) deixaram pelo caminho apenas a saudade. Mas não quer cair noutra logro.

Santamaria é que não muda nem a tiro: A Espanha não fracassou neste Mundial: a Argentina e o Brasil tinham melhores equipas e também foram eliminadas. Houve demasiada pressão sobre o meu grupo. Parece-me triste e vergonhoso duvidar da honestidade dos profissionais que defenderam as cores

de Espanha. Simplesmente tivemos pouca sorte.

Como um naufrago amarrado a uma casca de noz, o antigo e soberano defensor busca agora um escudo protector, deixando no ar os constantes falhanços de Arconada, que é considerado o melhor «porteiro» de Espanha, e afinal foi dos piores do campeonato, cedendo até para esse desconhecido N'Komo, que é já o guarda-redes mais pretendido dos terceiros-mundistas africanos que vieram escrever história no futebol contemporâneo.

Portugueses com reumatismo

A confiança espanhola na presença, pelo menos, nas meias-finais desta louca e endiabrada corrida era de tal ordem que o hotel «Arcipreste de Hita» estava totalmente reservado até 11 do corrente: agora, desmanchada a feira, casa às moscas, instalações por conta dos federativos mas todo o pessoal em férias antecipadas chovem as críticas, especialmente de clubes que protestam quanto ao modo como é gasto (por falta de cuidado) o dinheirinho que remetem para as mãos de Pablo Porta, o todo-poderoso (ainda) do futebol espanhol, mas também com a chave já a tremer na mão: tão certo como três e três serem seis, será outra cabeça a abater ainda este mês.

Todo o corpo técnico que enquadrou Santamaria é intensa-

mente criticado: diz-se que falhou a detalhada informação sobre os opositores de Espanha, que não houve treinador com vontade própria (antes se deixou movimentar pelos ventos de circunstância), que a preparação física foi mais que deficiente, que a versatilidade de Santamaria foi de tal ordem que nos cinco jogos realizados para o Mundial utilizou desanove jogadores sem com eles fazer «uma equipa» e recusando-se a substituir Arconada que foi assim a modos que o Serginho espanhol, que a turma pecou por falta de técnica individual e de um comandante no terreno, que todos (seleccionador inclusive) pensaram mais nos milhões que auferiam de publicidade que no espectáculo que tinham de proporcionar ao público, que não estavam no lote de convocados os jogadores mais aptos de momento para bem defenderem as cores da Espanha no único campeonato em que poderia ter recolhido os favores de «12.º futebolista» o povo que certamente estava desejoso de impulsionar para soberba e conquista, quem ves-

Neves de Sousa
nosso
enviado especial

tisse as suas cores. Zamora considerado pela sua palavra e pelo seu comportamento como um dos melhores elementos do sindicato de jogadores, não hesita em (descartado do episódio enfeudamento a Santamaria) afirmar:

Tudo esteve mal planificado. Espero que a experiência tenha servido para os federativos. Se alguma vez quiserem fazer bem as coisas, dêem prioridade à selecção. Não se podem fazer milagres em pouco tempo e tínhamos de ter trabalhado juntos durante mais tempo, não andarmos perdidos em jogos entre clubes, numa temporada anormalmente extensa.

Este é um recado que poderia igualmente tocar a porta da Praça da Alegria, onde a única preocupação parece ser a de

estar presente em congressos e discursatas, passeios e almoçadas, sem se cuidar que continuamos sem trabalho de base com vista à preparação para um Europeu em que já arrancamos desfavoravelmente, visto que, no «Sarriá», como no «Nou Camp», onde se exibiram os dois potenciais adversários próximos de maior peso e valor (Polónia e URSS) nem um só técnico português, nem um só federativo, esteve atento, sequer em estudo ao labor dessas formações que é necessário ultrapassar para daqui a uns meses não voltarmos a retalhar cobertores para deles fazermos lenços, só para enxugar lágrimas de crocodilo. Triste, muito deprimente mesmo, ver como nas bancadas dos estádios de Barcelona apenas jornalistas portugueses se preocuparam com aquilo que corria sobre os relvados e poderia dizer qualquer coisa ao futebol das cinco quinas ficando no ar a questão de saber se algum de nós é que vai ser o sucessor de Juca, ao menos para já se saber também como jogam Boniek e Blokhin, como está Lato ou como se pode desfeitear o magnífico Dasaev.

Barcelona cercada de chamas

Toda a Catalunha está de coação preso à torrente de incêndios que, avassaladoramente, continuam a cercar a cidade condal. Há zonas especialmente ameaçadas de ficarem sem uma árvore: Baix Llobregat, Garraf, Gava, Castelldefels. Chegaram a deflagrar vinte e sete incêndios simultâneos, o que dá, para a Polícia, ideia já firme de acção concertada e desestabilizadora. Bombeiros, exército, guarda-civil e voluntários correm a tomar posições, tentando (in extremis) impedir que as chamas devorem Montemar, Can Roca, Bellmar.

Dez mil pessoas ameaçadas de perderem todos os seus haveres, depois de já estarem queimados mil e quinhentos hectares de terra. As queixas da população chovem: contra as autoridades, que «inicialmente foram

inoperantes», contra a «inexistência de bombas na zona» contra a falta de água, pois «foi necessário ir buscá-la a piscinas particulares». San Feliu de Codines está envolta por uma nuvem de fumo, em Can Roca já ficaram destruídas trinta vivendas, Begues, Sitges, Sant Pere de Ribas, em toda uma vasta frente de trinta quilómetros sobe para o ar fumo e mais fumo. É um terrível espectáculo que toma de assalto o céu de Barcelona, desde que o fogo irrompeu na entrada de Rat-Penal, num local conhecido por Plana Novella (com causas ainda desconhecidas) e logo ameaçou de explosão os depósitos de gás existentes em Garraf.

Avionetas hidroaviões e helicópteros continuam a sobrevoar a longa zona do sinistro. Sabadell pode ainda vir a ser tocada pelas chamas, enquanto os bombeiros continuam sem mãos a medir: durante a noite, irromperam mais focos de incêndio em Tibidabo, Cerdanyola, Igualda, Terrassa e Rubi o que é verdadeiramente anormal a menos que se encontre justificação para o palpite policial: uma força quer marcar a fogo a despedida do Mundial de Barcelona.

A hora do belo canto

Barcelona que mal teve tempo para se deliciar com o maravilhoso recital de Montserrat Caballe, que cantou temas de Verdi, Boito, Puccini e Toldra, na Praça da Catedral. Barcelona que terá hoje, no deslumbrante «Nou Camp», sob temperatura escaldante, polacos versus italianos, ao mesmo tempo que a cinza demora a pairar no ar antes de se soltar vinda de longe, sobre o pacato circunstante, tocada pelos ventos do Sara que estão na origem do «Máximo do Século», em matéria de temperatura tórrida, para esta linda cidade que é constantemente traçada pelas sirenes dos bombeiros, que correm angustiadamente ao encontro de novo apelo — e, de Manresa, perto do meio-dia de hoje, a informação: 42 graus de temperatura. Dá para assar um frango.



Henry Kissinger foi a Espanha recrutar o Mundial-86 para os Estados Unidos

assim vai o TOTOBOLA

PROGNÓSTICOS DOS ORGÃOS DE INFORMAÇÃO

PARA O CONCURSO N.º 47

DE 10/11. JULHO. 82.

Rádio Totobola, 1x1 121 1x1 1x12; Correio de Coimbra, 11x 211 111 x121; Correio do Vouga, 111 111 121 2111; Diário de Lisboa, 112 x11 211 2x12; Ecos do Cacia, 11x 121 111 2111; Jornal da Beira, 111 211 111 2111; Jornal Linhas de Elvas, 11x x11 x11 2x11; Litoral, 111 1x1 1x1 2x11; Notícias de Évora, 11x 211 111 21x1; RDP/Secção Desportiva, 1xx 222 2x1 1111; A Voz do Domingo/ Coluna

Desportiva, 1x1 x11 1x1 2111; A Voz do Domingo/ Palpações, 121 111 111 1111; Música e Não Só, 1x1 122 x11 121x; Ponto de Encontro, 12x 2x1 11x 22xx; Pátio das Cantigas, 11x 112 2x1 1x1x; Grafonola Ideal, 112 2x1 111 1111; Café com Leite, 1x2 111 111 2111; Bola Branca, 11x 21x 11x 11xx; Alvo Desportivo, x12 1x1 2x1 x1x1; O Comércio de Leixões, 1xx 111 1x1 x221; Estúdio 64, 1xx 21x 112

2xx1; Jornal de Gaia, 111 x2x 121 2x1x; Jornal da Graça, 111 21x x11 1xx1; Manchete Desportiva, 11x 111 221 1111; Penalty, 1x1 x11 1x1 x111; O Primeiro de Janeiro, 1x2 211 111 2x11; Rádio Alvo, x11 2x1 1x1 x112; Repórter do Dia, 11x 211 x11 x111; A Voz dos Ridículos, 11x x11 1x1 x121; A Voz do Ave, 11x x11 x2x 2211; Rádio Placard, 111 111 111 1111.

	R E S U M O			B O L A S		
	1	X	2	1	X	2 a)
1. STANDARD L - VARNA	29	2	0	11	1	1
2. BIELEFELD - GALLEN	20	9	2	8	3	1
3. NITRA - BREMEN	12	14	5	5	5	2
4. LUCERNA - DUISBURGO	12	7	12	5	2	5
5. LUBLIN - LYNGBY	21	5	5	8	2	2
6. TELAVIV - KFARSABA	24	4	3	9	2	1
7. NORRKOPING - ADMIRA	21	5	5	8	2	2
8. YOUNG BOYS - LINZ	17	10	4	7	4	1
9. BOHEMIANS - GWARDIA	27	3	1	10	1	1
10. POGON - SPARTA PRAGA	10	7	14	4	2	6
11. OSTERS - ZURIQUE	18	9	4	7	3	2
12. BRNO - LKS LODZ	22	6	3	9	2	1
13. NAESTVED - BURGAS	23	5	3	9	2	1

a) - Nos termos do Artº 14º do Regulamento Geral dos Concursos se houver necessidade de sortear o resultado dos jogos não realizados na data do concurso, as bolas entrarão na esfera do sorteio nas quantidades do presente mapa.-

A "CHAVE" LÓGICA SERÁ:
11X 1ou211 111 2111

DESPORTO



Frango não é, certamente, a ideia do velho Zoff para esta tarde. Perante o Brasil, a Itália jogou «à uruguaia», fazendo cair o negócio de milhares de «book-makers», que imaginavam prosperar à custa do «Escrete Canarinho» e dos anjos que lhe surgiam no caminho. Quanto maior era o adversário, mais crescia a ambição:

Mas, chegou a hora do adeus, do desolador despertar. Agora, restam Colômbia ou Estados Unidos, que, por candidatura apresentada encobertamente por Kissinger, pretende levar a cabo o campeonato de 86. De qualquer modo, refeita a confiança e amizade entre jornalistas e jogadores (os «Bravissimi Azzurri») destapado o frasco do perfume de Paulo Rossi, colocado a verdugo brasileiro em poleiro de ovações, a turma de Bearzot apresenta-se a peito descoberto para defrontar o coração polaco, que poderá ser insuficiente para fazer ultrapassar a tremenda falta de Boniek, obrigatoriamente impelido a ficar perto de nós, numa bancada que não arrisca uma peseta na bolsa de apostas.

A «alegre torcida» morreu em «Sarriá», a Polónia procurará dar no vinte (20 é o número de Rossi...), a ressaca da tristeza chama-se euforia: louvado seja o futebol que permite tais flutuações de humor, especialmente desde que aconteceu o incrível e o Brasil já está em vale de lençóis. Divide e vencerás: o lema dos velhos senhores está no auge. O futebol é exemplo flagrantemente vergado ainda a uma impressionante carga política, partida de todos os quadrantes envolvidos num simples jogo que foi criado como distração e é hoje o ópio de meia humanidade.

Os Silvas Ferreiras

Tudo é motivo para conversa, para isolar outras ideias: Breitner, para acusado controle positivo, logo imediatamente abafado nos círculos de cúpula. Quini, cinco vezes «pichichi» (goleador do ano) recebe propostas dos mexicanos do «Puebla», para fazer companhia a Pirri e Asensi, que são hoje personalidades consideradas no futebol das Américas. Juan Miró, o pintor catalão que foi autor do «cartell» indicativo do Mundial de Futebol, ainda em Palma de Maiorca, convalescendo (aos 89 anos) de uma intervenção cirúrgica a cataratas na vista.

No meio disto tudo, claro que um português tinha de aparecer na primeira linha: António Fernando da Silva Ferreira junta-se ao rol de colombianos, brasileiros, neozelandeses, ingleses, panamenos e espanhóis detidos como carteiristas. Isto, enquanto outro Silva Ferreira (Eusébio, é evidente) rubricava um dos cinco golos com que os veteranos europeus brindaram os «americanos» no joguinho das velhas glórias, no palco do Sabadell.

Trabalhadores protestam

Um companheiro do Brasil dá-me notícias de Yustrich, que, como técnico do Cruzeiro (de Belo Horizonte), apenas conseguiu uma vitória em três meses e mesmo essa face a um modestíssimo democrata (de Sete Lagoas) por marca tangencial

(4-3). O «homão» tem os dias contados, exactamente a antítese do que acontece, por estas bandas, com Jesus Pereda, que, sem fazer ondas, foi colocado como responsável maior do futebol juvenil, um cargo que ficava a matar para David Sequerra ou Carlos Carvalho, Peres Bandeira ou José Augusto, afinal «experts» que deveriam estar já na primeira linha do futebol português, se realmente os federativos se preocupam (minimamente que seja) com o amanhã do nosso jogo rei.

Adiante. O irlandês Armstrong é convidado pelo Espanhol e o colega Hamilton (o mais alto da selecção de Bingham) igualmente pretende ficar por cá, enquanto do Brasil, até aos sobreviventes da sua informação chegam novas de como Eder é criticado («foi a antítese de Sócrates que deixou a pele no campo») ou Serginho é vaiado, por ter sido «o pior dianteiro centro de todos os tempos, fazendo corar de vergonha Tostão e Vavá».

Neste «Nou Camp» em que a cortina se prepara para subir e deixar a descoberto um dos percursos para a final, também aconteceu outro inesperado: os funcionários de telex, legitimamente aborrecidos pelo facto de estar avariado todo o sistema de ar condicionado do espaço onde labutam horas a fio, com os olhos presos nas mais diversas línguas, fizeram uma greve de horas, protestando contra o alheamento de Andrés Merce Varela (chefe da Imprensa), que não mexeu uma palha em auxílio dos esforçados trabalhadores das comunicações que têm sido a salvação de dezenas de jornalistas, ontem altamente prejudicados pela demora na confecção de telexes. Mas o pior já lá vai: com o sensacional profissionalismo, os funcionários voltaram ao serviço. Encharcados em suor, mas apenas cumprindo um belo dever.

Garrido irá lá?

No centro de Imprensa tem estado uma figura muito conhecida, agora também companheiro-comentador: Fachetti, o fa-



Boniek: depois do refresco no campo, o «copo» no bar...

buloso jogador transalpino que por 94 vezes vestiu as cores de Itália e recorda, sem qualquer lição para Portugal, que Eusébio fica (ao lado de Jairzinho, Hamrin e Amâncio) como dos melhores avançados que defrontou ao longo de uma carreira que terminou abruptamente aos 30 anos, «porque eu tinha de defender o prestígio do Inter e a minha própria imagem», como salienta este perdurável admirador da nossa «Pérola Negra», que considera Toninho Cerezo a melhor unidade do futebol brasileiro e Rossi o jogador que pode decidir, daqui a pouco, o duelo que envolve polacos e terá na plateia, afastado como Boniek, o tal Gentile, que cortou o bigode e está de cara lisa como rabinho de um bebé.

Nas conversas de bastidores, para entreter até chegar a hora de todos os olhares convergirem sobre o relvado, aponta-se a selecção ideal, que não seria muito longe desta: Dasaev, Mills, Colovatti, Passarella e Júnior, Falcão, Giresse, Tardelli e Sócrates, Boniek e Rossi, com discussão alargada a N'Komo, Zoff, Shilton, Amoroso, Gentile, Baltacha, Millicamps, Stielike, Chirvadze, Szmuda, Briegel, Cabrini,

Lato, Ardiles, Genghini, Tigana, Platini, Zico, Cerezo, Bessonov, Antognoni, Graziani, Rocheteau, Littbarsky e Armstrong, sem que um só espanhol tenha honras de lembrança.

E vem à baila o novo anúncio da Galiza, prontamente divulgado:

«O nosso marisco fez o milagre: Polónia e Itália estão perto da final». E fala-se de como o brasileiro Coelho, o nosso António Garrido ou o húngaro Palotai podem aspirar a dirigir os três jogos de cume, neste Mundial em que a Europa ridicularizou a América, tal como sucedeu nesse novo pretexto para Eusébio brilhar, fazendo e passando golos, depois dos jornalistas terem vencido os cançonetistas mas todos terem ajudado a UNICEF, mesmo sem Pelé (que disse se ter perdido com o fogo) e Beckenbauer (que teve de estar na TVE para dar uma entrevista paga a peso de ouro). Por falar em fortunas: sabem quanto o Valência oferece a Menotti? Vinte e cinco milhões de pesetas (vinte mil contos) por dois anos de contrato. E ainda dizem que o Zé Maria Pedrito cobra muito...

Sevilha ao sol

Num imaginário salto estamos em Sevilha, onde também tudo se apronta para o embate entre franceses e germânicos federais, com os tricolores mais confiantes que os complicados alunos de Derwall, que perde o sono por não poder contar com a boa estrela de Rummenigge, depois de uma qualificação tão discutível como apenas permitida pela porta pequena as ajudas externas. Platini, em contrapartida, não cabe de contente: «Isto é um sonho. Nunca o tinha imaginado. Ultrapassámos todas as nossas melhores previsões: tudo o mais que vier continua a ser o prolongamento de uma miragem».

No «Sanchez Pizjuan», o juiz holandês Corver será secundado pelo escocês Valentine e pelo suíço Galler, com o búlgaro Dotshem em árbitro suplente, todos sob as vistas do inspector Laytschev. Os alemães regressam imediatamente após o jogo a Madrid, seu quartel-general desde velha história. Os alemães (com os problemas intestinais de Kaltz, Briegel e Fischer a preocuparem), mas a confiarem, até porque Stielike tem uma promessa para endossar aos companheiros: mil e tal contos

Boniek perdeu (ou ganhou?) a noite

Aquilo que ninguém poderia prever, aconteceu com a «estrela» polaca Boniek: na companhia de uma jovem tradutora (Elisabeth), em serviço da organização do Mundial, escapou-se da concentração que deveria guardar junto dos seus colegas (embora não possa alinhar perante os italianos) e só voltou, depois de deixar a menina em casa, pelas seis horas da manhã, perante o espanto de funcionários da segurança que não tinham dado pela «deserção» e ficaram embasbacados quando, com a maior das calmas, o ariete da Polónia declarou que tinha estado numa discoteca que, por mero acaso, fechou as portas às duas da madrugada.

Não se sabe ainda como vai reagir o técnico polaco e os dirigentes da sua selecção a esta atitude de indisciplina, pensando-se que o castigo poderá ser grave se a Polónia perder perante a Itália (e Boniek apenas ficar servindo para a competição pelo 3.º lugar no Mundial) ou, pelo contrário, significará castigo pesado para o homem que já avisou não voltar tão cedo a Varsóvia, pois tem contrato com o Roma, onde vai ser companheiro de Paulo Falcão.

Pelo sim, pelo não, já começa a aclimatar-se às farras italianas...

N. S.

gem maior por carência de possibilidades em maquinaria.

Até Madrid

No Palácio de Gelo, aqui incrustado nas magníficas instalações do multimilionário «Barça», estiveram ontem as «Stars On Ice», com o campeão olímpico Robin Cousins e a titular europeia Claudia Kristofics-Binder, à frente de um tribulante cortejo de extraordinários artistas de patinagem sobre água congelada.

Todavia, a hora, cada minuto, o mais breve segundo, tudo pertence ao futebol, que se despede para ir no sábado até Alicante e, domingo, ter os maiores e discussão no «Santiago Bernabeu». Já rolaram cabeças de deuses e os santos deixaram de ser brasileiros, as macumbas valeram tanto aos argentinos como as promessas de abstinência aos desviados súbditos de sua majestade a rainha britânica. As «ramblas» choram: Foi-se a turbulenta juventude brasileira. Os soviéticos querem ir aos touros, mas estão por ora a animar-se na plateia do «Nou Camp», certamente desejosos de que os polacos estejam nessa final que, pela primeira vez na história, será televisada em directo pela cadeia norte-americana «ABC», para todos os «States».

Alfredo Di Stefano («la Saeta Rubia») considera o francês Genghini a maior revelação do campeonato, dizendo que tudo vai fazer para que ele seja contratado pelo seu Real Madrid. Quinhentos adeptos, três ministros e vários conselheiros chegaram ainda hoje a Sevilha, para verem se Rochetau recebe de Genghini para destruir a Alemanha Federal, que não tinha hotel marcado em Sevilha e, por muito favor (e porque somente ali está durante 26 horas) conseguiu cama e mesa só ao princípio da noite de ontem.

A contagem decrescente é veloz. Os diálogos em Barcelona e Sevilha vão ditar a lei dos mais fortes. Os «Rolling Stones» já actuaram em Madrid. Resta saber se a festa final terá comparticipação dos cautelosos polacos ou dos irradianes italianos, dos circunspectos germânicos ou dos deslumbrados franceses. Vá, leitor, adiante também o seu palpite: pode ser menos falível que o nosso, a jogar secretamente por um Itália-França para o parque madridista, no cerrar do pano sobre um Mundial que foi ducho frio para os mais-mais no favoritismo de gregos e troianos.



Arconada: o melhor guarda-redes espanhol?

DESPORTO



Hoje: as meias-finais que ninguém previa

De surpresa em surpresa, às vezes de escândalo em escândalo, a verdade é que chegámos às meias-finais do Mundial-82.

Contra todas as previsões, quatro das menos consideradas selecções, vão arrancar hoje para a ponta final de um campeonato que já está longo e que para a História ficará como o dos imprevistos, tanto dentro como fora das quatro linhas.

Às vezes por linhas tortas, a Europa escreveu direito: o seu futebol é o único que entra nesta ponta final, garantindo para si, desde já, os quatro primeiros lugares na classificação final.

Nesta experiência de Mundial com 24 selecções, o primeiro grito de alarme veio do Terceiro Mundo: África a dizer

«presente» mas a ser afastada por «combinações» muito mal disfarçadas.

Depois, foi a «explosão» europeia: expulsando do «quadro de honra» o futebol-filigrana de um Brasil campeão moral, ou o futebol-habilidade de uma Argentina que nos galões de Campeão trazia a supervedeta dos muitos zeros à esquerda do cifrão.

Agora é a última arrancada:

Itália, a querer despregar-se, definitivamente, do futebol todo feito de defesa, de resultados magros, de exhibições em fato apertado.

Alemanha Federal, pretendendo provar que o seu futebol não está ultrapassado, nem cansado. Com a ajuda de terceiros, os germânicos lá vão estar em Sevilha, ainda mal crentes

da «sorte» que lhes bateu à porta. É que nem sequer Hotel tinham marcado na capital da Andaluzia...

Polónia, lutando com dificuldades de preparação, também mora nestas meias-finais: êxito de Jogos Olímpicos em continuidade, futebol prático e eficiente como bandeira do futuro.

E a França, símbolo do futebol feito do mais puro «champagne», reeditando sucesso de 1958 na Suécia.

As meias-finais aqui estão: hoje em Sevilha e Barcelona, não com as combinações «programadas» pelo Comité Organizador nem pela cadeira máxima da FIFA, mas sim com as selecções que souberam subir os degraus da plataforma. Souberam ou foram empurradas...

França-Alemanha

A França vai estar hoje, pela segunda vez, numa meia-final do Mundial de Futebol, quando defrontar a Polónia, em Sevilha, para apuramento de um dos finalistas do torneio em Espanha.

A única vez que os franceses lograram atingir uma meia-final foi no Mundial de 1958 na Suécia, tendo perdido com o Brasil, que nesse ano foi campeão mundial por 5-2. Pela França marcou Fontaine e Piantoni e pelos «canarinhos» Pelé (3) Vavá e Didi.

Os franceses qualificaram-se para as meias-finais deste Mundial ao derrotarem sucessivamente na segunda fase da prova a Áustria (1-0) e a Irlanda do Norte (4-1).

A França começou a prova com o pé esquerdo, ao perder o seu primeiro jogo com a Inglaterra por 3-1, com um golo sofrido nos primeiros 20 segundos da partida, apontado por Robson.

Rectificando os seus erros defensivos, os franceses recompuseram-se do desaire e somaram, nos quatro jogos seguintes, três vitórias incontestáveis sobre equipas de elevada

craveira técnica e um empate.

Os pupillos do técnico francês Michel Hidalgo parecem estar prontos a enfrentar os alemães--federais com excepção de Rocheteau, que se lesionou no encontro com os norte-irlandeses depois de marcar dois golos.

A lesão no joelho direito do avançado gaulês lança, assim, a dúvida sobre a presença de Rocheteau na meia-final, embora esteja a tentar a todo o custo a rápida recuperação do jogador.

Por seu turno, os alemães--federais com dois títulos mundiais e várias presenças em meias-finais, não escondem o seu optimismo. Apesar das fracas exhibições na fase preliminar da prova.

A grande preocupação dos germânicos reside na lesão numa coxa do avançado Karl-Heinz Rummenigge um dos líderes da lista dos marcadores com quatro golos.

A possível ausência do seu goleador e a lesão que tem afligido o seu substituto Reinders são pois dois problemas a resolver pelo técnico Jupp Derwall.

Os germânicos, que se apura-



Platini

ram para a segunda fase «in extremis» ao vencerem a Áustria por 1-0 no jogo decisivo, atingiram a meia-final ao beneficiarem do empate entre a Inglaterra e a Espanha (0-0), que lhes deu vantagem no Grupo B.

Equipas prováveis:
RFA — Schumacher, Kaltz, Stielike, Foerster, Bernd Foerster, Dremmler, Breitner, Briegel, Rummenigge, Fischer e Littbarski.

França — Etori, Amorós, Janvion, Tresor, Bossis, Tigana, Genghini, Giresse, Platini, Rocheteau (ou Six) e Soler.

Árbitro: Charles Corver (Holanda).

Itália-Polónia

Apesar das surpreendentes mas merecidas vitórias contra a Argentina e o Brasil, o treinador Enzo Bearzot tem hoje a cabeça em risco se não bater a Polónia nas meias-finais do Mundial de Futebol 82.

Homem calmo, Bearzot há mais de cinco anos é olhado como herético no seu país por advogar contra equipas sul-americanas um plano tático estranho à habitual maneira de jogar dos italianos: o ataque.

E o que é certo é que a teoria de Bearzot ficou demonstrada nos desafios contra a Argentina e contra o Brasil, onde os transalpinos, não descurando a defesa, procuraram o ataque e marcaram nada menos de cinco golos, proeza para uma selecção que normalmente se contenta com um golito.

Mas a memória dos adeptos de futebol é muito mais curta do que se pensa: na fase preliminar Bearzot e jogadores eram duramente criticados por todos, passaram de «bestas a heróis» quando derrotaram os actuais campeões do mundo e o «escrète» canarinho. Mas se perderem contra a Polónia regressam rapidamente as impiedosas críti-

cas e os autos-de-fé.

Gentile, o homem que marcou Maradona e Zico, não poderá alinhar por ter visto dois cartões amarelos, o que implica automaticamente a sua suspensão por um jogo. Zoff, Scirea, Collovati e Tardelli tentam ainda a recuperação de lesões.

Embora Bearzot mais preocupado com o facto de Boniek não jogar (também suspenso por ter visto dois cartões amarelos), pois afirma que a Polónia é melhor equipa sem ele, o treinador polaco Piechnizek não é da mesma opinião e lamenta não poder contar com o avançado-centro que marcou os três golos da vitória contra a Bélgica.

Continuando a mater uma certa muralha em volta da equipa, o treinador polaco está, no entanto, confiante nas possibilidades da equipa disputar a final.

Para isso conta com o veterano Lato, Zmuda e Smolarek que deram boa conta de si no desafio contra a União Soviética (0-0), contendo o ímpeto adversário e criando problemas à defensiva comandada por Dasaev. Szarmach, herói do Mundial



Graziani

de 74 na Alemanha Federal, substituirá Boniek no eixo do ataque, rodeado por Lato e Smolarek.

Equipas prováveis:
Itália — Zoff, Marini, Scirea, Collovati ou Bergomi, Cabrini, Tardelli, Antognoni, Orioli, Conti, Rossi e Graziani.

Polónia — Mylnarczyk, Dziuba, Zmuda, Janas, Majewski, Kupcewicz, Buncol, Matysik, Lato, Szarmach e Smolarek.

Árbitro — Juan Cardellino, Uruguai.

ATAT JAZZ

ROY SCHEDER
O ESPECTACULO
VAI COMEÇAR

PREMIADO COM 4 OSCARS

A OBRA-PRIMA de BOB FOSSE

GRANDE PREMIO FESTIVAL CANNES 1980

ROY SCHEDER BOB FOSSE "O ESPECTACULO VAI COMEÇAR"

ASSISTENTE: ANTONIO LEO, ROBERTO CATTOLINI, & WILLY VITALE

TONIA MALINX BOB FOSSE ROBERTO ALAN NORTHUR BOB FOSSE

ATAT JAZZ

3.ª SEMANA

quarteto

NEW SOUND BY SON STEREO

INTERDITO A MENORES DE 13 ANOS

REVAK, O REBELDE

CONTRA A INSOLENTE BRUTALIDADE DOS BARBAROS, SURTIU UM HEROI QUE OS LEVOU DE VENCIDA!

UM CLASSICO ESPECTACULAR!

COMBATES DE VIDA E DE MORTE!

REVAK, O REBELDE

JACK PALANCE-AUSTIN WILLIS-MILLY VITALE

realização de RUDOLF MATE'

HOJE

Int. me. /14 anos

POLITEAMA

6.º Concurso vida

Informam-se todos os assinantes interessados que a entrega dos prémios referentes ao 6.º Concurso de angariação de assinaturas se realiza no dia 10 de Julho, pelas 16 horas, na sede da Associação Portugal-URSS, Rua de S. Caetano à Lapa, n.º 30, em Lisboa.

CAFE-TEATRO da COMUNA

TEL 76 26 24

NAO FUI EU FORAM ELES!

QUINTA-FEIRA AS 22 H
SEXTA E SABADO AS 23 H

3 ultimos dias

crónica de touros

SOLILÓQUIO

No fado e no ofício

Praça de Touros do Campo Pequeno. Quarta-feira, 30 de Junho de 1982. Novilhos de Agostinho Pontes Dias para Gustavo Zenki, Sommer de Andrade, forçados amadores da Azambuja, Parreirita Cigano, Francisco Duarte, Rui Bento e José Gonçalves.

Tarde quente, de domingo lisboeta. Tarde de touros, de sol e moscas. Mas deserto está o Campo Pequeno, não vai caminho da praça o cortejo que por aquela rua desfila vagaroso; nem é de clarins, mas de guitarras, a música que acompanha os passos tristes e as vozes que pelo meio da gente cantam, susurradas, num murmúrio de oração, que deixa sem pecado a Mariquinhas, e suas muitas amigas, e as coisas esquisitas que usam, muitas rendas, muitas fitas.

Lá vai ele, o Marceneiro, entre rendas e fitas, e flores, e lágrimas, e os versos que cantou. Vai de olhos fechados, como daquela vez, há vinte anos, em que por fim o convenceram a gravar um disco, e ele os apertou com força para conseguir cantar diante de tantas máquinas e aparelhos, e nem assim, e do pescoço arrancou o lenço seu companheiro, à volta dos olhos o amarrou na cabeça, tudo teve que voltar ao princípio.

Nada voltará agora ao princípio, nesta definitiva tarde de sol e de tédio, em que a gente veio à rua esperá-lo, e na espera conversa do mal da muita idade que o levou, da obra e graça de com tanta noitada passar os noventa, e dos filhos que teve, e do que lhe morreu no desastre. Aquela velhinha que sobrevive, moradora de barraca, a uma pensão de dois contos numa Casa do Povo qualquer, essa conheceu-o, foi sua amiga, ele nos seus tempos tinha muitas amigas, e agora ali vai, fica onde gostava, em Lisboa, que ele nunca quis ir ao es-

trangeiro, a velhinha pergunta-me se ouvi falar, disseram-lhe que agora na América já conseguem pôr os mortos a andar, eles propriamente não sentem nada mas andam, parece que é com um sistema de pilhas...

Não sei, senhora minha, não ouvi falar, não deve ser certo. E ele não gostaria, com pilhas nunca andou nem cantou o Marceneiro, pilhas nem havia nesses começos em que do trabalho, da oficina da Vila Berta, à Graça, partia para a ronda da cidade, das tabernas, das esquinas onde chegavam pregões de mar-melos assados, de coisas esquecidas: e no meio delas, e dos anos que passavam, ele cantava nos amores e desgraças a cidade, tinha um eco de bairro lisboeta na garganta, na voz rouca colocava a ironia e o lamento, nela as palavras se convertiam em fado, juntavam o amor de mãe e o da mulher desventurada.

Lá vai, ao sol que lhe não ia, essa voz onde os versos gastos se não fossilizavam. Vai calada, não responde às guitarras que a chamam: o velho Marceneiro encostou-se talvez à tábua carcomida da alguma taberna imaginária, algures numa rua da cidade que começava a esquecer-lo, apagado no soturno cativoiro das homenagens, das palavras que não eram as suas. E agora, chegada a sua hora e vez, delas não cuidaram, no quente da tarde o puseram a caminho, cortada a última sexta no recato do Pátio da Páscoa, metido naquele estranho cortejo, onde às guitarras, e aos fadistas que cantam, é a gente que chora, e que aplaude, se vem estranhamente juntar, porquê?, o

toque dobrado duma sineta. Devem ser regras de Lisboa, ele de regras não sabia nem cuidava, decerto foi por causa delas que o não deixaram esperar o cair da noite: para que entre as luzes da cidade, por onde fossem mais mortas, pudesse vagar ainda uma vez, e às primeiras claridades ir até ao cacau da Ribeira, ali onde em cada madrugada o sono se apaga, e a vida recomeça, interminável.

★ ★ ★

Noite serena de Lisboa. No céu, entre as estrelas, há uma mais brilhante, como se tomando o lugar do Sol, querendo distarçar-lhe a ausência. Sim, que numa praça de touros deve ser ele, astro único e rei, o primeiro espectador. Não chegam a encher meia casa, os que sem ele vieram ao Campo Pequeno. Na arena, deteve-se o cortejo dos toureiros, fica suspenso dos marialvas que ao som da música circulam cavalos e cortesias, recolhem as palmas que o hábito faz tristemente obrigatórias.

Em dois moços, o Rui Bento e o José Gonçalves, escolhidos do concurso «A procura de novos Toureiros», se pou-sam os olhos da gente. Lá estão eles, o Bento flamante e pimpão nas luzes do traje novo, oferta de algum padrinho abastado que o Gonçalves não encontrou, trás a figura morena e triste enfiada em vestido que noutros repetidos e modestos usos já perdeu o duvidoso brilho. Mas não é pelos trajos que os olhares se fixam nos moços; é porque nesses, e em sua incógnita, se sente a esperança de que alguma coisa aconteça de novo, ou de menos visto, diferente do resto que, não só pelo impróprio da noite, irá ser igual ao costumado, vulgar e sem glória.

Sabor a glória, ainda não

chegada, vai ter a noite para os dois procurados toureiros, procurados e não sabemos se se encontraram: mais posto e confiado o Bento, era nobre o manso e fugidio novilho, deixou-lhe dar passes aqui e ali elegantes e com temple, e pelos dois lados, só no brincar se notou o canhoto — pois também nas bandarilhas, metido o castanho nas tábuas da sua querença natural, ali o peito lhe ofereceu valoroso, e os dois braços por igual levantou. Oxalá lhe não forcem a natureza, encontre quem lhe ensine o que precisa aprender, não o que deve ignorar.

E na figura sem planta, no ar sofrido do moreno Gonçalves, alquebrado pela colhida com que a pouca clareza do novilho castigou suas verduras, os pés defendendo-se indecisos no movimento e no recuo, poderá não pulsar o motor que ao seu gesto traga sossego — mas alturas houve em que pareceu o corpo transfigurar-se, brilhar nele a centelha indefinível. Foram uns instantes raros e fugazes, mas chegaram para que não lhe cortem as asas imberbes de pássaro acabado de nascer, não o obriguem a voar antes de saber o que é preciso, ainda que bastante não seja, para chegar às alturas donde se abraça a terra dos toureiros prometida.

Na noite de Lisboa, na hora imprópria das cortesias em que o cortejo se detem na arena órta de sol, ali estão os moços, tão diferentes e os dois embalados no mesmo sonho de um futuro precário, de impossível veredicto, pois ainda não começaram. Quem sabe se algum dia o será, também toureiro se tem de ser nas duas coisas, no fado e no ofício, como o tio Alfredo, no ofício que se aprende e quer, e no fado que lá dentro se trás ao nascer, e até à morte se vive, quando é verdadeiro.

Dedicado a António Pedro

Festival de Teatro de Setúbal abriu ontem

O grupo musical Trovante e o faquir Emiliano Neves galvanizaram as cerca de quinhentas pessoas que ontem à noite assistiram à abertura do 7.º Festival de Teatro de Setúbal, nos claustros do Convento de Jesus.

O programa da primeira noite da edição deste ano da iniciativa incluiu ainda representação pelo Teatro de Animação de Setúbal (TAS) da peça em quinze minutos «O Loppa», de António Pedro, dirigida por Alexandre de Sousa, e a actuação do grupo musical de amadores «Dito e Daquilo».

A abrir o festival, dedicado a António Pedro, o director do Teatro Experimental do Porto (TEP), José Cayolla, evocou a figura deste drama-

turgo, poeta, contista, encenador e ensaísta, recordando o seu papel no teatro português dos anos cinquenta e em especial a importância que teve na criação e nos primeiros dez anos de vida do TEP.

«Com António Pedro — disse José Cayolla — nasceu a descentralização teatral no nosso país, nasceu um novo reportório, uma nova maneira de estar no palco e uma nova maneira de ensinar».

A abrir as actividades paralelas do Festival, o palhaço e faquir Emiliano Neves, 68 anos, apresentou num palco montado à entrada dos claustros do convento uma série de números que surpreenderam o público.

O Festival de Setúbal, que prossegue até ao próximo dia 23, junta este ano doze companhias profissionais radicadas na província, duas de Lisboa e quatro grupos de teatro de amadores, mas não apresentará nenhum espectáculo em estreia.

«Vai sendo cada vez mais difícil organizar este tipo de manifestações sem apoios consistentes» — disse o director do certame, Carlos César.

O festival incluiu uma extensa e pormenorizada exposição retrospectiva dos primeiros cinquenta espectáculos do TEP, integrada na homenagem a António Pedro, personalidade a quem são dedicadas nas actividades paralelas cinco debates: a

sua influência no teatro português contemporâneo, as suas relações com a crítica, com a televisão, os estudos sobre o trabalho de actores e a prática de encenação, e um último que tratara das montagens que fez com o TEP.

A evocação de António Pedro inclui ainda depoimentos gravados em vídeo de actores que trabalharam com ele.

O programa de hoje exibirá dois espectáculos, «Lady Strass», de Eduardo Manet, pelo TAS — às 18.30 — e outro pelo TEP, «A Boda dos Pequenos Burgueses», de Brecht, às 21.30.

PALÁCIO DA JUSTIÇA TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA

13.º Juízo — 5.º Piso
Processo n.º 7926 — 2.ª Secção

ANÚNCIO

Faz-se saber que, por este tribunal, 2.ª secção, nos autos de execução sumária que Carlos Alberto da Silva instaurou contra Francisco António Pereira que teve a morada conhecida na Rua Rosa Damasceno, 3-1.º em Lisboa, fica este executado citado, para no prazo de dez dias que começa a contar de finda a dilação de trinta dias contados da 2.ª e última publicação do anúncio, deduzir, querendo oposição à execução, ou pagar ao exequente a quantia de 136 950\$000, acrescida de custas e outras despesas legais, ou no mesmo prazo nomear bens à penhora, sob pena de não o fazer tal direito ser devolvido ao exequente.

Lisboa, 30 de Junho de 1982

O JUIZ DE DIREITO,
a) António Máximo da Silva Guimarães
A ESCRITURÁRIA,
a) Cláudio Araújo de Sousa Gomes

Manuel Rafael, Lda.
TUDO EM MATERIAL ELECTRICO
TV DO FORNO 7-A (AO ROSSIO) T. 371001/2



O jogador italiano Paolo Rossi, uma das vedetas da selecção de Itália que hoje defronta a selecção da Polónia.

- 16.10 Campeonato do Mundo de Futebol — Transmissão directa, de Barcelona, do jogo Polónia-Itália.
- 18.05 Tempo dos mais novos
- 18.30 País, País
- 18.55 A revisão constitucional na Assembleia da República
- 19.15 Telejornal — As notícias do País e do estrangeiro
- 19.55 Campeonato do Mundo de Futebol — Transmissão directa, de Sevilha, do jogo RFA-França
- 21.50 Telenovela — «Vila Faia»
- 22.15 TV Repórter — «Moçambique»
- 23.10 Campeonato do Mundo de Futebol — Resumo da jornada
- 23.20 Último Jornal — Um resumo noticioso.



Uma cena do filme português «O Passado e o presente» que será exibido esta noite na RTP-2



- 18.30 País, País
- 18.55 Feiras do Norte de Portugal
- 19.30 Museu de Cinema — O Sítio do Picapau Amarelo
- 20.00 Informação/2
- 21.00 Animação/2
- 21.30 Cinema português — «O Passado e o Presente». De Manuel de Oliveira e Paulo Rocha

Amanhã



13.00: Primeiro jornal; 13.30: «Ciranda de Pedra»; 14.00: O Invenível Hulk; 14.15: O Mundo das ferramentas; 18.32: Tempo dos Mais novos; 19.00: País, País; 19.30: Desenhos Animados; 20.00: Aprender saúde; 20.25: O Tempo; 20.30: Telejornal; 21.05: «Vila Faia»; 21.35: Super Estreias; 22.30: A Balada de Hill Street; 23.20: Último jornal.

17.00: Eurovisão — Atletismo RDA-U.A.A.; 18.30: Estúdio aberto; 20.00: O Sítio do Picapau amarelo; 20.30: Os caminhos do eterno; 21.30: A Ilha dos Trinta Caxões (1.º episódio); 22.30: Programa musical.

GRUNDIG qualidade em toda a linha!



Futebol: Polónia-Itália (16.10)
França-RFA (19.55)

«O Passado e o Presente» (21.30)



Além de um programa à escolha oferece-lhe

19.30 — MUSEU DE CINEMA

António Lopes Ribeiro apresentará e comentará a segunda parte de «Os Fidalgos da Casa Mourisca», com acompanhamento musical, ao piano, de Resendo Dias.

ASSISTÊNCIA TÉCNICA GRUNDIG

NACIONAL RADIO - Rua B Jesus Caração, 17 Cruz Quebrada - Tel. 2112871

FILMES OCIDENTE



JACK NICHOLSON um filme de MONTE HELLMAN

DUELO NO DESERTO

THE SHOOTING

AMANHÃ ESTREIA

é o fim de uma longa viagem

FILME DE QUALIDADE



INTERDITO A MENORES DE 13 ANOS

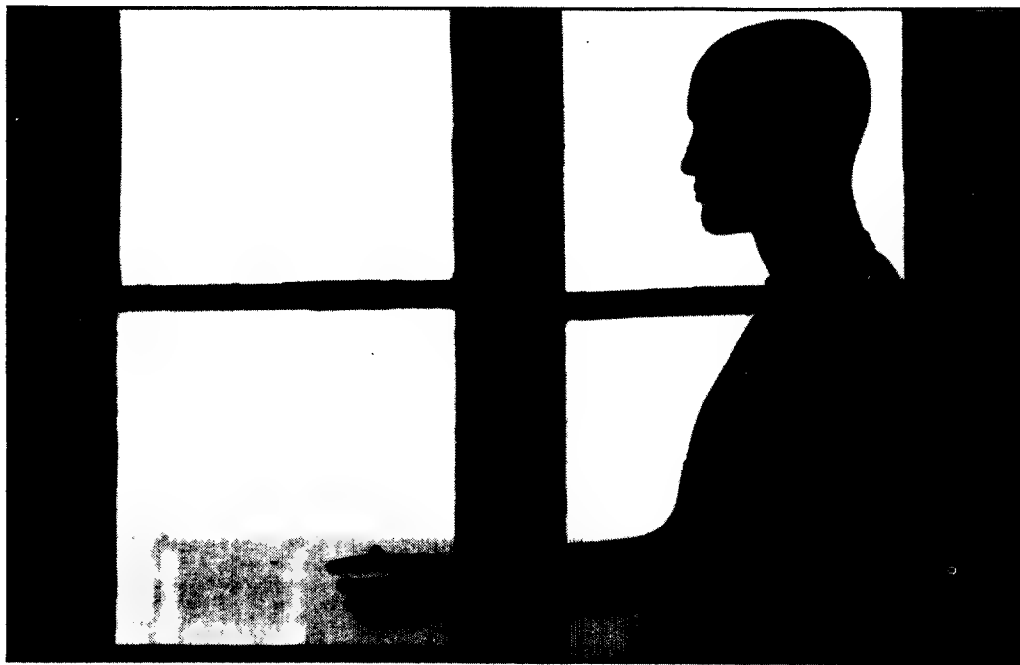
roteiro cultural

Música

Tommy Halferty, que tocou no Hot há precisamente um ano, vem de um país que, como o nosso, dá uma difícil vida aos músicos de jazz: a Irlanda, apresentando-se hoje, amanhã e no sábado, às 22.30 e às 0.30 no HCP, o refúgio jazístico da Praça da Alegria. Tommy Halferty será acompanhado por David Gausden no contrabaixo e Pa-leka na bateria.

Noutro campo, a Orquestra da Escola de Jazz do Hot Club de Portugal não está inactiva. Depois da Festa do «Avante!» (actuação não concretizada por causa da chuva), estará amanhã à noite em Coimbra para um concerto integrado nas festas da cidade.

O Quarteto de Kenny Wheeler, famoso trompetista inglês que tem tocado com músicos de reconhecida qualidade como Keith Jarrett, Jan Garbarek, Jack De Johnette, Anthony Braxton e Albert Mangelsdorff, vai realizar amanhã um concerto em Viana do Castelo, por iniciativa da Academia de Música local. O concerto, único que o conjunto dará em Portugal, realiza-se ao ar livre na pa-



«Drakula Concerto», espectáculo realizado pelo Grupo Maizum, efectua as suas últimas representações

rada do ex-BC9, actual Centro Cultural do Alto Minho.

Teatro

O 7.º Festival de Teatro de Setúbal, este ano dedicado à memória de António Pedro, prossegue hoje com os dois seguintes espectáculos: «Lady Strass», de Eduardo Manet, pelo TAS, às 18.30, no

seu Teatro de Bolso, e «A Boda dos Pequenos Burgueses», de Brecht, pelo Teatro Experimental do Porto. A fim de facilitar a vida aos pais de família, há um serviço de acolhimento de crianças para os espectáculos que se efectuem à noite.

«Drakula Concerto», espectáculo realizado pelo Grupo de Teatro Maizum,

efectua as suas últimas apresentações nos dias 8, 9, 10 e 15, 16, 17 de Julho pelas 22 horas, no Palácio Marquês de Pombal, Rua do Século 65, Tel. 320570. «Drakula Concerto» é um espectáculo com direcção de Adolfo Gutkin e participação de Ávila Costa, Bibi Perestrelo, Carlos Fedrico, Carlos Paula, Carmen Prast, De Lara, Helena Lucas, Isabel Bezelga, João Lagarto,

José Lopes, Luís Gamito, Paula Freitas e Silvina Pereira, e ainda Teresa Mónica. Colaboram também neste espectáculo Ana, José Caldas, José Gil, Júlio Pinto, Nuno Carinhas, Paula Massano.

Rádio

«Os Olhos Férteis» é um programa de cinema, escrito por Pedro Costa e José Manuel Alexandre, transmitido no canal 2 da Radiodifusão Portuguesa. Hoje, às 17 horas, a emissão que comemora agora um ano de transmissão regular, assumirá um novo aspecto formal, apresentando uma colagem de textos de Dziga Vertov, Maiakovsky, Jean-Luc Godard e outros.

Outros destaques do Programa 2 da RDP: hoje, às 21 horas, concerto público no Estúdio «A» pelo Coral Caminhos Novos. Amanhã, às 17 horas, «As Palavras dos Músicos», de João de Freitas Branco; às 18.05, «As Cores e as Formas», de Rui Mário Gonçalves; às 21.25, transmissão directa de um concerto nas ruínas do Carmo, pela Orquestra Sinfónica da RDP, sob a direcção de Álvaro Cassuto,

com o violinista Gerard Ribeiro como solista.

Exposições

Integrada na Exposição do Centro Pompidou, patente na Sociedade Nacional de Belas Artes, realiza-se hoje, pelas 22 horas, uma sessão ilustrada com diapositivos sobre a exposição Paris-Paris, realizada recentemente no mencionado Centro. Para o colóquio conta-se com a presença do crítico Fernando Pernes e do pintor Domingos Pinho.

A tauromaquia na arte. Inaugurou-se no passado dia 2, no Casino Estoril, uma colectiva de desenho, pintura e escultura com temática tauromáquia. A mostra inclui obras de António Araújo, Delfim Maya, Domingos Saraiva, Duarte de Almeida, José Maria de André, José Barahona Nuncio, José Cândido, João Ayres, João Fragoso, Luís Gonçalves, Manuel Lima, Martin Maqueda e Soare Branco. Reproduções de Goya completam esta exposição que estará patente ao público todos os dias, das 15 às 24 horas, no Casino Estoril.

TRANSPORTES
DE MERCADORIAS

FIRMA COMPRA-SE

DOTAÇÃO CARGA 32 000/64 000

Resposta ao N.º 8702

ENFERMEIROS

Admite em regime eventual o
HOSPITAL DISTRITAL DE FARO

Contacte: Telefone — 22011/12/15/18
Apartado — 346 — FARO

CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS
BANCO FUNDADO EM 1864

PAGA OS MAIS ALTOS JUROS DA BANCA

COTAÇÕES DE NOTAS

	(Por unidade)	
	COMPRA	VENDA
AFRICA DO SUL (rand)	65840	70840
ALEMANHA FED (marco)	33850	34850
AUSTRIA (xelim)	4885	4985
BELGICA (franco)	18583	18783
BRASIL (cruzeiro)	2286	2386
CANADA (dólar - notas de 1 e 2)	64885	66885
(notas de 5 a 1000)	66835	67835
DINAMARCA (coroa)	970	1080
ESPAÑA (peseta)	8710	8810
EUA (dólar - notas de 1 e 2)	84815	85815
(notas de 5 a 1000)	84865	85865
FINLÂNDIA (marka)	17880	18880
FRANÇA (franco)	12805	12875
HOLANDA (florim)	30835	31875
INGLATERRA (libra)	144880	148880
IRLANDA (libra)	118820	119820
ITALIA (lira)	8054	8084
JAPÃO (iene)	2295	2330
NORUEGA (coroa)	13815	13865
SUECIA (coroa)	13810	13860
SUIÇA (franco)	38835	40845
VENEZUELA (bolivar)	17845	18845

Observações:

1. - No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.
2. - Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 3 por mil.



UMA AGENCIA DE VIAGENS DE SERVIÇO COMPLETO

Lisboa Estoril Porto Guimarães Faro Portimão Madeira e Açores

rádio

«ANTENA 1»

17.00 Ovo de Colombo; 17.20 Informativo de trânsito; 17.30 Maneiras de falar; 17.50 Informativo de trânsito; 18.20 Informativo de trânsito; 18.30 Ontem, manchete de amanhã; 19.00 Sinal horário - Informação e música; 20.00 Programa da Noite; 20.15 Folhetim: «Febo Moniz», de Oliveira Martins; 21.00 A Viver também se Aprende; 21.30 Livre e directo - Programa do Núcleo de Programas Desportivos; 23.00 Títulos do Último Jornal; 23.30 Último Jornal - Notícias intercalares às 16.00, 17.00, 18.00, 21.00 e 22.00 horas.

Programa 2

15.30 Que quer ouvir? - Sinfonia n.º 7 em mi maior de Anton Bruckner - Concerto em ré menor, de Felix Mendelssohn; 17.00 Os olhos férteis; 17.30 Concerto n.º 2, em ré maior, de Joseph Haydn; 18.05 Encontro com...; 19.00 Para além da leitura; 19.45 Prelúdio de «Parafest», de Richard Wagner; 20.10 Quarteto de cordas, op. 35, de Chaikovski; 20.40 Música de piano; 21.30 Transmissão directa do concerto ao vivo com o coral Caminhos Novos; 23.20 «Uma sinfonia do mar», de Vaughan Williams; 00.30 Música de Órgão; 01.00 Notícias de hora a hora.

Rádio Comercial (283,290 e 397 m)
14.05 Matiné; 15.45 Teatro trágico; 17.03 Ora hora; 20.03 Tempo de espectáculo; 20.30 Quando o telefone toca (1.ª edição); 21.30 Quando o telefone toca (2.ª edição); 21.30 Portugal e a CEE; 22.15 Religiões; 22.30 Tempo de desporto; 23.03 24.ª hora. Notícias de hora a hora.

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)

15.03 O vapor; 16.03 Rock em Stock; 18.03 Círculo em FM; 19.03 Em órbita; 20.03 Espaço 3 P; 21.03 Abandajazz; 22.03 Café concerto. Notícias de hora a hora.

RÁDIO RENASCENÇA

FM e OM de Lisboa

16.00 Aqui e agora; 17.00 Jornal da mulher; 18.15 Igreja em Notícia; 18.20 Palavra do Dia; 18.30 Transmissão do Terço; 19.00 Títulos de Informação; 19.03 Programa da LAR; 19.30 Jornal da Noite (com Nota de Abertura); 20.00 Dé no vinte; 21.00 Quando o telefone toca; 21.30 Pentagrama; 22.00 Diálogo e vida com Eduardo Rego; 22.30 Programa especial a/ MUNDIAL 82; 23.30 Jornal das 23.30 (com Nota de Abertura); 23.55 Meditando.

Noticiários intercalares - às 06.00, 16.00, 17.00, 21.00 e 22.00.

Onda Média de Muge e Porto

Programa igual ao de FM e OM de Lisboa, excepto nos seguintes casos: 16.00 Todos à uma; 21.00 Programas culturais e 21.30 Via Láctea.

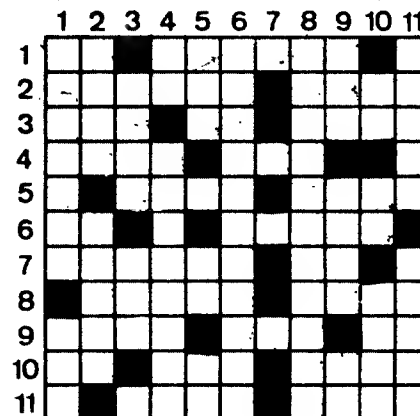
Tiragem média diária do mês anterior: 43 493 exs.

palavras cruzadas

COM PROVERBIO PROBLEMA N.º 13 471

HORIZONTAIS:

- 1 Plutónio (s.q.). Embeber. Artigo definido
- 2 Aparece em lugar alto. Giro.
- 3 Ócio. Artigo definido. Ratar.
- 4 Doença que dificulta a respiração. O mesmo que três.
- 5 Escavação.
- 6 Zomba. Terceiro estômago das aves.
- 7 Guarneceria de asas. Niquel (s.q.).
- 8 Paixão. Faz novelas.
- 9 Educa. Terceiro. Alumínio (s.q.).
- 10 Preposição e artigo (inv.). Mãe de Rômulo e Remo. Estaleiro.
- 11 Progenitores. Impulso.



VERTICAIS:

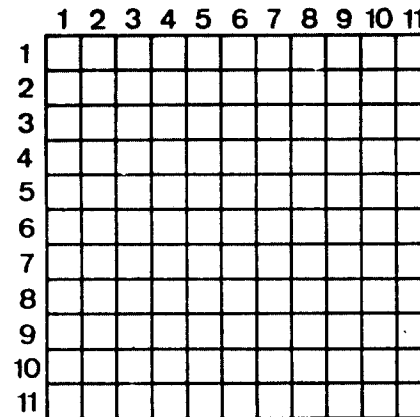
- 1 Locução. Preposição.
- 2 Empregues. Rio de França.
- 3 Máximo. Apêlo.
- 4 Moderato. Despertara.
- 5 Espécies. Flauta chinesa de três buracos. Hospedaria oficial na China (inv.).
- 6 Lamentarias.
- 8 Pesarosa.
- 9 Rato. Combino. O lado do vento.
- 10 Preposição. Deus dos pastores. Deus do Vinho.
- 11 Irmão de Moisés. Guardar segredo.

Resolva completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 9331

HORIZONTAIS:

- 1 Região ao Sul de Espanha atravessada pelo rio Guadalquivir.
- 2 Animal bovino, do sexo masculino, adulto e não castrado. Centiare.
- 3 Cãhamo de Manila. Feições.
- 4 Carregamento.
- 5 Boneca (pop.). Combinais
- 6 Cordeiros
- 7 Motim das ruas. Sufixo que designa estado
- 8 Tempo do verbo ir. Sistema
- 9 Rum. Alterar.
- 10 Prefixo de negação. Alternativa
- 11 Pães de milho.



VERTICAIS:

- 1 Cidade dos Estados Unidos. Um milhar.
- 2 Laço. Pronome pessoal. Sem frequentemente à rua.
- 3 Fluor.
- 4 Pequena árvore da família das Miráceas, de frutos comestíveis frequente no Brasil e cultivada em Portugal. A voz do lobo e de outras feras (pl.).
- 5 O lado do vento. Cidade da Suíça.
- 6 Fechar
- 7 Mulher que se intromete em tudo. Concelho do distrito de Cabo Delgado.
- 8 Bisnaga. Vinho de palmeira e de coco, empregado antigamente em medicina como tónico
- 9 Filtras. Cupido.
- 10 Costurei. O sono das crianças.
- 11 Cabelos brancos. Aspecto amável.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 13 470

HORIZONTAIS:

- 1 QUEM; DEIXA.
- 2 Ruia; Sras.
- 3 Dr.; Amizaria.
- 4 Ea; Ditos; Lo.
- 5 Agil; Pds.
- 6 Sai; Avô.
- 7 Am; Or; Ina.
- 8 Rs; An; Sul.
- 9 Sata; ANI.
- 10 Grá; OO; Rica.
- 11 Rama; Irosas.

VERTICAIS:

- 1 DE; SER; Gr.
- 2 Urraca; Será.
- 3 Eu; La; Am.
- 4 Maia; Mas.
- 5 AMIGO; NÃO.
- 6 It; O; FOI.
- 7 Esmolaria
- 8 Irás; Ro.
- 9 Xar; Poisais.
- 10 Asiio; NUNCA.
- 11 Aos; Aliás

Provérbio: Quem deixa de ser amigo, não o foi nunca.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9330

HORIZONTAIS:

- 1 Di; Amarra.
- 2 Avisaríamos.
- 3 Toca; Ralais.
- 4 Alor; Emas.
- 5 Rau; Apor; Rn.
- 6 In; Suas; Mat.
- 7 Adir; Tapa.
- 8 Ivanhoe; Or.
- 9 Caa; Oo; Cosi.
- 10 Ia; Ume; Aa.
- 11 Au; Sr; Cré.

VERTICAIS:

- 1 Dataria; Coa.
- 2 Ivólândia.
- 3 Içou; Ivaí.
- 4 Asar; Sra; As.
- 5 Ma; Au; No.
- 6 Arrepanhou.
- 7 Riamos; MC.
- 8 Ralar; Tecer
- 9 Amas; Ma.
- 10 Oi! Raposa.
- 11 Assentarias

cartaz de cinemas e teatros

abcCINE 803055

Centro Comercial de Alvalade
SALA A
Às 14.30, 16.30, 18.30, 21.45 e 24
n. acons. men. 13 anos
ARTUR O ALEGRE CONQUISTADOR

SALA B
Às 14.45, 17, 19, 21.30 e 23.45
- N. ac. men. 13 a.
UM NOBEM, UMA MULHER

ALVALADE 897480

Av. de Roma
Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
A FORÇA DA RAZÃO
c/ Shashi Kapoor e Hema Malini
Um filme de B. Subhash
Colorido

APOLO 763319

Av. Julio Dinis, 10-A
Às 13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 23.30
JERRY, ENFERMEIRO SEM DIPLOMA
Um filme de Frank Tashlin
Não acons. men. 13 anos

AVIS 547163

Av. Duque de Avila, 45
Às 15.30 e 21.30 - N. ac. men. 13 a.
A TURMA DOS REPETENTES

BERNA 776098

Av. Marquês de Tomar
Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30
N. ac. a men. 13 anos
UM LOBISOMEM AMERICANO EM LONDRES
7.ª Semana

CALEIDOSCÓPIO 795093

Campo Grande
- Para Todos
Às 14, 16.30, 19 e 21.30
SE O MEU CARRO FALASSE

CASTIL 530194

Rua Castilho
Às 15.30, 18.30 e 21.30
N. acons. men. 13 anos
POR FAVOR NÃO MEXAM NAS VELHINHAS
Uma comédia de "morte"... a rir de Mel Brooks
4.ª Semana

CINE 222 579460

Av. Pr. da Vitória, 37 (ao Saldanha)
Às 15.15, 18 e 21.30
- Int. men. 13 a.
MORTE NO NILO
c/ Peter Ustinov, Jane Birkin,
Às 24.00
HOOPER O MAIOR

CINEBOLSO 573407

R. Actor Taborda, 27-B
Às 12.30, 14.30, 16.45, 19 e 21.30
- Int. men. 18 a.
SEXO AO PEQUENO ALMOÇO
Pornográfico - Hardcore
Às 24
OS DISCÍPULOS DO DRAGÃO NEGRO

CINE BLOCO 556824

Gaveto Av. 5 de Out. e Pinh. Chagas
Às 21.30
BLOW-UP - A HISTÓRIA DE UM FOTÓGRAFO
Às 14.30, 16.45 e 19
SILVESTRE
Às 24
AMERICAN GIGOLO

CINE CAMÕES 324194

Rua do Loreto, 15
Às 14.15, 16.30 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
A ÁGUA VINGADORA

CONDES 322523

Av. da Liberdade, 2
- N. ac. men. 18 a.
Às 14, 16.30, 19 e 21.30
AVENTURA EM MARRAKECH

EDEN 320768

P. dos Restauradores, 21
Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
OS DOIS MAGOS DA BOLA
c/ Franco Franchi e Ciccio Ingrassia
Um filme de Mariano Laurenti
Eastmancolor

ESTÚDIO 555134

Alam. Afonso Henriques, 35
Às 15.30, 18.30 e 21.30
- Int. men. 18 a.
OS MALDITOS
6.ª Semana
Um filme de Luchino Visconti

ESTÚDIO 444 779095

Av. Defensores de Chaves, 83-B
- N. ac. men. 18 a.
Às 15.30, 18.30 e 21.30
ASSALTO À 13.ª ESQUADRA

IMPÉRIO 555134/5

Al. Afonso Henriques, 35
Às 15.15, 18.30 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
O maior western de todos os tempos
DUELO AO SOL
c/ Jennifer Jones e Gregory Peck
O filme de King Vidor
Filme após início do espectáculo

LONDRES 801313

Av. de Roma, 7-A
Às 14, 15.30, 19 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
A CASA DO LAGO

LUMIAR 79 52 96

Calçada de Carriche, 38
Encerrado para férias em 1-6-82

MONTECARLO 681117

Av. Pedro Álvares Cabral, 37
Às 15.30, 18.30 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
A FORÇA DA RAZÃO
c/ Shashi Kapoor, Hema Malini,
Prau, Amjad Khan
e Ashok Kumar

MONUMENTAL 555131

P. Duque de Saldanha
Às 21.30 - N. ac. men. 13 a.
FUGA PARA A VITÓRIA
Às 15.15 e 18.15
OS COMANDOS DA FORÇA Z

NIMAS 574362

Av. 5 de Outubro, 42-B
Não acons. men. 13 anos
14.00 16.30 19.00 21.30
MOMENTOS DE GLÓRIA

ODEON 328283/4

R. Condes, 12 a 20
Às 15.15, 18.15 e 21.30
- N. ac. men. 18 a.
OS BANDIDOS DO TEXAS
c/ Jack Palance e Sylvia Syms

PATHE 821933

R. Francisco Sanches, 122
14.00, 16.30, 19.00, 21.30
Para todos
SISI



Ciclo Romy Schneider. Uma cena de um dos sete filmes em exibição em 2 salas do quarteto

QUARTETO 771378

R. Flores de Lima, 16
SALA 1
Às 15, 17, 19, 21.30 e 23.30
- Int. men. 18 a.
O IMPÉRIO DO DESEJO

SALA 2
Às 14.30, 16.45, 19, 21.15 e 23.30
- N. ac. men. 13 a.
ALL THAT JAZZ

SALA 3
Às 15, 17, 19, 21.30 e 23.30
- N. ac. men. 18 a.
CÉSAR E ROSÁLIA, DUELO NA ILHA, UMA HISTÓRIA SIMPLES e A CALÍFA
SALA 4
Às 14, 15.45, 19 e 23.30
- N. ac. men. 18 a.
A MULHER À JANELA, LUÍS DA BAVIERA e A BANQUEIRA

ROMA 887778

Av. de Roma, 14 M-N
Encerrado para férias até 15-7

ROXY 548560

Av. Almirante Reis, 20
Às 15.15 e 22.00
Int. a m. 13 anos
AS RAPARIGAS DO REGIMENTO
c/ Laurence Mercier e Dora Doll

S. JORGE 579144-579344

Av. da Liberdade, 175
S. JORGE SALA 1
Às 13.45, 17.30 e 21.15
- N. ac. men. 13 a.
Vencedor de 3 «Oscars»
REDS
c/ Warren Beatty e Diane Keaton
12.ª Semana

S. JORGE SALA 2

Às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.45
- N. ac. men. 13 a.
A AMANTE DO TENENTE FRANCÊS
26.ª Semana

S. JORGE SALA 3

Não acons. men. 13 anos
Às 14, 16.15, 18.45 e 21.30
O regresso dum obra-prima
O SENHOR DOS ANS

SATÉLITE 562632

Av. Fontes Pereira de Melo, 61
Às 15.00, 17.00, 19.00, 21.30
Int. men. 13 anos
NOSTRADAMUS O HOMEM QUE PREVÊ O AMANHÃ
8.ª semana

7.ª ARTE 730715

Av. República, à Est. de Entre Campos
Junto ao n.º 68
007 em festival - c/ Sean Connery
DR. NO - AGENTE SECRETO 007
Domingo, às 11.15 horas - Para todos
PANTERA E SEUS AMIGOS

STAR 804210

Av. Guerra Junqueiro, 14-C
Às 14.30, 18.00 e 21.30
N. Ac. a M. 13 anos
Um filme de Claude Lelouch
UNS E... OS OUTROS
37.ª Semana

TERMINAL 371573

Estação do Rossio
Às 11, 13, 15, 17, 19, 21.30 e 23.30
N. acons. men. 13 anos
KRAMER CONTRA KRAMER

TIVOLI 570595

Av. da Liberdade, 188
Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30
CELEBRES E RICAS
Int. men. 13 anos
6.ª Semana

VOX 880808

Av. Fr. Miguel Contreiras, Lote 879
Às 15, 18.15 e 21.30
- M. 14 a.
O personagem mais misterioso da Segunda Guerra Mundial!
O MAIOR ESPÍO DA HISTÓRIA
c/ Romy Schneider, Yul Brynner
e Christopher Plummer

XENON 368480

Av. da Liberdade, 9
Às 14.15, 16.30, 19.00 e 21.30
N. Ac. M. 13 anos
O GENDARME E OS EXTRA-TERRESTES

outros cinemas

Lisboa

ALFA 1 - «O Herdeiro», às 21.30 (13 anos)
ALFA 2 - «Os Salteadores da Arca Perdida», às 21.30 (13 anos)
ALFA 3 - «O Crepúsculo dos Heróis», às 21.30 (18 anos)
2000 - «O Samurai Negro», às 21.30 (18 anos)
OLÍMPIA - «Mister Porno», (18 anos) - Sessões permanentes
RESTELO - «O Santo e a Vendetta», às 21.30 (13 anos)
CAPITÓLIO - «As Enfermeiras do Sexo», às 21.00 e 23.00 (18 anos)
CITY CINE - «La Luna», às 21.30 (18 anos)
POLITEAMA - «Revak, o Rebelde», às 21.30 (13 anos)
PROMOTORA - «Empresta-me, o Teu Motorista», às 21.15 (18 anos)
PÁTRIA - «A Sobeirinha é de Gritos», às 21.30 (13 anos)
ROYAL - «O Comboio dos Malucos», às 21.30 (13 anos)

Linha de Cascais

ALGÉS - Stadium - «Golpe de Mestre», às 21.30 (13 anos)
PAREDE - Royal-Cine - «Sem Culpa Formada», às 21.15 (13 anos)
ESTORIL - Casino - «O Clube dos Malandres», às 17 e 21.15 (13 anos)
ESTORIL - Palácio - «Meia Bola e Força», às 21.30 (13 anos)
CASCAIS - Oxford - «Arthur - O Alegre Conquistador», às 21.30 (13 anos)
CASCAIS - Impala - «Trinidade Cowboy Insolente», às 21.30 (13 anos)

Outra Banda

COSTA DA CAPARICA - Sílveira - «Zombi, Holocausto Canibal», às 21.30 (18 anos)
ALMADA - Cine Almada - «O Uivo da Fera», às 21.30 (18 anos)
ALMADA - Invernal - «Viva Zapata!», às 21. - (13 anos)
ALMADA - Academia - «Uma Lição de Amor», às 21.15 (13 anos)
TRAFARIA - Pavilhão Jardim - «Amor e Balas», às 21.45 (13 anos)
SETUBAL - Alga - «Fantasma de Amor», às 21.15 (13 anos)

Linha de Sintra

DAMAIA - D. João V - «Sombra do Passado», às 21.30 (13 anos)
AMADORA - Cine-Plaza - «Fuga para Atenas», às 21.30 (13 anos)
AMADORA - Lido - «Perseguição Sem Regresso», às 21.30 (13 anos)
AMADORA - Cinestúdio - «A Rapariga e o Detective», às 21.30 (13 anos)
CACELI - Cinestúdio Flores - «A Grande Carrapata», às 21.30 (13 anos)
SINTRA - Carlos Manuel - «O Navio-eiro», às 21.30 (18 anos)
MAFRA - Cinestudio - «Lili Marlene», às 21.30 (18 anos)

Porto

BATALHA - «Os Gansos Selvagens», às 21.30 (18 anos)
SÃO JOÃO - «Chove em Santiago», às 21.30 (18 anos)
BEBE - «Coleções Privadas», às 21.45 (18 anos)
JULIO DINIS - «O Espírito do Dragão», às 21.30 (13 anos)
VALE FORMOSO - «O Justiciero da Noite», às 21.30 (18 anos)
FOCO - «Blow Up», às 21.30 (18 anos)
SÁ DA BANDEIRA - «Delírios de Prata», às 21.30 (18 anos)
CHARLOT - «Momentos de Glória», às 21.30 (13 anos)
OLÍMPIA - «O Terror dos Bárbaros», às 21.30 (13 anos)
COLISEU - «Duelo dos Grandes Lutadores», às 21.30 (13 anos)
PEDRO GEM - «Uns e Outros», 21.30 (13 anos)
LUMIÈRE-A - «Mas que Vizinhos», às 21.30 (13 anos)
LUMIÈRE-L - «Beco sem Saída», às 21.45 (13 anos)
PASSOS MANUEL - «Reds», às 21.30 (13 anos)
TRINDADE - «Glória», às 21.45 (13 anos)
ESTÚDIO - «Encontro com o Destino», às 21.30 (13 anos)
RIVOLI - «Amor e Balas», às 21.30 (13 anos)
ÁGUA - «A Órta», às 21.30 (13 anos)
TERÇO - «12 Horas de Pavor», às 21.30 (13 anos)
RAJONE - «O que se Passa Doutor», às 21.30 (13 anos)

Lisboa

PERMANENTE

Arcozelo-Apadeiro - CHINDE - R. Agostinho Lourenço, 6-8 T. 890331; Calvário-Alcantara - LUPI NO-QUEIRA - Rua José Dias Coelho, 4 Tel. 631635; Campo Pequeno/Roma - GALENO - Av. Oscar Mont. Torres, 36-A T. 774820; Carmide - LEAL DE MATOS - Rua Neves Costa 33-34 Tel. 780181; Conde Barão - BOZ TEBEIRA - Rua Poço dos Negros, 117 Tel. 601901; Estrela - UNIVERSAL - Rua Actor Taborda, 5-7 Tel. 44158; Lumiar - PATULEIA - Alm. Linhas Torres, 282-B Tel. 790332; Marquês Pombal - LIBERAL - Av. da Liberdade 219 Tel. 543641; Martim Moniz - TAVARES - Rua da Palma 194 Tel. 863350; Sapadores - BRANQUINHO - Rua dos Sapadores 67-69 Tel. 842725; Águia - COMBATENTES - Av. Comb. G. Guerra 166 Tel. 2104853; Branded - TAVARES DE MATOS - Rua 8 Lote 306 Tel. 893220; Oliveira - LEITÃO - Rua Guil. Gomes Fernandes, 62 T. 910051.

teatros

COMUNA: Café-Teatro - «Não Fui Eu... Foram Eles», às 22.00 (13 anos)
ADÓQUE - «Tá Entregue à Bicharada», às 21.30 (18 anos)
MARIA MATOS - «O Meu Rapaz é Rapariga», às 21.45 (13 anos)
S. CARLOS - «A Flauta Mágica», às 21.00 (13 anos)
TEATRO DA GRAÇA - «A Gaiota», às 21.30 (13 anos)
TEATRO ABERTO - «Oçam como eu Respirar», às 21.30 (18 anos)
VARIEDADES - «O Zé Amargoso a Taxa», às 20.30 e 23.00 (18 anos)
ABC - «Chá e Porradinhas», às 20.30 e 23.00 (18 anos)
VASCO SANTANA - «A Classe Dominante», às 21.30 (13 anos)

REFORÇO

Alto Pina - EMBEL - Rua Barão Sabrosa, 104 Tel. 841912; Alvalade - ROMA - Av. Roma 85-B Tel. 772466; Balas - VALADAS - Rua da Madalena, 235; Benfices-Camitério - LISBOA - Rua Cláudio Nunes 73-A Tel. 703393; Campo de Ourique - CASTRO FONSECA - Rua 4 de Infanteria 28-A Tel. 688657; Chelas - BANHA - Est. Chelas 173-175 Tel. 382241; Jerónimos - REMÍO - Rua dos Jerónimos, 14-C Tel. 631699; Lago - MOTA CAPITÃO - Rua São Félix, 45 BC Tel. 660726; Oliveira Bul - HIGIENE - Rua Cid. Vila Cabral, L. 43 Tel. 310026; São Sebastião - SÁ BANDEIRA - Rua Marq. Sá da Bandeira, 36-42 Tel. 554672; Pontinha - LEITÃO RIBEIRO - Rua A. do Falcão 3-A; Bursaco - Regimes de disponibilidade - VAZ MARTINS - Rua António Ferro 6-A Tel. 970680; Oliv. Baixo - NOVA - Rua Açores, 11-A Tel. 910305; Prior Velho (18 horas) - MATOS - Tv. Prioras Tel. 2519839.

Linha de Cascais

TINES - Quarenaria - L. Duarte, Lote A-v/c (Tel. 2441616) Até às 22 horas; ALCAMODECHE - Carvalhal - B. João P. Corr. 40-B (Tel. 2890383) Até às 22 horas; PORTO SALVO - Ferreira Bastos - R. D. Firmino Reb. (Tel. 2421015) Até às 22 horas; CARCAVELOS - Central - R. 5 de Outubro, 25 (Tel. 2470037) Permanente; B. DOIS-AGUAS DE RANA - Gasolina da Silveira - Av. Sabosa, 29-B (Tel. 290085) Até às 22 horas; BALVERIA DA SERRA - Luz - Até às 22 horas; PAÇO DE ARCOS - Pargana - Av. Eng.º Bonneville Franco (Tel. 2435147) Até às 22 horas; OBRAS - Oeiras - L. Henrique Paiva Coutinho - Tel. 2430485) Permanente; PAREDE - Alar - Av. Gago Coutinho - B.º Calzas Previdência (Tel. 2472948) Permanente; SASSOBEROS - Amarel Sabido - Quinta das Encostas - Até às 22 horas; MADORNA - Madalena - Até às 22 horas; CAMOERA - Alentejo - Viv. Maria Carlos Arl. (Tel.

2882313) Até às 22 horas; ESTORIL - Parque - Arcadas do Parque, 3 (Tel. 280191) Até às 22 horas; CASCAIS - Cascais - R. Conde Monte Real - B.º Calzas (Tel. 282407) Até às 22 horas; Mafra - Mafra - R. Regimento 19, 41 (Tel. 280141) Permanente.

Linha de Sintra

AMADORA - Carmelo - R. Elias Garcia, Lote 28 (Tel. 933303) Permanente; Dias de Brito - Av. Marquês de Pombal, 45-A (Tel. 934588) Até às 22 horas; DAMAIA - Lemos - R. de Goa, 21-A (Tel. 971121) Permanente; QUELUZ - Queluz - Av. Miguel Bombarda, 123-A (Tel. 951841) Até às 22 horas; CACELI - Garcia - Av. dos Missionários, 2 (Tel. 2942181) Permanente; ALGUEIRÃO - Rodrigues Ramos - R. dos Mores, 1 (Tel. 2912038) Permanente; MERCES - Claro Russo - R. Abade Faria, 2-A (Tel. 2915275) Das 9 às 13 e das 15 às 21 horas; RIO DE MOURA - Av. Oscar Monteiro Torres, 8 (Tel. 2980194) Das 9 às 23 horas; SINTRA - Marquês - Estrela (Tel. 2930058) Permanente; COLARES - Abreja - (Tel. 299088).

Outra Banda

ALMADA - Cristo Rei - Av. do Cristo Rei, (Tel. 273498) Permanente; COVA DA PIEDADE - Rainha Santa - Av. Soc. Piedense, 50-A (Tel. 2760182) Até às 22 horas; LARANJEIRO - Moderna - R. Dr. António Elvas, (Tel. 2490305) Até às 22 horas; COSTA DA CAPARICA - Chal - Av. General Humberto Delgado, Até às 19 horas; BARREIRO - Soares - Av. da República, 1, (Tel. 2073023) Permanente; SETUBAL - Oliveira - R. da Misericórdia, Permanente; Louro - R. Frei António Chagas, 24-A. Até às 22 horas. SEMBRERA - Leão - Av. da Liberdade, 13 (Tel. 2233471); AMORA - Fonseca - R. Ribeiro, 124 - Cruz de Pau (Tel. 2211131); SEXUAL - Soromenho - R. Paiva Coelho, 38 (Tel. 2018560) Até às 22 horas; MONTIJO - Montijo - R.

farmácias

Almirante Reis, 93 (Tel. 2310035); MOITA - União Moitense - Av. dr. Teófilo Braga (Tel. 239025); ALHOS VEDROS - Quarenaria - R. Cândido dos Reis, 30 (Tel. 204020); ALCOCHETE - Gamela - L. António Santos Jorge, 15 (Tel. 281400).

LOURES - Sálvia - Av. da República, 29 (Tel. 2531240) Até às 22 horas; MOSCAVIDE - Banha - Av. Moscavide, 22-A (Tel. 2518518) Até às 22 horas; SACAVÉM - Lourenço - A. Almirante Reis, 31. Permanente; CAMARATE - Nova de Carneira - Tel. 2518726) Até às 19 horas;

Porto

LUSO-FRANCESA - Rua Sá da Bandeira, 140; S. JERÓNIMO - Rua de Santos Pousadas, 622; SAUDE - Avenida Combatentes da Grande Guerra, 689; CAMERA - Rua do Heroísmo, 90; ALVES - Praça do Exército Libertador, 62.

De dia e toda a noite

VILARRIA - Rua da Vilarinha, 161; LAPA - Rua Antero de Quental, 211; BONFIM - Rua do Bonfim 73; GOMES CARNEIRO - Rua de Cadeioita, 346; FERREIRA DE CARVALHO - Rua do Bonjardim, 354.

Coimbra

Das 9 às 9 do dia seguinte
MIRANDA - Praça do Comércio, 41. (Tel. 23261).



Sinal de trânsito
não é objecto
decorativo.
Respeite-o!



DL

PROPRIEDADE, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:
RENASÇENÇA GRÁFICA, S.A.R.L.
 Administração, Redacção, Serviços Técnicos e Publicidade:
RUA LUZ SORIANO, 44 - 1200 LISBOA
 Telefones: 321154/5 - 320271/2/3
 Publicidade: 368740

Agências, Assinaturas e Contabilidade
Rua Castilho, 185-1.º - 1000 LISBOA
 Telefones: 654531/2/3

Serviço de noite (depois das 21)
 Porteiro: 321154
 Redacção: 320271/2/3
 Mensagens gravadas: 320229

Endereço telegráfico DIBOA
 Telex 12363 LISBOA PORTUGAL

Delegação do Porto:
 Rua do Almada, 30-2.º - 4000 PORTO
 Telefones: 20854/5

LINUS, ACHAS QUE AS MUÇAMAS DEVEM FAZER DESPORTO COMO OS RAPAZES?



BEM, NÃO TENHO A CERTEZA...



HÁ SEMPRE O PROBLEMA DAS LESÕES...



DETESTO QUE ME MATEM!



O TEMPO
MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR	BAIXA-MAR
5.26 3,5 m	10.46 1,1 m
17.39 3,8 m	23.12 1,1 m

DIAS

8.01 3,5 m	11.21 1,1 m
18.13 3,7 m	23.49 1,1 m

TEMPERATURA DO AR AS 9 HORAS

VIANA DO CASTELO	20°
BRAGANÇA	25°
VILA REAL	19°
PORTO	19°
P. DOURADAS	17°
COIMBRA	20°
C. CARVOEIRO	18°
PORTALEGRE	11°
LISBOA	20°
ÉVORA	20°
BEJA	19°
SAGRES	19°
FARO	22°
P. DELGADA	19°
FUNCHAL	17°

últimas

RENDOSA ACTIVIDADE CRIMINAL apesar do escasso número de assaltos praticados durante a noite passada na área de Lisboa: dos seis casos denunciados à Polícia, quatro renderam 1650 contos. Duas residências: na Avenida Grão Vasco, 34, a Benficha e Rua Gago Coutinho, 14, em Odivelas, de onde levaram dinheiro e jóias. De um estabelecimento comercial na Avenida das Forças Armadas, 95, ao Campo Grande, furtaram 400 contos de máquinas de escrever e 800 contos de ferramentas de mecânica, e acessórios de automóveis de uma oficina da Azinhaga das Galinheiras, à Charneca do Lumiar. Também durante o mesmo período a sede do Partido Socialista em Camarate deu pela falta do televisor que animava os serões.

POLÍCIA ATENTA CONTRA O PUDOR de uma menina de 5 anos, segundo esta e a família o acusam: o caso terá ocorrido na freguesia de Valbom, no Porto, onde o guarda da PSP acumula com a de comerciante. Quando a menina foi ao estabelecimento comprar uma estereoscopia terá sido alvo de demoras e lubrificas carícias.

Estranhando a demora, os pais interrogaram a criança e esta contou o que se passara. A mãe da petiza, antes mesmo de denunciar o agente, já o soviu violentamente com uma vassoura, sem que este reagisse ou impusesse a «ordem» intempestivamente alterada no bairro.

Exitos de Milton chovem no Coliseu

Qualidade sem feitiço

Há momentos que não se repetem: ficam retidos na memória como uma passagem pelo maravilhoso, com a vontade de os viver de novo para provar que aconteceram... Ter como comparação um desses momentos não é certo fácil, como não é fácil romper a expectativa e partir para o mesmo local, para o mesmo nome, sem um enorme desejo que outra vez aconteça. Milton Nascimento voltou a Lisboa, cidade onde, numa noite de Abril, dois anos atrás, transformou um concerto num ritual mágico, num íntimo encontro entre o público e o feitiço que cada música transporta consigo. Ontem, Milton apresentou o primeiro dos dois concertos que aqui realizará. Acompanhado de excelentes músicos, interpretando diversas composições do concerto anterior, com o mesmo boné, a mesma presença... mas a magia não aconteceu.

Passava já das dez horas quando Wagner Tiso (teclas), Nivaldo Ornelas (saxofonista), Robertinho Silva (baterista), Hélio Delmiro (guitarrista),



Paulinho Carvalho (contrabaixista) e Frank Colon (percussionista) arrancaram para o primeiro dos dois instrumentais que reabririam o concerto de Milton Nascimento. Era a afirmação da qualidade desses músicos e das composições que interpretavam. Estava o ambiente criado, o público sabia que tinha diante de si verdadeiros senhores da música que, ao longo de cerca de hora e meia, provaram, apesar do péssimo som, que diferentes géneros de música se podem infiltrar uns nos outros, resultando daí composições que são por si viagens simultâneas a esse distante Nordeste brasileiro, à África, ao jazz americano, à América Central.

Milton Nascimento, viola em punho, em primeiro plano, marcava o contraste sempre presente em todos os seus espectáculos: como se o antigo trovador aparecesse harmoniosamente integrado com o alto e sofisticado som actual. E as composições sucederam-se. «Viola, Violão», «Sueño com serpientes», «Peixinhos do mar» «Caçador de mim», «Canção da América», «Cais», «Paixão e fé», «Maria, Maria», foram algumas das 25 temas ontem apresentados a um Coliseu quase cheio contando, por diversas vezes, com o acompanhamento do público.

Público que, no fim, não desistiu. Chamado insistentemente ao palco, Milton viria a

táculo que se tornou talvez limitado por ser uma quase exclusiva sequência de éxitos.

Milton não conseguiu que o encanto se apoderasse da sala.

O som, no entanto, não ajudou também a que tal acontecesse. Inexplicavelmente alto para um auditório como o Coliseu, o som que saía das enormes colunas instaladas pela «Concerto» amalgamava os instrumentos, retirava-lhes essa pureza que é característica das composições de Milton. Não permitia ouvir parte das surpresas que Frank Colon, nas percussões, retirava dos inúmeros objectos que o rodeavam e, por vezes, até o próprio piano do excepcional Wagner Tiso não se ouvia. Enfim, talvez que um terço da música ontem feita se tenha perdido nesse som que se tentou impor pelo exagero de decibéis.

Magia adiada, qualidade permanente: é sempre bom ouvir Milton. A memória faça o resto, entrelaçando o encanto de outra vez com o acompanhamento musical que agora nos foi dado ouvir.

Clara Viana



LONDRES

VOOS ESPECIAIS 12P AIR PORTUGAL
 PREÇOS EXCEPCIONAIS DESDE **15.800\$00**

UMA SEMANA (SÉRIE A)
 PARTIDAS TODOS OS DOMINGOS

DATA: 1. JULHO - 1. AGOSTO
 PREÇO: 15.800\$00

UMA SEMANA (SÉRIE B)
 PARTIDAS TODAS AS SÉPTIMAS

DATA: 1. JULHO - 1. AGOSTO
 PREÇO: 15.800\$00

MINI SEMANA (5 DIAS)
 DI DOMINGO A QUINTA FEIRA

DATA: 1. JULHO - 1. AGOSTO
 PREÇO: 15.800\$00

FIM DE SEMANA (4 DIAS)
 DI QUINTA FEIRA A DOMINGO

DATA: 1. JULHO - 1. AGOSTO
 PREÇO: 15.800\$00

LONDRES E ESCÓCIA
 PARTIDAS AS QUINTAS FEIRAS

8 JULHO - 1. AGOSTO
 DIAS SETEMBRO - 2. AGOSTO

VISITANDO
 BIRMINGHAM - CHESTER
 WINDERMERE - EDIMBURGO
 NEWCASTLE - DARLINGTON
 YORK - LINCOLN

INFORMAÇÕES E RESERVAS
 DESDE 1980

obreu

LISBOA - Avenida da Liberdade, 180 Tel. 313411
 LISBOA - Avenida de Roma, 56 Tel. 303809
 PORTO - Rua dos Aliados, 207 Tel. 317821
 PORTO - R. Eug. Castro, 256 (Foco) Tel. 681688
 COIMBRA - Rua da Seta, 2 Tel. 27011/8
 FARO - Avenida da República, 124 Tel. 25035/8
 FUNCHAL - Rua do Gorgulho, 1 Tel. 31077/8

Relâmpagos "saúdam" actuação dos Stones

Duas horas em palco, com uma temperatura de 40 graus, antes «refrescada» por uma chuva torrencial, os Rolling Stones actuaram ontem para 65 mil pessoas no Estádio Vicente Calderon, em Madrid, mostrando no decorrer do espectáculo que continuam a ser os «monstros sagrados» do rock.

Relâmpagos e centenas de balões coloridos acompanharam a entrada em cena dos Stones que, num aparato cenário rodeado de bolas de 80 metros de diâmetro, com um som atingindo os 500 000 vatios de potência, sem intervalo, sem qualquer quebra, levaram ao paroxismo a multidão que os escutava.

Mick Jagger, com berrante calças vermelhas e brancas, provocante como sempre, percorreu incessantemente o palco dançando, agitando-se ao ritmo do seu grupo. E entre fogo de artifício, embrulhado numa bandeira espanhola, Jagger terminou o concerto com «Satisfaction», grito de frustração da juventude dos anos 60.

Para além dos Stones, da multidão, milhares de polícias em cordão à volta do Estádio zelavam para que a loucura fosse sempre passível de controlo...

FÉRIAS PARA TODOS 82

Civilizações Milenárias
 EGIPTO - GRÉCIA
 GRÉCIA E TURQUIA
 CIDADES D'ARTE DE ITÁLIA
 AGUADELA SICILIANA
 ROMA

Outros Destinos
 FIORDS DA NORUEGA
 UNIÃO SOVIÉTICA
 LONDRES
 LONDRES E ESCÓCIA
 PARIS - MALTA
 CIRCUITO DA CÔRSEGA
 CIRCUITO DA SARDANHA

Tempos Livres
 MADEIRA
 MADEIRA E PORTO SANTO
 AÇORES
 CIRCUITO AÇOREANO
 TORREMOLINOS
 BENIDORM
 PALMA DE MAIORCA
 IBIZA
 PALMA DE MAIORCA E IBIZA
 GRAN CANÁRIA
 TENERIFE
 GRAN CANÁRIA E TENERIFE

Seleção de Cruzeiros
 CRUZEIROS AO MEDITERRÂNEO ORIENTAL
 CRUZEIROS ÀS ILHAS GREGAS, EGIPTO E ISRAEL
 CRUZEIROS DE 3 E 4 DIAS ÀS ILHAS GREGAS
 PÉROLAS DO MEDITERRÂNEO
 CRUZEIROS AO MEDITERRÂNEO OCIDENTAL
 CRUZEIROS AO MÉDIO ORIENTE
 CRUZEIROS AO MAR NEGRO

Se já escolheu algum destes destinos, compare a qualidade dos nossos itinerários.

Informações e reservas:

Europeia
 AGÊNCIA TURÍSTICA

LISBOA - Av. da Liberdade, 233 - Tel. 53 61 21
 LISBOA - Av. de Roma, 36 A - Tel. 16 08 15
 PORTIMÃO - Av. Tormentas, 100 - Tel. 233 77
 Praia da Rocha - Tel. 233 77
 Membro VATA em Portugal - OPEMDO - Anexo n.º 23

CASA DA SORTE

Informação dos números mais premiados na extracção de hoje da LOTARIA NACIONAL

1.º PRÉMIO	- 2 120 - 42 000 CONTOS
2.º PRÉMIO	- 3 763 - 6 000 CONTOS
3.º PRÉMIO	- 17 119 - 3 000 CONTOS

Consulte a Lista Oficial e habilite-se para a próxima extracção aos balcões da CASA DA SORTE em LISBOA - BRAGA - PORTO - AVEIRO - COIMBRA - SETÚBAL - FARO

OUTROS PRÉMIOS

APROXIMAÇÕES AO 1.º PRÉMIO

2 119 -	330.000\$00
2 121 -	330.000\$00

PRÉMIOS DE 120 CONTOS

7 780; 8 356; 9 937; 10 340; 10 892; 11 500; 13 501; 15 049; 25 976; 26 569; 26 977; 29 026; 32 051; 34 006; 35 304; 36 003; 36 236; 38 724; 40 512; 46 350; 48 670; 51 406; 52 329; 53 387; 56 289; 57 596; 57 791; 61 271; 61 568; 62 054; 63 411; 63 890; 64 568; 65 630; 66 389; 66 571; 69 162; 72 814; 74 906 e 78 132.

PRÉMIOS AOS ALGARISMOS FINAIS

1M.000\$00 - 001; 001; 176; 181; 241; 401; 451; 451; 685 e 767.
 1.000\$00 - 119; 130 e 765.
 6.000\$00 - 67 e 95.
 3.000\$00 - 0 (terminação)

PRÉMIOS DE 9.000\$00 (CENTENAS)

2 101 e 2 201; 3 701 e 3 800 e 17 101 e 17 200.

NOTA: O direito aos prémios prescreve em 10 / 01 / 83

ESTA INFORMAÇÃO NÃO CONTEMPLA A ACUMULAÇÃO DE PRÉMIOS, NEM DISPENSA A CONSULTA DA LISTA OFICIAL

CONFERÊNCIA DE HAIA PARA A PAZ

Com a presença de escritores
de 18 países

COM a participação de 60 escritores de 18 países europeus entre os quais as duas Alemanhas, reuniu-se em Haia a II Conferência dos Escritores para a Paz. A primeira destas reuniões realizou-se em Berlim - RDA no Verão de 1981. Portugal esteve agora representado através do Pen Club Português com a presença e participação do escritor E.M. de Melo e Castro (único português presente na Conferência).

Atentos ao interesse de tais encontros e ao que eles podem representar na criação e difusão de uma mentalidade capaz de influir na segurança europeia e na paz mundial, estiveram presentes nas duas sessões públicas, na abertura e no encerramento desta Conferência, mais de 80 representantes dos mais variados meios de comunicação social europeus, jornais, revistas, televisão e rádio. As televisões Alemã e Holandesa, sempre presentes nas várias sessões de trabalho da Conferência, dedicaram-lhe algumas horas de emissão em directo e em diferido. É que a Paz não é mais um tema frio mas sim uma urgente premência sentida em todos os níveis da vida humana e a consciência da sua necessidade ultrapassa as meras especulações idealistas, para descer à rua e tomar-se um clamor vital.

Assim a função dos escritores

como utilizadores da linguagem assume uma especial relevância pois, para além dos discursos políticos e dos argumentos militares, é necessário falar e escrever principalmente o discurso da Paz de modo a que se tornem perceptíveis a todos os homens os riscos que correm diariamente e saibam impor, onde quer que se encontrem, a sua vontade de viver. Contra os argumentos políticos e as razões dos generais deve ser dito muito claramente que o único realismo é o que garante a vida humana e que as chamadas utopias, tal como a Paz, não devem assustar quem for realmente um ser humano dotado de razão e de sentimento, de objectividade e de subjectividade. Por isso nunca é de mais escrever que a corrida às armas é que é irracional e irrealista como solução dos problemas da humanidade. Por outro lado as pequenas diferenças que ainda existem entre os vários movimentos para a Paz não são de facto impeditivas de uma acção conjugada, pois têm um único objectivo comum: a sobrevivência da humanidade.

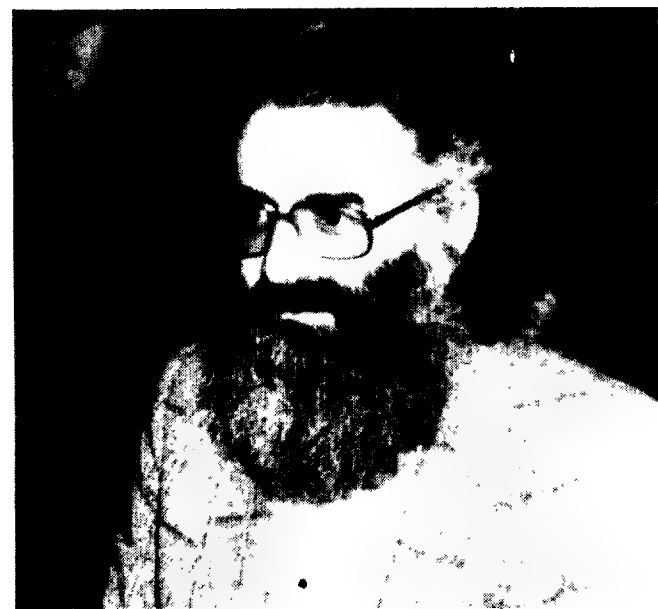
O esforço dos escritores no seio desses vários movimentos deve ser desenvolvido para tentar escrever e falar uma linguagem específica para comunicar a Paz e contrariar os efeitos irracionais de uso sistemático de imagens violentas e de guerra que diariamente dimana da informação massiva controlada pelos poderes políticos mun-

diais. Foi nesse sentido que nesta Conferência de Haia alguns poetas nomeadamente Vindtorn (Noruega), Peter Poulsen (Dinamarca) e Melo e Castro (Portugal) apresentaram poemas em vez de comunicações teóricas ou argumentativas. Poemas que foram largamente difundidos pelos meios de comunicação europeus.

Mas a discussão mais extensa e premente deu-se entre os vários delegados da RDA e da RFA que pela segunda vez se encontravam frente a frente sentados na mesma mesa de trabalho. (A primeira vez fora na Conferência de Berlim em 1981.) A possibilidade de tal diálogo ficou provada, principalmente no sublinhar de um sentido humanista comum, ao reconhecer que as

dificuldades passadas e presentes não são necessariamente as dificuldades do futuro e que isso depende da nossa própria vontade.

É sabido que a grande significação do papel das duas Alemanhas é o serem, em escala condensada, um modelo da situação mundial, de um mundo dividido em dois blocos político-militares. Aí a resolução final da Conferência de Haia ao consignar expressamente o desejo dos escritores da abolição dos dois blocos militares, abre claramente um caminho de Paz para além dos antagonismos baseados no poderio militar e manifesta uma crença certa na capacidade indomável da inteligência dos homens. Inteligência que poderá vir a ultrapassar e resolver as



Melo e Castro

diferenças ideológicas cujos impasses parecem ainda hoje contribuir para a manutenção desses blocos militares.

Foi pois com uma nota de lucidez perante a gravidade da situação actual, mas também com

confiança na força da opinião dos povos livremente expressa em favor da Paz, que terminou esta Conferência de Haia.

E.M. DE MELO E CASTRO

Resolução Final

«Considerando o grave perigo de guerra, nós, os participantes da Conferência de Haia para a Paz, como autores europeus, reafirmamos o apelo dos escritores europeus no Verão de 1981. Fazemos parte do movimento internacional para a Paz e decidimos voltar a reunir-nos proximamente em Colónia, Sófia e Roterdão. Faremos tudo o que pudermos para assegurar que o nosso apelo conduza à realização de reuniões semelhantes noutras partes do mundo. Concordamos com todas as iniciativas e esforços para assegurar a Paz através do desarmamento com o acordo ou em desacordo com os nossos respectivos Governos. Consideramos ser nosso dever ajudar todos os que sofrem perseguições por causa da sua acção em favor da Paz. Somos contra todos os abusos de linguagem que servem de capa e disfarce às intenções guerrilheiras. Com todos os meios de que dispomos tentaremos mostrar às pessoas os perigos que a Paz corre actualmente. Até que sejam conseguidos acordos internacionais para o desarmamento, todo e qualquer rearmamento deve ser impedido, especialmente a instalação de mais

armas nucleares na Europa.

Requeremos soluções políticas que garantam o alívio das tensões entre os blocos de poder para se obter um desanuviamento através de desarmamento gradual e até se substituir o actual equilíbrio através do terror por um novo equilíbrio através da segurança de todos.

Nós, escritores, reunidos em Haia, estamos todos de acordo e não temos hesitações em afirmar sem reservas que os dois blocos militares devem ser dissolvidos.

Os estrategos e defensores da guerra atómica fazem gala em autodescrever-se como «realistas» e todos os que se lhes opõem são por eles considerados como «emocionais». Os escritores aqui presentes membros do movimento da Paz, declaram que consideram tais classificações como fazendo parte da preparação psicológica para a guerra. Enquanto se prepara a guerra comete-se assim mais um atentado à identidade e personalidade do Homem! Quando só esta identidade e personalidade é ao mesmo tempo realista, racional e emocional.»



Stig Dagerman

O último
romance
de Stig
Dagerman

O romance é uma coisa indefinível, uma grande pedra que pesa na nossa memória, um animal que morde a própria cauda, o verdadeiro contrário da poesia, do sonho, da música em que, como se sabe, já tanta gente se perdeu. Apesar disso, nós vamos ao seu encontro, procuramo-lo e, sem dar importância às insatisfações; sem considerar o que nele há de aproximativo, perseguimos a sua verdade — semelhante a uma quimera. Ao ler *Ennui de noite*, de Stig Dagerman, experimento logo a necessidade interior do romance, o seu inevitável absurdo e, ao mesmo tempo, a exaltação da sua realidade, o seu calor, a sua vida, o seu sangue. O romance é um ser vivo, um ser feito de tempo — é a própria substância do nosso mundo.

O que é que neste livro está escrito, construído pedra a pedra, a mostrar-nos a sua traça, como o plano secreto da memória? É o tempo — não a duração dos actos, mas o tempo todo, o que vem, o que se afasta, o tempo que traz em si os vestígios e as palavras dos homens, o instante do nascimento unido ao instante da morte. Leio lentamente *Ennui de noite* e experimento tudo o que me fascinava nos outros escritos de Dagerman — *Leserpet*, *L'enfant brûlé* ou o estranho *Dieu rend visite à*

Continua na pág. 2

MÁRIO DE CARVALHO EM O «BECO»

«Não confundir género humano
com Manuel Germano!»

CONTOS da sétima esfera, de Mário de Carvalho, foi um livro que mostrou aos leitores o prazer de contar histórias. E o prazer também de escrever com base na cultura, na imaginação, na queda exacta da palavra na atenção do leitor. Embora numa outra linha, mais ligada à superfície dos dias, Mário de Carvalho apresenta-nos agora uma série

casos do
Beco das Sardinheiras



de histórias subordinadas ao título «Casos do Beco das Sardinheiras» (Conta-Regra). Poder-se-ia dizer que se lê de um fôlego, o que, sendo um lugar comum, não deixa (talvez por isso mesmo) de ser verdade. Mas o que se impõe sublinhar é que esta escrita, só aparentemente despretensiosa, toma o leitor pelo simples facto de «explicar» coisas estranhas acontecidas num bairro popular recorrendo a um racionalismo muito «sui generis». Isto é: entre os moradores do bairro (homens, mulheres, crianças) a explicação das coisas, de certos fenómenos, dos casos mais insólitos, surge não a partir de um saber académico que crianças, mulheres e homens não possuem, mas sim das subtilidades da sua argumentação, da busca íntima a que cada um se dedica (ora individual, ora colectivamente), tendente a pôr uma ordem na anarquia daquilo que vai acontecendo nos muitos cantos do bairro. Resulta daí um retrato multifacetado de toda uma população, engenhosa na procura de

soluções, de explicações «razoáveis», de demonstrações por «a» e «b» ao acaso das capacidades de cada um. E por mais audacioso que o juízo pareça, susceptível de ser contrariado, a verdade é que, perante esta leitura, perante este «Beco» tão cheio de «soluções», o leitor é levado a pensar que, em certa medida, só assim se tornou possível toda a aventura das Descobertas, o dobrar de muitos cabos e o vencer de muitas tormentas, a derrota enfim de medos e terrores e também a explicação palmo a palmo do que ainda se encontrava por explicar... Em resumo: o último livro de Mário de Carvalho, que uns terão por ligeiro, ou por fácil, ou por meramente divertido, dá ao leitor (mas que juízo temerário) o retrato de um povo que sempre soube encontrar dentro de si a explicação necessária à sua existência individual entre os homens e pelos homens. Como, aliás, diz a cada passo, num alerta, uma das personagens do «Beco»: (...) «Não se confunda o género humano com o Manuel Germano!»

O último romance de Stig Dagerman

Continuação da pág. 1

Newton. Exactamente aquilo que me fascinou quando li pela primeira vez *Ulysses*, *Lumière d'Août* ou *Le voyage au bout de la nuit*: quando sentia passar sobre mim uma vaga que me submergia, cheia de toda a força que do lado de lá do horizonte a impelira.

Ennuis de nocte é a passagem do tempo por uma aldeia sueca: um dia e uma noite de Verão em Fuxe depois da guerra. Mas o tempo enche o local, amplia-se e faz dos homens e mulheres que ali habitam outros tângos heróis de gesta. O tempo ganha peso e desdobra-se, pois há o casamento que está para se festejar: *seu Hildur Palm, «rapariga dos caracóis», e Hilmer Westlund, magarefe. O casamento é bem um momento do tempo, um nó na história das pessoas sem história: permite-nos encontrar todas as nascentes na extremidade dos regatos que convergem, descobrir a vida no fundo dos actos, talvez até dar resposta ao enigma. O casamento é o momento em que, segundo a tradição, deixamos de viver para olhar para nós próprios, para escutar-nos. É então que o velho vagabundo escreve «oito estrofes de seis versos do seu poema para a boda».* Um poema de amor ou um poema de celebração? Mas esta festa humana, que está no zénite da vida, também lhe revela o nadir; e o poeta tem de saber mergulhar a pena num «tinteiro de sangue»: *«Devia-se falar da morte e não de bodas. Desta maneira: noiva, serzinho dos humanos! Tens a cama feita para a tua última noite, para a tua noite de núpcias. Tu negro esposo acerta o relógio e humedece só de vinho os lábios — teus lábios, bem sabes, lho limparão. Só a morte casará contigo e dentro em breve terás seu nome. Dentro em breve serás amada pelo único amante fiel, despe-te, desnuda-te, que os lençóis queimam.»*

Reunidos em volta da figura mítica da noiva Hildur — deusa da vida e feiticeira da morte —, encerrada na sua espera inquieta, todos celebram agora o rito que os une aos ritmos do mundo: é a grande parada nupcial: repetem com troça e com receio os mais antigos gestos da terra enquanto o Verão sueco arde com todo o seu calor. A importância, a violência, por vezes o ódio, mas também a alegria instintiva e brutal, o riso e a embriaguez, tudo

isso substitui os sentimentos e a civilidade nesse instante supremo da vida. A boda é mais que uma festa, é uma prova, uma revelação, todos nela têm o seu lugar — desde os três vagabundos que se embebedam e dormem no celeiro até Hagström e Karlsson, os criados dos magarefes, e mesmo até Nisse e Mary, os burgueses da cidade que julgavam saber tudo, e ao cantor que só sabe repetir uma pergunta: como cantei eu?, e que, na verdade queria fazer outra: quem sou eu? Todos se procuram, se perseguem e se provocam, pois a festa de casamento é também um jogo, uma liça para os combates. Procuram-se como se durante este dia e esta noite, enquanto se realiza o rito que une Westlund e Hildur, ninguém tivesse verdadeiramente nome nem identidade e cada um, participando nesta espécie de dança, trouxesse no rosto uma máscara a libertar-lhe a alma das profundidades.

A liberdade sonhada, a boda, é a festa popular que revela cada homem e cada mulher no seu ser selvagem mediante um mergulho na violência colectiva. É para ela que Dagerman nos arrasta como outrora nos arrastava a festa carnavalesca. A embriaguez leva cada um além de si próprio e fá-lo correr ao encontro do seu destino. Poderá medir-se o tempo sem ser por essa pressa? Há o desejo de prazer de Svea, a criança que ela traz como uma vingança, e há o conflito grotesco dos dois magarefes, Simon e Hilmer; os vagabundos encontram, durante algumas horas, um asilo e um deles, mais que asilo, encontra o túmulo. Para afugentar a morte e a dúvida, podem fundir-se cantigas e chufas e Sören e Rudolf, os dois lenhadores que não sabem falar às raparigas, encontram a felicidade na água do rio, ao sol, na floresta. A festa do casamento é uma festa da vida e faz esquecer por instantes o medo, o desespero e a solidão.

Mas é também a festa do tempo. O tempo, com esses pêndulos «que debicam como os pombos». O tempo é sempre a morte a espreitar na água do regato, a entrar no celeiro dos vagabundos e nos corações dos homens. Não há boda sem tragédia e sempre se repete uma pergunta, um enigma que é a sombra da festa: *«Quem bate à vidraça da noiva às quatro da manhã? Há pessoas que bem gostavam de saber»*, diz a carta anónima que Hildur lê. Mas há a outra pergunta, o outro enigma:

«Quem sabe onde se acolhe a minha dor?»

A sombra da morte já está na boda. A morte falhada de Villy, o ladrão, salvo no momento em que ia a acender o cartucho de dinamite que metera na boca por uma aranha que tecia a sua maravilha. A morte de Kulla, a vaca de Victor, levada em segredo ao cutelo do magarefe. A morte de Martin, o desempregado, o vagabundo, que se enforcou no celeiro com uma arreata porque a noite de núpcias de Hildur era a noite da sua aniquilação. O mundo é o mundo, e a mulher que casa já não pertence a si própria: quando acaba a festa ritual, ela é apenas um corpo solitário que se prestou à passagem do tempo: *«temos de arranjar-nos com aquilo que temos»*.

Quando acabei de ler *Ennuis de nocte* senti que este livro estava no mais profundo de mim próprio. Stig Dagerman fala-me de um contínuo presente em que sem cessar alternam o dia e a noite, a boda e a morte. *«A morte dorme na vida, a vida dorme na morte.»* Há muita graça, muita beleza, muita inquietação neste romance tão seguramente traduzido. Como pode ser este livro o último? O cantor morre com a canção? É verdade, porém, que também as palavras têm de extinguir-se: as bodas não são feitas para durar sempre. Sente-se como um arrepio a passagem da onda que incansavelmente arrastou um homem — um dos mais verdadeiros de todos os cantores do nosso tempo — e que, num certo dia de Novembro de 1954, o dissolveu na morte.

J. M. G. LE CLEZIO

O INSÓLITO DE UMA PINTURA

III — O fantástico como ruptura

Fernando Guerreiro

Eis porque também eu sentia tanta dificuldade em escrever com outro ritmo. Tudo se passou, agora do ponto de vista da escrita, como se, mais do que Eu, no quadro a letra intuisse o falso engodo de um aparente sentido e depois, com o seu movimento próprio, o repelisse.

A noção/sensação de ruptura, que cria todo o desequilíbrio e desestabilização (na obra e no espectador, como leitura), só é compreensível, valorizável enquanto transgressão da ordem e desvio, se for encarada dentro da reprodução mais geral dessa ou de outra ordem (1).

A questão, portanto, é esta: como se processa este mecanismo nos próprios meios materiais da pintura? Qual o tipo de relação que existe, por exemplo, entre a ficção e a forma (e em particular a perspectiva)? Qual a

instância fundamental dominante, no processo de ruptura: a ficção-sentido ou a ficção-formal (2)?

Numa primeira fase, até finais do século XVIII (pré-romantismo) e mesmo já dentro do século XIX (romantismo, simbolismo), a ficção parece servir para cobrir a ousadia do significativo da forma (3), sendo neste que se produz predominantemente o corte (4). O «corte» mais próprio do género Fantástico, o Insólito, não passaria assim de um caso particular do processo de desconstrução do espaço e da representação clássicos. No «fantástico», no entanto, devido

a uma maior pré-eminência dos sentidos, esses intervalos, rupturas da forma — do significativo material e técnico (retórico) —, repercutir-se-iam de um modo mais amplificado e sonoro no domínio do imaginário extra-pictórico. Nesses quadros, em que o «fictivo» se constitui ainda como elemento dominante, o seu efeito de «corte» é sempre, pelo menos a médio prazo (e de um ponto de vista histórico), mais reduzido (5).

Perguntar-se-á: como se pode dar então esse corte (teórico, retórico) no espaço e na representação (clássica) da pintura?

Alinharemos algumas «saídas» possíveis: a) pela libertação das formas (p. ex. os corpos nus das «Três feiticeiras» de Baldung Grien) em relação aos códigos de representação morais e retóricos; b) pela destruição da credibilidade (unidade) do es-



C.D. Friedrich, «(



O notário Ramiro

Rui Cacho

Dirijo-me para o cartório do Notário Ramiro. E quando penso nisso, noto que vou avistar-me com um sujeito que não conheço. É verdade. Embora vá procurar o notário Ramiro, não sei quem ele é, nem ele quem eu sou. Mas esta situação de mútuo desconhecimento não tem importância de maior e muito menos impede que daqui a pouco nos fiquemos conhecendo. Para tanto, basta que vá ao seu cartório e o procure, pois logo serei conduzido junto dele, depois do que conversaremos um com o outro tão naturalmente como se fosse imprescindível para ambos que um dia travássemos conhecimento.

Tudo isto será assim, e para que se concretize é condição única a minha vontade de falar-lhe. Ora é o que sucede. Pretendo aclarar um problema e necessito do parecer do notário. Como não conheço nenhum e um amigo meu — mais forte em notários — me falou no Dr. Ramiro, eis porque o procuro a ele e não a outro e porque vou em demanda do seu cartório. E chegado lá, tudo se vai desenrolar com a fatalidade das fitas do oeste americano.

Acerco-me dum funcionário do cartório e digo-lhe que pretendo falar com o notário Ramiro. O funcionário solicita-me que aguarde um momento, oferece-me, talvez, uma cadeira para que espere mais comodamente, e vai anunciar-me. Sucede-se uma pausa, que aproveitarei para folhear o que se encontra à mão e for susceptível de leitura, e, entretanto, o funcionário regressa e conduz-me ao gabinete do notário. Entro, olhamo-nos, ele convida-me a que me sente, e identificamo-nos, tarefa de que o notário se pode dispensar, pois tem o nome estampado numa tabuleta e eu já o sei de cor.

Em seguida exponho o meu caso notarial. O Ramiro do cartório ouve-me, e como tem coisas a dizer, di-las. Eu ouço-o por minha vez, e replico. Passa-se tempo, gastamos umas tantas frases, e despedimo-nos, combinando, provavelmente, novo encontro.

Uns dias mais tarde, ou semanas, torno a procurá-lo — agora com menos protocolo — e por aí adiante, até que resultará desses vários encontros a solução do meu caso e também que nos

Continua na pág. 4

* *Ennuis de Noce*, de Stig Dagerman, trad. franc. de C. J. Bjurström e Lucie Albertini. Ed. Maurice Nadeau (Papyrus), 280 p., 69 F.

Obras de Dagerman traduzidas para francês

- *L'enfant brûlé* (1948). Gallimard, 1956. Reeditado em «*L'Imaginaire*» (ver *Le Monde des Livres* de 22 de Maio de 1981).
- *Le Serpent* (1945). Ed. Lettres Nouvelles/Denoël, 1966.
- *L'Ele des condamnés* (1946). Ed. Lettres Nouvelles/Denoël, 1976.
- *Dieu rend visite à Newton*, novelas. Ed. Lettres Nouvelles/Denoël, 1976.
- *Automne allemand e Notre besoin de consolation est impossible à rassasier*. Ed. Actes Sud, 1981 e 1982.

Indicamos o estudo de Georges Périlleux *Stig Dagerman et l'existentialisme*, publicado há pouco em «*Belles Lettres*» (95, Bd. Raspail, Paris 6e.), que analisa com grande finura o desarranjo do indivíduo perante o mundo e perante a sua própria liberdade.

J. M. G. LE CLEZIO



«Cemitério do Convento» (com neve), 1810

paço pictural tradicional — através da sobreposição na tela, por exemplo, de elementos característicos de diversos espaços e tempos a-crónicos (veja-se a coexistência de cenas mundanas e de céus e infernos nas múltiplas «Tentações» que por essa altura se pintam (6); c) pela deformação da perspectiva (e jogos de óptica); d) pela desproporção e irregularidade dos volumes (atenção-se no uso dos primeiros-planos e das regras da perspectiva de modo a exagerar a massa de certos corpos) — refiro-me aos «Escaladores» de Raimundi — ou a dar uma desmedida importância, quase redundante, a elementos de um modo geral tidos por secundários e relegados para os bordos do quadro ou o fundo — como o cavalo do famoso quadro de Niccolò d'Abate (7); e) pela criação de um vazio, em abismo, no centro do quadro e que muitas vezes se abre para uma paisagem (vd. a «Tentação de St.º António» de Jean Gossaert, já referida no outro art.º); f) pela sobrevalorização do objecto (ampliado ou não), do elemento acessório, ou pela multiplicação no espaço de objectos heteróclitos (que perturbam a tradicional hierarquia e harmonia do «sentido» (8); g) pelo uso diferenciado da cor (sobrepondo-se, graças à variedade dos seus tons, à lógica instrumental de um sentido ou que se opõe, como mancha opaca, hieróglifo, à unidade representativa do fictivo — vd. as «Almas no Purgatório», de Bellini (9).

Que ligação julgamos então existir entre o efeito de fantástico e a unidade (ou molde, medida de representação) que é a perspectiva, no espaço do figurativo?

No que diz respeito à perspectiva, uma relação (ou um colocar-se em posição) de anamorfose (e sob este termo incluímos tanto o jogo dos volumes nos diversos planos em que o espaço e o efeito de profundidade se articulam, como os efeitos deformantes ou especulares/ópticos); no que diz respeito à representação, um efeito de sobre-significação (sobrecarga do fictivo que devora a forma, a banaliza ou a torna anedótica, e que contraria a credibilidade do seu efeito fictivo) ou, outras vezes ainda, um efeito de rarefacção do figurativo (que pode ser reduzido ao ponto de apenas existir como a estrutura significativa do retórico ou o índice, vazio, da possibilidade de um sentido).

Em todos os casos o «fantástico» (ou o insólito, como eu prefiro) marca-se pela descarga

de um significante (ou valor retórico) que, como tal, difere, transfigura ou transgride uma estrutura prévia de sentido: excede-a e como tal muda-a para uma outra estrutura e um outro sentido.

O efeito de significado é, tanto do ponto de vista do espectador como da produtividade da obra, um efeito segundo (mesmo que seja nele que depois, enquanto interpretação, o «leitor» se fixa). Imiscuídos com os próprios elementos de interpretação e de referência que tomam o processo (e alguns dos seus mecanismos) inteligíveis, existem outros que vão sempre mais adiante — mecanismos sem nome, que têm mais a ver com a própria deposição significativa (i. e. a partir de si) de uma «forma» — e que se protegem da sua audácia sob o pretexto de um «desvio» de sentido...

Mais visivelmente talvez do que na literatura, na pintura é o significante retórico que, ao transmutar-se, re-escreve toda essa zona (e problemática) de sentido. Nesse imenso trabalho de desconstrução do espaço e da representação clássica do figurativo a pintura do insólito desempenhou a sua integrante parte mas, há que o dizer — e por muito aliciente que seja para nós, do ponto de vista da literatura, esta pintura — desse labor, muito diversificado e complexo, ela não constitui senão uma das suas partes mais evidentes e sensíveis (10).

NOTAS:

(1) Celso sublinha que o Fantástico é «ruptura da ordem reconhecida, irrupção do inadmissível no seio da inalterável legalidade do quotidiano, e não substituição integral de um universo real por outro que fosse unicamente maravilhoso» (In *coeur du fantastique*, Cap. 4).

(2) Conceitos aproximativos sugeridos pela noção de formens de Henri Meschonnic. A ficção — de um sentido (como símbolo, «história») ou de uma forma (como organização, relação dos materiais correspondentes a esse sentido) — o elo representativo (o menor divisor comum) que sela o conjunto como estrutura. A representação será, assim, a categoria chave, presente como ficção (porque ela é sempre artifício, construída, segunda) em tudo.

(3) Isto é, o significante diferenciando-se da forma. Na noção de forma está já presente um ponto de vista de totalização, de formalização da estrutura (uma opção, já actualizada, de estrutura). O significante refere um estado pré-formalizado (ou posterior à forma) dos elementos na estrutura (que não se integram ainda

Um poema inédito

de Luís de Miranda Rocha Beethoven, Triplo Concerto

1.

Os tubos pronunciam, distantes emergindo, das trevas, da noite — pesada intensa sobrecarga de que, vaga vasta, cegueira excessiva.

Depois as cordas, os seus graves, sobre os tubos, na onda sonora, de névoas, no espesso do ar, avançando contra, a cabeça, a fronte, o crânio, a nuca, os ouvidos.

A vaga demora, escura, crescendo, o seu denso nocturno clamor claro subsiste mantém-se, devastadoramente vivo.

Depois dos graves, os agudos, das cordas, mais intensas, mais rápidas, em golpes de luz veloz e ágil vertical luminosa subindo.

E martelos, graves e agudos subindo, ao som de martelos, no impulso das suas dolorosas pancadas.

E as cordas, lentas, do agudo contínuo, que avançam em rápida espiral de baixas vibrações cantando.

A frente do grave, do fundo grave, acima, vertical extensão mais intensa, luz fugaz que rodopia caindo.

Ouvem-se pouco os graves, roucos no escuro, atrás e sob, os agudos são pouco, dobram-se nas hastes, extremas pesadas, nos cúmulos inclinam-se.

Vem a vaga orquestral, mais vasta a energia, distende-se por sopros, por canais, por trompas.

Furor solar, um vento cresce, um sopro contra: o baixo ar, ao som escuro, da baixa luz, torrencial.



2.

Ouve-se, canta, nos ouvidos, que vasta e larga animação de todo o senso perceptivo, na cabeça, concentrado.

Inúmera múltipla, vertiginosa, se escasseia, a energia, dá um impulso, intensivo, ao coração.

Bate na fronte, alento forte, bate de frente, é uma onda de alegria, impetuoso movimento.

Bate no crânio, a deslizar, onda de ar devastadora, exaltação que alevanta o declínio da cabeça.

Bate na nuca, persistente, intensidade, rapidez, que vem depressa, fulgurante extrema luz, sonora passa, onda viva, luminosa.

Irradiante envolvimento.

3.

Os núcleos desandam, em rotações, correndo à volta cada vez mais veloz um sentido.

Inicial que cresce, intenso que acelera, vertigem volante, ascendente furor vertical dobrando nas pontas, nos extremos das hastes.

Esféricas ligeiras, nos côncavos por dentro, pancadas regulares, batendo, batendo.

Centrípeto, centrípeto, súbito deslize excessivo de arcos, nas cordas, demasiado excessivas, tensas, salto de cegos impulsos no ar rodopiam.

Intensos, intensivos, distensos, distensivos — num duplo domínio de tensões, de distensões, de sentidos contrários.

Encontram-se no ar, rápidos envolvem-se, centros nodulares formam-se e crescem em súbitas de repente flexões incontidas.

Os arcos perseguem, velozes movimento, nas cordas em surdina, salto do agudo estrito para o grave alargado e subindo num impulso, a seguir, de martelos, de pancadas de martelos.

=====

Pode-se morrer, exausto na altura, como o som é tão denso, exulta a animação do coração nas cordas dançando.

É um forte excessivo tremor vascular, subindo e crescendo, intenso cada vez mais intenso intensivo.

Furador violino de agudos, alargados no grave rouco violoncelo, e martelos, pancadas, de martelos, na cabeça.

Som de vaga orquestral, vem correndo e cai circular extenso estensor crescente impulso de não sei que luminosa iluminada cegueira.

Luís de Miranda Rocha

AS LETRAS EM DIA • AS LETRAS EM DIA

ELDORADO, — Terceiro título temático de uma série chanceada por quatro elementos editores (e na qual já saíram «O Mar» e «A Peste») justifica bem mais do que um simples registo. Não cabe aqui mais do que um simples registo, porém, e o mais que de sugestivo se pode dizer é que se trata de um forte empreendimento (reflexivo, escritural, e até editorial, ou principalmente). A larga distância dos títulos precedentes (em volume textual, desde logo, mas também, e consequentemente, no número de implicações a que uma vasta variedade de reflexões se prende), o volume arquiva trabalho feito por dezenas de autores num âmbito onde cabem o poema, o conto ou a «história», o ensaio, experiências de escrita diversas e curiosas raridades retiradas do esquecimento, como, por exemplo, duas cartas de Ângelo de Lima de 1910 a propósito da bandeira da República. Não queremos distinguir títulos e autores, mas dificilmente se resiste à tentação de enfatizar a importância a atribuir a um texto como «A Alquimia das Letras» (montagem de entrevistas feitas a um internado num hospital psiquiátrico), «Alquimia Tradicional, Alquimia Universal», de José Anes; «Et in aures aetate ego» — notas sobre a representação do homem silvestre na arte portuguesa dos séculos XV e XVI», de Fernando António Baptista Pereira; «Nova Espanha, Orfandade e Legitimidade», de Octávio Paz; «Utopia e Morte», de Fernando Gandra; «Eldorados à Portuguesa» (um estudo psicanalítico do conto de Jóllo Dinis «O Espólio do Senhor Cipriano»), de José Gabriel Pereira Bastos; e uma breve antologia temática de Francis Ponge; um texto de

Roger Callois titulado «A Arte Mineral» e outro de George Bataille titulado «A Linguagem das Flores». Além destes textos (que podem nem ser aqueles que o leitor vai ler antes de mais), há outros, assinados por nomes mais ou menos conhecidos como Sílvio Frio, Manuel Frias Martins, Eduardo Paz Barroso, Mário de Carvalho, Abel Neves, Ernesto José Rodrigues, Teresa Salema, Fernando Cabral Martins, Paulo Tunhas, etc.

HISTÓRIAS MÁGICAS, de Remy de Gourmont, é o último «Livro B» da Editorial Estampa, novidade recente nas livrarias. Doze histórias um tanto marginais na obra dum autor que no seu tempo (1858-1915) foi nome de peso nos domínios da crítica literária e ainda hoje é referência forte para a compreensão teórica do simbolismo francês.

NA COLECÇÃO PLURAL, da Imprensa Nacional-Casa da Moeda, apareceu o segundo título, depois de «Alba», estrela poética de Gil Nozes de Carvalho.

«O Pão a Culpa a Escrita e Outros Textos», de Luís Miguel Nave. É uma colectânea de ensaios críticos e fala-se aqui das obras de quatro poetas: Vitorino Nemésio, Joaquim M. Maga-



«Planalto de Gostofrio», de Bento da Cruz

O «CÍRCULO DE LEITORES» lançou mais um original dum autor português. O título: «Planalto de Gostofrio». O autor: Bento da Cruz. O leitor mais familiarizado conhece este nome de romances como «Planalto em Chamas» e «Ao Longo da Fronteira» (crê-se que há muito desaparecidos das livrarias, e as edições eram dos já distantes anos 60). Há também um livro de contos, «Contos de Gostofrio», que não conhecemos.

Não se pode dizer que Bento da Cruz seja um nome muito familiar, entretanto (e por tudo isto), e o comum dos leitores talvez se pergunte mesmo de quem se trata. O sócio do Círculo (que se esqueceu de apresentar o escritor nas orelhas do livro), de qualquer modo, tem à mão o boletim trimestral daquele clube do livro e pode aí recolher alguma informação a tal respeito. Bento da Cruz apresenta-se como «um pobre malaguetado de Peirese». Um campónio a quem os beneditinos ensinaram canto e latim. O gregoriano nunca o chegou a aprender e o Virgílio em breve o esqueceu. Egresso, fez asneira de todo o tamanho. Foi até Coimbra. Regressou ao Barroso. Hoje, envelhece no Porto». E «Planalto de Gostofrio»? — «É uma história de amor entre dois primos indígenas. Ele obviamente, sou eu. Ela, invenção minha». O autor declara-se «plenamente convencido de que este é o meu último livro. Convicto e resignado». «Se algum dia tive pruridos de vir a ser escritor, perdi-os por completo. Escrever, vou escrevendo sempre, porque a escrita, para mim, é um refúgio. Nela me refugio durante as horas vagas, que são cada vez menores. Deixei-me escravizar de tal maneira pela grilheta do consultório que mal tenho tempo para comer e dormir.»

«Este livro foi recomendado para publicação pelo júri do Prémio de Círculo, há dois anos».

AS LETRAS EM DIA ● AS LETRAS

Continuação da pág. 3

lhães, João Miguel Fernandes Jorge e António Franco Alexandre, depois de dois textos menos centrados de referências, de carácter teorizante, citando, embora titularmente, Vergílio Ferreira e Rimbaud. O texto capital é o que se dedica a Vitorino Nemésio. Nava vem para a periferia da criação poética depois de duas fundas experiências no seu centro, das quais resultaram dois livros: «Películas» (Prémio Revelação SEC-APE de há três anos) e «A Inércia da Deserção» (recentemente publicado na E ETC).

RAUL BRANDÃO — Este nome que é referência capital da prosa portuguesa do século XX sai por vezes, ou aparenta sair, do esquecimento relativo em que está, e tem um título ou outro reeditado como novidade nas livrarias. Aqui há anos foi a Atlântida, de Coimbra, que lançou alguns títulos. Depois a Seara Nova. Agora a Imprensa Nacional-Casa da Moeda que acaba de fazer sair mais uma edição de «El-Rei Junot». Importante, seria desnecessário dizê-lo. Traz uma nota introdutória de Guilherme de Castilho.

SCHILLER — Edição conjunta do Instituto Nacional de Investigação Científica e do Centro de Literatura Portuguesa da Universidade de Coimbra, um título que aparentemente não se insinua muito ao leitor que não esteja especificamente interessado no que aqui se trata e nas mais próximas implicações: «A recepção do teatro de Schiller em Portugal no século XIX». É do que se trata aqui, para além do que o título desde logo sugere? Do estado e da situação do teatro em Portugal nas primeiras décadas do século passado, pode dizer-se assim, resumidamente. As implicações são, pois, muito mais vastas do que à partida se supõe, e o estudo (de Maria Manuela Gouveia Delille e Maria Teresa Delgado Mingocho) faz luz sobre largos bastidores da vida cultural (que não apenas teatral) portuguesa no tempo de Garrett, Herculano, etc., etc.

NA «UNIVERSIDADE MODERNA», Publicações Dom Quixote acaba de lançar nos escaparates um título verdadeiramente importante: «O imperativo humano», do antropologista norte-americano Alexander Allen Jr. Este livro, como o autor logo afirma, «é uma defesa do Homem contra um estrito determinismo biológico.» Breve perfil de Alexander Alland: professor e responsável pelo Departamento de Antropologia na Universi-

dade de Columbia — e autor de «Adaptation in Cultural Evolution: an approach to medical anthropology» (1970), «Human Diversity» (1971), «The human imperative» (1972, só agora em português), «When de Spider Danced» (1973) e «The Artistic Animal» (1977). Tradução de Alice Nicolau.

TROFÉUS DE CAÇA, assim se titula o primeiro trabalho em prosa de David Rodrigues, num lançamento recente da Centelha, de Coimbra, na sua colecção de Ficção. David Rodrigues quem é? Conheciamo-lo de uma colectânea de poemas, «O Rito do Pão», publicado aqui há um ano também pela Centelha, e de que aqui se fez registo. «Troféus de Caça» propõe-se sob dois motivos de interesse fundamentais. Se um é o registo dos bastidores da guerra colonial que aqui se faz através de expedientes processuais diversos, o outro tem a ver com estes expedientes: é pelo menos uma sucessão de experiências muito interessantes, algumas talvez não muito originais nem talvez convincentes, mas outras a justificarem uma chamada de atenção para o que aí haverá de novo e inovador na prosa narrativa que se faz hoje em português e pelo menos em Portugal. Tem um prefácio de João de Melo a falar disso liminarmente.



DAVID RODRIGUES
TROFÉUS DE CAÇA
 CENTELHA FICÇÃO



O insólito de uma pintura

Continuação da pág. 3

nela ou que a decompõem como estrutura). A mecânica do signifi-
 cante (de acordo com um automa-
 tismo que lhe vem de outras fixa-
 ções e que lhe é próprio: ou pró-
 prio a um Sujeito que se confronta
 com um material e uma «forma»)
 estabelece, assim, uma perma-
 nente relação de conflito com a
 modelização a que o procura subme-
 ter a «forma».

(4) Não o único, claro: todo o
 «corte» é feito de inúmeros pequenos
 cortes... Há todo um jogo cruzado de
 deslocamentos, inter-relações ou
 efeitos de sobredeterminação a ter
 em conta.

(5) A leitura que hoje fazemos des-
 tas telas é já uma leitura posterior ao
 seu verdadeiro corte e que as
 aborda, re-interpreta, de um ponto
 de vista de sentido, reformista. A
 leitura que delas fazemos é iminen-
 temente literária, contemporânea e

sincrónica. O surrealismo, em
 certa medida, também contribuiu
 para isso... (cf. o que sobre este
 aspecto escrevemos no primeiro
 desta série de art.ºs O Insólito e o
 Fantástico de uma Pintura — I. Os
 Embaixadores de um Princípio).

(6) O escalonamento em primei-
 ros, segundos e terceiros planos
 desses elementos pode constituir
 uma forma de graduar, codificar
 esse efeito de insólito — ou uma
 forma, ainda, de misturar esses
 elementos num mesmo plano pic-
 tural que se torna composto (vd.
 Bosch).

(7) Muitas vezes o insólito re-
 sulta de um efeito quantitativo de
 desmesura: assim, objectos, figu-
 ras, animais — tudo banais formas
 —, devido a um jogo ilusório de
 perspectiva, surgem em primeiro
 plano, desproporcionados e
 enormes. Esta desproporção, da
 ordem do significativo, absorve e
 por vezes curto-circuita o sentido

literal da obra, tornando-a em certa
 medida irredutível à cobertura por
 um sentido final, alegórico.
 Vejam-se os dois Cavalos, o
 grande e o pequeno (ambos de
 1505), de Dürer. Não é raro dar
 conta de um uso perverso dos
 próprios pretextos de perspectiva
 ou retóricos: o uso redundante da
 perspectiva torna-se então tanto a
 vida da sua contestação lírica
 como a da sua fantasmização éro-
 tica ou transgressiva.

(8) A perversão de um determi-
 nado significado (retórico ou ale-
 górico) pictórico pode também re-
 sultar de um longo processo de
 banalização, mundanização (das
 roupagens, adornos) das figuras
 mais intocáveis do ponto de vista
 figurativo. É o que sucede, de
 forma exemplar, na tela «Les trois
 Maries auprès du tombeau», de J.
 Béraud (1888). Nesta tela, a rou-
 pagem trivial das figuras femininas
 (difícilmente indetectáveis, à

partida, como sacras ou bíblicas...)
 irrompe pela cena com toda a força
 da ironia ou do erotismo (para já
 não nos referimos às asas do anjo,
 grossas, fállicas). O acentuar do
 anedótico, sem destruir o aparato
 do representativo, subverte a sua
 credibilidade fictiva e histórica: isto
 é, fá-la sentir como mutável, um ar-
 tificial, frívola.

(9) A cor, como a paisagem, é
 muitas vezes o fundo ou a reserva
 do quadro. Se a paisagem é o de-
 ject do figurado, a cor é o objecto
 desse dejecto segundo... O céu-
 -claro azul-água neste quadro (de
 Bellini) revela o excesso de signifi-
 cado que em si o prazer signifi-
 cante (acumulado nessa zona ma-
 terial e por excelência pictórica do
 quadro) sempre nos comunica.

(10) Uma «evidência» que nos
 pode inclusivamente seconder o
 carácter significativo destes me-
 canismos...

O NOTÁRIO RAMIRO

Continuação da pág. 2

ficámos conhecendo de vista, um ou pouco melhor.

Assim, se depois casualmente nos encontrarmos na rua ou noutro lugar, por certo nos cumprimentamos, e, se o não fizermos, sabemos ao menos que nos conhecemos de algum lado. Após o nosso primeiro encontro deixaremos de ser completa-
 mente estranhos um para o outro, e se o nosso contacto não
 originar uma amizade ou sequer uma simples relação que nos
 obrigue a um «bom dia, como está?», conhecemo-nos de vista.

Haverá, portanto, no Globo, mais duas pessoas que se
 passaram uma pela outra se saudam ou tirando os seus chapéus,
 se os usarem, ou apertando as suas mãos, ou doutra
 forma, nem que seja apenas por meio de íntimo estremecimento
 significativo: «conheço aquele tipo».

Contudo, posso ainda deixar de relacionar-me com o notário
 Ramiro. Há mais notários na cidade e qualquer me serve. Se
 assim fizer, talvez não tenha outra oportunidade de conhecê-lo,
 nem ele a mim, embora eu dele tenha já um conhecimento mais
 efectivo, pois sei que habita na cidade onde vivo uma pessoa
 com esse nome e com a profissão de notário, e ele nada sabe a
 meu respeito. Não lhe consta, por certo, que eu tenha nascido,
 nem mesmo descuidadamente teve ensejo de saber que eu vivia.
 Aliás, era-lhe difícil dar pela minha existência, visto nenhuma
 tabuleta assinalar à minha porta uma profissão liberal, ainda que
 a de callista, e mesmo com tabuleta era necessário que ele
 passasse à minha rua e reparasse nela. Além disso, meu nome

nunca aparece nos jornais e nem sequer na lista telefónica. É
 natural, portanto, que o notário Ramiro jamais tenha ouvido falar
 de mim — Carlos Mourão Prazeres. Pois é, chamo-me Carlos
 Mourão Prazeres. Também não me conhecem? Paciência!
 Somos muitos, talvez. Mas, a verdade, é que o meu nome é
 realmente este e nada posso fazer para o divulgar um pouco
 mais. Tudo o que me é permitido fazer por ele é precedê-lo de um
 Senhor, ou, então, envolvê-lo ainda em roupagens mais ceri-
 moniosas e anteceder o Senhor de um Exmo. e passo a ser o
 Exm.º Senhor Carlos Mourão Prazeres. Mas, claro, estes apên-
 dices são comuns a toda a gente, nada adiantam para classificar
 um sujeito ou difundir o seu nome, e é inútil amparar-me a eles
 para me tornar um pouco mais conhecido, ao menos do Notário
 Ramiro.

...Mas a que propósito virá esta longa-lença? — talvez ape-
 teça perguntar a quem venha seguindo (um tanto enfastiado com
 certeza) este monólogo à volta de mim, de um cartório e de um
 notário, e não esteja percebendo nada, nem faça a menor ideia
 aonde quero chegar. Bem, não vem a propósito de coisa ne-
 nhuma, asseguro-o desde já. Trata-se, apenas, de verificar uma
 situação de duplo desconhecimento, uma situação que pode
 prolongar-se indefinidamente caso não me decida hoje a falar
 com o notário Ramiro.

Claro que não tem importância nenhuma que o notário
 Ramiro não me conheça e eu não o conheça a ele. É muito
 comum duas pessoas desconhecerem-se.

Apesar disso, este mútuo desconhecimento obriga-me a

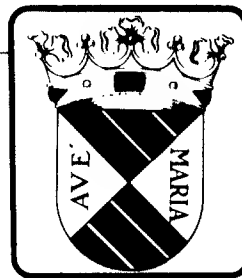
meditar na absurda e desoladora circunstância de não nos
 conhecermos todos uns aos outros, de viverem infinidades de
 pessoas desconhecendo a existência de outras infinidades de
 pessoas.

O mundo assim não passa de um lugar de estranhos, um
 lugar onde coexistem milhares de criaturas que se ignoram. E o
 mundo devia ser diferente, devia comportar ao mesmo tempo
 apenas umas tantas pessoas que pudessem conhecer-se,
 relacionar-se. E quando já fôssemos tantas pessoas que difícil-
 mente nos pudessemos conhecer todas umas às outras,
 aguardava-se que morressem algumas, para que então nasces-
 sem outras. E estas, mal pusessem um pé em terra e ainda de
 biberão, seriam logo apresentadas a toda a gente, a fim de nunca
 haver desconhecidos.

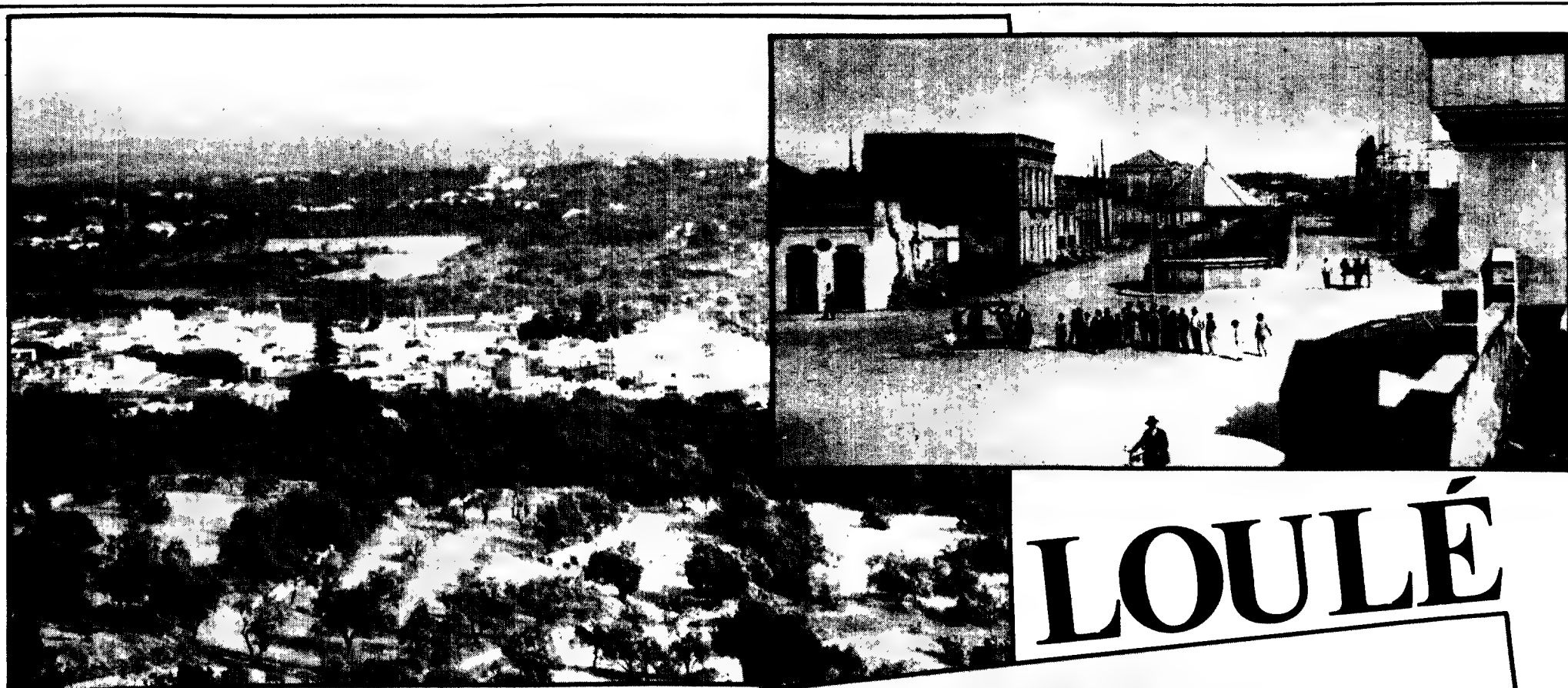
Com uma medida desta natureza — infelizmente impraticável
 — evitava-se que eu e o notário Ramiro nos desconhecêssemos
 toda a vida, pois decididamente não irei procurá-lo. Acho mesmo
 que já perdi demasiado tempo com a sua pessoa, calculando eu
 que esse cavalheiro nunca perdeu um minuto comigo. É caso
 para dizer: «Abóbora para o Ramiro e o notário a enfeitar-lhe o
 nome». Um palerma de um notário que nem sabe que eu respiro e
 até ignora que neste momento me dispunha a visitá-lo. Não,
 notário Ramiro, sossega que nada quero contigo, nem jamais me
 importarei com a tua importância notarial. Quero tanto saber da
 tua existência como ter da minha, ou, talvez, um pouco menos,
 pois eu, em pensamento, ainda posso mandar-te à fava e tu a
 mim nem isso.

2 VILAS QUE VÃO SER Cidades

SUPLEMENTO ESPECIAL
DO «DIÁRIO DE LISBOA»

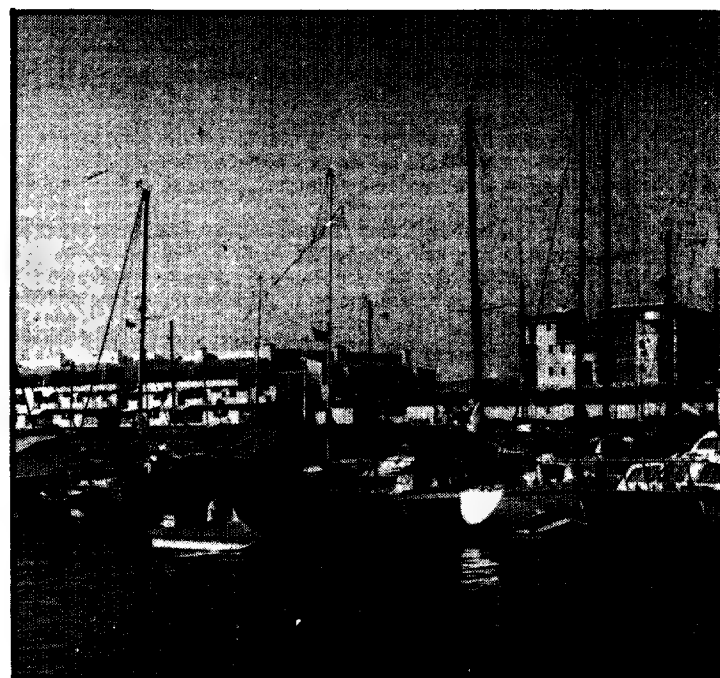


Quinta-feira
Julho 1982



LOULÉ

Pequena cidade ou grande vila?



Se em muitos casos a perspectiva de uma promoção a cidade exalta as populações e estimula aquilo que consideram ser sentimentos de bairrismo, em Loulé não é nítido que assim aconteça.

A proposta vem do tempo do executivo camarário anterior e, oficialmente, nem as populações foram auscultados nem a Câmara tomou qualquer posição.

O assunto foi todavia já abordado e um certo consenso parece existir à volta desta ideia base: será melhor que Loulé seja uma grande vila ou uma pequena cidade?

Este é o dilema que se coloca aos responsáveis autárquicos e à população.

Não cabe no âmbito deste trabalho tomar qualquer posição sobre o assunto mas apresentar uma panorâmica de Loulé nos seus aspectos mais gerais. É o que contém as 16 páginas deste suplemento.

Texto e coordenação de AUGUSTO VILÇA

Uma região rica

Cerro da Vila



Ainda que não exista um estudo aprofundado sobre esta região e tudo quanto se conhece resulte ainda de investigações dispersas e com pouca continuidade, já não restam dúvidas que o concelho de Loulé possui importantes riquezas arqueológicas, com material abundante e significativo susceptível de dar um contributo importante à História de Portugal e do Algarve em particular.

A estação arqueológica do Cerro da Vila, situada em pleno complexo de Vilamoura, a 400 metros do mar, seria, como deduziu Estácio da Veiga na sua Carta Arqueológica, uma antiga povoação extinta ou arrasada. O seu valor é muito importante e ali se descobriram, a partir de 1964, restos pertencentes a várias épocas históricas: romana, tardo-romana, visigótica e árabe.

Pensa-se que foram os romanos os primeiros habitantes do Cerro da Vila e que ali se fixaram atraídos pelos férteis terrenos agrícolas que circundavam a lagoa onde até há pouco tempo desaguava o rio Quarteira. A eventualidade de ali existirem instalações portuárias é também admitida assim como a transformação das edificações primitivas do Cerro da Vila numa fábrica de peixe — o «garum» — feito à base de cavala e atum salgado com moluscos e plantas existentes nas zonas de sapal. De resto as fábricas de salga de peixe eram frequentes na costa portuguesa e constituíam uma das maiores indústrias da antiguidade, a avaliar pela quantidade de estabelecimentos industriais deste tipo descobertos até agora.

Os vestígios encontrados no Cerro da Vila pressupõem que ali viveu uma população numerosa e requintada o que explica a construção de edifícios como o «Balneário Grande», de grandes dimensões. Todavia não se descobriram até agora naquela estação arqueológica vestígios de habitações em número que justifique a existência daquele edifício.

Este conjunto é descrito pelos arqueólogos como uma estrutura arqueológica típica da época romana. A «Casa dos Mosaicos» é o mais antigo grupo de ruínas. É constituído por um tanque que ocupou o centro de um pátio rodeado de vários compartimentos, entre os quais uma exedra ou sala nobre, aproximadamente quadrada, com uma das paredes rasgada sobre uma fonte, cujo acesso é feito através de dois vestíbulos com o chão coberto de mosaicos. Do outro lado do tanque central há ainda os assentamentos de dois outros tanques. Um longo corredor onde se notam os assentamentos ou bases de algumas colunas, restos de um antigo pórtico podem ser observados quando se entre no primeiro dos referidos vestíbulos.

O conjunto estaria em pleno funcionamento no século III da nossa era mas há marcas de adaptações posteriores. O Cerro da Vila terá sido habitado por outros povos, nomeadamente portadores da cultura árabe, que teriam utilizado as estruturas habitacionais tais como as encontraram, sem as transformar, o que, segundo os arqueólogos constitui uma novidade no contexto da civilização árabe na Península Ibérica.

O «Grande Balneário» é o edifício de maiores dimensões do Cerro da Vila destacando-se pelo tamanho de alguns compartimentos. Compõe-se de uma grande sala aquecida a sul, um grande tanque de água fria, um espaçoso pavimento que teria sido outrora um tanque frio ou grande reservatório de água, dois ou três grupos de tanques, além de uma zona de recepção e de um pequeno lago decorativo.

Loulé tem foral concedido por D. Afonso III, em Agosto de 1266, juntamente com Silves, Tavira e Faro. Em 1504 D. Manuel I concedeu-lhe um novo foral.

Como já foi dito há numerosas provas da permanência de romanos, árabes e outras civilizações, como fenícios e cartagineses, mais o património arqueológico atinge períodos mais vastos. Apesar de muito pouco ainda se ter feito foram encontrados elementos em que os mais antigos remontam ao período neolítico. É o caso de cerâmicas nas grutas de Vale de Telha em S. Clemente e de menhir da Alagoa, em Salir.

Da Idade do Bronze destacam-se as necrópoles argáricas da Corga e do Porto de Areia (S. Sebastião), bem como vestígios de antigas explorações mineiras cupríferas em Alagoas (Salir).

Datam da Idade do Ferro o fragmento de uma inscrição em caracteres proto-históricos encontrada em Alagoa (Salir) e vestígios de antigas explorações mineiras de ferro também em Alagoas e Freixo (Alte).

Do período romano foram encontradas jazidas na Quinta do Freixo e em Vila Verde do Vale (Alte), em Alagoas, Alfaroqueira e Cotovia (S. Clemente).

Estes são alguns dos elementos encontrados mais recentemente e que se devem ao trabalho de investigação de Isilda Periquito, referidos na «Arqueologia do Concelho de Loulé», editada em 1968 e que constituiu a dissertação da autora para a sua licenciatura em Ciências Históricas, na Faculdade de Letras de Lisboa.

O concelho de Loulé é rico em grutas e cavidades subterrâneas que poderão encontrar um valioso espólio capaz de ajudar a fazer luz sobre numerosas civilizações mediterrânicas que se expandiram no ocidente europeu.

É patente a falta de dados sobre o passado mais longínquo de Loulé e de um modo geral de todo o Algarve, mas admite-se que tenham sido os fenícios, os focenses e os gregos, os primeiros a chegarem a esta região, atraídos principalmente pelo cobre em que esta região é rica.

Estácio da Veiga refere numa das suas obras a existência de uma longa faixa cuprífera que vai desde a mina da Vendinha do Esteval, na freguesia de Querença, até à mina de St.º Estêvão, em Silves, numa extensão de 35 km.

Os vários achados provam entretanto que o Algarve foi habitado desde o Paleolítico.

Deve-se a Carlos Ribeiro a descoberta, em 1878, de alguns sílices talhados, em Odeceixe e Odiáxere. Falecido quatro anos depois, as suas descobertas não tiveram continuidade e só em 1942 foram encontradas por Breuil, Vautier e Zbyzewski, jazidas do Paleolítico no Barlavento algarvio.

A maior parte das grutas existentes no concelho de Loulé não foram violadas como não foram também examinadas as suas galerias mais recônditas.

Isilda Periquito admite na sua obra que aí se possam encontrar manifestações artísticas.

«Se integrarmos as grutas de Loulé no panorama arqueológico peninsular, salta-nos à vista que se encontram no mesmo quadro geográfico das cavernas, do sul de Espanha onde a arte paleolítica e vários níveis pré-históricos têm originado descobertas espetaculares».

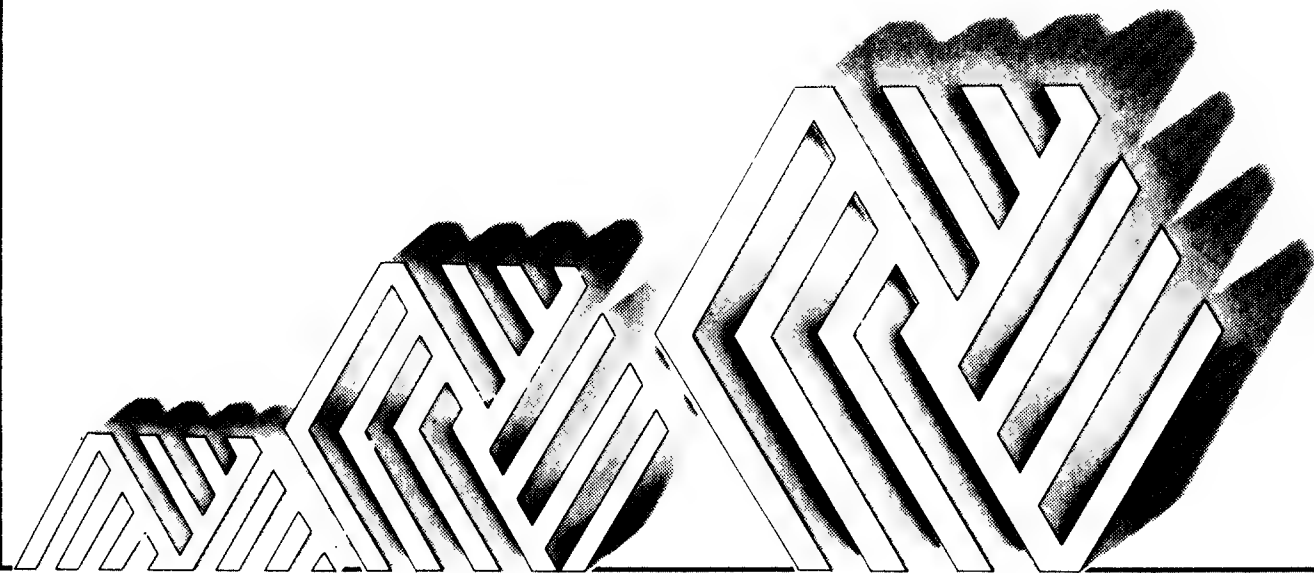
GIPRO
Desenvolver é preciso.

Consultores internacionais em projectos de desenvolvimento.
somos 80 profissionais:
Arquitectos, Economistas, Engenheiros, Geógrafos, Sociólogos e outros Técnicos.
Constituímos a Gipro há 10 anos.
Trabalhamos em Angola com a Emprojetos, U. E. E. e em Cabo Verde.

- PREMIO VALMOR 81
 - PREMIO DE ARQUITECTURA E URBANISMO DOS CADERNOS MUNICIPAIS CATEGORIA A
 - PLANO DE CIRCULAÇÃO E TRANSPORTES DE ÉVORA
- Somos a Gipro, em Portugal, com um lema:
Desenvolver é preciso.

Av. Conselheiro Fernando de Sousa, 19-9 - 1000 Lisboa Portugal
Telefs. 65 70 41 - 84 / 5 65 46 74 - Telex 15038 GIPRO P

CONSULTORES INTERNACIONAIS EM PROJECTOS DE DESENVOLVIMENTO, S.A.R.L.



de valores arqueológicos

— um valioso testemunho do passado



São cerca de 30 as cavernas do concelho de Loulé e as primeiras notícias de interesse científico devem-se a Charles Bonnet, que explorou parcialmente a gruta do Poço dos Mouros e da Igreja de Soldo, embora sem ter encontrado vestígios humanos.

A autora considera que este concelho «situado numa região marginal da fachada sul da Península Ibérica, onde há provas de terem florescido todos os períodos da história humana, com excepção do Paleolítico Superior e do Mesolítico Superior e a existência de 30 cavidades subterrâneas, algumas com depósitos arqueológicos e afloramentos nas camadas superficiais, permitem admitir que, quando for possível proceder a investigações sistematizadas nesses grupos, aparecerão testemunhos da vida material e espiritual dos caçadores do Paleolítico Superior e dos seus imediatos descendentes epipaleolíticos».

Conclui também que não é possível distinguir com rigor no concelho de Loulé os diferentes níveis neolíticos e eneolíticos, mas que a distribuição das peças e monumentos deste período até agora descobertos, permite afirmar que tais vestígios ainda não apareceram na zona litoral, são frequentes no barrocal e abundantes na beira-serra.

A Idade do Bronze está relacionada intimamente, afirma Isilda Periquito, com a área onde existem ruínas e aglomeramentos cupríferos na já citada faixa, de 35 quilómetros.

As doze inscrições proto-históricas, com caracteres indecifráveis que apareceram, são todas arenas da serra.

A Idade do Ferro, no estado actual das investigações arqueológicas, está pobremente representada.

A civilização lusitana-romana está significativamente representada no concelho de Loulé por «povoações», explorações agrícolas, lugares industriais, explorações mineiras e necrópoles, além de três pontes romanas.

A controversa questão de Carteia ter ou não ficado situada no local da actual Quarteira, é admitida pela autora como «mera hipótese de trabalho». Justifica esse ponto de vista com a localização de «vastas construções» na água junto à praia de Quarteira e o achado de outros vestígios romanos, com numismas com a palavra Carteia.

O período visigótico tem representação fraca e dispersa. Duas placas de cinturão, três chaves e uma sepultura em que apareceu um vasinho, uma moeda de ouro e restos de um anel com pedra, são os únicos elementos conhecidos.

Da civilização muçulmana existem achados na vila de Loulé e em Salir, além de moedas árabes e frequentes cerâmicas. Os próprios castelos de Loulé e Salir são de aparelho muçulmano.

Empreendimentos Turísticos Pinhal do Golf, Lda

PINHAL DA PRAIA 8100 VILAMOURA
Telef. 34627 - 34735

COMPRA E VENDA DE TERRENOS E APARTAMENTOS

- A melhor localização de VILAMOURA, vasta arborização, perto do casino e da Marina.
- Apartamentos para férias e rendimentos e c/ apoios seguros.
- Complexos urbanísticos c/ todas as infra-estruturas, piscinas, restaurantes e supermercados, centro comercial (em perspectiva).

O MELHOR INVESTIMENTO DE MOMENTO

Informações e vendas:

PINHAL DA PRAIA: Vilamoura — Telef. 34627/34735

PORTO: R. 5 de Outubro, 347-3.º — Telef. 693118/694599

Câmara ainda não tomou posição mas

Loulé nunca poderá ser

NÃO é líquido que a questão da passagem de Loulé a cidade seja pacífica e mereça o acordo de todos os responsáveis autárquicos e da própria população. Há carências que todos conhecem, estruturas que não correspondem às exigências determinadas por esse novo estatuto. Segundo o presidente do município de Loulé, eng. Júlio Cristóvão Mealha, o problema não foi ainda analisado por este executivo camarário.

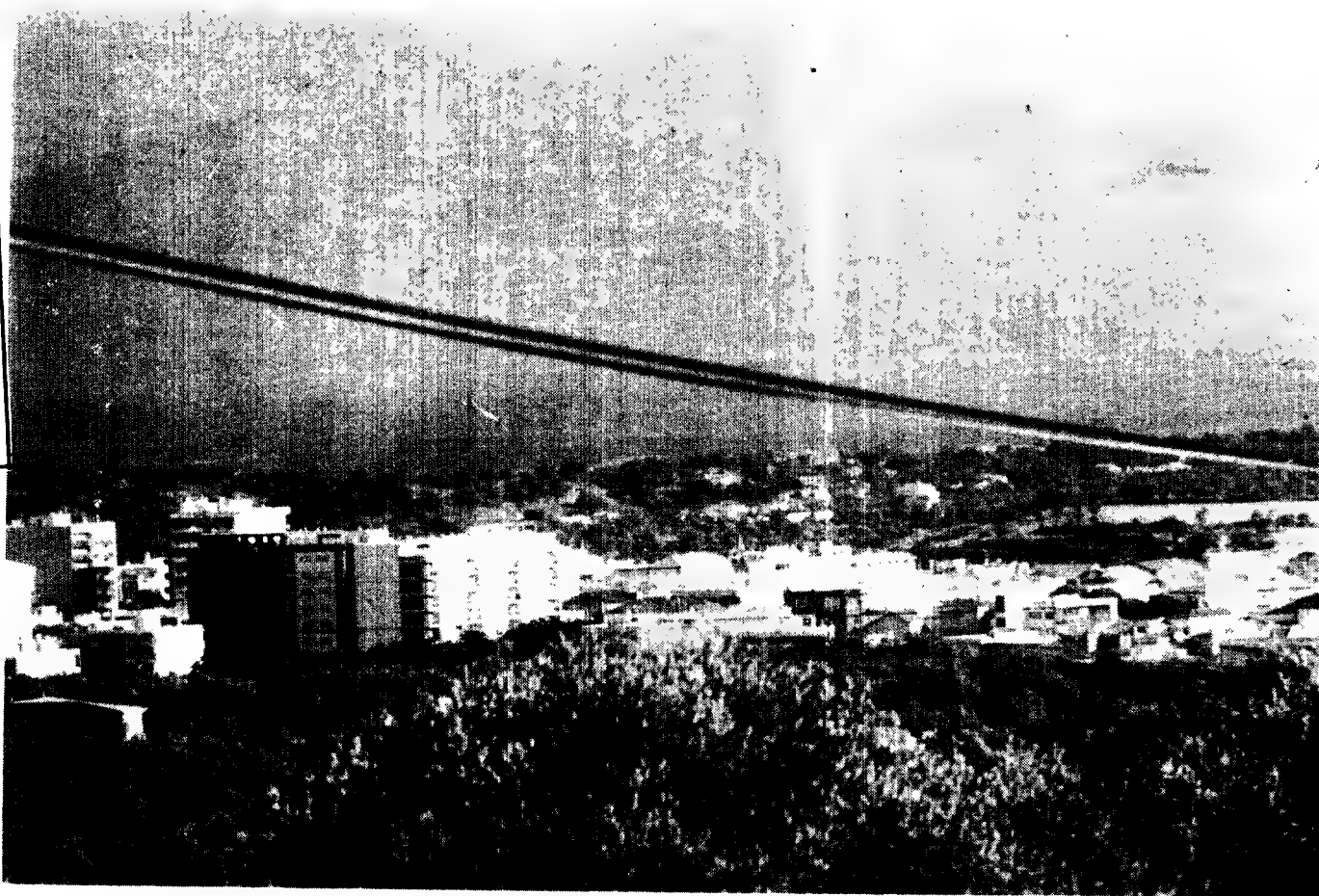
Numa abordagem feita numa recente reunião de vereadores foi levantada esta alternativa: «É preferível que Loulé seja uma grande vila a uma pequena cidade».

Embora admitindo que com o actual ritmo de crescimento esse número venha a aumentar, o presidente do município entende que, com os seus 16 mil habitantes, incluindo as freguesias rurais mistas e urbanas, «Loulé nunca poderá ser uma grande cidade».

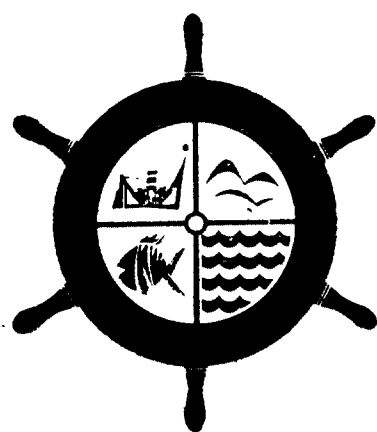
A carência de habitações é na opinião do eng. Júlio Mealha uma das razões por que não tem crescido mais o número de habitantes do concelho. Neste momento, porém, está em desenvolvimento a expansão da denominada Zona Nordeste da vila, onde se prevê a implantação de cerca de 600 fogos. Trata-se de um empreendimento misto em que uma parte é de uma cooperativa de habitação económica, outra de uma associação de moradores e outra de promoção directa de iniciativa privada, com supervisão da Câmara, que adquiriu os terrenos por expropriação por utilidade pública e é responsável pela construção de todas as infra-estruturas.

Mas, ainda a propósito da proposta de elevação a cidade, o presidente do município clarifica a situação nos seguintes termos:

«O processo de elevação a cidade arrancou antes desta câmara tomar posse e este executivo, ao nível oficial, ainda não tomou nenhuma posição. No entanto dá-me a sensação de que não se vê da parte da população um interesse por aí além. Para já a câmara ainda não estudou o processo e a assembleia municipal também não. Como ele vem de trás, tudo está a funcionar com os dados anteriores e a câmara ainda não foi solicitada para se pronunciar».



Aspecto da parte moderna de Loulé (à esquerda) e da zona antiga



APARTHOTEL
terraços do mar

VIAMOURA

TELEFONE 33727

BAR

PISCINAS

SUPERMERCADO

ABERTO TODO O ANO



o presidente considera:

uma grande cidade

As características do concelho

Geograficamente o concelho de Loulé divide-se em três zonas completamente distintas e que determinam também formas de vida completamente diversificadas.

Há uma zona litoral onde se verifica o maior desenvolvimento turístico e onde estão incluídos talvez os maiores empreendimentos turísticos do País, como é o caso de Vilamoura e Vale do Lobo e ainda um outro de grandes potencialidades que é a Quinta do Lago.

A zona do barrocal fica na encosta que precede a serra algarvia e caracteriza-se pelas suas culturas de sequeiro e arborização tradicional do Algarve, alfarrobeiras, amendoeiras, medronheiros e outras espécies típicas.

Finalmente, a zona serrana, que tem culturas relativamente pobres, muito semelhantes à zona do barrocal mas com alguma cortiça.

«Loulé é um concelho extenso que vai desde o litoral ao Alentejo», sublinha-nos o eng. Júlio Mealha.

É hoje a zona litoral com os seus empreendimentos turísticos que dá o maior número de postos de trabalho, verificando-se de certa maneira o êxodo, ao longo dos anos, da parte do barrocal e da serra para o litoral.

No entanto, com as infra-estruturas que a Câmara tem vindo

a desenvolver, está a verificar-se um certo índice de fixação das populações destas duas zonas. Refiro-me especificamente ao saneamento básico, à electrificação e às estradas rurais. As pessoas começam a ter uma certa tendência para se fixarem nos seus locais de origem e deslocarem-se daí para os seus trabalhos.

A construção de estradas, designadamente, tem permitido uma maior facilidade de deslocamento das pessoas e de escoamento dos produtos agrícolas, melhorando as condições económicas dessas populações.

O presidente da Câmara de Loulé revela-nos também que está em curso uma associação entre os municípios de Loulé, Silves, Almodôvar e Alcoutim, para a construção de estradas ligando estes concelhos e tendo Loulé como pólo central desse desenvolvimento. Os projectos estão já a ser elaborados para se dar execução à obra com investimentos intermunicipais. Logo que estejam concluídos serão remetidos à Comissão de Coordenação da Região do Algarve.

Economia

Ao longo dos anos Loulé viveu essencialmente da exploração agrícola. O desenvolvimento do turismo inverteu esses dados e o concelho vai hoje buscar uma parte muito importante dos seus recursos ao turismo e às activi-

dades com ele ligadas directa ou indirectamente.

A agricultura continua no entanto a desenvolver-se, designadamente por processos intensivos, em estufas que nascem um pouco por toda a parte e começam mesmo a produzir com vista à exportação.

Loulé tem sido uma vila essencialmente comercial ao longo dos anos. Essa vitalidade mantém-se determinando um ritmo de vida muito específico relativamente às demais vilas e cidades algarvias. Até há bem pouco tempo era normal populações de outros concelhos deslocarem-se a Loulé para adquirirem os produtos de que necessitavam, atraídos não só pelos melhores preços como pelo volume e qualidade dos produtos disponíveis nos mercados e no comércio em geral. Hoje este fenómeno tende naturalmente a desaparecer.

Do ponto de vista industrial Loulé era pouco desenvolvido sendo as principais indústrias do concelho uma fábrica de cerveja, uma extracção de sal gema (Loulé assenta sobre uma camada de sal) e uma indústria cimenteira, a 2km da vila.

Tem havido no entanto procura para o investimento industrial, salienta-nos o eng. Júlio Mealha. Mas talvez por dificuldades de obtenção de terrenos e por nós de certo modo ainda não termos especificado a zona industrial, não tem havido concretização. O plano de urbanização, que não está ainda aprovado,

prevê uma zona industrial. Neste momento está em estudo uma fábrica de cartão para embalagem, uma fábrica de chocolate a partir da transformação da alfarroba e há interessados também na produção de cogumelos, nomeadamente para um projecto com apoio financeiro holandês.

Estes indicadores apresentam uma perspectiva de desenvolvimento que pode vir a concretizar-se a curto ou médio prazo.

O concelho de Loulé é também um produtor de cortiça de muito boa qualidade mas a sua industrialização, por motivos diversos, não tem sido processada no concelho, orientando-se para outras zonas, em especial para o Norte do País.

A produção de aguardente de medronho já vai pesando também na economia do concelho e o medronheiro começa a deixar de ser quase de geração espontânea para ser objecto de cultura com todos os cuidados.

Por sua vez aguardente de medronho atinge preços elevados, o que faz com que vão aparecendo na serra centenas de pequenos produtores de aguardente de medronho que chegam a vender o litro deste produto à volta de 300 escudos.

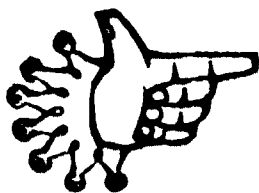
Estes novos dados estão a transformar um pouco as difíceis condições em que viviam estas populações, permitindo-lhes um maior desafogo económico e a



O mercado de Loulé: tem 50 anos mas ainda serve

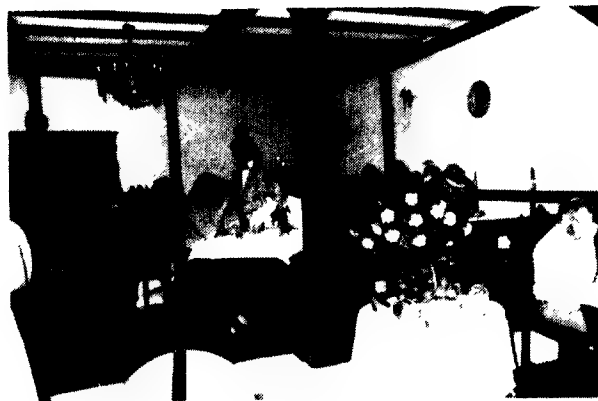
Continua na pág. 6

restaurante



O AVENIDA

- Ambiente seleccionado
- Serviço à carta
- Especialidades:



TORNEDÓ e
CATAPLANA À AVENIDA

AVENIDA JOSÉ DA COSTA MEALHA, 13 — 8100 LOULÉ
(Frente à praça de táxis) Telef. 62 106 — (Encerrado à 4.ª feira)


VIERDE PINO
VILAMOURA
ALDEIA TURÍSTICA
TELEF.: 33 513 / 8100 VILAMOURA / ALGARVE

É O QUE PRECISA

PARA:
**1 GOZAR FÉRIAS
NO CORAÇÃO DO ALGARVE**

 Apenas a 10 minutos das
praias de Vilamoura e Quarteira.

2 VIVER EM LOCAL APRAZÍVEL

 beneficiando de ambiente tranquilo e de
infraestruturas sociais: Centro Comercial
no Empreendimento. Mercado. Escolas. Transportes.

**3 COMPRAR
A PREÇO CONVINDATIVO**

 cerca de metade do praticado
na orla marítima.

**4 REALIZAR
INVESTIMENTO RENDOSO**

 Conjunto Residencial com
apartamentos **prontos a habitar**.
3 e 4 assoalhadas de 95 e 123 m².
Escritura imediata.

 (aberto todos os dias
das 10 às 20 horas)

MIRASERRA
Loulé - Algarve

Um empreendimento:


**SOCIEDADE DE CONSTRUÇÕES
SOARES DA COSTA, SARL**

Comercialização:


 LISBOA - Rua Tomas Ribeiro 16-4.^o
1000 Lisboa - Tel. 57 75 73 - Tlx. 15631

LOULE - Miraserra - Tel. 634 48

PARIS - Solmer - Tel. 766 39 34

 A ALSUL - Rua Tomas Ribeiro, 16, 4.^o - 1000 LISBOA
Sem compromisso, desejo receber mais informações

NOME _____

MORADA _____

CODIGO POSTAL _____

TEL. _____

Vereador da

Será que o

«Será que o Governo sabe que Loulé é PSD? E que é a única autarquia PSD do Algarve?»

A pergunta é do dr. Mendes Bota, vereador do pelouro da habitação, águas e saneamento, um dos quatro vereadores do PSD na Câmara Municipal de Loulé, que se tem destacado pela frontalidade com que pretende atacar certos problemas locais. Chega mesmo a perguntar se «denunciar as verdades será prejudicial para o concelho». Nestas suas palavras está implícita uma crítica severa para o poder central, que não atende às carências regionais e por vezes vai até mais longe, emperrando o trabalho daqueles que ao nível local pretendem avançar superando todo o tipo de dificuldades.

O dr. Mendes Bota é responsável por um dos pelouros mais sensíveis de uma câmara que engloba uma importante área de exploração turística geradora de um tipo de desenvolvimento da construção de características muito especiais.

Apesar de muito se construir no Algarve e nomeadamente no concelho de Loulé, os problemas de habitação mantêm-se ou agravam-se mesmo.

«O panorama é péssimo neste aspecto, diz-nos o dr. Mendes Bota. E é péssimo por uma razão simples: estamos no concelho que constrói mais no Algarve mas onde não se constrói em termos de habitação social.

Nenhum fogo da Quarteira, por exemplo, vai resolver um único problema de habitação social para qualquer família de pequenos ou médios recursos económicos. Isto acarreta que toda a responsabilidade da resolução do problema da habitação passe para o domínio das instituições públicas, sejam da administração central ou local.

Desta forma, a administração local em Loulé tem pautado a sua actuação no domínio da aquisição de terrenos, da execução de projectos e da construção de infra-estruturas. A administração central estaria reservada a construção propriamente dita dos fogos para habitação. Digo estaria, porquanto, no campo habitacional, a intervenção do Estado no concelho de Loulé

ficou bastante aquém das necessidades habitacionais reais e da atenção que o concelho, sob todos os aspectos, incluindo o político, mereceria.»

O que foi feito e algumas críticas

Sejam do PSD ou da APU, do PS ou do CDS, os autarcas deste país queixam-se do poder central e da sua falta de apoio. Um tão vasto consenso revela que alguma coisa está muito mal neste aspecto e que o centralismo, apesar de tudo quanto se afirma, continua a ser uma doença crónica do poder.

«Conseguimos ainda durante o tempo saudosos de Sá Carneiro avançar com a construção de 160 habitações para a Associação de Moradores 26 de Junho, integradas no plano de expansão Nordeste da vila de Loulé e cuja execução está em curso a um ritmo apreciável.

Adquirimos também terrenos para lançamento de programas habitacionais em Almansil, Quarteira e Salir e executámos os respectivos projectos, mas por motivos variados não tiveram seguimento na sua fase de execução, a cargo do Fundo de Fomento da Habitação tendo inclusivamente sido anuladas algumas empreitadas já levadas a concurso. A administração central é a responsável por esta situação.»

As queixas neste aspecto são

muitas e incidem mesmo sobre a retirada de obras que estavam a concurso de governos anteriores.

«Cúmulo das vergonhas acusa Mendes Bota, é um bairro chamado CAR, de Loulé, que está há mais de quatro anos parado, para acabar. Já não acreditamos em quaisquer promessas venham elas de secretários de Estado ou de ministros. Dê-nos os blocos que nós, Câmara, acabamos as casas.

Este bairro estava em fase de acabamento. Neste momento mais valia deitar tudo abaixo. Toda esta situação existe porque estão em litígio com o erupiteiro. Vão para tribunal mas entreguem-nos a obra que a Câmara acaba-a».

Qual a saída então para uma situação destas?

«A única saída possível será a Câmara proporcionar o loteamento social dos terrenos de que dispõe. Elaborar um plano de loteamento desses terrenos, colocar as infra-estruturas, elaborar projectos tipo de moradias fáceis de executar e oferecer os terrenos e as infra-estruturas, bem como os projectos, às famílias mais necessitadas, para auto-construção. Isto é o nosso pensamento, em termos futuros, quanto à habitação social.

No plano de expansão da zona Nordeste está pedida a concessão de um empréstimo relativo a 300 fogos, para a cooperativa Nova Terra, que a Câmara apoia

Presidente da Câmara

Continuação da pag 5

usufruir de um poder de compra que nunca tiveram.

Como resultado disso podem ver-se hoje os medronheiros já tratados e cuidados como fonte de rendimento que vale a pena preservar.

Dificuldades

As dificuldades e as queixas do poder local são uma constante. Salvo uma ou outra excepção de privilégio político do passado — e mesmo assim temos dificuldades em encontrá-las — as câmaras foram herdeiras de

grandes carências e de uma estrutura arcaica que leva anos a transformar.

«Quando chegámos sentimos o problema de uma falta de planificação do litoral, que é parte mais sensível e a falta de infra-estruturas: electricidade, estra-



Loulé conserva ainda curiosos exemplares de traço antigo que não perderam a sua pureza inicial

habitação do (PSD) pergunta:

Governo não sabe que Loulé é PSD?

inteiramente e que gostaria que o Governo limpasse a sua imagem fazendo avançar esse projecto.»

O que está mal

É assim francamente má a situação do concelho quanto há habitação? Das palavras do dr. Mendes Bota resalta uma forte descrença no poder. As suas crí-

ticas são por vezes contundentes não poupando mesmo os responsáveis mais directos do executivo do Governo central. Acha que a situação está mal e por isso justifica as suas críticas. «Se acharmos que é natural milhares de pessoas viverem em barracas e famílias inteiras em quartos, nesse caso a situação em Loulé não é melhor nem pior que noutros concelhos. Mas se acharmos que isso está mal, que

as pessoas vivem em quartos e barracas porque não têm possibilidades de competir no mercado da habitação, se considerarmos que o crédito para a compra de habitação própria a passa de uma farsa, então a situação está mal.

Chegam a decorrer dois anos até que os créditos sejam concedidos, ao ritmo em que estão a processar-se. Nesse espaço de tempo sobe o preço das casas e

os construtores não podem aguentar todo esse tempo para saberem se vendem ou não as casas.»

O problema da Quarteira

Quando se fala em Loulé de habitação, da construção desordenada, de problemas urbanísticos, Quarteira é sempre citada pelos casos graves que envolve.

O que é afinal Quarteira na perspectiva do vereador do pelouro da Habitação?

«Uma menina que cresceu depressa demais, tem muitos namorados e não sabe quando casa e assenta a cabecinha. Os vestidos deixaram de lhe servir, ainda não pode ganhar para um novo guarda-roupa e tem que se encontrar à mãe: Loulé.

Quarteira sofre de uma crise de crescimento. Poderá dar um

aspecto desagradável a quem nos visita, mas estou plenamente convencido de que, se estabilizar mais o ritmo de construção, quer privada quer das infra-estruturas (saneamento básico, rede viária, telefones, electricidade, etc.), nessa altura Quarteira constituirá um marco importante dentro do desenvolvimento do Algarve e não pare-

Continua na pág. 8



Dr. Mendes Bota

de Loulé

das e saneamento básico. Estas carências estão a ser colmatadas pouco a pouco o que só tem sido possível graças à aprovação da lei das finanças locais. Quanto a isto procuramos não nos queixar mas sentimos que as verbas do OGE que vêm até nós não dão para as necessidades.

No orçamento de 1982 havia uma previsão de financiamento da ordem dos 430 mil contos para obras de saneamento básico, águas e esgotos. Neste momento há uma autorização de 153 mil contos que ainda não veio. Apesar de tudo as obras estão a seguir o seu curso.

A sede da freguesia de Alte já tem o seu saneamento mais ou menos completo e o de Salir está em fase de acabamento bem como o de Boliqueime. Estão também em curso as obras de Almansil e Quarteira e da parte urbana de Loulé. Temos estado em seis frentes em simultâneo com obras deste tipo».

As receitas correntes da Câmara de Loulé ascendem a 218 mil contos: Este ano o orçamento atinge 812 mil contos. A diferença virá do financiamento para o saneamento básico.

A Quarteira tem sido uma fonte de problemas para a autarquia em consequência do desordenamento da construção. O eng. Júlio Mealha revela-nos que está já de posse da Direcção-Geral

do Planeamento Urbanístico, para aprovação, um plano para esta zona, que, segundo refere, prevê construções com bastante qualidade, espaços verdes «que é uma coisa a que não se tem olhado», mercado para a futura vila, estação de camionagem, centro de terceira idade e pequenos parques de jogos.

O desporto tem merecido um grande apoio da Câmara de Loulé que tem procurado dotar todo o concelho de infra-estruturas desportivas adequadas. Propriamente Loulé tem um complexo desportivo com pista de ciclismo e de atletismo e campo de futebol. Os responsáveis autárquicos de Loulé reivindicam a iluminação deste complexo como a melhor ao sul do Tejo e consideram a pista de ciclismo como a única do País que está em condições técnicas para uma utilização exigente.

Noutro local teremos oportunidade de apreciar as declarações do vereador do pelouro dos desportos. Quanto a este sector, o presidente da câmara dá-nos genericamente a ideia do critério que tem sido utilizado.

«A câmara tem estado, de preferência, a arranjar infra-estruturas para as populações de todo o concelho e põe-as à disposição delas e dos clubes em lugar de os subsidiar com verbas elevadas».

conhece



O ambiente de eterna Primavera e a beleza das paisagens das amendoeiras em flor no Inverno. A presença constante e amiga de um sol bronzeador. A atmosfera dos perfumes das suas figueiras, laranjeiras, medronheiros e alfarrobeiras. As elevações, que criam magníficos miradouros naturais, sucedem-se os horizontes planos. As manchas brancas das aldeias. A delicada renda das chaminés algarvias. A alvura das paredes caiadas e o sabor exótico da presença mourisca. Os vestígios do passado onde Fenícios, Lígures, Gregos, Celtas, Cartagineses, Godos e Árabes apreciaram o seu sol. A amenidade do seu clima. As belezas da paisagem. Vestígios em monumentos que contam uma longa história. As aldeias típicas dos pescadores. A expressão de um povo apaixonado pela sua terra. O pitoresco das tradições seculares ligadas à pesca e à agricultura. As albufeiras e os desportos náuticos. As praias de areia macia e dourada envolvidas por arribas rubras. Amplos areais que se estendem a perder de vista. O sol sempre presente em praias solitárias e selvagens. A transparência de cristal do mar azul-esverdeado. Águas tépidas como o Mediter-

râneo, vivificadas pelo oceano Atlântico. As grutas, onde a luz se transforma em cor. As excepcionais condições em toda a costa algarvia para a exploração e caça submarina. Os prazeres da pesca desportiva, do esqui aquático e de todos os desportos náuticos. Os passeios de barco. A marina. A elegância requintada das estâncias cosmopolitas. Os modernos hotéis e os aldeamentos familiares. As piscinas. O campismo. Os divertimentos. Os casinos e o jogo. O golfe, o ténis e o hipismo. A caça.

A alegria dos festejos populares e as danças em que rapazes e raparigas rodopiam velozes nos passos do «corridinho». O Carnaval e as batalhas de flores. Os restaurantes e os bares. A gastronomia de pratos típicos e saborosos. A indústria de conservas de atum, sardinhas e anchovas. Os doces de amêndoa e figo. Os populares «D. Rodrigues». Os vinhos de Lagoa e Tavira, e a aguardente de medronho. A arte popular em artigos de palma, cobre e latão. As termas de Monchique, que curam. Os miradouros naturais da Fóia e do Caldeirão. O extremo sudoeste da Europa no cabo de S. Vicente.

conheça **PORTUGAL!**



Estes blocos ficaram por acabar devido à inoperância do poder central. Encontram-se completamente degradados e de recuperação onerosa



Blocos em construção do plano de expansão

Quarteira — uma menina que cresceu depressa

Continuação da pag 7

cerá aquele aborto urbanístico como alguns profetas pretendem classificá-la.»

O dr. Mendes Bota acredita que industrialmente (pescas), comercial e turisticamente, Quarteira tem todas as condi-

ções para se transformar num potentado económico, numa fonte de divisas, de produção de riqueza e num manancial de receitas do concelho de Loulé.

«Não tenho qualquer receio sobre os investimentos que a Câmara tem feito e continuará a

fazer ali. Quarteira é generosa e retribuirá até ao último tostão tudo o que lá se fizer de positivo.

Neste meio tempo, nesta fase de transição e de definição para a Quarteira do futuro, teremos que ter confiança, paciência, para suportar os incómodos e o

custo desse crescimento. Ninguéu gosta de ter pó em casa, mas sem pó não se fazem avenidas.»

Entre os problemas principais da Quarteira, o vereador da habitação e águas, salienta o saneamento básico e a rede viária.

Em termos de saneamento básico a Câmara de Loulé está neste momento já a investir dinheiro que totalizará cerca de 200 mil contos, provenientes de um empréstimo para esse efeito, por forma a «resolver de uma vez por todas, para um horizonte

temporal de dezenas de anos os problemas de abastecimento de água e da rede de esgotos de Quarteira e respectivo tratamento.»

Perguntámos ao dr. Mendes Bota se uma situação tipo como a que nos traçou para a Quar-

EDIFÍCIO SOL

APARTAMENTOS

MONTE DA VINHA / 8100 V. MOURA
LOULÉ

FALARD

Compra

Venda

Aluguer

Administração
de propriedades

APARTADO 9 — 8100 QUARTEIRA
TELEX 43 235 FALARD P LOULÉ

OLÉ — ELECTRO COMERCIAL DE LOULÉ, LDA.

AVENIDA MARÇAL PACHECO, 66

TELEFONE 62008

8100 — LOULÉ

ELECTRODOMÉSTICOS
GRUNDIG • FAGOR • CANDY

Baterias RALLY
Chumbos de Caça

AGENTES DE:

Nacional Rádio, S.A.R.L.

BERCO • ECI • TRIMANOS

EQUIPAMENTOS para HOTELARIA

Sub-Agentes de :

GÁS MOBIL



expansão da zona Nordeste da vila

a de-mais

teira não seria susceptível de fazer proliferar os aventureiros, especialmente no sector da construção.

«Aparecem em todos os Eldorados onde se ganha dinheiro — confirmou.

Temos grande dificuldade para controlar e distinguir os indivíduos sem escrúpulos na mira do lucro fácil, à custa de uma justeza de critérios urbanísticos, daqueles que vêm trabalhar para Quarteira com são propósitos de concorrência leal dentro das normas legais em vigor.

Existem indivíduos que aproveitando-se de uma certa inoperância da Câmara, em termos de fiscalização, pretendem jogar com a política do facto consumado em construção clandestina e que dada a imensidão dos problemas e do próprio espaço físico do concelho, a Câmara tem dificuldade em controlar.»

Este responsável autárquico fala-nos ainda da dificuldade em fazer acatar as determinações legais. O único fiscal que a Câmara possuía demitiu-se há dias por não ter condições para o exercício da sua função.

«Há municípios que interrompem a via pública e a GNR diz que só intervem se houver alteração da ordem pública. As demolições são impossíveis tal como é quase impossível impedir a construção clandestina. É uma situação insustentável e de desânimo para os próprios autarcas.»

Fala-se muito na não existência de um plano de urbanização facto que será o gerador de todas essas situações anómalas. Que se passa quanto a isso?

«Há um plano de urbanização, mas antes de ser aprovado já está ultrapassado, em consequência da localização do porto da Quarteira. Ainda não se sabe definitivamente onde vai localizar-se ou se vai mesmo ser construído.

A única coisa que avança em urbanização é o plano de pormenor que é da zona virgem da Quarteira, onde vai passar a avenida central, uma avenida que na maior parte do seu traçado terá 50 metros de largura, com várias faixas de rodagem a vias laterais de acesso a todos os prédios e para locais de estacionamento que servirão para compensar o défice de estacionamento existente na zona marginal.

A partir de 1980 a Câmara não autoriza a construção de prédios

sem uma garantia em cave de um estacionamento por cada fogo.»

«Ano novo, vida limpa»

Este é o título de uma campanha lançada nos princípios deste ano, destinada a melhorar as condições higiénicas do concelho. Começou por uma recolha de viaturas abandonadas. Era enorme o número de carcassas abandonadas. Foram recolhidas cerca de 90, o que dava um aspecto degradante às localidades.

Outra acção foi a recolha de cães vadios que em Loulé tiveram mais sorte de que noutras localidades.

«Pensamos que, da mesma forma que há muita gente que se queixa dos cães vadios, há muita que os alimenta. E por isso pensamos também que devíamos conciliar a actuação municipal de recolha de cães vadios com o respeito pelos sentimentos dos amigos dos animais. Em colaboração com a Associação dos Amigos dos Animais Abandonados de Loulé, num terreno desta, estamos a construir um canil para onde serão levados os animais vadios apanhados pela Câmara, depois de devidamente esterilizados e tratados.

As pessoas que queiram ter um cão vão buscá-lo. Os restantes ficam lá, entregues aos cuidados dessa associação.

Ainda dentro deste plano estamos a colocar em Loulé uma larga série de «placards», para colagem de cartazes, afim de fornecerem uma alternativa aos publicitários para colarem os cartazes sem ser nas paredes.

Adquirimos também um camião lavador de contentores e uma máquina aspiradora de ruas.

Ao mesmo tempo criámos uma iniciativa que é o «correio-reclamação-sugestão» para dar ao município uma participação activa dentro do esforço de melhoria de condições higiénicas do nosso concelho, para que as pessoas possam elas próprias apresentar as suas críticas. É necessário integrá-las no espírito dessa campanha.

Pretendemos sobretudo uma campanha de sensibilização. Não temos a pretensão de tornar Loulé limpa de um dia para o outro. Queremos sobretudo que ao desleixo dos municípios não se junte o desleixo do município.

À espera de um mercado abastecedor

Loulé dispõe de um mercado com cerca de 50 anos de existência. É uma construção de belas linhas arquitectónicas integralmente aproveitado mas que de certa forma resolve as necessidades presentes. Um dos problemas que tinha era não possuir esgotos. Há muito que estavam prometidas obras de beneficiação mas estas só há cerca de um ano foram iniciadas.

Os mercados e a sua actividade são frequentemente uma fonte de problemas para as autarquias, não só no que respeita ao seu funcionamento, que muitas vezes gera atritos com os vendedores, mas também quanto ao problema de controlo dos preços.

Em Olhão foi encontrado um processo engenhoso para de certa forma controlar os preços, no que respeita ao pescado, um dos produtos de primeira necessidade mais sensíveis e mais susceptível de permitir actividades especulativas.

São os funcionários da Câmara que controlam toda a entrada de pescado e os respectivos preços, com apoio das Actividades Económicas, colocando eles próprios as etiquetas com os preços de venda ao público, de acordo com as percenta-

gens legais.

A princípio houve uma reacção negativa dos revendedores mas agora já se adaptaram à ideia de funcionarem legalmente. Alguns sentem mesmo que esta medida os protege porque transfere para a Câmara a responsabilidade desses preços.

Isto prova que, desde que exista vontade para tal, as autarquias têm ainda uma certa margem de intervenção em questões delicadas como estas.

Recentemente, João Simões, o vereador que além do desporto tem a seu cargo os mercados, apresentou uma proposta para a criação em Loulé de um mercado abastecedor destinado aos grandes consumidores industriais, como unidades hoteleiras, etc.

Tal medida beneficiará os produtores, que assim encontram uma maneira, prática e mais segura, de escoarem os seus produtos, sem ficarem na dependência dos intermediários.

Este projecto só não foi ainda concretizado por falta de terrenos, esperando-se que uma nova política de expropriações possa resolver o problema.

CASINO VILAMOURA



Fortune awaits you at the gaming tables of Vilamoura Casino. Good fortune in the cheerful atmosphere of Vilamoura Casino, with its colourful international-class shows, the excellent cuisine of the restaurant, the good company at the bars.

VILAMOURA CASINO — every day from 17.00 to 03.00 h. • Tel. 0089-32 919

Criar infra-estruturas em todo o concelho

«LOULÉ não tinha praticamente infra-estruturas desportivas antes do 25 de Abril. E as que tinha eram precárias. Possuía apenas uma pista de ciclismo, um campo de futebol e um rinque de patinagem onde quase nada se fazia. Isto ao nível urbano.

Hoje tem mais uma pista de atletismo, três courts de ténis, um campo de rugby e um local para o jogo da malha criado no âmbito do aproveitamento dos jogos tradicionais. Todas estas instalações têm frequência. Os pavilhões escolares são utilizados pelos clubes que o solicitam.

Vai ter também uma piscina olímpica, com dois tanques de aprendizagem, cujas escavações já estão feitas e a obra adjudicada.»

Estas afirmações são de João Simões, o único vereador da APU no executivo camarário que tem a seu cargo o pelouro dos desportos e os mercados e cuja actividade e dinamismo têm estado na base de importantes transformações no meio desportivo local, onde a vida desportiva é bastante activa, embora muito apoiado nos chamados «carolas», aquelas figuras que surgem por todos os clubes, dando o melhor do seu tempo a favor do desporto de que muitas vezes são os únicos sustentáculos locais. Como vereador e como dirigente desportivo que já foi, João Simões é um destes exemplos.

Desporto em todas as freguesias

Instado para fazer um pequeno balanço do panorama desportivo do concelho, João Simões refere-nos que Loulé teve, de 1974 a 1976/77, a maior quantidade de praticantes amadores. O próprio clube local — o Louletano — tinha classes

de ginástica gratuitas desde os seis anos até à terceira idade e praticava todas as modalidades. «Depois veio um surto de semi-profissionalismo, que começou com o futebol e acabou por se tornar extensivo a outras modalidades.

Como resultado disso os clubes desportivos entraram em crise financeira e neste momento o Louletano quer voltar novamente ao amadorismo.»

Analisando porém o que de concreto tem sido feito no campo das infra-estruturas desportivas e do apoio ao desporto, João Simões salienta que ao nível rural algumas escolas foram apetrechadas com pequenos campos e que existe uma proposta sua para a construção de parques desportivos em todas as freguesias.

«Já se avançou em Alte com a colaboração do Grupo Desportivo e Cultural de Alte e em Almansil sob a responsabilidade da Câmara.

Em Salir há um parque desportivo cujo trabalho

tem sido da direcção da Associação Cultural de Salir, com o apoio do ex-GAP e da própria Câmara.

Em Querença, na aldeia de Tor, depois das negociações para a compra de um terreno, vai ser feita a respectiva escritura.

Na freguesia de Ameixial, a mais interior do concelho, em plena serra do Caldeirão, há já um terreno comprado pela Câmara para um parque desportivo. Tudo se conjuga para que dentro em pouco tempo o concelho tenha infra-estruturas desportivas nas suas nove freguesias.

Em contrapartida na freguesia mais populosa — Quarteira — pela cegueira dos construtores e pela falta de planificação da própria câmara não há neste momento um espaço desportivo público.

Há um contrato entre a Losutor e o Grupo Desportivo Quarteirense, por dois anos, para que este clube utilize as instalações desportivas propriedade daquela empresa.

Esse contrato vai terminar e depois de, tanto a



Câmara como o Grupo Desportivo, terem feito todas as despesas, estão sujeitos a ter que deixar essas instalações. E no entanto ainda há pouco tempo a Câmara fez a electrificação daquele recinto.»

Na freguesia de Boliqueime, outras das freguesias mais populosas, foi também proposta pelo vereador João Simões a compra de terrenos para instalações desportivas mas essa proposta não chegou a concretizar-se. A Câmara no entanto ajudou a Casa do Povo local na construção de um polivalente para a prática das modalidades de salão.

A piscina uma obra para a juventude

Quer ao nível das iniciativas já concretizadas quer dos projectos, Loulé tem beneficiado de todo um trabalho sistematizado para criar as condições necessárias para a prática desportiva, mas a piscina é sem dúvida uma das grandes aspirações, especialmente por parte das camadas jovens.

Trata-se de uma vila interior e por outro lado as piscinas existentes no Algarve são praticamente todas particulares e situam-se em complexos turísticos caros, onde as entradas chegam a custar 200 e 300 escudos por pessoa e as crianças pagam 50 escudos e às vezes até mais. Preços portanto inacessíveis para a maioria da população, para não falarmos já do custo das deslocações até ao litoral, onde a maioria dessas piscinas se situa.

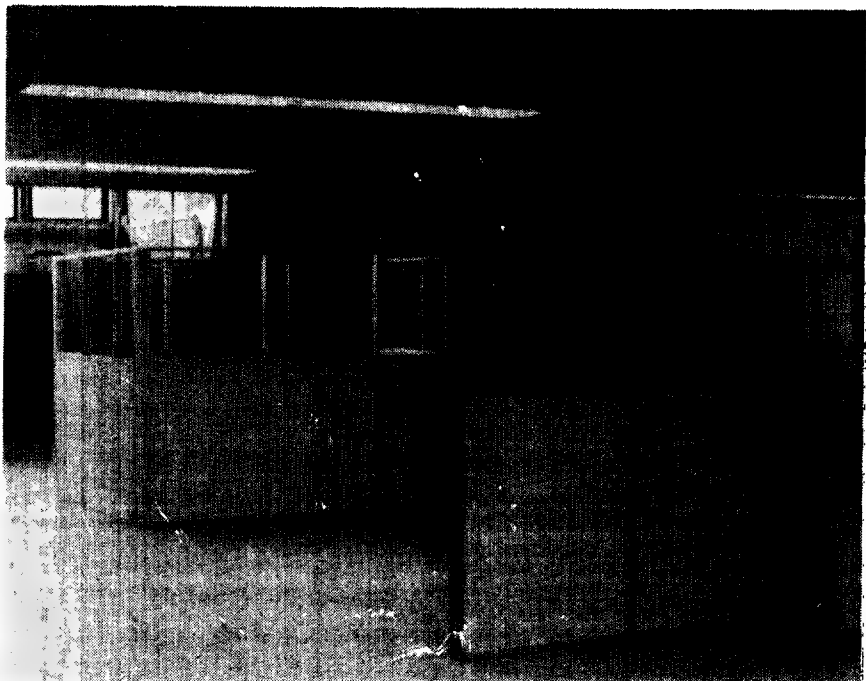
«O vereador dos desportos — diz-nos João Simões — entendeu que com esta proposta punha à disposição da população local o acesso a uma piscina a preços baixos. Trata-se de uma piscina não para dar lucro mas para servir uma população de que uma grande percentagem não sabe nadar.

A proposta correspondia de tal forma a uma necessidade local que seria aprovada por uma-

MONDITECA SUL-MONTAGEM DE DIVISÓRIAS E TECTOS AMOVÍVEIS LDA



**DIVISÓRIAS AMOVÍVEIS «DYMON»
PORTAS DE FOLE «PORFOL»
TECTOS FALSOS «KAT»**



Estr Nacional 125 (Almancil) ☎94835

LOULÉ



ESCALA

clube internacional de férias

Torna-o proprietário PARA TODA A VIDA do seu período de férias

As suas férias não serão mais prejudicadas pelo problema das despesas que acarretam.

O Sol, o Mar, o Repouso, e ainda a prática do seu desporto preferido: Ténis, Cavalos, Golf, Sky... depois de um ano de trabalho intensivo, são uma necessidade para a sua saúde e da sua família. No entanto cada vez que você pretende partir para férias, o dilema surge sempre. Que solução adoptar? ESCALA oferece-lhe:

TIME SHARING

Torna-o proprietário PARA TODA A VIDA do período correspondente às suas férias anuais.

Um ou mais períodos anuais de quinze dias à sua escolha num confortável apartamento, inteiramente mobilado e equipado, nos principais centros turísticos do Algarve (Vilamoura, Albufeira) e Sul de Espanha (Marbella) e outros.

A partir de 200 000\$00 obtém o direito a um período anual de 15 dias de férias PARA TODA A VIDA (para 4 pessoas) em época de Verão, menos de metade do valor em organizações congéneres, e que você po-

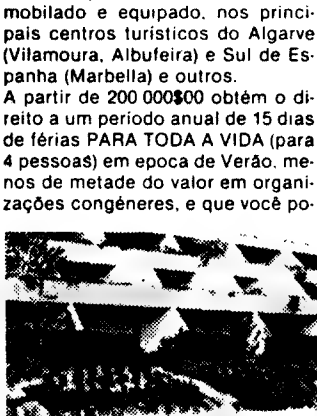
derá pagar utilizando o Crédito Especial ESCALA, 20% de entrada inicial e o restante até 36 suaves mensalidades, garantidas por um Seguro de Vida do Grupo Segurador Fidelidade.

O preço é sensivelmente equivalente ao de apartamentos ou hotéis para essas mesmas pessoas, em apenas cinco épocas. Com a fórmula ESCALA você beneficiará do seu período de férias PARA TODA A VIDA e mesmo para além dela, dado que será perpétuo e transmissível ao seu cônjuge, filho ou a quem indicar. E ainda com a vantagem de poder dispor dele como entender: utilizá-lo pessoalmente, alugá-lo, cedê-lo, trocá-lo ou mesmo vendê-lo e com lucro.

Após a liquidação do seu período de férias poderá se assim o pretender, deduzir o seu valor no sinal para a compra de um apartamento turístico.

ESCALA é pois a fórmula que lhe permite garantir para sempre as suas férias e de sua família, contra a alta de preços, as incertezas financeiras e as dificuldades de alojamento, e que lhe oferece ainda a extraordinária vantagem de ano após ano poder usufruir das suas férias em Unidades ESCALA diferentes: Algarve ou Sul de Espanha, à sua escolha.

Fazemos votos para que muito em breve possamos dar-lhe as boas vindas e proporcionar-lhe, ainda este ano, férias maravilhosas.



APARTAMENTOS TURÍSTICOS



ESCALA
clube internacional de férias

Boletim de inscrição

Queiram considerar-me Sócio-Beneficiário e enviar-me toda a documentação geral

NOME _____

MORADA _____

LOCALIDADE _____

TEL. _____

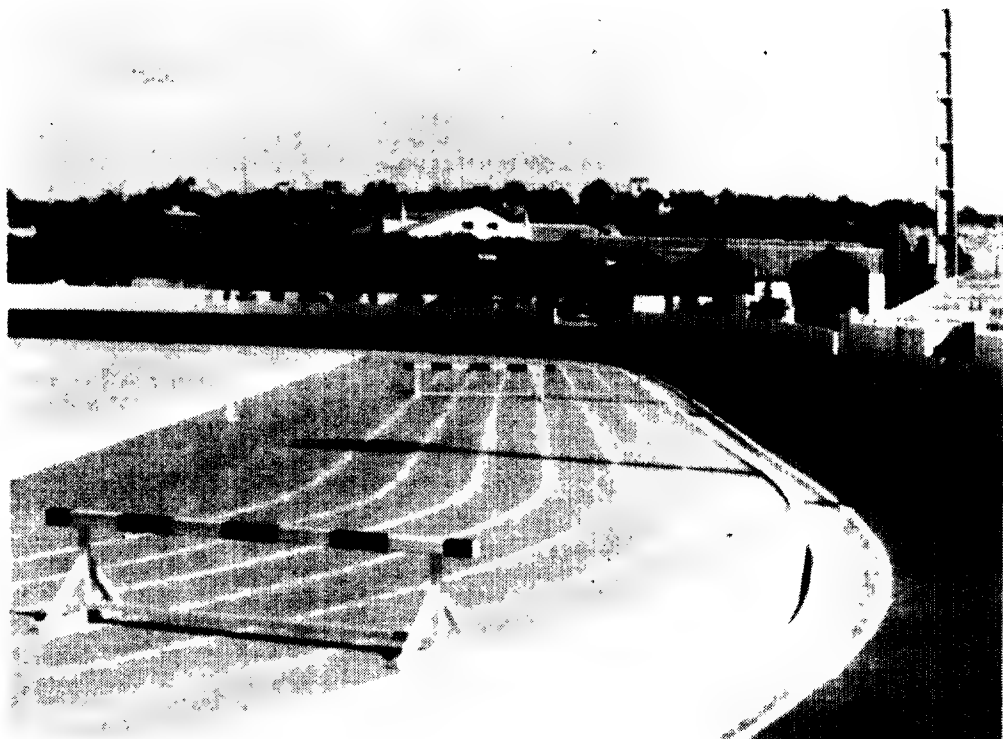
DATA ____/____/____ ASSINATURA _____

R. Latino Coelho, 1 - Edifício Aviz - Bloco A-38º D1º
1000 Lisboa Telefone 54 90 35 Telex 14080 ESCALA-P

No melhor local do Algarve, Marina de Vilamoura
VILAMOURA CLUBHOTEL
(em início de construção)
FAÇA JÁ A SUA RESERVA

Desporto

em lugar de financiar clubes desportivos



O estádio do Louletano com a sua pista de ciclismo e atletismo

nimidade. Inicialmente referia-se a uma piscina com 25 por 12 metros mas depois, por consenso, foi decidido construí-la com 50 por 25 metros.»

Construir infra-estruturas em vez de subsidiar clubes

João Simões sublinha-nos que a grande filo-

sofia que se tem seguido desde a comissão administrativa e apoiada pelos executivos posteriores, é que o dinheiro da população deve ser para infra-estruturas e não para pagar a profissionais de futebol ou de qualquer outra modalidade.

«Daí que os executivos camarários tenham posto essas infra-estruturas à disposição dos clubes gratuitamente, excepção feita aos

«courts» de ténis em que os jovens até aos 16 anos pagam dez escudos por hora e os adultos 20 e 25.»

Relata-nos depois as críticas de que foi alvo quando propôs a construção dos «courts» de ténis. A maioria dessas críticas fundamentava-se na argumentação de que o ténis era um desporto de elite.

«Hoje prova-se que não, porque foram criadas condições para que todos os jovens, independentemente da sua posição social ou económica tenham acesso fácil a essa modalidade. Em resultado disso há já mais de 150 praticantes em Loulé e foi criado um clube de ténis.»

Um impulso grande ao desporto, explica-nos este vereador, deve-se à Comissão Desportiva Municipal, um órgão criado no tempo da comissão administrativa e reactivado pelo actual executivo. Nele estão representados todos os grupos desportivos do concelho e que têm um papel importante no desenvolvimento desportivo. Foi salientado também a acção do presidente desta comissão, especialmente no chamado Serramar, um projecto de desporto no concelho visando a aproximação desportiva e cultural das diferentes zonas geográficas do concelho.

«Todas estas iniciativas vão preencher um vazio que existia na ocupação dos tempos livres e criava problemas sociais ao nível das camadas mais jovens, problemas que iam desde a droga à prostituição. O projecto está a dar resultados e a situação tende a inverter-se, mas há fossos culturais enormes entre as crianças e as populações da serra e do litoral.

Há dias a Câmara pôs um autocarro à disposição das crianças de algumas escolas serranas para as levar à estação de Loulé e para verem e andarem de comboio pela primeira vez.

Há crianças e pessoas adultas, vivendo a

pouco mais de 30 quilómetros de distância, que nunca viram o mar. Isto dá uma ideia do trabalho que é necessário desenvolver para alterar esta situação.»

Os clubes desportivos

O Louletano é o mais representativo e o mais conhecido a nível nacional mas, a julgar pelo que nos afirma o nosso interlocutor, atravessa uma fase de certa crise, atribuída ao semiprofissionalismo que a certa altura foi criado.

«Como resultado disso subiu à terceira divisão mas diminuiu o número de praticantes de Loulé. A sua equipa foi melhorada à custa de elementos estranhos ao meio.

Neste momento a nova direcção tenta voltar ao amadorismo mas foram criadas situações de alienação da massa associativa que agora dificulta essa reconversão.»

O «rugby» é uma modalidade nova em Loulé, dinamizada pelo internacional José Faustino. Uma equipa do Louletano esteve já na primeira divisão. Há poucos dias foi criado o Clube de Rugby de Loulé, em consequência da alegada falta de apoio do Louletano, que se virou só para o futebol profissional.

Sem dúvida correcta a orientação da Câmara de Loulé quanto ao desporto, ela traduz-se ainda por outras formas curiosas de intervenção como seja o apoio aos clubes em transportes e na utilização das próprias oficinas da Câmara para assistir mecanicamente os autocarros de todos os clubes do concelho.

Trata-se de um processo de os apoiar sem lhes atribuir directamente verbas em dinheiro, que em muitos casos estes poderiam ser tentados a aproveitar para montar esquemas de um mau e inadequado profissionalismo desportivo

Quarteiratur

AGÊNCIA IMOBILIÁRIA E TURÍSTICA

AINDA PODEMOS AJUDAR NA
ESCOLHA DAS
SUAS FÉRIAS DE VERÃO!

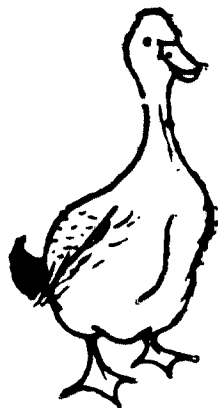
DISPOMOS DE APARTAMENTOS
TURÍSTICOS EM
VILAMOURA E QUARTEIRA

CONTACTE-NOS

LAGO AZUL — Recepção — Telef. 33640 — VILAMOURA
VILAMAR — Recepção — Telef. 33724 — VILAMOURA
QUARTEIRA — Escritório — RUA EGAS MONIZ —
— Telef. 33488-Telex-42356 QUATUR P.

QUARTEIRA 8100 LOULÉ

RESTAURANTE BAR



Quá - Quá

- PATO C/ LARANJA
- TOURNEDO À CHEFE
- TODAS AS VARIEDADES DE PEIXE E MARISCO
- DUCK WITH ORANGE
- TOURNEDOS À LA CHEFE
- EVERY KIND OF FISH AND SEAFOOD

Rua Dr. José Joaquim Soares, 12

QUARTEIRA

Vilamoura — a cidade

Este projecto mobilizou uma equipa numerosa de arquitectos e urbanistas cujo objectivo era criar algo que fosse essencialmente grande e completo, capaz de albergar uma população turística de muitas dezenas de milhares de pessoas, sem todavia sofrer dos inconvenientes dos grandes aglomerados, como sucedeu em diversos países, designadamente no Sul de Espa-

nha, onde o gigantismo dos empreendimentos matou toda a tranquilidade que a fruição dos tempos livres exige.

A primeira grande preocupação da empresa foi verificar se a propriedade tinha todas as condições necessárias ao desenvolvimento turístico, inclusivamente água.

Essas condições foram encontradas e hoje Vilamoura pode

consierar-se auto-suficiente. Tem água de captações próprias, recebe electricidade em alta tensão e transforma-a, dispondo ainda de um excedente que fornece ao concelho de Loulé.

Para além do seu sistema próprio de abastecimento de água, possui também uma estação de tratamento de esgotos.

O anteprojecto prevê o uso de

toda a propriedade devidamente organizada e por forma a que os interessados nos diversos tipos de empreendimentos e serviços saibam antecipadamente o que vai ser feito e como cada coisa vai funcionar.

O sector agro-pecuário ocupa 600 hectares, que se destinam ao abastecimento de leite e frutas como morangos (de que é já

Com os seus 1600 hectares de área, aldeamentos, hotéis, campos de golf, piscinas, marina, 82 km de estradas, restaurantes, centro comercial, auto-suficiente em água e electricidade e dispondo de uma área agrícola que produz muitos dos produtos consumidos pelos seus frequentadores, Vilamoura é hoje o maior complexo turístico do País, e projecta-se internacionalmente com êxito no disputadíssimo mercado dos tempos livres, ao lado das mais famosas estâncias de turismo do mundo.



JARDINSOL



MORA FÉRIA, LD.^a

CONSTRUÇÃO E MANUTENÇÃO DE JARDINS
SISTEMAS AUTOMÁTICOS DE REGA
SISTEMA DE DRENAGEM

QUINTA DE VALVERDE
APARTADO 71

8106 — ALMANSIL — CODEX

turística do futuro



um grande produtor), melões, framboesas, etc.

Estes dados permitem reconhecer que este empreendimento, de enormes dimensões para o meio nacional, tem à partida resolvidos os grandes problemas que ameaçam muitas zonas turísticas do Algarve: água, esgotos, auto-suficiência em produtos como leite e frutas e

hortícolas.

Não admira pois que, dispersos, mas obedecendo a um plano geral, vão surgindo os mais diversos meios de alojamento, desde os hotéis que as mais importantes cadeias internacionais constroem aos pequenos aldeamentos turísticos concebidos para uma vida autónoma, às luxuosas vivendas iso-

adas ou agrupadas ou pequenos apartamentos.

Não admira também que já dois milénios antes os romanos por aqui se tenham fixado. Foram eles os primeiros a descobrir a prodigalidade da Natureza e as possibilidades daquele local.

Em Outubro de 1963, um tractor, no decorrer de trabalho agrícola, arrancou os vestígios de uma estação arqueológica com mais de dois mil anos e pôs a descoberto os restos de uma luxuosa «villa» romana, forrada a mármore e revestida de mosaicos coloridos, que revela a presença de várias civilizações.

Esta zona arqueológica está hoje devidamente protegida e é alvo de pesquisas permanentes numa área delimitada como potencialmente possuidora de outras riquezas.

Este achado foi mais um atractivo a juntar a Vilamoura sem por outro lado limitar a sua expansão segundo o plano elaborado pelos técnicos e urbanistas.

A primeira marina portuguesa

A preocupação de criar um empreendimento que saísse das normas vulgares e que ao mesmo tempo aproveitasse as excelentes condições geográficas e climáticas da região levou à criação da primeira marina portuguesa no âmbito de uma expansão prevista até 1984. Vilamoura tem uma situação privilegiada. Está a 20 km do aeroporto internacional de Faro, a 30 minutos de avião de Lisboa e a pou-

cas horas das principais cidades da Europa e da América, constituindo assim uma alternativa vantajosa a outros centros turísticos da África e do Mediterrâneo.

Entre o Mediterrâneo e o Atlântico, num mar de águas calmas e transparentes, Vilamoura pode receber barcos de toda a Europa quando ainda os seus cais se encontram gelados. Muitos são já os estrangeiros que definitivamente resolveram pôr os seus barcos em Vilamoura.

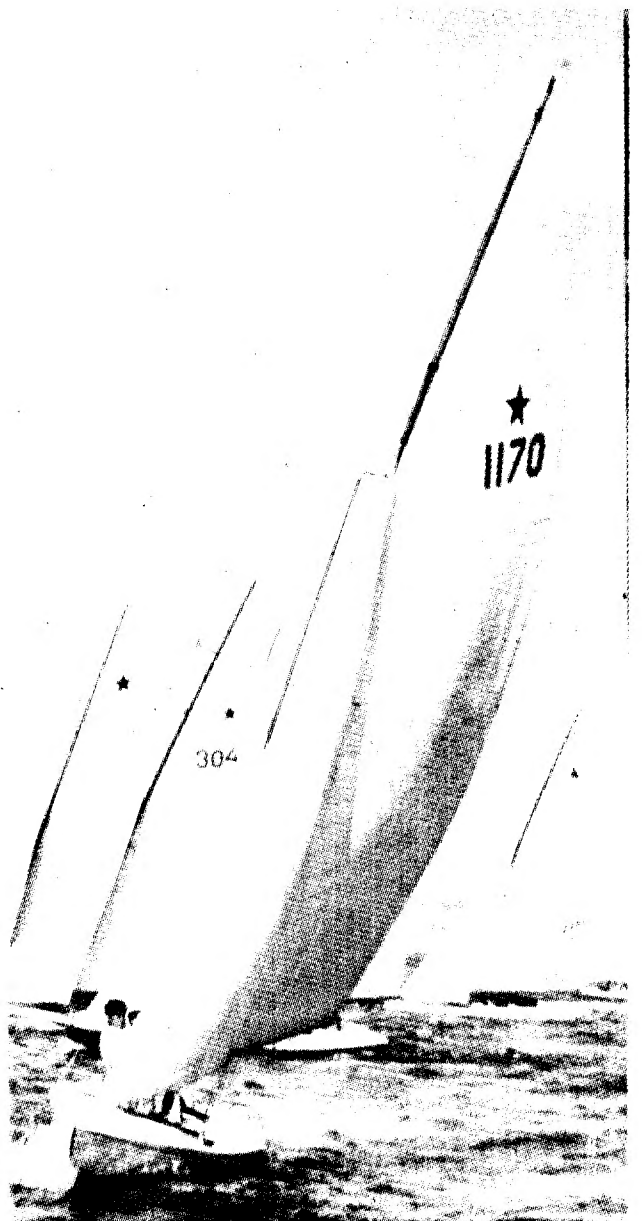
Mas ao contrário do que possa pensar-se, a marina não é só lugar de milionários. Estes aparecem mas são em grande número os amantes do mar, autênticos aventureiros que cruzam oceanos e nessas vigas despendem todo o produto do seu trabalho.

«Há verdadeiros ciganos do mar, como nos diria um responsável pela marina, pessoas que trabalham os meses de Inverno para ganharem o necessário para aqui virem passar o Verão».

Há também os que surgem incógnitos, mal vestidos, arranjando eles próprios os seus barcos e que finalmente se verifica serem milionários, senhores muitas vezes de verdadeiros potentados económicos. Ali é ponto de encontro dos mais diversos tipos de pessoas, separados por muitas coisas mas ligados por um mesmo denominador comum que é o gosto pela navegação.

A marina de Vilamoura, que tem amarrações para 1000 barcos, está equipada com o mais moderno equipamento. Os cais

Continua na pág. 14



CIMPOR
Cimentos de Portugal E.P.



Rua Alexandre Herculano, 35
Tel. 559161 - 1200 Lisboa

Uma empresa pública sólida, dinâmica, capaz, na base do desenvolvimento do país

CIMENTO PORTLAND NORMAL
CIMENTO DE ALTO FORNO
CIMENTO BRANCO
CAL HIDRÁULICA
POSTES DE BETÃO
SACOS DE PAPEL
CORRECTIVO CALCÁRIO

Número de trabalhadores	2 528
Remunerações totais	1 342 000 contos
Vendas totais	13 723 000 contos
Amortizações efectuadas	1 115 000 contos
Investimentos realizados	5 315 000 contos
Resultados antes de impostos	750 000 contos
Resultados após impostos	200 000 contos

LOULÉ

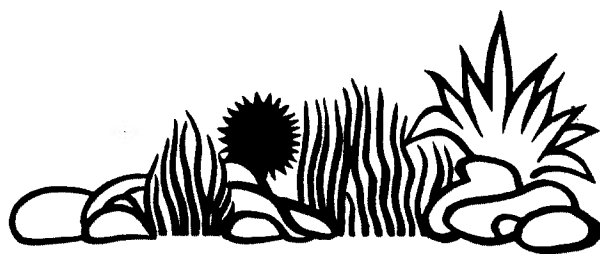
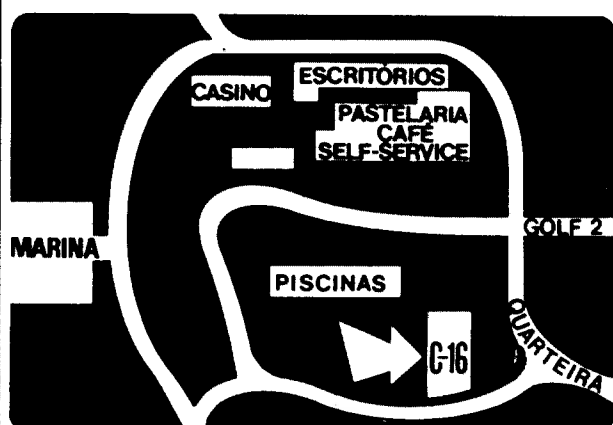
VILAMOURA

APARTAMENTOS-T1 COM JARDIM

VILAMAR BLOCO - C 16

(PERTO DO CASINO E DA MARINA)

O SEU INVESTIMENTO CERTO



GARRA

TELS. 779024/5/6
AV. DA REPÚBLICA, 83-4º
1000 LISBOA

Vilamoura

Continuação da pág. 13

flutuantes são construídos em estruturas em «duralinox», os pavimentos em teca africana e os flutuadores em fibra de vidro cheios a poliuretano. Estão equipados com tomadas de água, electricidade telefone e TV.

A urbanização da zona envolvente resultou de um concurso internacional de arquitectura que reuniu 21 projectos. Compreende zonas residenciais, centros recreativos, comerciais e culturais, restaurantes, «boîtes», auditório, cinemas, teatros, «boutiques», lojas de artesanato, etc.

Para criar em torno da marina uma zona de animação foi deliberadamente concentrado à sua volta um conjunto urbano de concepção arquitectónica cuidadosamente estudada.

Entretanto está prevista já a ampliação da Marina e a construção de uma eclusa e dois canais, permitindo a passagem de barcos até 12 metros. Técnicos estão neste momento a estudar eventual implicação das águas desses canais sobre os lençóis friáticos, de modo a evitar que estes sejam afectados.

outros atractivos

São inúmeros os atractivos que este complexo pode oferecer destacando-se entre eles o «golf». Estão já em funcionamento dois campos de 18 buracos e um terceiro está previsto.

Também neste desporto o clima e a situação beneficiam o turismo português.

Mesmo na estação baixa há movimento e às vezes é mais difícil arranjar lugar no Inverno. Isto deve-se ao facto de muitos

aficionados do «golf», quando os campos gelam na Europa, descerem até Portugal.

Um centro hípico, equipado com picadeiros coberto e descoberto pistas de ensino, obstáculos e corridas permitem a prática do hipismo.

O ténis, a motonáutica, a vela, o «sky» aquático, a natação a Pesca a caça submarina são igualmente desportos para os quais ali se encontram todas as facilidades.

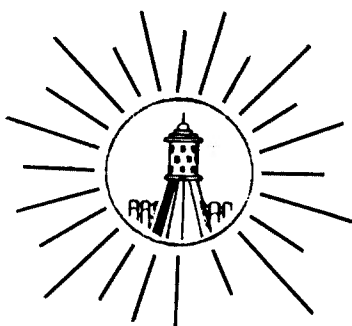
Uma pista de aviação com 900 metros por 45 de largura pode receber diversos tipos de aviões. Foi planeada especialmente como meio de segurança para evacuação rápida em caso de acidentes, mas pode igualmente ser utilizada por aviões particulares.

A complementar todo este conjunto de divertimentos, acrescenta-se ainda o Casino, que neste momento é ainda provisório, embora disponha de vários tipos de jogo, da roleta à banca francesa, do «black-jack» ao «baccarat» ou às «slot-machines».

O casino definitivo, ainda em fase de projecto, ficará integrado na zona da marina, e dos grandes hotéis, equipado para festivos de teatro, cinema, música, «ballet» artes plásticas, cineteatro para 800 pessoas, auditório ao ar livre com 1500 lugares, restaurante para 1200 pessoas, «boîtes» piscinas, lagos e jardins.

É uma autêntica cidade turística que se desenvolve, não acessível a todos, mas mesmos assim com uma enorme variedade de opções susceptível de abarcar um leque bastante largo de frequentadores.

Compra, Venda
e Aluguer
de Apartamentos
e Propriedades



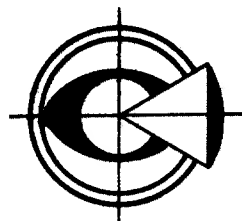
AGÊNCIA PROFETA
ABERTURA MAR, TORRE 20 — TEL. 3 36 56
8100 QUARTEIRA



RESTAURANTE

ROCHETA

Telef. 63 123
Estrada de Quarteira Quatro-Estradas — 8100 LOULÉ



ÓPTICA FONSECA

OURIVESARIA, RELOJOARIA

ÓPTICA MÉDICA

LENTES DE CONTACTO

E

TENSIÓMETROS

TELEF. 62420 — Praça da República, 10 — 8100 LOULÉ

Carnaval

O maior cartaz turístico de Loulé

O Carnaval de Loulé é a festa mais representativa do concelho e o seu maior cartaz turístico, mantendo uma tradição de 76 anos. Foi em 1906 que se realizou pela primeira vez, por iniciativa de José da Costa Guerreiro, um louletano que viveu em Anvers, onde assistiu ao Carnaval daquela cidade e às célebres batalhas de flores que fizeram o entusiasmo das nossas avós.

De regresso a Portugal trouxe consigo a ideia de organizar «um Carnaval civilizado».

José da Costa Guerreiro passara dois anos em França a aprender línguas e negócios de exportação. Naquela época (um pouco como hoje) bebia-se com avidez tudo o que vinha de fora. Imitar o que se fazia pela Europa era também uma preocupação de todos quantos queriam dar uma ideia de civilizados.

No café do Barbosinha, José da Costa Guerreiro tinha a sua tertúlia de amigos, para os quais fazia as descrições mais entusiasmáticas.

Depressa surgiu a ideia de organizar um Carnaval em Loulé como os lá de fora, qualquer coisa civilizada e não essas batalhas de farinha e cinza que eram habituais nesses tempos.

O Barbosinha encarregou-se de espalhar a ideia entre os clientes do café. E como naquela época todas as grandes inovações nasciam e circulavam a partir das mesas dos cafés, depressa chegou à loja do Francisco do Óculos, onde se reunia a classe política da época e fervilhavam as ideias republicanas.

O entusiasmo nasceu e a população mobilizou-se. O primeiro curso carnavalesco realizou-se em 1906 tendo como suporte dinamizador o grupo cénico local, que para obter fundos organizou várias récitas. Juntaram-se alguns donativos particulares e a ideia avançou.

Entre 1908 e 1914 o Carnaval de Loulé sofreu uma interrupção. Vivia-se um período agitado que culminou com a implantação da República a que se sucederam as dificuldades posteriores características de uma mudança brusca de estruturas sociais e políticas.

Em 1914 retoma-se a tradição por iniciativa de uma comissão organizadora encabeçada pelo dr. Bernardo Lopes, uma figura particularmente prestigiada pela sua dedicação às causas de interesse público.

Nesse ano assistiu às festas o dr. Afonso Costa, que ao ver os carros alegóricos subordinados à temática da «Fé, Esperança e Caridade», comentou: «Só do

burro que puxa o carro é que não têm caridade.»

Afonso Costa não deixou também de participar, com a família, nos famosos bailes organizados pela comissão. No meio do divertimento, uma senhora da «primeira sociedade», conforme rezam as crónicas da época, despejou um cartucho de confetis sobre a primeira figura da Nação. Houve uma certa confusão e o dr. Afonso Costa deixou cair as lunetas que se estilhaçaram no chão em pedaços.

O Chefe do Estado era míope e ficou numa situação difícil. A atrapalhada da senhora da «primeira sociedade» também foi grande. Mas salvou a situação indo à Pensão Elisa buscar uns óculos.

A organização do Carnaval de Loulé esteve de 1926 a 1974 a cargo da Santa Casa da Misericórdia e as respectivas receitas revertiam para o Hospital Municipal. O Louletano também o organizou durante um ou dois anos.

A partir de 1974 passou a ser organizado pela Câmara Municipal, que reconheceu a sua importância como cartaz turístico e a necessidade de continuar a tradição da batalha de flores e do restante programa, montando para isso uma máquina organizativa que funciona de uns anos para os outros.

O custo da organização eleva-se, segundo dados fornecidos pelo presidente da Câmara, a cerca de dois mil contos, mas o saldo é positivo para a terra porque todas as estruturas turísticas do concelho vão beneficiar da iniciativa. Os complexos turísticos recebem uma afluência grande e o comércio local movimenta-se.

Este ano há a intenção de pedir a colaboração das juntas de freguesia do concelho no sentido de conseguir que as características do Carnaval de Loulé sejam menos repetitivas e de lhe proporcionar uma maior criatividade popular.

Esta ideia vem de encontro às críticas que vêm sendo feitas e que afirmam já pouco restar do Carnaval de outrora, havendo «falta de imaginação» e ausên-

cia da participação de foliões. Isto teria levado a que o Carnaval se tornasse «um desfile insípido de carros alegóricos para inglês ver».

A participação das freguesias pode revitalizar o Carnaval e devolver-lhe o seu carácter tradicional, e popular trazendo ao de cima não só o clima de diversão como a própria crítica sobre temas locais.

Transformar o Carnaval num desfile para as pessoas verem de longe pagando uma certa importância, sem participarem na folia, dizem outros críticos é descharacterizar esta manifestação que deve ser essencialmente popular.

Durante muitos anos eram as próprias famílias ou grupos de

amigos, que se organizavam e concebiam e ornamentavam os seus carros, numa sadia competitividade que estimulava a criatividade.

Apesar de tudo o Carnaval de Loulé continua ainda a beneficiar da sua longa tradição embora no seu conteúdo global, como espectáculo e como divertimento, se tenha deixado alcançar por outras terras que investiram forte nesta festa, como por exemplo o de Ovar e Torres Vedras.

A tradição, porém, pode muito e desgastar a imagem do Carnaval louletano é difícil. Daí que as novas iniciativas e as alterações que a Câmara parece estar a pensar introduzir-lhe, o possam relançar de novo, atraindo turistas de todo o país.



Carro alegórico de 1906

ILIDIO MONTEIRO
CONSTRUÇÕES, LDA.

SEDE - LISBOA R. Conde Sabugosa n.º 14 | 1700 Lisboa Telf. 898166/7/8 Telex 13 507 IMP



No sector da construção civil e industrial erguemos em dez anos algumas das obras fundamentais para o progresso português. Exportamos tecnologia que firmou o nosso prestígio no estrangeiro

NOVO SERVIÇO



LISBOA/MADRID/LISBOA

a partir de 1 de Março de 1982



Caminhos de Ferro
Portugueses

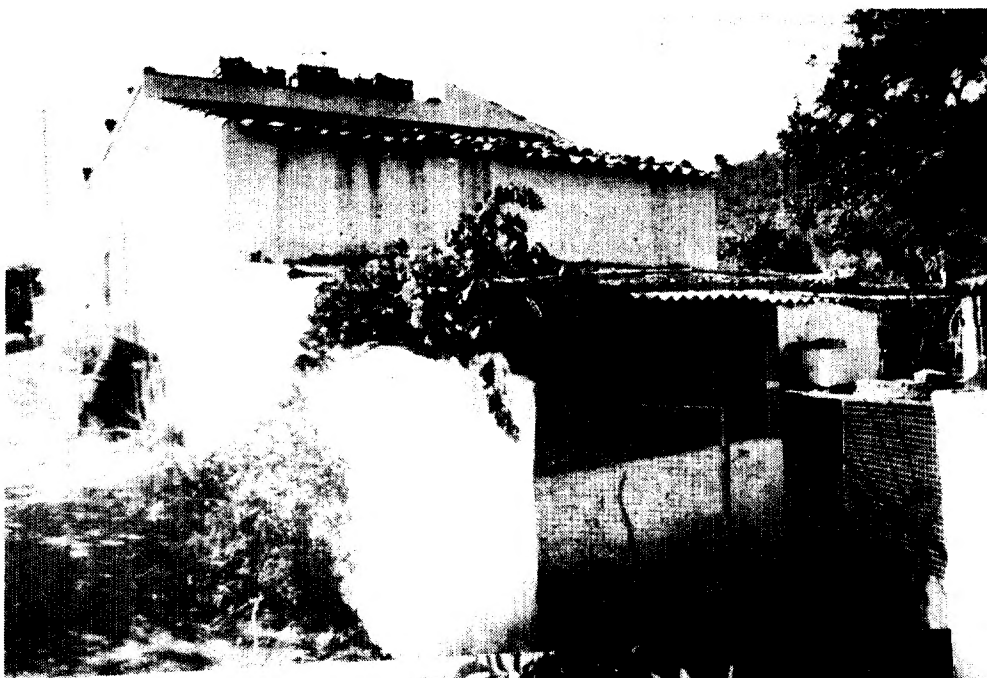
O outro lado do Algarve

Nas serranias da ti'Anica

Entre um litoral onde o turismo se desenvolve, se alteram os hábitos, as tradições, entre esse mundo e a serra algarvia há um abismo que reflecte a estrutura social do país e a desarmonia gritante do seu desenvolvimento. Da serra fogem os novos e ficam os velhos, conformados, nem sempre tristes, por vezes mesmo evidenciando uma filosofia de vida que faz inveja. Da dureza da sua existência não fazem um drama e as recordações do passado são contadas com uma boa dose de humor.

É o caso da Ti'Anica que mora em Querença e passou todos os seus setenta e tal anos na serra a apanhar medronhos, a cozer telha, a lavar pedras para as pontes das estradas que ali se construíram e a trabalhar desde sempre numa agricultura de subsistência.

Não será esta a Ti'Anica do Loulé, mas uma das muitas Ti'Anicas que por ali vivem,



figuras populares, estimadas por todos, que estão a anos-luz da fruição das coisas modernas, que não sabem ler mas nem por isso são retrógradas.

Encontrar a Ti'Anica na sua pequena casa da serra nem sempre é fácil porque ela anda muitas vezes de um lado para o outro. De casa para «a da filha» ou «a da irmã», ou então na horta a tratar das culturas. Para saber se ela anda por longe basta apenas ver se o burro está ou não em casa.

Ti'Anica não mostra surpresa com a nossa visita e recorda-nos um pouco da sua vida.

«Em nova trabalhava muito na azeitona. Trabalhávamos de dia e de noite para ver se ganhávamos 200 escudos por temporada. Iamos para lá em Maio e vínhamos pelo S. Pedro.

«Um dia arranjaram-me este homem...»

Mas então não foi a Ti'Anica que o arranjou?

«Foi o pai e mãe dele que mo arranjaram. Naquele tempo era assim. E para o casamento o pessoal ia de burro. Agora vão de automóvel.»

Mas a Ti'Anica não é contra essas coisas?

«Não. Isto agora está bom. Os velhos são estimados e ganham alguma coisinha para viverem. Têm alguma coisa em casa para comer e uns dinheiritos para gastar. Dantes só pelas festas a minha mãe comprava uma quarta de açúcar. As pessoas têm mais liberdade.»

Acha a liberdade uma coisa boa?

«Então não é? As pessoas poderem falar à vontade.»

A propósito de liberdade? Que pensa da liberdade que têm agora as raparigas novas e que no seu tempo não existia?

«Penso que andam bem. À sua vontade. Se partirem algum prato é por conta delas!»

Já foi alguma vez à praia?

«Já tenho ido.»

Que pensa da maneira como elas andam vestidas?

«Elas só usam uma coisinha tapando aquela coisa pequenina. Aquilo é só uma tirinha. Algumas até já não usam nada.»

A Ti'Anica é conhecida pelas suas piadas e pelo seu bom-humor. Podia contar algumas mas são quase todas «das grossas» e ela tem dúvidas que sirvam para pôr no jornal.

Enquanto o burro dá voltas e mais voltas atrelado à nora para tirar água para a rega, Ti'Anica diz-nos que já tem bisnetos e com orgulho acrescenta que um, só com quatro anos, já conta até 15 sem erros.

Ela não sabe ler «porque a escola era muito longe».

Vive feliz à sua maneira. Não sabe bem como, nem porquê, mas sente que muitas coisas mudaram e que está a viver outro tempo.



ALIANÇA

SEGURADORA

